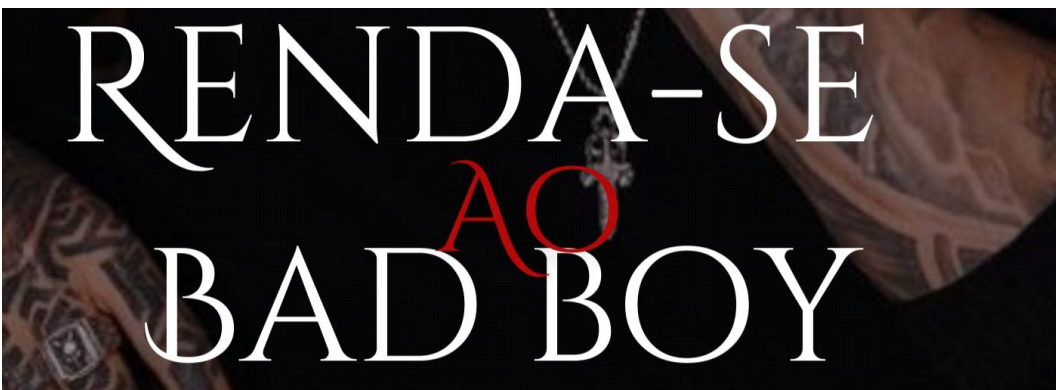


"MEU ÓDIO TEM NOME E SOBRENOME, E ELE SE
CHAMA CALEBE WALTON"

REND A-SE AO BAD BOY

LARISSYY M



RENDA-SE AO BAD BOY

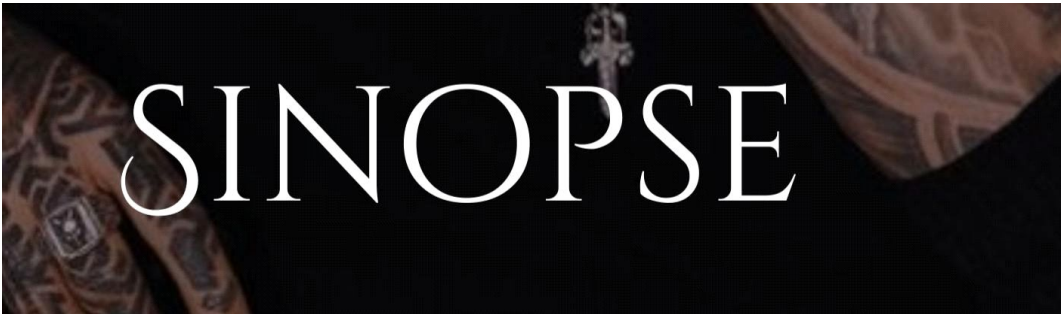
Larissy M

Essa obra é uma ficção. Qualquer semelhança com nomes, personagens, lugares ou fatos, terá sido uma mera coincidência.

Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sobre quaisquer meios existentes sem prévia autorização da autora.

**ATENÇÃO: DARK ROMANCE /BULLYING ROMANCE
CONTÉM CENAS DE VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA,
ESTUPRO, TORTURA, RACISMO DESCARADOS E BULLYING,
PERSONAGENS COM CARACTERÍSTICAS DUVIDOSAS. LIVRO
COM GATILHOS QUE PODEM GERAR DESCONFORTO. NÃO
INDICADO PARA MENORES DE 18 ANOS.**

Não leia se for sensível!



SINOPSE

Sinopse

Lilly é uma jovem que teve que se esforçar mais que o normal para conseguir uma bolsa na faculdade, dona de uma inteligência rara, desde pequena sofre por ter uma mãe viciada, que mesmo amando muito sua filha, não consegue sair do mundo das drogas.

Calebe é um jovem frio sem amor, filho de um dos maiores mafioso da região. Sua diversão é infernizar a mais nova caloura.

O destino irá unir os dois de maneira mais brutal possível.

Mãe de Lilly está devendo muita grana a um mafioso, e é ameaçada a pagar o mais rápido possível, porém, ela foge deixando a filha a mercê da crueldade.

Lilly não tem dinheiro, mas tem algo que irá servi....

“Meu ódio tem nome e sobrenome e ele se chama Calebe Walton.”

“Para as “boas” garotas que gostam dos garotos maus.. porque elas sabem que os violões são sempre os melhores. “



Capítulo 01

Mais um dia normal. Terminei de arrumar meus livros dentro da minha bolsa, ajeitei tudo mais ou menos em casa. Minha mãe como sempre não está, e isso de certa forma mexe comigo. Me mudei para Flórida com minha mãe, tem 10 meses que eu moro aqui. Fui a aluna mais nova a se formar com apenas 15 anos em Goiânia. E como prometido, meu pai pagaria uma faculdade boa para mim. Mesmo ele ganhando pouco, sendo apenas um operador de máquinas. Mas tragicamente ele morreu em um acidente de trânsito. Fazendo assim tudo ir por água abaixo. Minha mãe se afundou em uma depressão profunda e começou a se drogar para tentar ter um escape ou se aliviar da tristeza profunda. Eu tentei ser forte por ela, eu amava meu pai mais do que tudo. Ele sempre me apoiava e me incentivava, eu era a sua princesinha como ele amava me chamar. Todas as noites me contava histórias de mulheres negras brilhantes que conseguiram sua independência passando por cima do preconceito.

Ele me fazia muita falta...

Então meu foco mudou. Comecei a trabalhar muito nova, fazendo bicos cedo, atarde e a noite durante quase dois anos. Não só para sustentar eu e minha mãe, mas eu tinha planos futuros. Uma professora antiga minha me ligou uma vez, dizendo que tinha enviado uma carta de recomendação para uma faculdade na florida, eu ri daquilo. Mas queria muito que desse certo. Porem, eu não parei. Trabalhava muito, ao mesmo tempo estudava e fazia cursinho e aulas de inglês dados pela prefeitura , ser negra na sociedade aqui no Brasil já era difícil consegui algo.

Imagina fora aqui...

Quando um certo dia recebi uma ligação. Eu tinha sido aprovada, esse foi o melhor dia minha vida. Tinha ganho uma bolsa em uma das faculdades mais renomadas da florida. Juntei todas minhas economias e tive uma briga feia com minha mãe que não queria vir. Ela estava muito decadente, vivia devendo droga e eu sempre tinha que vender algo nosso para pagar. Depois de muita briga ela aceitou vir comigo. Eu nunca tinha saído de Goiânia pra canto nenhum. Andei de avião a primeira vez e foi maravilhoso. Aluguei uma quitinete simples e barata, bem próximo a minha faculdade, como eu não ia ter condições de pagar um dormitório na universidade, achei melhor uma casa perto dela. Onde caberia eu e minha mãe. Era pequeno, mas como era só nós duas iria servir. Procurei um emprego qualquer e consegui um temporário em um Café. Tudo estava bem. Eu achava que ia ficar bem.

Mas não ficou.

Eu pensava que trazer minha mãe para novos horizonte iria melhorar seu problema. Mas depois de dois meses morando aqui, ela começou a sair e conhecer pessoas estranhas, e então tudo começou a desandar de novo. Ela sumiu por dias, como só tínhamos uma cama de casal que dividíamos, dormíamos sempre juntinhas. Mas agora com suas longas saídas sem volta, durmo sozinha, sentindo falta do seu calor.

Tem sido solitário.

Paro de pensar sobre isso e pego minha mochila e saio. Não tranco a porta, pois mesmo que já tenha dois dias sem ver minha mãe. Eu quero que ela encontre sempre as portas da casa abertas para ela. Caminho em passos rápidos, não podia me atrasar para a primeira aula. Eu decidi cursar administração, tinha um grande sonho de um dia ser uma grande empresária de sucesso, e apesar de tudo, eu tinha ambição e iria lutar até o fim para conseguir meu lugar de direito na sociedade. Isso significava dá tudo de mim. Paro de andar quando vejo o próprio capeta parado na escadaria, com óculos escuros no rosto e jaqueta preta olhando em minha direção. Tento recuar e andar para outro canto, mas era tarde demais, ele já tinha me visto. Ele abaixa os óculos até o nariz e caminha em minha direção com dois amigos ao seu lado.

— Parou no meio do caminho por que caloura ? — ele me pergunta. — Espero que tenha feito o que te mandei fazer, esquisita!

Calebe Walton, um filho da puta metido a bad boy . Desde que entrei nessa universidade, ele insiste em me infernizar e praticar todos os tipos de ofensa. Eu tentei bater de frente com ele nas primeiras semanas, mas logo cair do cavalo. Ele pegava algumas aulas comigo, fazendo assim todos os alunos e professores não me dirigirem a palavra quando ele bem queria. Descobri um mês mais tarde, que seu pai era muito poderoso e que Calebe usava isso o seu favor. Mas não parou por aí. Ele não só amava me xingar, jogava comida em mim durante os intervalos, ou mandava eu fazer seus trabalhos caso eu ainda quisessem continuar com a bolsa, como agora.

— Sim, Walton... — puxo minha mochila para frente e pego uma pasta de dentro e ergo para ele. — Aqui... Agora me deixe passar. — Calebe toma a pasta da minha mão de uma vez, e a analisa me olhando novamente.

— Próxima vez que pensar em querer me evitar, eu corto essas tranças ridículas suas. Entendeu?

Afirmo com a cabeça. Ele se vire para ir embora mas Noah é Mateus, seus cães fiéis, tomam minha mochila jogando todo o conteúdo dentro no chão e pisando.

— Aqui sua nojenta. Vai ficar igual a você, tudo bem sujo e escurinho... — um deles fala enquanto acaba com meu livro que tive que passar quase um mês trabalhando horas extras, para consegui comprar.

— Chega! Vamos nessa! — Calebe diz calmo e então se afasta com eles.

Engulo o choro, me agacho e começo a recolher tudo do chão. Alguém se abaixa para me ajudar, fazendo com que eu me sinta ainda mais humilhada.

— Eu sinto muito. — a pessoa se levanta e me entrega o que conseguiu salvar.

Eu olho para cima e vejo uma garota de cabelos claros na minha frente, ela era linda e tinha um sorriso meigo para mim. Ela não diz mais nada e depois entra na universidade. Respiro fundo e passo as mãos pelas tranças, já gastas por falta de dinheiro para trocá-las, e então sigo para mais um dia normal.



Capítulo 02

Tenho minha primeira aula, sempre estou prestando muita atenção nelas. Saio da sala assim que termina, indo em direção ao banheiro. Estava um pouco apertada, pois cada aula era uma hora e eu não gostava de perder nenhum minuto delas. Corro pelo corredor que dá para o banheiro e tento abri a porta, mas esta trancada por dentro. Começo a ouvir gemidos vindos de dentro quando encosto o ouvido na porta.

Merda.

Sem me importar quem era, comecei a bater forte na porta, porque estava quase fazendo xixi na roupa de tão apertada e tenho que segurar firme para não fazer aqui mesmo. Ainda estou batendo na porta quando ela se abre. Eu levanto minha cabeça para encarar Calebe, que sai de lá me olhando com uma cara feia.

— Porra, esquisita! Sabe esperar não, caralho?

Ele me empurra forte para eu sair de sua frente e sai marchando pelo corredor sem olhar para trás.

— Filho da puta... — sussurro entrando no banheiro, dando de cara com Emily.

Ela está toda descabelada arrumando suas roupas, quando me vê em sua frente.

— Tinha que ser você, vadiazinha nojenta ... — ela cruza os braços. — Agora, por sua causa, Calebe provavelmente não vai querer nem olhar para mim por algumas semanas!!

— Sinto muito, Emily... — Eu a deixo lá e entro para fazer xixi antes que eu explodisse.

Emily era uma das garotas populares aqui. Menina rica e mimada, que sempre teve tudo o que quis. Bom, nem tudo, já que ela vivia correndo atrás do Calebe, o máximo que ele queria dela era uma rapidinha no banheiro, e só. Terminei, dou descarga e quando abro a porta sou surpreendida com um líquido com cheiro de laranja sendo jogado em minha blusa. Fazendo a mesma ficar ensopada e transparente.

— Olha só, seu sutiã é tão brega quando você! Sua ridícula. — Emily diz, com um copo totalmente vazio na mão, e então sai do banheiro jogando os cabelos lisos para trás.

Respiro mais fundo do que gostaria e me olho no espelho. Eu usava uma camiseta branca com mangas curtas e agora tinha uma enorme mancha amarela nela. Meu sutiã vermelho estava todo exposto, mostrando até a borboletinha que tinha no meio dele.

— Não chore! Você não vai chora por isso, Lilly. — digo para mim mesma olhando minha imagem no espelho, vendo que realmente eu era alguém muito sem graça.

Limpo meus olhos marejados e decidida, saio do banheiro. Caminho pelo corredor com a cabeça erguida, mesmo escutando risinhos e piadinhas como “Olha só, não é que a esquisita tem peito” ou “ Olha que garota vulgar” e várias outras coisas piores.

Viro à esquerda no corredor e esbarro em alguém.

— Desculpa... — digo antes de olhar quem realmente era.

Droga... tinha que ser justo ele de novo?

— Não é possível! Puta merda, me erra Bernard. Você está me seguindo, cacete? — Calebe tem um cigarro na mão e assim sem disfarçar, olha para onde meu sutiã está a mostra. — O que aconteceu com você? — pergunta colocando o cigarro na boca e soltando a fumaça logo em seguida para meu rumo.

— Pergunta para sua marmitinha de quinta, que você estava comendo lá no banheiro... — Tento passar por ele, mas Calebe segura meu braço com força.

— Olha como fala comigo, Bernard. Perdeu o medo? — ele então assopra mais fumaça no meu rosto, fazendo-me fechar o olho pelo ardido que deu ali. —O que aconteceu? — ele pergunta novamente.

— Isso não é da sua conta! Agora me largue! — respondo tentando puxar meu braço, mas Calebe não me solta.

— Espero que seja a última vez que fala assim comigo, sua insignificante de merda!!

Então ele me empurra contra a parede, fazendo-me bater forte nela. Rapidamente, Calebe tira seu moletom preto e joga para mim, que pego pelo reflexo.

— Ninguém é obrigado a ver isso... — diz com cara de nojo e vai embora.

Olho para o moletom me sentindo tão humilhada, minha vontade é de picotar tudo e depois botar fogo nele junto com o dono.

— GRRRRRRR!!!! — grito jogando o moletom no chão começando a pisar em cima.

Eu noto algumas pessoas passando olhando para mim, então eu paro meu surto e pego o maldito moletom do chão. Eu sabia que teria que devolvê-lo mais tarde. É por isso que eu o vi, sentindo o cheiro do perfume de Caleb misturado com cigarros. Eu o odeio tanto que só o cheiro dele me dá vontade de arrancar meu nariz.

Tentando esquecer isso, vou para minha próxima aula.



Todas as aulas acabam e eu saio da universidade às pressas. Eu queria tudo, menos me esbarrar em Calebe novamente. Vou para o meu trabalho que, graças a Deus, também era perto da minha casa e da faculdade. Chegando lá. Coloco minha mochila no porta volume e vou até o balcão marcar meu ponto.

— Boa tarde, Lilly ... Hmm, gostei do moletom... Não faz bem seu estilo, mas ficou mó maneiro... — comenta Gustavo.

Ele era o dono do café e me deu esse emprego, graças a ele consigo pagar minhas contas. Vejo ele me encarando e só aí, minha fixa cai do que ele estava falando.

— Puta merda! — coloco as mãos na cabeça.

Eu tinha esquecido completamente que ainda estava com a roupa do Calebe.

— O que foi? Falei algo errado? — Gustavo pergunta preocupado.

— Não... É só que não é meu — ele me olha confuso. — É uma longa história, deixe isso pra lá. — decido não contar a merda do meu dia para meu chefe.

— Tudo bem, mas quando quiser desabafar, fala comigo, hein? — dá uma piscadinha e vai para o caixa.

Dou um sorriso enquanto pego minha bandeja e começo a trabalhar. Acho que Gustavo é a única pessoa na Flórida que gosta de mim. Ele não era nada feio. Tinha cabelos loiros, era alto e de olhos azuis, o sonho de qualquer garota, se ele gostasse de uma... Pois seu foco eram os garotos. Eu começo a trabalhar, eu era quase uma garçonete. O dinheiro era pouco, mas dava para pagar o aluguel e não passar fome.

— Mesa 2 chamando, Lilly. — diz Gustavo, enquanto recebe o pagamento de um cliente.

Vou até a mesa, mas quando vejo Emily sentada com suas três marionetes, quase mudo meu percurso. Porém sigo firme até chegar lá e ela me encara com deboche.

— Droga garota, você está em todo lugar... Ninguém merece ver sua cara assim por tanto tempo. — ela põe o cotovelo na mesa.

— O que vão querer? — Eu pergunto, ignorando-a. Ela costumava vir aqui às vezes só para dizer isso. Tem sido tão repetitivo que finjo que não ouvi.

— Emy, esse não é o moletom que Calebe estava usando hoje? — uma de suas amigas dela aponta para mim, com suas longas unhas em gel bem feitas.

— O que você está fazendo com isso, sua ridícula? Ele sabe disso ou você simplesmente roubou dele?

Ela parece incomodada. Eu arqueio uma sobrancelha para ela e sorrio.

— Eu não roubei! Acredite se quiser, mas ganhei ele graças a você...

— Do que ela está falando, Emy? — outra amiga pergunta.

— Eu não acredito que Calebe te deu isso. — Emily insiste.

— Acredite no que você quiser. Agora me diga o que vão querer? — mudo o foco para meu bloco de notas.

—Hm, quero um café com leite bem quente. — Emily pede e as amigas escolhem drinks e sucos.

Eu me viro voltando para o balcão. Depois de pronto, arrumo os pedidos na bandeja, voltando para a mesa delas. Vejo Emily se levantando quando estou chegando perto. Acho que ela estava indo ao banheiro, mas quando estou prestes a colocar os pedidos na mesa, tropeço no pé dela que de repente estava no meu caminho, fazendo-me cair com toda a bandeja em cima de mim.

— Meu Deus!! Me desculpa... Que desastrada eu sou... Estava procurando meu gloss.. — Emily sorri para mim e se senta novamente.

— Tá tudo bem, Lilly? — vejo Gustavo ao meu lado me ajudando a levantar.

— Sim, irei refazer o pedido. — digo mas ele me para e diz :

— Deixe que eu faço isso, vá se limpar.

— Obrigada... —eu viro as costas, ignorando os risinhos cínicos daquele grupinho de víboras.

Volto para trás do balcão, pego um pano de prato e passo no moletom sujo de café com leite. Calebe vai me matar por sujar essa porcaria que deve custar meus rins.

Merda, o dia não pode ficar pior, pode?

— Lilly... — Gustavo me chama já com a bandeja na mão. — Hoje é mais um daqueles dias... Olhe quem acabou de chegar.

Não, não, não...

Olho para porta bem na hora que meus olhos se encontra com os de Calebe. *Droga*. Desvio meu rosto do dele, assim que Calebe olha para baixo e me vê passando o pano de prato em sua blusa. Mas logo muda seu foco de mim e segue seus amigos até a mesa de Emily, que acena para eles. Eu observo aquele grupo de longe. Todos são padrões na sociedade, lindos e ricos. Mas com a alma podre. Emily senta no colo de Caleb e começa a passar as mãos nas tatuagens dele. Ele tinha vários em ambos os braços e alguns em seu pescoço. Eu poderia jurar que seu peito provavelmente deveria ser cheio também. Ele era muito alto e musculoso, sempre usava preto e cores escuras. Típico do ridículo “bad boy”. Percebo que Emily diz algo em seu ouvido e se vira para mim. Aposto que ela está falando do moletom. Desvio os olhos daquele grupo tóxico e me concentro no trabalho. Faltava apenas mais uma hora e eu estaria em casa.



E foram as piores uma hora daquele dia. Além de atender outras mesas e clientes. Hora ou outra, Emily e os amigos de Calebe me chamavam para pegar outra bebida. Sempre com uma piadinha na ponta da língua, enquanto o rei da cocada preta apenas observava tudo. Ele não me pediu o moletom em momento nenhum, e graças a Deus por isso. Minha blusa provavelmente ainda estava manchada. Respiro aliviada quando meu horário termina. Ajeito minhas coisas e dou uma última olhada naquele grupo fazendo a maior bagunça no café. Será que eles não tem casa não? Ou simplesmente não tem nada pra fazer? Bem, não importa... Estou indo embora e não os verei mas por hoje. Pego minha mochila, me despeço e desejo boa sorte a Gustavo. Sem olhar para trás, saio ,finalmente indo para minha casa.



Capítulo 03

Chego em casa, abro a porta e entro, tirando finalmente aquele moletom imundo e jogando junto com a mochila no canto. Ao olhar para frente, meu coração dispara com a cena que vejo no chão da minha pequena sala.

— Meu Deus mamãe... —Corro até ela e me abaixo.

— Eles vão me pegar filha... Sinto muito... Eles vão me pegar! — minha mãe estava toda machucada deitada no chão. Seus olhos estavam vermelho, denunciando que ela também estava drogada.

— Mamãe, por onde você andou? Eu... eu estava muito preocupada. Quem fez isso com você? — passo as mãos em seus cabelos embaraçados.

— Foram eles filha... Eles virão... Filha escute...

— Por favor... Ninguém virá, mamãe! Vem, vou te ajudar a se limpar.

Estava tão feliz e triste ao mesmo tempo em vê-la ali na minha frente. A ajudo levantar e a levo para o banheiro. Eu a ajudo a levantar e a levo ao banheiro. Dou-lhe um longo banho, lavando seus cabelos pretos, enquanto ela repetia coisas aleatórias. A envolvo em uma toalha, procuro roupas e a ajudo a se vestir. Eu faço algo rápido para ela comer e fico apenas a encarando por longos minutos. Minha mãe não era mais a mesma, e eu sentia falta dela. Já não dormia comigo como antes, quando voltava para casa,

onde se deitava ficava. E esses lugares eram sempre o chão ou o pequeno sofá. Mesmo que eu a ajudasse a tomar banho e comer, alguns minutos depois ela sumia novamente. Pego uma escova e vou até ela, começando a pentear seu cabelo.

Coloquei o filme favorito do meu pai que era a princesa e o sapo. Costumávamos assistir os três juntinhos, eu amava filmes de princesa e assistia sempre com eles. Mas com o tempo isso foi acabando...Em alguns minutos mamãe deita na cama e fecha os olhos. Eu aproveito aquele momento e me encaixo atrás dela, abraçando-a. Eu queria que esse momento congelasse no tempo. Estar aqui com minha mãe como sempre quis depois de um dia terrível e cansativo. Deixei meus olhos se fecharem com o calor de seu corpo na minha frente me aquecendo.



Pisco devagar pela claridade que entra pelas portas de vidro e percebo que estava só novamente. Sento na ponta da cama e me espreguiço. Olho para o amassado na cama onde minha mãe estava e limpo as lágrimas que estão ameaçados a cair. Eu tinha um lema de nunca chorar, de tentar ser forte por mais que eu não fosse. Eu não sabia quando a veria de novo, e se veria. Já que ela não tem dinheiro para manter seus vícios. Observo a casa notando algumas coisas fora do lugar. Sabendo que foi minha mãe que provavelmente pegou para vender, coloco a mão em minha testa tentando não pensar nisso.

Como ontem estava tão cansada e só dei atenção para minha mãe, não consegui tomar banho. Então vou para o banheiro fazer isso. Também Faço xixi e escovo meus dentes. Procuro algo para comer e só encontro farinha, que ainda era do pote que eu trouxe lá do Brasil. Frito um dos últimos ovos que tinha na geladeira e faço uma farofa, Eu amava, quando tinha qualquer coisa que dava pra comer eu me sentia até feliz. O ruim era quando não havia nada. Nem um arrozinho branco. Aqui as comidas brasileiras era cara, então geralmente eu só beliscava. E eu tinha que agradecer à genética boa do corpo de minha mãe. Porque mesmo que eu esteja

muito abaixo do meu peso, não desapareci nas roupas. Eu tinha seios fartos e bem, tudo estava no lugar.

Termino de comer, pego o moletom que estava no chão e coloco na máquina de lavar que comprei na liquidação. Se eu entregasse assim todo sujo e fedendo a leite e café, seria pior do que não entregar. Deixo ele lavando e começo a me arrumar para mais um dia *maravilhoso*... Reviro os olhos com aquela frase sarcástica, que digo todos os dias para mim mesma.

Visto uma blusa preta e coloco um casaco por cima, já que estava frio hoje, coloco minha calça jeans, encontro um tênis embaixo da cama e calço ele depressa. Minhas roupas eram razoáveis. Na verdade, eu gostava delas. Todas eram compradas em brechós ou em liquidação. Acredito que mesmo se eu fosse rica um dia, continuaria comprando assim. Passo um gloss e ajeito minha mochila. Retiro o livro que os amigos de Calebe amassou e rasgou e deixo em cima da mesa, eu daria um jeito nele mais tarde. Tiro o moletom da máquina de lavar e estendo na minha pequena varanda e saio de casa.



Aliviada por não ter visto Calebe na porta da universidade. Entro ainda meia desconfiada e vou para minha classe. Mas já angustiado porque na terceira aula ele estaria lá, sentado em uma cadeira em cima da minha, jogando bolinhas de papel em mim ou o resto do cigarro no meu cabelo. Mas hoje farei de tudo para evitá-lo. Tento não pensar muito nisso, queria um dia de paz pelo menos uma vez na vida, mas isso era impossível porque eu sou a porra da Lilly Bernard. A calouro negra esquisita e sem graça para todos. O que me deixava mais chateada, é que existia várias negras e negros aqui que eram bajulado. Porém, a diferença entre mim e eles, eram minha conta bancária. Termino minhas duas primeiras aulas, indo para a aula de contabilidade. Chego perto da porta, paro um instante e respiro bem fundo. Eu puxo as mangas da minha jaqueta e finalmente entro. Subo as escadas até a última fileira, ignorando um olhar bem conhecido que me fuzilando. Eu sento e assisto a aula tranquilamente. Eu queria ver se suas bolinhas e cigarros me

alcançariam aqui. Tento não olhar para Calebe em momento nenhum. Se eu seguisse meu plano, conseguiria evitá-lo o dia todo.

Antes que o professor termine de dizer que a aula acabou, corro para fora. Meu estômago ronca de fome. Procuro algum dinheiro em meu bolso e só acho dez dólares. Daria um salgadinho de queijo e uma água na lanchonete daqui. Fico em dúvidas, mas vencida pela fome, decido comprar.

— Olá, Flávia. Me vê um salgadinho de queijo e uma água.
— digo para garota que trabalha lá.

—Olá Lilly, como vai? Quase não te vejo por essa ala.

— É que quase não tenho tempo pra vir compra algo. — eu falo, só pra não dizer *que quase não tenho dinheiro pra isso*.

— Entendo... Aqui. — ela me entrega meu pedido.

— Vai ter uma festinha no dormitório de uma das minhas amigas hoje. Você está convidada. — fala gentilmente.

Essa era a primeira vez que alguém me chama pra qualquer coisa em quase um ano aqui.

— Bem...

Sou interrompida por alguém.

— Lilly não gosta de festas. Aposto que ela nem tem roupa para isso. — Emily aparece atrás de mim com suas amigas rindo.

— Eu vou, Flávia! — digo decidida, olhando para o rosto de Emily, que dá um sorriso ainda maior. Ignorando-a me viro e saio rápido dali.

— Nos vemos lá, queimadinha. — ela grita atrás de mim.

Minha vontade é de voltar lá e pedi para ela repetir aquilo na minha cara e dar uns tapa nela, mas não queria perder minha bolsa. Sinto alguém puxar forte meu cabelo para trás e um uma fumaça ardida voa por todo todo meu rosto, me fazendo tossir.

— Ai... — resmungo baixo, pela dor no meu couro cabeludo.

— Por que você está fugindo de mim Bernard?! — Calebe firma minhas tranças em suas mãos.

— Eu não estou fazendo isso. Me solte, ou...

— Ou o que? Vai contar pra quem, esquisita? Todo mundo faz o que eu quero aqui! — ele aperta um pouco mais meu cabelo. — Preciso de um trabalho pra hoje ainda! Me encontre aqui as 19h e sem gracinhas. — diz e me solta.

— Ainda estou chegando em casa a essa hora... — digo tentando conter minha raiva. Saía todos os dias da faculdade às 14h30 e trabalhava até as 18h30.

— Eu não ligo, se vira e traga-o para mim sem falta! — joga um pequeno papel em minha direção, que cai no chão. Era sobre o trabalho.

Bufo irritada e me seguro para não rasgar aquele papel e mandar ele tomar no cu. Tento fazer o trabalho de Calebe entre meu horário de trabalho. Pergunto se Gustavo podia me cobrir por meia hora, e que lhe retribuiria depois. Corro para casa, quando chego, vou até a cama e tiro uma caixinha de baixo dela, guardando as gorjetas de hoje. Já tinha juntando um dinheirinho bom, em breve farei compras para minha casa, como comidas e coisas de limpezas.

Tomo um Banho rápido e ainda de toalha, pego um pasta para colocar todas as cinco folhas do trabalho de economia de Calebe. Eu odiava fazer esses tipos de trabalho porque sabia que ele era inteligente, e me obrigava a fazer apenas para me implicar. Vou até o guarda-roupa, pego um vestido e coloco um tamanquinho. Talvez eu consiga chegar a tempo para a festa da amiga da Flávia. Não gostava de festas, mas não saía para lugar nenhum. Talvez seja legal. Prendo um pouco o cabelo, pego o moletom de Calebe que estava seco, finalmente saio de casa. Quando chego na rua, sinto uma sensação ruim. Mas eu ignoro e continuo caminhando em direção ao meu destino.



Capítulo 04

Antes de chega perto da universidade cheirei um pouco no moletom, só para ver se aquele fedor de leite e café perdido sumiu, mas percebo que lavei ele juntos com minhas roupas, transferindo assim o cheiro do meu amaciando de rosas.

Mas que merda.

Foda-se. Melhor assim do que fedendo. Espero que ele não note, ainda fiz o favor de lavar. Eu nunca tinha visto a universidade à noite, havia pessoas andando do lado de fora por todo o jardim do campus e sinto-me nervoso por estar aqui a esta hora. Subo os degraus e ainda do lado de fora, procuro Calebe e nada dele. Fico por quase 20 minutos plantada. Começo a sentir frio, então decido entrar e andar pelos corredores. Tudo estava meio quieto, pois e era proibido transitar por aqui à noite. Viro um corredor e paro no meio do caminho e o que vejo me deixa com muita raiva.

Calebe está com uma garota empresada na parede enquanto ele praticamente engole a boca dela. Eu não acredito que fiquei quase meia hora esperando para entregar a porra de um trabalho que era para esse filho da mãe maldito ter feito. Sentindo uma raiva me dominar, eu ando até lá. Eu o puxo por trás separando sua boca da garota.

— Mas que porra é...

O interrompo.

— Só pode estar escrito trouxa na minha cara, não é Walton?? — empurro a pasta em seu peito. — Aqui! Agora pode voltar a fazer o que estava fazendo. — digo e eles tem o rosto surpresa.

— Isso aqui também é seu! — jogo o moletom em seu ombro. — Se não sou mais útil, passar bem!

Vejo Calebe me fuzilando com fogo em seus olhos, então me viro e saio correndo antes que ele me mate com as próprias mãos. Eu sei que ele vai vir atrás de mim, mas acho que ele não sabe que eu iria na festa da amiga da Flávia. Eu caminho rapidamente para o dormitório feminino. Paro um pouco só para confirmar se ele não estava vindo atrás de mim. Eu sei que cometi uma loucura, mas estou tão chateada e irritada. *Caraca*, o que custava pegar a porcaria do trabalho e depois ir comer as putas dele. Aquela era alguém diferente, ouvi dizer que ele não transava sempre com a mesmas garotas e quando fazia isso, nunca as beijava. Mas não foi isso que acabei de ver naquele corredor. Bem, eu não me importo. Eu só quero me divertir um pouco e voltar logo para casa para descansar e me preparar para o meu velório amanhã.

Com certeza Calebe me mataria.

Finalmente entrei onde havia música alta, provavelmente era aqui a festa. Sentindo-me deslocado naquele lugar, começo a procurando Flávia, mas não a encontro. Em vez disso, vejo os amigos de Caleb junto com Emily. Ela estava usando um microvestido vermelho destacando seus cabelos cor de mel. Emily olha para mim e acena para Noah e Mateus, que rapidamente vêm em minha direção. *Droga*. Tento não correr até eles chegarem perto.

— O que te trás aqui, caloura nojenta? — Noah pergunta.

— Melhor eu ir... — falo me virando, mas Mateus segura minha mão.

— Calma, a diversão só começou. — ele me puxa para um canto e Noah segura meu outro braço.

— Me soltem! Alguém me ajuda! — eu grito, mas parece que ninguém ali está me escutando ou apenas fingindo não me ouvir.

— Ninguém tá nem aí pra você, sua porcaria. — Noah cospe as palavras me deixando nervosa.

— Ora, ora. Não é que a café torrado veio mesmo. — escuto Emily se aproxima de mim.

— Vou relatar isso a coordenação! Me larguem! — tento puxar minhas mãos, mas estava impossível.

— Até parece. Isso é uma festa clandestina, baby, só vai queimar mais seu filme e te fazer levar uma suspensão por estar aqui.

Ela se vira e pega dois copos cheios de bebidas nas mãos e dá um para a amiga que estava ao seu lado.

— Que tal darmos vida à roupa da Lilly, eu particularmente achei tão cafona e sem graça.

— Emily, não faça isso! — tento, mas ela joga a bebida gelada em meu rosto e a amiga em minha roupa.

E uma chuva de bebidas começa a cair sobre mim, banhando-me todo em álcool. Todos na festa estão gravando e rindo, como se isso fosse algo tão engraçado quanto uma piada, enquanto eu sou bombardeado com Drinks e sucos. Vejo de relance Flávia com um celular, rindo de toda aquela situação também. Seguro o máximo e choro, eles não veriam essa parte minha... *Ninguém veria.* Quando todos se cansam, os dois marmanjos me soltam e eu caio de joelhos.

— Vaza daqui, ridícula. Esse não é seu lugar! — Emily fala com desdém.

Olho para o chão e movido pelo ódio me levanto, e sem pensar muito, dou um tapa em seu rosto com tanta força que minha mão dói.

— Você tá louca, sua vadia!? – Ela grita com a mão no rosto e todos param de rir.

– Isso não vai ficar assim! — Digo dando grandes passos para fora.

— Não vai ficar mesmo! Eu vou acabar com você! Você é uma garota ferrada, Lilly Bernard. — Emily berra atrás de mim, mas eu apenas ignoro.

Suas ameaças podia me fazer ter medo pela minha bolsa, mas já estava cansada disso. Saio correndo da universidade, rumo a minha casa. Estava toda molhada e fedendo a álcool. *Como eu sou tola...* Achando que alguém estava sendo legal comigo ao me convidar para alguma coisa, quando na verdade eu era cúmplice daqueles idiotas só para me humilhar mais uma vez. Já tentei denunciar esses abusos, mas era eu contra pessoas ricas, sempre seria eu no prejuízo. Eu precisava muito daquela bolsa, era a única maneira de mudar minha vida. Mas estava ficando cada vez mais impossível suportar aquele lugar a cada dia.

Só mais dois anos, Lilly.

Caminho para casa sentindo vontade de sumi do mundo. Eu odiava minha vida, mas eu precisava viver ela, independente se as pessoas gostassem de mim ou não. Chego em casa, abro a porta e vejo a pior cena possível para acabar esse dia.

E sim, tudo pode piorar.

Caleb Walton

Capítulo 05

Ainda estou tão perplexo do que Lilly Bernard acabou de fazer que fico sem reação. A garota que eu não faço ideia de quem seja, que me roubou um beijo enquanto eu estava distraído fumando no meu canto, puxa meu colarinho de leve.

— Vem, deixa ela para lá ... — ela tenta me beijar de novo.

Mas eu me afasto dela , segurando firme meu moletom e a pasta que Bernard praticamente jogou em mim.

— Vaza! — digo seco.

— Mas...

— Eu disse pra vazar, caralho!

Então ela sai irritada. Eu odiava essas garotas que vinham me roubar beijo. Sabem o quanto eu detestava isso, meu negócio é só fode-las sem preliminares e se eu estivessem de bom humor ganhariam um orgasmo e só isso. Essa sortuda é a terceira garota no mundo que deixei me beijar, só porque estava querendo extravasar um pouco da minha irritação. Estou para ir atrás de Bernard cortar aquelas malditas tranças quando meu celular toca. Porra... era meu pai. Respiro fundo e atendo.

— **Temos um problema filho.**

— **Mas um...? Qual é pai? Mande um de seus capangas resolver isso, não estou com cabeça hoje!**

Meu pai era um dos mafiosos mais perigoso da florida. Seu negócio era composto por drogas ilícitas e armamentos ilegais. Eu não gostava muito daquela vida, mas quando nasci já existia. Fui

criado assim, sempre tive tudo que quis, mas o oque eu queria de verdade quase não ficava em casa.

Meu pai.

Leonel vivia viajando a negócios. Sua máfia era camuflada em uma empresa multimilionária de automóveis. Por isso meu pai decidiu me enfiar nesse buraco de faculdade, para liderar sua empresa enquanto ele liderava sua rede de máfia. Eu odiava esse lugar, todos me respeitava por ser filho de Leonel Walton, então fiz dessa merda meu lugar. Amava por todos no devido lugar. Mas quando Lilly Bernard chegou, meus olhos brilharam para garota de pele escura, frágil e desengonçada. Ela seria minha presa e eu transformaria seus dias aqui um inferno só para minha diversão.

A voz do meu pai me trás de volta para o presente.

— **Tem haver com alguém aí da sua universidade, filho... Achei que seria mais fácil de você resolver**

Estou intrigado, ninguém na minha escola sabia que meu pai era mafioso, nem que ele vendia drogas. Nem meus amigos sabiam desse fato. Tínhamos alguns que vendiam drogas aqui, mas era o capanga do meu pai disfarçado.

— **Noah e Mateus estão devendo de novo?**
— pergunto.

Aqueles dois viviam se drogando, não que eu gostasse disso, mas as eu não podia intervir nos negócios do meu pai quando eu bem entendesse. Eu apenas cobrava de vez enquanto para devedores atrasados, e eu detestava essa porra. Minha vontade era de dizer a ele que não gosto de fazer parte dessa merda. Mas Leonel era meu pai... ele dizia que eu não podia ser um fraco, que por causa de gente assim minha mãe morreu.

— **Quem é Leonel? Fala logo!** — já estava irritado.

— **Lilly Bernardi, conhece?** — ele fala e eu congelo, mas logo dou um gargalhada.

— **Está enganado... Lilly Bernard não colocaria nem pirulito de bêbado na boca, imagina dever drogas...**

Ou deveria ? Eu não sei, não a conheço.

Mas ela não parece do tipo que fuma drogas ou que é viciada a ponto de dever algo assim. A garota detestava a fumaça do meu cigarro que nem era tão forte assim.

— **De fato não é ela e, sim a mãe dela, Vitória Bernard. Ela deve e muito! Como você conhece a filha dela, será mais fácil tirar nosso pagamento. Faça o que quiser com o dinheiro, mas mostre a esses drogados de merda que quem consume tem que pagar! Resolva isso ainda hoje, Calebe! Irei mandar Lázaro e Ború para te auxiliar. —**
Diz autoritário é antes que eu diga alguma coisa, ele desliga na minha cara.

Mais que desgraça.

Jogo o celular com toda minha força na parece. Porra Bernard, até nisso você me persegue. Eu já estava morrendo de raiva pelo jeito que ela me tratou, e agora mais ainda por estar fazendo minha noite se tornar uma merda. Se eu não fizesse o trabalho, meu pai com certeza iria tirar meus carros ou minha moto, ou até mesmo me pedir para fazer coisa pior como castigo.

Inferno!!

Com ódio em todo o meu ser, jogo no chão a pasta com o trabalho feito. Eu saio e subo na minha BMW S 1000 RR preta. Amarro meu moletom com o cheiro familiar de flores na cintura, o que me deixa ainda mais irritada. Ligo a moto colocando o capacete e acelero. Já que era pra castigar alguém, lá vou eu Lilly Bernard. Espero que sua mãe tenha o dinheiro, ou vocês já eram.



Capítulo 06

Quando deparado com minha casa revirada, eu só consigo pensar em uma coisa... Corro até a cama e me abaixo procurando minha caixa de economias. Abro ela rapidamente não vendo mais nada dentro.

Não, não, minhas economias...

E agora?

Levanto e olho ao redor da minha pequena casa, tudo estava no chão e revirado... Minha mãe esteve aqui. Eu sei que foi ela, porque era a única que poderia saber onde estava a caixa com dinheiro. Como eu fui burra! E claro que ela veio aqui ontem para tentar achá-la e comigo aqui, não ia conseguir pegar. Respiro triste e desolada.

Não chora Lilly, não chora...

Começo a recolher as coisas que estão no chão quando minha porta se abre brutalmente e dois homens mascarados entram em minha casa. Todo o meu corpo congela e minhas pernas ficam pelo pavor.

— Parada!! Fique paradinha e não tente nada! — eles se aproxima de mim e eu tento dar a volta para escapar, mas eles me seguram forte pelo ombro.

—Meu Deus! Me ajuda... Quem são vocês? Me larguem por favor... SOCORRO ALGUÉM ME AJUDE!! — Começo a gritar de

desespero. Eu não queria morrer assim. Minha mãe disse que viriam e eu duvidei dela.

Um deles cobre minha boca e eu tento me soltar deles, no exato momento em que uma figura alta e familiar entra lentamente pela porta, pisando devagar seu coturno tratorado que valem mais que minha casa. Que porra ele estava fazendo aqui? Será se foi só porque eu o interrompi de seu beijo nojento?

— Veja só... Então é nesse muquifo que você mora? Que interessante, não sabia que além de pobre, você tinha uma mãe viciada.— Calebe tem o semblante cruel e sinto meu corpo todo se arrepiar de medo.

Ele acena a cabeça para os homens mascarados e então eles tiraram a mão da minha boca.

— O que você faz aqui...? Por que tudo isso? Foi por mais cedo?? Todo esse show...

— Não é por isso, sua idiota! — ele chega perto de mim. — Sabia que sua mãe deve a metade da cidade? E que se ela não pagar, ira ser morta antes mesmo do sol nascer? — Pisco confusa.

—Mas... como assim...? Você vende drogas? — não acredito que minha mãe fez isso comigo, tinha que se envolver justo com Calebe?

— Ela não está aqui... Olhe, não temos dinheiro... Por favor me larguem! — eu suplico, não estava entendendo nada.

Sei que minha mãe provavelmente devia sim muita gente, mas eu não sabia que Calebe Walton, um dos jovens mais ricos do país vendia drogas.

— Não te interessa o que eu faço, esquisita. Só me dá a grana, ou mando te darem uma lição e depois vamos atrás da sua mãe viciada!

— Quanto ela deve? Eu posso trabalhar mas... Me dê um tempo. — Tento implorar, não deve ser muita coisa...

Calebe dá um sorriso cínico e passeia por minha pequena sala.

— Nem se você trabalha o ano todo irá conseguir pagar... Sua mãezinha fez questão de comprar só as drogas caras e de primeira linha. Somando o total de 10 mil dólares. — Ele ainda tem o sorriso no rosto quando diz isso.

Sinto minhas pernas falharem e então fraquejo, a ponto de os dois homens que estão me segurando me firmarem para eu não cair.

—N-não pode ser, é mentira... — sussurro incrédula.

Calebe se aproxima de mim e segura meu queixo com força, me fazendo olhar para ele.

— O que vai ser, esquisita? Vai pagar ou vai morrer? — seus olhos têm um brilho, que me assusta mais do que o normal

Eu não ia conseguir esse dinheiro, fora o pouco dinheiro que eu tinha pra me ajudar esse mês, minha mãe levou. Eu estava literalmente fodida. Penso um pouco. E se...? Não... Ele não aceitaria isso. Mas é minha única chance e se der errado, ele faria um favor para mim se me matasse logo.

— Eu não tenho esse dinheiro, Calebe... Faço qualquer coisa, mas por favor, não vá atrás dela... — digo desesperada.

Eu não queria que eles matassem minha mãe, ela era única pessoa no mundo que me restava de família.

— E o que alguém como você tem a me oferecer? — ele me olha com sarcasmo.

Eu continuo olhando para ele séria. Até que Calebe finalmente entender o que eu estava propondo. Ele arqueia uma sobrancelha para mim.

— Tá zoando...?

Respiro fundo e nego com a cabeça. Eu estava literalmente oferecendo meu corpo ao cara que eu mais odeio no mundo todo, só para salvar minha mãe. Os homens ao meu lado não falam nada, apenas ficavam ali me segurando com cara de taxo, esperando alguma ordem.

— E quem disse que eu quero te comer, Bernard ? Buceta eu tenho de sobra pra trepar... Seu corpo não vale nem cinco dólar. — ele me olha da cabeça aos pés e me encolho pela humilhação.

— E se... Ele for v-virgem? Meu corpo..? — eu gaguejo, ignorando os risinhos dos dois caras ao meu lado.

Calebe , por sua vez, olha para mim profundamente, e desta vez não consigo decifrar seu rosto.

— Por favor...

Não acredito que estou implorando isso. Meu coração está em pedaços, me sinto pior que as prostitutas da minha esquina.

— Se o senhor não quiser, nós dois fazendo isso. A garota não é de se jogar fora. — um dos homens diz com a voz rouca, e meu estômago se contorce.

Eu não queria ser estuprada por dois bandidos, nem por ninguém. Mas se isso fosse deixar minha mãe viva, eu poderia aguentar.

Eu era forte.

— Saiam! —Calebe diz baixo ainda me encarando.

Então os dois finalmente me largam e vão embora, deixando nós dois sozinhos ali. Passo minha mão por meu braço, aflita com Calebe me olhando tão intensamente.

— Espero que não esteja mentindo sobre isso ou será pior para você! — ele desamarra o moletom da cintura.

— Eu não mentiria sobre isso, Walton... — sussurro olhando para o chão, sentindo cada batida do meu coração acelerada, eu estava suando frio de nervosismo.

— Tá esperando o que? Vai pra porra da cama... tira a calcinha e deita de costas. — ele diz autoritário e sem emoção no rosto.

— C-Calebe... Se quiser, posso tomar um banho... Estou suja e fedendo a álcool... — digo lembrando da chuva de drink que levei agora pouco.

— Só faz o que eu mandei, garota! — eu estou com medo que meu corpo trava. — ANDA LOGO PORRA! — me assusto com seu grito. Movo meu corpo trêmulo e caminho até minha cama.

Com as mãos trêmulas, tiro a calcinha, puxo o vestido até a cintura e deito de bruço na cama, sem acreditar que vou entregar minha virgindade de bandeja para o maior filho da puta que já conheci. Nunca pensei em ter namorado, nunca tive tempo para pensar nisso. Eu beijei um cara uma vez quando ainda morava no Brasil, no aniversário da minha prima, mas eu sonhava em um dia me casar e depois ter uma noite linda com meu marido, mas aqui estou eu... Dando minha dignidade para salvar minha vida e da minha mãe.

Tinha como minha vida ser pior?

Eu afundo meu rosto no colchão esperando. Eu estava tão nervosa que minhas mãos estava suando muito e minha respiração estava acelerada até demais. Ouço um barulho de algo se rasgando e imagino que seja Calebe abrindo uma camisinha, isso me deixa mais aflita e angustiada.

Sinto seu calor se aproximar de mim e eu engulo em seco.

Merda, ele vai fazer isso mesmo?

— Coloque uma perna em cima da cama e firme a outra no chão! — ele ordena seco.

Como se tivesse chumbo em meu corpo, faço o que ele mandou. Lentamente Coloco uma perna em cima do colchão e a outra deixo no chão, fazendo eu ficar na beirada no da cama na ponta do pé. Eu estava literalmente toda arreganhada para ele e isso era vergonhoso e humilhante ao extremo.

— Só não me machuque muito, por favor...

Estou tão apavorada que falo isso sem perceber. Eu sei que ele poderia muito bem não me ouvir e me machucar muito, mas eu tinha que tentar.

Calebe não responde nada, e sofro em antecipação. Então para meu desespero, sinto algo quente em minha entrada, pelo

medo, contraio meu corpo indo um pouco para frente, impedindo que ele me invada.

— Vai ficar de palhaçada? — eu o ouço dizer irritado. — Posso ir embora agora, e procurar sua mamãe, Você escolhe!

— D-desculpa... Eu vou ficar quieta... — digo com a voz trêmula.

Olho para trás um pouco e vejo que ele ainda está todo vestido. Tento não olhar para baixo, eu não precisa saber o tamanho do seu pênis agora. Volto meu rosto para a cama e sinto de novo ele pressionar contra minha vagina. Enterro meu rosto no colchão esperando a dor.

Você aguenta Lilly, Você é forte! É só uma virgindade boba...

Calebe lentamente empurra para dentro de mim com um pouco de dificuldade e eu mordo o lençol sentindo o quão grosso ele era. Ele tira e põe de novo, me alargando dolorosamente. Faz isso mais uma vez indo só até a metade. Estava ardendo demais, mas tudo piorou, quando ele enfiou tudo de uma vez, rompendo com força meu hímen.

—Aiiii!! — dou um grito, que mesmo com meu rosto abafado no colchão, saiu alto.

— Merda! — ouço Calebe dizer com tom de surpresa na voz.

Ele provavelmente pensou que eu menti sobre o fato de ser virgem

Calebe fica parado por alguns segundos, e sem que eu consiga controlar, meus olhos lacrimejam, me fazendo fungar. Aquilo doeu mais do que eu imaginava e ele percebe.

—Não adianta chorar. Você quis isso, agora vai aguentar! — ele diz enfiando o resto do pênis todo em mim, começando a se mover e eu me remexo de dor em baixo dele.

Já ouvi relatos do tamanho do seu pau. Que quase todas não aguentava ir até o fim, e eu achava que era linda.

Mas não era...

Mesmo que Caleb não estivesse se movendo com força, eu podia sentir toda sua grande extensão me penetrando, e como aquilo estava doendo, não estava escrito. Eu o sinto agarrar minha cintura e ir um pouco mais rápido. Aperto o lençol com força e mordo minha boca para tentar segurar meus gemidos agonizantes de dor. Coisa que foi em vão. Calebe , por outro lado, não emitia nenhum som. Os minutos vão passando e nada dele acabar logo com essa tortura. Tudo doía, parecia que estava sendo fodida por um bastão de baseball gigante com muitos pregos em volta dele. Quando Calebe começa a ir muito forte dentro de mim, me fazendo morder minhas mãos pelo dor e aflição. Sinto-me esgotada, querendo que tudo isso acabasse. Eu viro meu rosto tentando encontrar o dele, e vejo o quão concentrado ele estava olhando para minha bunda. Então, em um fio de voz, suplico que ele pare.

— Por favor, Calebe... Por favor, pare... Eu faço outra vez se quiser... Mas pare por hoje ... Não aguento mais... está doendo muito... — Imploro tentando impedir minhas lágrimas de cair

Ele então olha nos meus olhos como se estivesse analisando minhas palavras. E graças a Deus ele para, saindo rapidamente de mim, me arrancando uma careta feia de dor. Abaixo devagar minha perna que estava sobre o colchão, sentindo-a dormente e outra dolorida. Eu escuto o som da minha porta se fechando com força, então eu lentamente me levanto e sento na cama, mas minha vagina arde pelo contato.

— Ai... — resmungo, ficando em pé rapidamente.

Sinto algo quente descer pelas minhas coxas , passo a mão ali pegando bastante e subindo pra ver o que era.

— Droga.

Era sangue. Olho em volta para ver se ele deixou a camisinha usada aqui, mas não a encontro. Vou mancando até o banheiro, sentindo minhas pernas mole e minha vagina pulsar de dor. Enquanto caminho até lá, gotas de sangue caem pela casa. Eu me sentia um lixo, e se alguém entrasse agora aqui agora para me matar, eu daria a ele meu sorriso mais sincero e agradecido. Abro a

porta do banheiro e me arrasto para dentro. Tiro minha roupa suja de álcool e vou para o chuveiro. Deixo a água cair, eu ainda estava ingerindo tudo que aconteceu essa semana até hoje. Enquanto gotas gelada do chuveiro me lava, eu olho para o chão vendo meu sangue se misturando com a água e só então, desabo. Choro alto, como nunca havia chorado antes.

Eu não era forte... eu não aguentei, e não era só uma virgindade boba.

Ainda soluçando desligo o chuveiro, pego uma toalha e saio do banheiro. Tiro com raiva toda a roupa de cama, deixando o colchão puro. Pego o cobertor que era do meu pai e me enrolo nele ainda nua. Ligo a TV, coloco a princesa e o sapo, me jogo na cama e me abraço, começando a ter um ataque de choro compulsivo.

Caleb Walton

Capítulo 07

Assim que saio de dentro da Lilly, tiro a camisinha suja e ponho no bolso da calça fechando o zíper. E saio de sua casa com meu pau ainda duro. Subo em minha moto para ir embora. Lázaro e Ború já tinham ido.

Eu não estava acreditando que acabei de tirar a virgindade da única garota da terra que eu nunca comeria, e estava me odiando por ter gostado tanto, a ponto de não querer parar de me enfiar nela.

Maldita desgraçada! Ela não deixou eu gozar e agora a porra o do meu pau tá tão dolorido que até o contado com a moto faz ele doer. Eu não iria aceitar sua merda de proposta, mas também não teria coragem de matá-la, mesmo desejando fazer isso milhares de vezes. E ouvir os capangas do meu pai a desejar daquele jeito, eu não tiver outra escolha.

Quando vi sua bunda redonda empinada na cama, meus instintos masculino reagiu. Sua boceta morena, estava com uma trilha de poucos pelos deixando-me duro na hora. Quando a penetro, sentindo-a tão estreita e fechadinha, ainda duvidei de suas virtudes. Não que ela pareça de ter uma vida sexualmente ativa. Mas eu não acreditava que pudesse haver garotas nessa idade, ainda virgens. Até eu romper a porra do seu hímen e meu pau entrar seco nela.

Senti meu peito inchar naquela hora, por ter sido seu primeiro homem. Eu nunca tinha transado com uma virgem antes, mas sabia que com certeza a machucaria se não me controlasse. E mesmo que fosse minha vontade enfiar meu pau sem dó nem piedade nela,

eu me contive. Eu não queria estrupa Lilly. Ela me ofereceu seu corpo como pagamento e eu aceitei de bom grado. Eu sei que ela deve me odiar mais do que nunca agora, e eu não ligo. Na verdade, eu amei ver q fragilidade dela em ceder ao cara que ela não suporta, sua única coisa de valor. Quem deve tem que pagar. E Lilly tem algo que irá me servir muito bem.



Chego em casa, estaciono minha moto na garagem, ao lado de mais de 15 dos meus carros. Tiro o capacete entrando em casa e para minha desgraça, meu pai estava lá me esperando.

— Ború e Lázaro, me contou o que aconteceu. — ele vem até mim e bate no meu ombro. — É assim que se faz, filho! Estou orgulhoso. — então, ele me deixa ali parado no meio da sala.

Meu pai não se importava com o dinheiro nesses casos, só queria que me tornasse cruel como ele. Começo a subir as escadas rumo ao meu quarto, mas sou interrompido com uma voz doce.

— Calebe... — eu me viro e vejo Karen , minha irmã mais nova olhando para mim. — o que aconteceu com você? Está sangrando!!

— O que...? — pisco confuso e então olho para minha mão, vendo um pouco de sangue seco nela.

— Merda! — digo lembrando de quem que era. Deve ter sujado com a camisinha quando a tirei rápido. — Não é nada Karen, E só...

E só que tirei a virgindade de uma garota, em troca de perdoar uma dívida de droga que nem era dela...

— Foi só um copo que caiu e quebrou, fui pegá-lo e cortei minha mão. Nada demais, Karen. — Não me importo se ela acreditou em mim ou não. Me viro a ignorando e subo para meu quarto.

Karen era dois anos mais nova que eu, eu faria 20 daqui duas semanas. Ela era filha do novo casamento do meu pai. Eu tentava evitá-la, não que ela fosse uma menina ruim, só não

tínhamos a mesma vibe. Apesar de Karen cursar faculdade de moda na mesma universidade que a minha, eu fingia que não a conhecia e nem lhe dirigia a palavra por lá. Eu não gostava desses lances de irmãos do coração, comigo era cada um por si. Chego no meu quarto e tiro o moletom ainda com o cheiro daquela maldita e vou em direção ao banheiro. Eu precisava de um banho gelado para desfazer da minha ereção que ainda estava lá, dura como uma rocha. E eu não iria me masturbar por causa daquela garota ridícula.

Isso nem fodendo.

Pego a camisinha suja em meu bolso e jogo no lixo, começando a me despir. Mudo a temperatura do chuveiro para a mais gelada possível e começo meu banho. Saio de lá e me visto. Estava tão irritado com toda essa merda. Eu poderia sair e comer algumas putas, ou até ligar para alguma garota que não me rejeitaria... Sei que algumas não me aguenta por muito tempo, por isso sou seletivo. Ou trepa comigo e aguenta até o fim ou nem tente algo. Mas Lilly Bernard está me pagando e eu ainda não recebi o pagamento por completo. Se ela pensa que ficará só por isso mesmo, a filha da puta está fodidamente enganada.

Ela assinou sua sentença com o próprio diabo. E eu não deixaria barato para ela.



Capítulo 08

Me levando devagar, me firmando no balcão que separa meu quarto da sala. Seguro o cobertor junto ao meu corpo e vou até o banheiro sentindo minhas pernas doloridas e molengas. Sento-me no vaso cansada, eu não preguei o olho essa noite e sei que meus olhos estão inchados de tanto chorar. Me sento para fazer xixi e sinto arder bastante na hora que faço. Eu ainda não estava acreditando no que aconteceu aqui ontem à noite. Queria que fosse uma paranoia da minha cabeça...

Mas não era.

Perdi minha virgindade da maneira mais baixa possível e me odiei por isso. Levanto-me do vaso e resolvo passar um pouco de água na vagina, pois com certeza doeria mais se eu passasse o papel higiênico. Como ainda está cedo, mesmo sentindo meu corpo dolorido. Arrumo a bagunça da minha casa rapidamente, dando graças a Deus por ela ser pequena. Eu me sentia tão fraca e sem vida, estava pensando em não ir para a faculdade hoje, não queria vê-lo... Eu o odiava cem vezes mais por isso. Eu sei que me ofereci para ele, mas porra! O que eu poderia fazer? Eu não tinha nenhum dinheiro. Eu apenas pensei que ele poderia recusar e perdoar a dúvida.

Mas ele é Calebe Walton, óbvio que ele não faria isso.

Termino de arrumar a casa e decido ir, como era bolsista não podia faltar aula. Calebe provavelmente nem quer mais ver minha cara, já que tem nojo de mim. Ele deve ter odiado transar com a caloura *esquisita* ... Ele só fez isso porque queria me ver humilhada ainda mais. Com esse pensamento, começo a me arrumar, coloco uma regata branca simples e uma calça jeans. Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo e coloco meu tênis, pego minhas coisas e saio.



Estou me sentindo meio mal. Não só meu corpo parece estranho, como parece que a todo momento me vejo indo ao chão por causa da tontura que comecei a sentir.

Entro na universidade e, como estou um pouco tonta, alguém esbarra em mim fazendo-me quase cair, então por reflexo me apoio em seu braço.

— Sinto muito, eu não te vi. — uma garota fala.

— Eu que fui desleixada... — levanto os olhos reconhecendo-a, era a menina que me ajudou com meus livros outro dia. — Desculpa... — digo olhando por cima do ombro dela e sinto uma pontada no peito ao ver Calebe encostado com um pé na parede fumando. O pior é que ele está me encarando sem tirar os olhos de mim.

Merda.

— Meu Deus! Você está quente. Céus, você está queimando em febre. — A menina da voz gentil, me abraça de lado. — Vem, vou te levar para enfermeira. — ela fala, me ajudando a caminhar.

— Não precisa fingir ser legal comigo, eu dou conta de ir só. Obrigada. — tento sair de aperto.

— Eu não estou fingindo nada, Lilly!

Como ela sabia meu nome? Então me lembro de quem eu sou, e que todos me conheciam aqui.

— Obrigada... — digo e dou uma última olhada para trás, vendo que Calebe ainda tem os olhos fixos em mim.



Ver Karen ajudando Lilly, só me deixou mais irritado. Que porra essa garota tem que se meter. Tá, que a caloura parecia ter visto um fantasma, seu rosto estava tão decaída que quase tive pena.

Eu disse quase.

Rio por ser tão perverso quando sei que provavelmente eu causei isso. Lilly era alguém que fingia ser forte quando na verdade não passava de uma garota frágil e sem estrutura. Eu ia adorar acabar com o resto de seu brilho de esperança.

— Oi gostoso. — Emily se aproxima tentando passar a mão em meu peito, mas seguro sua mão antes dela alcançar.

— O que você quer, Emily? — eu pergunto sem paciência.

— Credo, pra que isso Calebe...? Achei que você queria continuar aquela conversa, que fomos interrompido por aquela Pre...

Não deixo ela terminar.

— Eu não transo com a mesma garota mais que duas vezes Emily, sua cota acabou. Vaza! — Botei o cigarro na boca querendo que ela saísse logo dali.

— Mas...

— Você é surda?

Então Emily sai com um cara ridícula. Não sei qual era a dela, nunca dei lhe esperança. Essas garotas são tão burras de acreditar que podem me fazer gostar delas com apenas uma foda.

Fúteis.

Vejo Mateus e Noah se aproximando.

— E aí cara! Você sumiu ontem na melhor parte. — Noah me dá um tapa de leve no meu ombro.

— Do que vocês estão falando? — pergunto de mal humor soprando minha fumaça.

Noah pega o celular, abre o Instagram e me mostra um vídeo que faz meu sangue ferver. Eles estão segurando os braços de Lilly enquanto Emily e várias outras garotas jogam todos os tipos de bebidas nela. Todos riam enquanto ela permanecia parada, apenas recebendo a chuva de álcool. Agora entendi porque Lilly estava com a roupa suja e aquele cheiro forte de bebida, não parei para observá-la, e agora tudo se encaixa.

— Apague isso! Quero todos os vídeos que estão circulando dela apagados Agora!! — digo tentando me manter calmo.

— Qual é, cara? Olha que zoeira mó da hora! Você faria isso e...

O interrompo pegando em seu colarinho irritado e me aproximo do seu rosto.

— Que isso, Calebel!? — Mateus que está do lado, pergunta confuso.

— Lilly é minha presa! Todos sabem disso. Só eu posso humilha-la! Só eu decido o que fazem com ela!! Agora apaga logo essa porra, eu não vou repetir de novo!! — Eu o empurro para trás.

— Vou apagar. — Noah passa a mão no pescoço pela pressão que fiz.

— Não mexam com ela sem minha permissão, estamos entendidos?

Olho para os dois que tem um semblante confuso, talvez eles não esperassem essa reação de mim. Jogo meu cigarro no chão e piso em cima, deixando aqueles dois bobocas para trás. Bem, eu sempre deixei claro que Bernard era minha para fazer de sua vida um caos, mas isso não incluía terceiros. Eu seria o único a tirar sua paz! Eu estava zangado com todos, e Emily seria a próxima que eu iria alertar. Eu sabia que era ela, que tinha derramado suco na blusa da Lilly dias atrás quando e nos interrompeu no banheiro.

E naquele dia eu tive que fazer o possível para não olhar através do seu sutiã de renda vermelha, o quanto seu seios eram fartos e redondos... Afasto essa lembrança ridícula, Lilly não tinha nada que me interessava, não fazia o meu tipo em nenhum aspecto. Eu só quero vê-la quebrada em minhas mãos. Vou a uma farmácia ao lado da universidade e em poucos minutos saio de lá e volto para a porra da minha aula chata. Hoje deixaria a caloura em paz, mas amanhã ela não perde por esperar.



Capítulo 09

Chegamos na enfermaria e eu sento em uma cama. A garota de rosto doce e angelical corre até um médico geral da universidade.

— Ela está com febre, pode dar alguma coisa para passar?
— ela pergunta preocupada.

O médico se aproxima, pega um termômetro prático e o coloca na frente da minha testa.

— 38° grau. Meu Deus! Vou te passar algo é...?

— Lilly Bernard. — eu falo meu nome.

— Certo, Lilly. Já venho. —O moço vai em direção a uma mini sala, entra fechando a porta.

— Qual é seu nome? — pergunto curiosa para garota que me ajudou.

— Karen. — ela responde meio indecisa.

— Obrigada por me trazer aqui, Karen... Eu só não entendo o por que...

Ninguém aqui nesses quase um ano, jamais me olhou assim, como se realmente se importasse comigo.

— Não tem que entender, Lilly, eu faria isso por qualquer um. Isso se chama empatia.

Ela está em pé encostada na parede perto onde começava a cortina que dividia os pequenos leitos. Iria dizer algo, mas o doutor volta com uma bandeja cheia de coisas.

— Não ia me passar só um remédio? — pergunto vendo uma agulha enorme em sua bandeja.

Eu odiava agulhas.

— Sim, aqui... Tome. — ele me entrega um comprimido e um copo descartável com água. — Mas vou ter que tirar o seu sangue... Posso te dar um atestado se consegui ver o que causou Isso, o que acha? — ele olha para mim com simpatia, arrumando a seringa na agulha.

Engulo em seco olhando aquilo pontudo. Mas só de saber que poderia ficar pelo menos um dia inteiro em casa já era uma proposta boa a se pensar.

— Não vai doer Lilly, imagina que é uma formiga bem pequena te picando... — olho em direção a voz doce de Karen, que tem um sorriso encorajador no rosto.

— Isso, escute o quê a senhorita... — o médico olha para Karen que por, sua vez, balança a cabeça com um sinal negativo bem discreto para ele. — ... A senhorita Karen disse...

Então decidida, aceito e estendo meu braço para ele.

— Certo... Uma picada de uma formiga.



Esperei meia hora pelo resultado enquanto conversava com Karen. Descobri que ela também era quase uma nerd como eu, que terminou os estudos cedo e estava cursando moda . Ela ficou lá comigo o tempo todo, até o médico chegar com o resultado.

— Srta. Bernard, quando foi a última vez que comeu alguma coisa ? — o médico me pergunta com meus exames na mão.

Fico calada, nem eu sabia. Lembro de ter comigo uma farofa ontem cedo e beliscando alguns petisco no meu trabalho, e isso foi antes das 19h... Uma que meu estoque de comida estava limitado e outra, que depois do ocorrido *com...* Bem, eu só não senti fome.

— Ontem a tarde... — eu digo meio sem graça.

— Você tem algum transtorno alimentar?

— Não... Só não estou com tempo para fazer todas as refeições... Minha vida é bem corrida. — dou um sorriso triste sem mostrar os dentes.

Eu não menti, de fato minha vida era corrida.

— Pois bem, Srta. Bernard ... Você está com anemia e falta de glicose no sangue, por isso a febre. Seu corpo está fraco e precisando de vitaminas.

— Céus... — eu não posso ficar doente, não agora com tanta conta para pagar.

— Vou te passar alguns remédios e vou te dar dois dias de atestado, hoje e amanhã. Assim você recupera suas forças. — ele escreve no seu papel e me entrega. — Aqui tem algumas vitaminas pra você tomar, soro e um remédio para abaixar a febre.

Pego o papel, olho para aquela receita e percebo que provavelmente eu só teria dinheiro para o soro.

Respiro fundo.

— Algo errado? Quer que eu vá comprar para você? — Karen se aproxima.

— Não... Eu esqueci minha carteira em casa. — minto.

— Eu posso comprar para você... Isso não é um problema para mim.

— Não preciso da sua pena, Karen. — digo sem pensar e ela se afasta.

— ... Lilly, eu só quero ajudar... Eu quis dizer isso. — diz ofendida.

E eu me arrependo na hora de ter agido assim, com a única pessoa que me ajudou e continua oferecendo ajuda.

— Desculpa, eu não quis... Oh céus, só não precisa, você já fez muito. — eu estou tão esgotada que não me reconheço. Nunca ofenderia uma pessoa como Karen. — Serio obrigada.

Ela sorri.

— Tudo bem, não precisa agradecer.

Então ela se vai, me deixando só na enfermaria. Como a febre tinha abaixado e eu me sentia mais ou menos. Pego o atestado que ganhei e agradeço a Deus pelos corredores estarem vazio. Provavelmente quem eu não queria ver, estava tendo aula. Estou chagando na saída quando escuto alguém me chamar.

— Lilly, espere!! — eu me viro e vejo Karen correndo em minha direção com um pequeno saco. — Aqui... Eu não consegui ver direito o que era exatamente. Mas comprei os três primeiros nomes que li na receita.

Não acredito que mesmo eu rejeitando sua oferta, ela comprou os remédios.

— Mas, mas eu... Não precisava, Karen — digo ficando envergonhada.

— Não seja orgulhosa Lilly, aceite! Não vai fazer falta para mim o que gastei e você sabe. Aceite ou ficarei pensando nisso o dia todo. — ela me entrega os remédios e derrotada eu pego.

— Muito obrigada... Eu vou te devol...

Ela me interrompe.

— Eu não quero! Poxa, apenas aceite e vai embora descansar. — diz gentilmente. — Se cuida, Lilly... Até mais. — ela se vira e desaparece pelos corredores da universidade, me deixando ali perdida.

Eu tinha medo de confiar nas pessoas, talvez porque sempre que confiava, elas me ferravam. Flávia foi um grande exemplo. Não sei o que esperar da Karen, ela é linda e rica. Alguém que teria dezenas de amigos a sua disposição, não entendo a preocupação dela comigo. Tento não pensar nisso agora e finalmente vou para minha casa. Eu realmente precisava de um descanso, não apenas fisicamente, mas mentalmente também.



De volta em casa, mando mensagem avisando para Gustavo que não iria hoje nem amanhã para o trabalho. Pego a sacola de

remédio e a abro , vendo que Karen tinha comprado duas vitaminas, o remédio para febre e quatro barra de cereais. Isso era tão estranho, alguém sendo legal de verdade comigo ... Mas era um estranho bom. Eu tomo o remédio e depois como as barrinhas de cereal. Eu estava com fome, então fritei o último ovo fazendo um mexido. Aproveito que estava me sentindo um pouco melhor, faço todos os meus trabalhos acumulados da faculdade. Talvez se eu ocupasse minha cabeça, fingiria que ontem não aconteceu. Ok, isso era impossível, pois toda vez que me sentava sentia minha vagina doer.

Eu sei que não era pra doer tanto assim, já ouvi algumas meninas na universidade falando de suas primeiras vezes, que foi bom. Mas eu não estava pronta, eu estava nervosa e tudo isso contribuiu. Além disso, Calebe não foi nada carinhoso... Não tinha por que ele ser... Não era sua obrigação me dá prazer e sim o contrário. Eu abaixo minha cabeça, batendo ela levemente em cima dos livros sobre a mesa.

Por que não consigo simplesmente esquecer toda essa merda?

Irritada eu levando, pego os 10 dólares que estava na pequena bolsinha quando saí ontem e vou até o mercadinho que tinha perto da minha casa. Compro um pacotinho de pão amanhecido e atum, uma coca latinha e dois tomate. Isso servirá até quando eu voltar para meu trabalho e ganhar minhas gorjetas. Fico o dia inteiro fazendo trabalho e estudando como sempre. Eu tinha esperança de que minha mãe voltasse para casa, que Calebe tenha mantido sua promessa de não machucá-la. Eu iria juntar dinheiro para conseguir interná-la se voltasse a aparecer.

Eu queria minha mãe de volta.



Acordo me sentindo mais disposta. Dormir até mais tarde, olhei no relógio e percebo que já era 10 horas. Faço um sanduíche com o resto o que sobrou da janta de ontem. Tomo meus remédios

e eu ainda precisava comprar o soro, mas deixei para depois. Se eu não estivesse de repouso absoluto iria da uma caminhada pelas ruas, mas o que eu faço é só vê TV, lavo minhas roupas e estudo. Quando menos percebo já são 19h. Eu tomo um banho, visto uma calcinha confortável e pego uma blusa longa fresquinha que usava só para dormir. Eu sento na cama e pego meu celular para pesquisar algumas coisas sobre a matéria de amanhã, e só em pensar em voltar para universidade meu corpo gela, mas logo tento relaxar. Eu estava convicta de que Calebe,

a essa altura, havia esquecido tudo e iria me deixar em paz. Não sei, tenho medo que ele queira me cobrar o dinheiro de novo, já que não deixei ele terminar comigo...

Não Lilly! Ele deve ter pelo menos um por cento de senso.

Não tem por que prosseguir com isso sabendo que eu não tenho dinheiro para pagá-lo, E ele me odiava muito a ponto de querer continuar me usando como moeda de troca. Levanto-me para pegar um copo d'água e meu coração quase para quando alguém bate na porta. Desde que minha mãe me roubou e os capangas de Calebe entrou aqui, eu mantenho sempre as cortinas fechadas e a porta trancada. Fico calada, não sei quem é , pode ser outro cobrador de droga.

— Eu sei que está aí, Bernard! Abre a porra da porta! — eu me assusto e deixo meu copo cair, pelo nervoso que aquela voz me dá.

Era ele...

— Se não abri em um minuto, esqueço minhas boas maneiras! — Calebe grita do lado de fora.

Como se você tivesse isso.

Sem opção é com medo dele derrubar minha porta, pulo o copo quebrado e sigo até a porta destrancando-a, dando de cara com aquele idiota alto, e com o rosto muito irritado.

— Achei que teria que derrubar essa porra. — ele fala colocando uma no batente da porta.

— O que v-você quer aqui? — eu começo a respirar com dificuldade, porque sabia o que ele queria.

— Eu não aceito pagamento pela metade, caloura. Você me deve e não cumpriu com o trato, agora quero o pagamento com juros e vou te contar... O seu está muito alto! — ele deu um sorriso macabro passando por mim, entrando em minha casa.

Eu estava enganada. Calebe não me deixaria em paz até ter acabado com toda sanidade que ainda me restava. Olho para rua querendo correr para fora. Respiro fundo tentando controlar minhas lágrimas.

Não chore, Lilly. Não chore.

Com esse pensamento, tranco de volta a porta e me viro encarando Calebe.



Capítulo 10

Calebe se senta no meu pequeno sofá e só então, quando ele olha para as minhas roupas, eu me lembro de como estou vestida. Ele cruza as longas pernas e pega um cigarro sem desviar a atenção de mim.

— Eu não costumo receber visitas... — eu digo tentando passar minhas mãos discretamente pela blusa. Me encosto na mesa e cruzo minhas pernas uma na frente da outra.

— Isso não é uma visita, Bernard. — Calebe acende o cigarro e dá uma pequena tragada.

— Tem que fazer isso aqui? — eu pergunto, me referindo ao cigarro.

Ele continua me olhando e assopra um tufo de fumaça no ar em resposta, e sinto uma raiva enorme por ele simplesmente me ignorar e zombar da situação.

Espero que morra engasgado com um cigarro um dia, desgraçado..

Ele se levanta e pelo seu movimento repentino, eu dou um passo pra trás. Qualquer coisa vindo dele me deixava alerta. Eu sabia o que Calebe queria, só não entendia por que estava enrolando tanto. Ele se aproxima de mim e não tenho para onde ir, pois estou encurralada entre ele e a mesa.

— O que é isso? — Calebe passa a mão pelo meu lado, quase me fazendo ter um leve surto de medo, então pega a receita que o médico me deu. — Ainda está com febre? — pergunta

indiferente assim que lê, sua atenção se volta para a mesa e vê as caixinhas de remédios em cima.

— E isso faria alguma diferença?... — sussurro.

Calebe estava muito perto e eu queria me afastar, ou empurrá-lo para longe de mim. Seu cheiro era tão bom, mais estava me causando ânsia. Ele volta a me encarar, e filho da mãe sopra aquele inferno de fumaça em meu rosto e eu prendo a respiração.

— Não. Eu te comeria do mesmo jeito!

Começo sentir meu corpo tremer e meu coração bater acelerado. Eu ainda não conseguia ingerir que teria que transar com ele de novo, ainda nem tinha me recuperado direito de tudo que aconteceu naquele dia...

— Eu achei... achei... — me calo, não encontrando as palavras certas.

— Achou o que? Você acha que aquilo foi um pagamento justo pelo tanto de dinheiro que sua mãezinha deve ? — ele me encara e eu desvio meu rosto para o chão.

Eu sei que ele estava se referindo a não ter gozado, e isso me deixava mais ansioso e aflita, porque significava que eu teria que aguenta-lo até ele gozar. Ele segura meu braço firme.

— Responde, caralho! Foi um pagamento justo?

Eu quero dizer a ele para ir se foder e me deixar em paz, mas, infelizmente, eu não era ninguém comparado a ele.

— Não... — eu falo tão baixo que nem eu me ouvi direito.

— Foi o que pensei... Agora vai para porra da cama e fica de costas pra mim!

Sem chão e tentando não chorar, ando devagar até a cama e Calebe vem atrás. Tiro minha calcinha e deito de bruços, levantando minha camisa até a cintura. Calebe se aproxima um pouco , mas não o suficiente de mim ainda. No entanto, sinto seu olhar me queimar e posso jurar que ele está olhando para minha bunda.

Desgraçado.

Eu só quero que isso acabe logo e que seja tão ruim para ele quanto é para mim. A ponto dele nunca mais me querer outra vez . Eu ouço o som dele abrindo a camisinha e meu peito começa a latejar de angústia.

— Levanta mais a bunda para cima. — Calebe tem a voz rouca, mas ainda com desdém e autoritária.

E então me mexo um pouco e decido ficar de quatro, respiro fundo mais de três vezes, contando de um a cinco em minha cabeça.

Vamos lá... Você consegue Lilly.

Prendo a respiração quando o colchão começa a se afundar atrás de mim. Reprimos um grunhido quando a ponta do seu pênis roça na minha entrada. Então ele começa a empurra para dentro. Fico rígida, era impossível relaxar quando era o pau de Calebe que estava ali, se enfiando em mim.

— Porra, você está tão apertada quanto da primeira vez que te comi... — Calebe diz assim que me penetra duro e seco.

Enterro meu rosto na cama, para que ele não veja a grande careta de dor que fiz com sua invasão brusca. Com dificuldade de formar uma frase, viro o rosto para ele, ainda colado no colchão e sem olhá-lo diretamente.

— Tá, tá bom Só acaba logo com isso, por favor... — digo, virada de costas para ele, que por sua vez começa a se mexer , me fazendo gemer um pouco pelo desconforto.

— Tá doendo? — ele pergunta entrando mais fundo.

— E isso importa? —eu respondo tentando regular minha voz de choro.

Calebe não responde, em vez disso começa um movimento mais firme, muito mais rápido do que quando tirou minha virgindade. Agarro os lençóis para me segurar. Seu pau era tão grande que parecia que estava quase atingindo no meu útero. Eu tento me afastar um pouco para frente, para impedi-lo de ir tão fundo, mas Calebe segura firme minha cintura, prendendo-me ali à sua mercê.

— Hoje eu não vou parar, Bernard. Vai ter que me aguentar até o fim! — ele rosna abaixando um pouco sobre minhas costas.

A cama bate na parede pelos seus movimentos bruscos, fazendo com que o som de sua pélvis batendo na minha bunda, seja o único barulho emitido no quarto junto com meus resmungos de dor. O tempo passa e eu rezo todas as orações existentes do planeta terra para que ele acabe logo, ou eu não andaria direito pelas próximas cinco semanas. Como se Deus me escutasse, sinto ele ir mais rápido e forte, minha boca estava quase minando sangue de tanto eu morde-la. Eu não vou gritar e dar o gostinho para ele saber o quando está me machucando.

Solto a respiração quando em uma única estacada que doeu lá no fundo da minha alma, ele goza na camisinha e sai de dentro mim. Deito meu corpo dolorido lentamente na cama e cubro o que dá, da minha bunda com minha roupa. Viro a cabeça para o lado e Calebe está terminando de fechar o zíper da calça. Exausta, eu fico ali olhando para ele. Calebe está vestindo uma camisa de manga curta toda preta e suas calças são jeans com algumas correntes do lado. Ele podia ser um cara muito bonito em todos os sentidos... Mas a única coisa que ele consegue despertar em mim é ranço e ódio. Ele coloca algo no bolso de trás e desliza a mão no bolso da frente, jogando algo em mim que cai perto do meu rosto. Eram três cartelas de comprimidos. Com minhas mãos ainda trêmulas, eu pego e leio o nome.

— O que é isso...? — começo a me sentar com um pouco de dificuldade na cama, olho melhor a embalagem, sem acreditar no que realmente era aquilo.

— Tome todos dias no mesmo horário. — Calebe fala dando de ombro, pegando outro cigarro.

O filho da puta acabou de me entregar contraceptivos? Era isso mesmo? Eu não estava acreditando naquilo.

— O que? Mas... — eu me contenho um pouco e mudo minhas palavras. — ... Isso.. N-não acabou? — pergunto com a voz embaraçada.

Achei que ele finalmente gozando, iria considerar a dívida paga e me deixar em paz. Calebe se abaixa para ficar altura do meu rosto e eu chego um pouco para trás na cama, me sentindo acuada.

— Só acaba quando eu quiser! Agora você é minha buceta particular, e não vou parar até te ver no fundo do poço! — ele se afasta de mim só para me olhar com desdém.

— Melhor tomar direito essa porra, se acontecer alguma coisa e você sabe do que estou falando, você se ferra sozinha. — ele diz, então se vira indo embora da minha casa.

Desgraçado dos infernos!

Pego as cartelas e jogo no chão, coloco as mãos no meu rosto deixado as lágrimas caírem. Ele não podia fazer isso comigo. No mercado negro, uma virgindade custa mais de 10 mil dólares. Várias mulheres faziam isso, se vendia para homens ricos e poderosos. E olha onde eu vim parar... Se eu fosse inteligente teria feito como elas, e assim conseguiria ter pago a dívida. Mas não consegui pensar sobre isso naquela hora, só não queria minha mãe morta. Bato seguidamente em minha testa com minhas duas mãos.

— Idiota, idiota, idiota! — me xingo enquanto soluço.

Eu tinha que ser forte. Me levanto meio bamba, pego as pílulas do chão, abro e engulo uma com um pouco d'água. Calebe não ia me levar para o fundo do poço porque eu já vivia lá muito antes dele cruzar meu caminho.

Calebe Walton

Capítulo 11

Tento não pensar em Bernard indo para enfermaria. Provavelmente não era nada sério e sim algum drama de garota. Chego em casa, já era noite e Karen estava na sala sentada no sofá com sua mãe. Seu curso terminava primeiro que o meu, e sempre tinha um motorista à sua disposição.

— Boa noite, Calebe. — Valéria, a mulher do meu pai, me cumprimenta simpática.

Mas eu a ignoro, indo direto para meu quarto. Olho de lado para Karen, poderia perguntar o que de fato aconteceu com a esquisita. Mas não vou perder meu tempo com isso. Entro no quarto e observo um retrato da minha mãe ainda grávida de mim. Ela parecia tão jovem, mas sempre seria nas fotos. Ela morreu dois anos depois do meu nascimento. Entro na sala e observo um retrato de minha mãe ainda grávida de mim. Ela parecia tão jovem, mas sempre parecia nas fotos. Ela morreu dois anos depois do meu nascimento. Leonel me contou que a coitada estava fazendo compras quando foi confundida com uma mulher, que devia uma quadrilha e foi espancada até a morte por eles. Leonel casou-se novamente com Valéria dois anos depois. Não que a mulher fosse má pessoa, ela nunca me desprezou. Mas eu a mantive longe de mim. Eu não preciso do amor de ninguém! Apenas de uma pessoa. Mas meu pai decidiu construir uma nova família e esqueceu que eu não sirvo apenas para ser seu garoto de recados.

Pego meu moletom preto que ainda estava com um leve cheiro conhecido de flores doce. Fico olhando e aperto ele em

minhas mãos, desejando que fosse, Lilly Bernard. Irritado com esse pensamento, jogo ele longe com todos minha força.



Acordo duro. Não sei, talvez o sonho erótico que eu tive essa noite explicasse isto. Levanto e faço minhas higiênes, tomo um banho e vou para aquele maldito inferno de faculdade. A porra do meu pau estava latejando só de ficar imaginando aquela filha da puta em baixo de mim.

Porra.

Quando procuro Lilly para começar bem o meu dia torturando-a, não consigo encontrá-la. Me deixando mais mal-humorado do que o normal.

— Ei, Calebe. — vejo Mateus se aproximar.

Pego meu cigarro. Eu sabia que era proibido fumar aqui dentro, mas queria ver um corajoso que diria isso olhando na minha cara.

— Diga Mateus.

— Hoje vai ter uma festinha privada no dormitório da Sara, amiga da Emily, vamos? Bebidas, drogas e várias garotas para foder... — ele fala com uma animação, que me dá até desânimo de ouvir.

— Hoje não, tenho um compromisso...

— Entendo cara. Sobre ontem... Não entendi por que ficou daquele jeito com Noah.

— Eu já expliquei, Mateus. Você sabe que eu não gosto que mexam com os calouros que eu escolho.

Eu estava quase terminando a faculdade, faltava apenas alguns meses para isso. Já infernizei a vida de muitos. Não como a de Lilly, ela era diferente, por tentar me desafiar vez ou outra. Isso que me motivava, pois era maravilhoso vê-la implorando por desculpas depois quando eu ameaçava tirar sua bolsa.

— Ok, então te vejo por aí? — Mateus coloca um Beck na boca.

— Nos vemos por aí. — eu digo e dou um soco em sua mão fechada, então ele se vira e sai.



Quando vou ao trabalho da Bernard e não a vejo lá também, fico agitado. Ela só pode estar fugindo de mim. Só restava um lugar onde ela estaria.

Sua casa.

Eu amava ver sua cara de medo, e quando ela jurou que eu não ia cobrar minha gozada. Eu ri.

Pobre coitada.

Por culpa da filha da puta, meu pau ficou duro como pedra por dois dias. Eu a adiava mais ainda por estar fazendo meu corpo agir como um adolescente imbecil. Já dentro da casa dela , descubro que ela estava realmente passando mal, devido aos vários remédios que vi em sua mesa. Cheguei perto dela, só para sentir seu calor, se ainda estava com febre e não estava. Bem, Ela não ia escapar de mim hoje nem se estivesse.

Quando a mando ir para cama e tenho a visão dela de quatro para mim, meu pau implora contado com sua buceta carnuda. Observo um pouco sua bunda, tão redondinha. Por que a desgraçada tinha que ter essa bunda gostosa?

Só de ódio, entro forte dentro dela, e puta merda! Que buceta deliciosa. Claro que nunca iria admitir isso em voz alta. Sei que ela está sentindo dor pelo sons dos seus gemidos. Mas tento não focar nisso agora. Ela estava muito seca, fazendo meu pau arder um pouco, espremido dentro dela com a camisinha, mas mesmo assim não paro. Firmo sua cintura para ela não se afastar e me acabo em seu canal quentinho e mega apertado. E finalmente, depois de dois malditos dias de espera, eu gozo onde eu queria. Saio de dentro dela, tirando a camisinha. Amarro, colocando no meu bolso atrás junto com sua calcinha, que peguei no chão sem que ela percebesse.

Quando entrego a ela o anticoncepcional que comprei ontem e vejo sua cara de espanto, dou uma risada demoníaca por dentro. Nunca transei sem camisinha com ninguém antes. Sendo filho de quem eu era, não podia arriscar. Eu queria filhos nunca! Eu não me via como pai um dia.

Mas só de imaginar ela tendo que cumprir um horário todos os dias só por minha causa, já me enche de satisfação. Lilly me odiava e faria o possível para evitar uma gravidez minha . E só de imaginar, apenas meu pau puro deslizando em sua boceta quentinha , começo a ficar duro novamente. Saio da sua casa saciado e satisfeito, deixando a coitada com os olhos marejados de lágrimas. Era assim que queria vê-la. *Vulnerável.*

Quero mostrar que Lilly Bernard, não era forte porra nenhuma. Ela teria que se render a mim, por bem ou por mal.



Capítulo 12

Eu estalo minhas costas assim que levanto da cama. Como previsto, minhas pernas estão me matando e estou evitando usar calcinhas desde que aquele filho da puta me deixou toda dolorida. Notei que a calcinha que usei ontem sumiu, mas eu devo ter colocado para lavar e não percebi. Infelizmente meu atestado acabou. Por um lado era bom, eu gostava de estudar e mesmo faltando uma semana para receber meu salário, as gorjetas que ganhava me ajudava bastante. A única coisa ruim disso tudo é que agora eu sou uma puta particular de um cara que vejo todos os malditos dias, estava cansada de respirar fundo. Uma hora eu ia engasgar com meu próprio ar de tanto fazer isso. Tomo um banho rápido, coloco uma regata preta e um jeans sem calcinha por baixo. Arrumo minhas tranças um pouco para o lado, estava pensando em tirá-las, em breve ... Tomo minhas vitaminas e pego o último pedaço de pão e como.



Chego na faculdade um pouco ansiosa. O que eu poderia fazer para não cruzar com Calebe? Eu não queria vê-lo era nunca mais. No entanto, ele deixou bem claro ontem que não era isso que aconteceria. Vejo uma figura conhecida e sorridente correndo em minha direção e me abraçando, me deixando sem reação.

— Oi Lilly! Como você está hoje? Eu deveria ter pego seu número, não sabe como fiquei preocupada esses dois dias. — Karen diz e me solta.

Eu ainda continuo parada, confusa com seu gesto.

— Eu estou melhor, graças a você, muito obrigada, Karen. —
enfim consigo dizer, retribuindo o sorriso.

— Você está bonita hoje! — Karen diz, ficando ao meu lado e
caminhando comigo em direção à escada da Universidade. Fico em
silêncio sem saber o que dizer e ela me olha.

— Falei algo errado?

— Não... É só que ninguém nunca me elogiou assim, tão
abertamente... — eu decido ser sincera.

— Pois deveriam. Você é linda, Lilly! E não deixe ninguém
dizer o contrário, vamos!

Sinto suas pequenas mãos em meu pulso e ela me puxa
rápido para dentro. Dou um sorriso por ela ser tão fofa e gentil.

— Por que está mancando?

Karen diminui o ritmo me perguntando quando sem perceber,
eu resmungo um pequeno grunhido enquanto subo os degraus.

— O que? Eu não estou...

Estou? Droga.

— Está sim, eu ti vi da rua e você já estava mancando — ela
franze a testa. — você tropeçou em alguma coisa?

— Ah sim, foi isso! — eu minto.

Quem me dera...

Tento andar normalmente e volto a sorrir docemente,
tentando mudar o foco daquele assunto, para que Karen não
pergunte mais nada sobre isso. Mas quando entro e vejo Calebe
olhando para mim enquanto fuma ao lado de seus cães de guarda,
meu sorriso morre. Ele olha para o lado e vê Karen segurando
minha mão, e então desvia o rosto e continua conversando com os
dois babacas. Aliviada por ele não ter vindo me perturbar logo cedo,
sigo Karen para uma sala diferente com várias telas e aquarelas.
Supondo que fosse uma sala para estudantes de arte.

— Uau! — exclamo olhando as diversas telas com desenhos
um diferente do outro.

— Pois é! Pode parece loucura, mas esse é um dos meus lugares favoritos.

Ela se senta em cima de uma mesa e puxa um pouco de seu longo cabelo para frente.

— Isso não é louco, Karen? Bem, este seria meu lugar favorito também... Se tudo fosse diferente. — Digo sobre a universidade em si . Pego um lápis de cor preta e observo.

— Sinto muito. — Karen diz, e olho para ela.

— Por que?... Por que alguém como você, quer tentar se aproximar de mim? — Eu estava realmente com medo de ser algum tipo de truque e me decepcionar.

— Eu não sou como eles, Lilly! Não gosto de como as pessoas tratam as outras só por que é diferente em níveis sociais, ou porque sua pele é mais escura ou mais clara que a deles... Isso é tão século quinze. —ela diz enquanto balança os pés.

— Seria bom se todos pensassem assim. — eu falo baixo.

— O que importa é o que você pensa, Lilly.

— É fácil dizer isso, quando não é você que tem sua alta estima testada a todo momento... Olha pra você e depois pra mim, você é perfeita Karen, enquanto eu... eu nem sou metade da metade...— Encosto-me a uma mesa.

Ela me encara, desce da mesa e caminha em minha direção.

— Lilly, olha pra mim, vou te mostrar uma coisa que desteto em mim — Ela afasta o cabelo da orelha deixando-a amostra. — Veja, por muito tempo sofri por ter orelhas grandes. Você acha que não somos iguais, mas eu discordo. Eu também sei como é sofrer bullying, Lilly... E nunca contei para minha família.

—Eu sinto muito, Karen.

— Não sinta, já passou. Apesar de que quase ninguém nessa universidade me dirige uma palavra direito, eu agradeço até certo ponto por isso... Eu fiquei te observando de longe e mesmo com todas te infernizando, você sempre esteve firme e forte apesar de tudo... Eu te admiro.

Eu continuo olhando para aquela garota que literalmente disse que me admirava. Isso era extremamente louco.

— Gente rica nem sempre é feliz, Lilly. — ela dá um sorriso.

— Pois eu iria adorar chorar enquanto estou em uma loja, fazendo compras em Paris. — eu falo rindo também.

— Meninas... — uma voz grossa na porta da sala, nos interrompe.

Antes que eu vire para descobrir quem era. Karen parece ficar nervosa e tenta se apoiar na mesa e quase cai, mas logo se ajeita. Vejo que é Marcos, um dos garotos negros populares da universidade.

— Oi Marcos... — Karen começa a estalar os dedos.

— Oi Karen... — eles se olham.

Ai que cena constrangedora, me sinto uma intrusa aqui.

— Hm, é melhor eu ir para minha aula... — digo saindo de fininho.

— A-ah... sim, te vejo no intervalo? — Karen pergunta ainda encarando Marcos.

— Claro, até lá... Tchau Marcos. — ele nem me escuta.

Então, saio dali depressa. Eu hein, que foi aquilo? Deu para perceber que tinha uma tensão sexual no ar entre os dois. Passo pelo corredor de sempre para ir para minha sala, estou distraída quando tropico em algo que me faz cair. Eu me apoio em meus joelhos, que doem com o impacto. Levanto meu rosto, escutando os risinhos do maldito grupinho de cobras.

— Olha por onde anda, vadiazinha. — Emily diz colocando os óculos rosa e saindo com as cobrinhas desfilando atrás dela.

Grrr, que vaca!

Levanto devagar com o joelho latejando, e agora eu estava realmente marcando. Eu me recomponho, respiro fundo e sigo para a minha aula.



Capítulo 13

Vou para minha última aula e meu estômago revira com só de lembrar que Walton estaria lá. Entro vendo que o maldito já estava em seu lugar, sentado gloriosamente com um pé na cadeira da frente e com os braços cruzados. Tento não olhar para ele quando percebe que entrei na sala.

Todas as salas possuem auditório e contém escadas nas laterais das cadeiras para subir.

Como já estou toda lascada mesmo, subo apenas dois degraus e decido sentar ali. Eu que não sentaria perto daquele ridículo. Só de pensar que ele poderia bater em minha porta hoje, meu corpo sofre em antecipação. A aula prossegue tranquila, e como faltei dois dias, fico lá até depois que todos vão embora, adiantando algumas coisas. Eu olho em volta, achando que todos já tinham saído da sala, quando vejo Calebe na porta encostado na parede.

Merda.

Eu ajeito minhas coisas. Se ele pensa que vai ficar me intimidando a cada cinco minutos, ele está enganado! Arrumo a postura e tento não mancar enquanto caminho até a porta. Tento fingir demência e passar direto por ele, mas Calebe agarra meu braço e me empurra contra a parede ao lado da porta.

— Nem pense nisso... — ele diz perto do meu rosto. — Por que está andando como se fosse uma pata manca? — pergunta com sarcasmo.

— Eu só caí e machuquei o joelho.

Mesmo não sendo só por isso, não deixava de verdade.

Calebe dá um sorriso irônico.

— Tem certeza que não foi outra coisa? — ele arqueia uma sobrancelha e sinto meu rosto arder de raiva e vergonha.

Mas coloquei uma máscara de indiferença e um sorriso sarcástico também. Me aproximo de seu rosto e digo, cerrando um pouco os dentes :

— Não foi, pode ter certeza que o que aconteceu ontem não fez nem Córsega!

— Hmm... — ele me imprensava mais na parede, chega perto do meu ouvido e sussurra. — Não foi isso que pareceu quando estava gemendo de dor...

Filho da puta.

Sem me soltar, ele olha para mim e vejo cinismo em seus olhos.

— Já que está tão bem assim, Bernard. Não vai ligar se eu te fazer outra visitinha hoje à noite, vai?

Engulo em seco e então ele me solta, me deixando ali, com vontade de enfiar minha caneta Bic em seu pescoço. Transtornada, saio da universidade rumo ao meu serviço. Não nego que estava com saudade, eu amava meu emprego. Gustavo era um patrão legal e algumas pessoas me davam bastante gorjeta. Sem contar que eu podia comer sempre que eu quisesse lá. Gustavo pergunta também, assim que vê, porque eu estava andando torto, e eu já estava ficando com ódio dessa merda. Tudo culpa daquele desgraçado, e só de imaginar o pau dele enfiando em mim de novo me dá vontade de morrer. Termino meu serviço e vou para casa, e para meu azar, Caleb estava na minha porta, me esperando com um sorriso que se eu pudesse e tivesse coragem, quebraria com minhas próprias mãos. Abro a porta, peço que espere eu tomar banho. Eu visito um vestido solto, não ficaria toda pelada para ele nem ferrando, isso nunca. Fico na posição de quatro como ontem. Ouço ele abri uma camisinha e logo começa todo aquele inferno. E dessa vez a culpa era minha.

Eu e minha boca grande.



UMA SEMANA DEPOIS

Os seis últimos dias tem sido uma merda. Calebe quase não me deu paz, foram quatro dias seguidos indo em minha casa, me resultando uma pequena assadura em minhas partes íntimas. Havia dias que eu não conseguia nem sentar direito. Ele estava sendo bruto de propósito. Os dois últimos dias que Walton veio em minha casa, pedi para ele parar durante o ato, pois estava doendo e machucando muito, e mesmo com a maior cara de cu irritado, ele parava. Porém dizia que voltaria para terminar. Eu sabia que ele odiava quando eu o interrompia, não o deixando gozar. Eu sabia que ele me puniria pior na próxima vez. Mas eu precisava de descanso, já não estava suportando mais ver a cara dele. Pedi ao Gustavo para aumentar minhas cargas de trabalho para que eu pudesse ficar mais tempo no trabalho. Bem, acho que ajudou. Eu estava chegando em casa às 20h e já fazia dois dias que Caleb não estava na minha porta esperando por mim. Não sei, se porque era fim de semana, não importa, eu estava feliz por não vê-lo.

Minha vagina agradece de coração.

Estou em casa fazendo minha janta. Eu havia recebido. Meu aluguel estava pago e consegui comprar comida e coisas para casa. Penso em procurar um outro emprego, quem sabe assim, posso tentar conseguir o dinheiro para pagar o Calebe. Ainda não entendia muito bem sobre esse lance dele vender drogas, eu sabia que Walton conhecia muitas pessoas desse ramo, mas jamais imaginei ser ele o vendedor. Eu tinha esperança que minha mãe voltasse. Às vezes ia na esquina dar uma olhada para ver se a via. Mas nada. *Eu só queria que ela estivesse viva...*coloço comida no meu prato e como tranquilamente. Termino, escovo os dentes e decido ligar um pouco a TV, até minha atenção ser tirada com a porta batendo. Meu corpo gela. E se for minha mãe? Com esse pensamento, pulo do sofá e animada vou até a porta, só para ver que infelizmente não era minha mãe, e sim o próprio demônio. Desanimada, abro a porta.

— Já está tarde, Calebe. — eu digo abrindo passagem para ele passar.

— E eu com isso?

Eu não tinha percebido que ele tinha uma sacola na mão, até que o vi colocando-a sobre a mesa.

— Achei que já estaria sentindo minha falta, poxa. — ele zomba, mas quando ele olha para mim e percebe que minha cara estava fechada diz :

— Relaxa, só vim trazer isso. — Calebe aponta para mesa, onde colocou a sacola e eu pisco confusa.

Ele chega um pouco mais perto de mim e eu dou um passo para trás. Acho que nunca vou me acostumar com isso.

— Até amanhã, Bernard. — diz simplesmente e vai embora.

Ele deve ser algum tipo de maluco?

Vou até a mesa e com medo de ter uma bomba dentro da sacola, abro com cuidado. *Era um spray para assadura.* Dou um sorriso odioso.

— Se eu matá-lo, minha sentença será reduzida porque peguei leve? — me pergunto, jogando aquela maldita lata no sofá e me recostando nele. Pego uma tesoura que eu tinha colocado do lado e abro e fecho devagar. Preciso encontrar um jeito de pagá-lo.

Eu tinha que me livrar das mãos de Calebe Walton.



Capítulo 14

Saio da casa de Bernard sorrindo acendendo meu cigarro. Eu amava ver a cara de idiota dela quando recebia algo como aquilo. Era para ela ter ciência de que eu sabia que estava muito dolorida por minha causa. Subo na minha moto e vou embora. Eu sabia que Lilly estava fazendo horas extras para evitar minhas visitas em sua casa. Mesmo com ódio por não ter gozado nas duas últimas duas que transei com ela, eu estava satisfeito por vê-la implorar para parar, ninguém mandou ficar me Provocando. Ela tinha que entender que quem caça acha, e eu a deixaria de cadeiras de rodas se ela não parasse de me desafiar.



Saio da porra da aula de economia, eu odiava estar nessa merda de universidade. Por mais que eu amasse números, não gostava disso aqui. Eu não era uma pessoa burra nem nada, sempre tive boas notas, só nunca fui um aluno exemplar... Isso nunca. Sobre os trabalhos que eu mesmo poderia fazer mas não faço. Bem, aí não teria graça de ver a cara da caloura toda assustada quando ia entregá-los para mim todos feitos. No começo, eu nem olhava, apenas entregava aos professores, mas depois de um tempo passei a observar como a caligrafia dela era impecável. Caminho até o refeitório e vou para mesa onde estavam Mateus e Noah .

— Vocês viram a esquisita? Hoje ela apareceu sem as tranças ridículas dela. — Noah fala, olhando para o canto.

— Pois continua estranha e ridícula do mesmo jeito. — Emily chega do nada, sentando perto de mim com o nariz torcido.

Eu olho para onde eles estão olhando e meus olhos encontram os *dela*. Mas Lilly desvia rápido. Ela estava com Karen ao seu lado como sempre, minha irmã grudou nela como um carrapato. Eu a observo melhor. Lilly estava diferente, seus cabelos estavam lisos e presos em um rabo de cavalo, ela usava uma blusa azul de manga curta e uma saia Jeans que acentuava todo seu corpo.

— Ela pode ser até estranha, mas aquela saia a deixou mó gostosinha. — Mateus diz, passeando os olhos pelo corpo de Lilly enquanto enrola um cigarro.

Eu aperto meu maxilar.

— Por que sua irmã, passa tanto tempo com ela? — Noah pergunta. — Acho que é o único ser nesse lugar que chega perto da putinha encardida.

Eu me levanto bruscamente, assustando todos da mesa. E antes que eu soque a cara de Noah, saio dali em direção à porta.

— Qual é o problema dele... ? — escuto a voz de Noah atrás de mim, mas ignoro todos eles.

Passo perto de Lilly, que está conversando com Karen e as interrompo.

— Vem comigo! — digo seco sem parar de andar.

— O-o quê? — ela pergunta confusa.

Mas então eu a ouço dizer para Karen um “*Sinto muito, já volto.*”

Ando até virar no final de um corredor e sei que Bernard está atrás de mim.

— Calebe, espera! O que você quer?

Não respondo, continuo andando até não ver nenhum movimento por perto. Chego em uma sala vazia e entro com Lilly

ainda atrás de mim. Eu estava mal-humorado e irritado, tinha que desconfiar de alguém.



Depois que Calebe foi embora, decidi tirar minhas tranças, adorava usá-las. No entanto, tive que economizar dinheiro e não poderia trocá-las por enquanto, e como estavam bastante gastas, eu as tirei. Demorou um pouco, mas quando terminei, lavi e escovei o cabelo. Já faz um tempo desde que eu usei dessa forma. Quando cheguei na faculdade, como sempre Karen estava na porta me esperando. Eu amava sua companhia, era como se de alguma forma, ela fosse meu escudo para manter Calebe longe de mim quando estava com ela.

Até hoje.

Pois ele interrompeu nossa conversa deixando eu e Karen confusas. Não querendo irritá-lo, eu o sigo. Ele me guia até uma sala completamente vazia.

— O que estamos fazendo aqui? — pergunto nervosa e intrigada.

— Fecha a porta. — Calebe cruza os braços olhando para mim. Eu a fecho, começando a suar frio. — Se firma naquela mesa de costas.

— O QUE?? — minha voz sai um pouco alta, enquanto olho para a mesa de professor em cima do auditório, já entendendo o que ele queria.

— Tá surda? Faz logo o que eu mandei!

— Calebe aqui não... E-u, Eu não quero...

— Ainda não perguntei o que você quer, Bernard! — ele me olha impaciente. — Vamos caralho! Ou você quer que eu te coma em pé mesmo?

Caminho devagar com meu peito encolhido até a mesa.

— Tira a calcinha! — Calebe pede ríspido, ainda parado no mesmo lugar.

— Calebe... —eu tento.

— Merda de garota insuportável, vou aí eu mesmo tirar essa porra de calcinha!

— Ok, tudo bem... Eu vou tirar.

Derrotado eu atiro. Então ele se aproxima, e já estou de frente para a mesa. Sua mão pressiona minhas costas, me empurrando de bruços sobre a mesa. Sinto uma de suas mãos passando por baixo da minha saia, puxando-a um pouco para cima.

— Está em dias com as pílulas? — ele pergunta com a voz rouco em meu ouvido, enquanto acaricia minha bunda.

— S-sim — eu digo trêmula.

Eu não acredito que ele ia fazer mesmo aquilo ali. Como a possibilidade de qualquer um entrar e nos flagrar. Depois da minha resposta, não vejo, mas sei que ele estava abrindo sua calça. Como eu era quase 20 centímetros menor que ele, Calebe se abaixa um pouco para encontrar minha entrada, se enfiando de uma vez em mim. Ele se move, respirando um pouco ofegante em meu pescoço. E eu fico lá, tentando não fazer barulho enquanto ele me fodia em uma sala qualquer, em cima da porra de uma mesa.



Calebe Walton

Porra, Lilly era tão quente e apertada. Me enfiar nela sem camisinha foi uma das melhores coisas que já senti em toda minha vida, e olha que não tenho uma lista tão grande assim. Não demoro muito e logo gozo dentro.

E céus, que maravilha!

Saio de cima dela e pego um lenço no bolso do meu moletom, coloco do lado do rosto dela que ainda estava sobre a mesa e caminho até a porta. Antes de sair, me viro vendo Lilly puxando a saia para baixo, pega o lenço e começa a limpar entre as pernas. Eu finalmente me viro e saio da sala.

Ela iria ser minha até quando eu quisesse, e eu a queria por muito tempo.



Capítulo 15

— Está tudo bem? — Karen me pergunta, assim que eu volto para o refeitório.

Não, não está nada bem.

— Sim...

— O que ele queria? — ela me olha curiosa.

— O de sempre... Calebe é um lembrete para eu nunca esquecer minha insignificante vida nesse lugar.

Sei que todos sabem como Calebe me trata e não fazem nada a respeito disso. Até porque ninguém pode com ele.

— Nossa, eu sinto muito de verdade, se eu poder fazer alguma coi...

Eu a interrompo.

— Esquece isso, eu já estou até me acostumando. — minto lhe dando um sorriso triste.

Percebi que o grupinho de cobras estão olhando para mim e dando risinhos desde que me viram. Karen se aproxima, e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Não ligue para eles... Você está livre hoje? — ela muda de assunto, fazendo-me voltar minha atenção para ela.

— Sim, hoje é minha folga... Estava pensando em fazer uma faxina em casa.

— Posso te ajudar, se aceitar tomar um suco comigo! — Karen fala animada, me puxando para fora do refeitório.

— Karen... Minha casa só tem dois cômodos. — eu dou um sorriso, até perceber que ela ficou meio triste.

— Maaas... Vou precisar de ajuda enquanto lavo o banheiro.

— Ótimo! — diz batendo palminhas e me abraça de lado.

Só ela para me animar depois do imbecil do Calebe me submeter aquela merda.



— LILLY! — Karen grita, fazendo-me sair cheia de sabão nas luvas do banheiro.

— Aconteceu alguma coisa?? — pergunto procurando algum vidro quebrado ou algo pior.

— Não exatamente, eu só queria que você visse o que eu fiz aqui... — ela dar um giro para eu ver a casa.

— Eu nunca fiz isso. Então não sei se ficou como você queria, eu particularmente adorei.

Sorrio e observo minha pequena casa. Estava tudo bem arrumado. Karen trocou as roupas de cama, tapetes e cortinas por cores quase lilás, deixando a casa uniforme.

— Está muito bom, Karen... Você nunca arrumou uma casa? — eu pergunto perplexa.

— Não...! Bem, não que eu não quisesse, mas tenho gente que faz isso pra mim. É até tedioso às vezes, sabe... Não ter nada para fazer.

— Karen, você é rica... Deve ter várias coisas para fazer. — eu limpo o suor da minha testa com meu braço.

— Teria se meu pai me deixasse viver... Acho que às vezes ele esquece que eu já tenho dezoito anos, só estou aqui na sua casa porque minha mãe me ajudou a me livrar do meu motorista. — diz tranquila, e eu começo a tirar as luvas das mãos.

— Não acredito que me usou para fugir da sua vida de rica. — eu cruço os braços, fingindo estar ofendida.

— Desculpa, Lilly. Minha vida é bem mais emocionante limpando sua casa, acredite.

Dou um sorriso balançando a cabeça de um lado para o outro e volto para terminar de limpar o banheiro. Alguns minutos depois. Já com tudo arrumado Karen me implora para ir tomar o bendito suco com ela, a coitada deve estar com fome, só tinha banana e biscoito para oferecer e ela rejeitou. Então decido levá-la ao meu trabalho. Como era perto da minha casa, fomos a pé mesmo.

— Eu achei que hoje era seu dia de folga. — Gustavo fala sorrindo assim que me aproximo do balcão.

— E é! Hoje sou uma cliente. — eu digo e me viro para Karen.
— Esse é meu chefe. Gustavo, essa é Karen... Minha... — gaguejo.

Não sei ainda se podia chamá-la assim.

— Amiga! — Karen completa levando a mão para Gustavo.

— Você parece uma boneca, vocês duas parecem... Bem vinda, Karen.

— Não acredite nele, ele só quer que você compre o café mais caro. — brinco e ele faz uma careta engraçado pra mim.

Vamos para mesa assim que fazemos nossos pedidos.

—Meu Deus!! Karen praticamente grita, abaixando-se quase debaixo da mesa.

— O que é?? —eu pergunto assustada.

— Olha discretamente para rua.

Sem ser nada discreta e movida pela curiosidade, olho para rua através do vidro do café e é vejo Marcos passando na rua. Ele me vê e acena para mim, faço o mesmo acenando de volta.

— Ele já foi? — Karen pergunta.

Espero um pouco mais, até que ele vira uma esquina.

— Sim.

— Ufa, obrigada.

Karen se ajeita na cadeira e eu olho para ela.

— Qual é o lance de vocês dois? —pergunto, assim que chegam o suco e os donuts.

— Nenhum. —ela fala tomando um gole de suco.

— Você gosta dele! — Sussurro chegando meu corpo um pouco para frente.

Ela me olha nervosa mas não nega.

— Sim, e ele gosta de mim...

— Então por que está fugindo dele? — pergunta ficando confusa.

— Não sei. Eu tenho medo do meu pai não gostar muito. — ela diz triste.

— Ah para... O que ele poderia fazer contra isso? Mandar matá-lo? —Pergunto rindo com o canudo na boca, mas logo fecha a cara quando não a vejo sorrir também — Ah, ok...

— É complicado Lilly.

Karen toma seu suco e respira fundo, mas logo volta com a feição extrovertida de sempre.

— E também, eu ainda não estou pronta para ver um pau em minha frente.

Engasgo com meu suco e olho para o lado para ver se alguém ouviu.

— Karen!! Isso ficou horrível saindo de sua boca. — digo me limpando do pouco de suco que caiu em minha blusa.

— Eu sei... Sempre quis falar isso em voz alta para alguém. — ela sorri me olhando envergonhada.

— Mais uma vez sendo usada... — término de me limpar.

— Você gosta de alguém, Lilly? —perguntou do nada.

— Oh não, não. Não tenho tempo para isso... Tenho que focar no meu trabalho e na faculdade. Eu tenho algumas pessoas para dar orgulho primeiro.

— Como sua mãe?

Eu havia contado a ela sobre o vício de minha mãe há dois dias. Claro, não falei sobre a dívida dela, mas me abri sobre a falta que ela me faz.

— Não só ela, meu pai também! Sei que ele ficaria muito feliz em ter uma filha dona de algum negócio por aí, realizando seus sonhos... — digo começando a sentir meus olhos encherem d'água, só de lembrar dele.

— Ei, você vai conseguir! Posso te contratar para cuidar da minha agência de moda em Paris.

— Ótimo, já tenho um emprego garantido!

Foi tão leve estar com a Karen que nem vi as horas passarem.

— Melhor eu ir, meu pai hora dessas já descobriu a minha fuga temporária. — ela tira seu iPhone da pequena bolsa Prada ao lado.

— Vou com você até a porta.

Levantamos e saímos, ela desce mais um degrau e disca um número enquanto eu espero, mas um movimento estranho me chama a atenção. Três homens de terno do outro lado da rua olham para Karen enquanto analisam algo que parece ser uma fotografia. Olho melhor e, eles começam a vir em direção a onde ela estava. Sem pensar duas vezes, desço os degraus e agarro seu braço.

— Corre!! — falo baixo e ela fica um pouco confusa.

Mas quando aqueles três homens começam a acelerar o passo, Karen percebe, finalmente me deixando puxá-la. Eu corro rápido, eu conhecia um pouco daquele bairro, sei que eles ainda estão atrás de nós, então acelero meus passos.

— Quem são eles? — pergunto alto, enquanto desvio de uma lata de lixo.

— Eu não sei!!

Continuamos correndo até virarmos uma esquina, nos misturando com várias outras pessoas.

— Lilly... Eu não consigo correr assim!! — ela grita atrás de mim.

— Só mais um pouco... Vem logo!

Entro em um brechó que estava bastante movimentado. Pego uma boina, dois óculos e uma peruca loira com mechas rosa na frente.

— Posso experimentar, senhora? — eu pergunto para vendedora com um sorriso falso, olhando para trás a todo momento.

— Claro, fica ali a direi... — Não espero ela terminar e arrasto Karen para o provador.

— Eu acho que morri... — ela se curva segurando os joelhos.

—Shhhhh... — eu digo colocando um dedo nos meus lábios.

Rapidamente peço para ela trocar de roupa comigo, entrego os óculos para ela e coloco a peruca em mim.

—Estou com medo, Lilly...

— Eu também! Mas eles queriam você, pra fazer sabe-se lá o quê. — digo abrindo um pouco a cortina do provador. Quando não vejo ninguém suspeito olho para ela.

— Vamos...!

Saímos de lá devagar. Pago rapidamente as coisas que comprei e saímos para a rua, misturando-nos com o povo.

— Isso foi muito legal, não acha? — Karen me olha sorrindo.

— Eu não acho, e não quero passar por isso nunca mais na minha vida! —digo com a adrenalina ainda no corpo.

— Obrigada Lilly, você me salvou.

Karen sobe no meio-fio e caminha enquanto eu estou na calçada.

— Eu faria Isso por qualquer um... — eu dou uma piscadela para ela.

Ela está prestes a dizer algo, quando tropeça nos próprios pés ainda em cima do meio-fio, e cai no acostamento no exato momento em que um motoqueiro passa, fazendo os dois se chocarem. Tudo aconteceu tão rápido, num momento Karen estava ao meu lado, e no seguinte, a dois metros de distância, inconsciente debaixo de uma

motocicleta. Eu corro rapidamente com meu coração acelerado em direção a ela. Enquanto isso, o dono da motocicleta se vira para mim e sai correndo, fugindo do local. Grito por socorro, para alguém chamar uma ambulância.

A todo momento eu gritava para ela acordar, mas isso não aconteceu.



Capítulo 16

Depois de deixar Lilly na sala, mas calmo, saio da universidade e vou para um bar. Eu pego meu iPhone e liguei para Caion, meu primo. Preciso tirar a imagem daquela garota da minha cabeça.

Chego no bar, Caion já estava sentado me esperando.

— E aí primo! — Caion acena para mim.

— Caion. — sento-me e pego uma bebida.

— O que você tem? Não é do seu feito me ligar para beber em plenas às 15h da tarde.

Pego um cigarro e ele estende um isqueiro para mim.

— Eu só queria passar um tempo com meu primo... — minto.

— Qual é Calebe, nós dois sabemos que isso é mentira.

— Eu só estou com a cabeça um pouco quente.

— Tem haver com seu pai?

— Em parte, é culpa dele . — digo, porque se não fosse a venda de drogas do Leonel, eu não estaria nessa situação.

— Aceitei quitar uma dívida de drogas em troca de sexo. — eu decidido ser sincero.

Caion era o único amigo de verdade em quem eu podia confiar. Ele era filho do irmão do meio do meu pai, que também era muito conhecido no mundo da máfia.

— E isso nem é a pior parte. A garota era virgem e, ainda por cima, da mesma universidade que eu... Nem era ela que devia as drogas, era a vagabunda da mãe! — Eu passo minhas mãos sobre meu rosto atordoado.

— Porra!! Não, espera? — ele tomba para trás, encostando na poltrona. — PORRA! Que caralho fodido, Calebe. — Caion olha para mim, tomando um gole da sua bebida.

— Deixa-me adivinhar... você não se contentou só com uma transa, e está com remorso.

Eu dou um sorriso para ele.

— Aí é que está, eu não estou.

Ele traga seu cigarro.

— Se tivesse, mandaria trazer de volta o Caleb que conheço. — sorri perverso. Ele tinha a mente perturbada dos Walton. — Mas qual é? Você gosta dela, ou só da buceta da Coitada?

— Gosto de vê-la sofrer em minhas mãos... — digo apertando minha garrafa.

Era tão excitante vê-la vulnerável. Talvez eu fosse um sádico de merda, mas estava me fodendo pra isso.

— Coitada, eu teria pena dela se eu não fosse um Walton. — Caion, olha para a bunda da garçonete que passa perto da nossa mesa.

— Podíamos fazer como antigamente, dividir uma puta. O que acha? Você não tem nada para fazer mesmo. — Ele põe os cotovelos na mesa.

— Eu acho melhor na... — Sou interrompido com o som do meu celular tocando. Era Leonel então atendo.

— Sim?

Ele diz e logo desligo ficando sério.

— O que aconteceu? — Caion pergunta confuso.

— Karen.



Depois que algumas pessoas me ajudarem a tirar aquela motocicleta de cima de Karen. A ambulância, que alguém vendo o meu desespero chamou, chegou e colocaram ela em uma maca. Entro chorando, seguro a mão dela quando a sinto apertar de volta. Então eu choro ainda mais, aliviada por ela estar bem. “Karen... Nunca mais faça isso!” Eu fungo pelo nariz e me aproximo dela, que abre os olhos lentamente.

— Karen... Nunca mais faça isso!

Eu fungo pelo nariz e me aproximo dela, que abre os olhos lentamente.

— Mas a culpa foi daquele motoqueiro, filho da puta... — Karen sussurra.

Sorrio limpando minhas bochechas manchadas pelas lágrimas e digo:

— Eu gosto mais de você quando não fala palavrões.

A enfermeira que estava ao lado se aproxima dela, fazendo um curativo em sua testa cheia de pequenos hematomas.

— Por que minha perna dói? — Karen pergunta à enfermeira, levantando um pouco a cabeça.

— Você teve uma fratura, vamos fazer um raio X quando chegar no hospital.

— Meu pai vai me comer viva...! — ela deita a cabeça na maca.

— Só por cima do meu cadáver... — eu brinco e ela sorri também, mas logo depois fica de novo .



Karen teve sorte. Claro, ela deslocou um osso de uma perna. Mas eles disseram que poderia ter sido muito pior se eu não tivesse tirado a motocicleta de cima dela a tempo. Ela está deitada na cama com o pé engessado para cima, enquanto jogamos jogo da velha no verso de um atestado médico que encontramos em cima da mesinha ao lado, quando uma mulher muito elegante entra no quarto com os olhos cheio d'água.

— Karen, meu anjo. Como você está, filha? Por que demorou me ligar? Não faça isso comigo!

Afasto-me vendo que era a mãe dela, dando-lhe licença para abraçar a filha na cama.

— Ai mamãe. Não me aperta, tudo ainda dói... — Karen resmunga.

— Me desculpa, meu amor... — ela afrouxa o abraço. — Como você está? E essas roupas? — pergunta desorientada.

— Eu estou bem, graças a Lilly eu não morri duas vezes hoje. — sua mãe se vira para mim.

— Duas vezes? — ela se levanta assustada.

— Tinha uns cara me seguindo, foi assustador... Mas ela estava lá..

Eu ia dizer que não era para tanto, mas me assusta com sua mãe me abraçando.

— Obrigada Lilly! Eu sou a Valéria. — ela me dá um beijo na bochecha e depois me solta. — Seu pai não vai gostar disso. — cruza os braços, olhando para perna engessada de Karen.

— Ele não precisa saber...

Uma voz masculina profunda soa no quarto, fazendo-me levar um pequeno susto.

— Vai fazer o quê? Arrancar e esconder a perna debaixo do travesseiro?

Eu olho em direção ao dono da voz e me surpreendo. Era um moço de olhos claros e rosto desenhado pelos deuses...Mas meu coração erra uma batida quando ao lado dele, Calebe aparece.

Mas... Mas o que ele estava fazendo aqui?

— Caion!!! — Karen parece animada e o moço bonito, que agora sei que se chama Caion, vai até ela lhe dando abraço.

Calebe continua parado na porta de braços cruzados, encarando toda a cena.

— Oi priminha, acho que você é a primeira Walton a quebrar alguma coisa no corpo.

O QUEE??! Eu escutei bem? Walton?

— É — Karen me olha, como se não fosse para mim saber daquilo naquela hora e volta a atenção para o primo. — Sempre tem primeira vez.

— Calebe... — Karen diz baixinho, mas ele apenas acena com a cabeça.

— E quem é você? — Caion se vira para mim parecendo ter me enxergado só agora.

— Lilly. — digo começando a me sentir deslocada aqui.

Ele pega minha mão sem nem mesmo eu entregá-la para ele e diz , beijando-a bem devagar:

— Lindo nome, assim como a dona.

Eu fico tão constrangida que se tivesse uma água gelada aqui, eu jogava em mim. Meu rosto estava pegando fogo de vergonha.

— Larga de ser ridículo Caion, e solta a mão da minha amiga! — Karen diz.

Então ele logo se afasta e vai dizer algo, mas todos perceberam que Karen ficou tão branca, que parece que ela viu um fantasma.

— Papai!? — outro homem entra com o terno feito sob medida. Ele tinha uma cara fechada e dura, deixando até eu com medo.

— Nós conversamos depois, Karen... Caleb, venha comigo!— única coisa que ele diz antes de sair com Caleb o seguindo.

Valéria puxa uma conversa qualquer com Caion e eu olho para Karen chateada.

— Por que não me contou?

Eu não entendi porque ela me escondeu isso. Nem como eu não sabia que Calebe tinha uma irmã. Ela respira fundo antes de olhar para mim.

— Calebe é meu meio-irmão... Eu não te contei porque achei que não ia querer ser minha amiga se eu te dissesse quem eu era. — ela abaixa a cabeça de novamente e mesmo chateada eu seguro sua mão.

— Eu não faria isso.

— Faria... Ele te oprime a messes, Lilly. É claro que você não ia querer mais uma Walton em sua cola.

— Você não é como ele, Karen...

— Desculpa Lilly, eu não queria mentir para você. Vai deixar de ser minha amiga?— ela me fita triste e meu coração se aperta.

E foi aí que percebi, que ela era tão carente de amigos quanto eu.

— Óbvio que não! Isso não é motivo para eu deixar de sua amiga. — Eu dou um abraço nela.

— Não me aperta... — ela choraminga.

— Sinto muito, é que você é tão fofa que minha vontade é te espremer. — digo dando um sorriso largo, finalmente largando ela.

Calebe Walton

— Que porra você estava fazendo, que não protegeu sua irmã? Sabe quem fez isso com ela? Os italianos, filhos da puta ! E você onde estava, Calebe??? — Ouço Leonel praticamente gritar comigo no corredor.

— Que eu saiba, eu não sou babá dela! E onde estava seus cães de guarda? — cruzo os braços já irritado por ele me culpar por isso.

— Ela é sua irmã!

Eu explodo.

— Não! Ela é sua filha! Sua responsabilidade, não me inclua nessa merda.

Sinto um soco na cara, me fazendo recuar um pouco. Os olhos de Leonel estão arregalados como se tivesse agido por impulso.

— Calebe, filho... Desculpa, eu só...

Eu dou um sorriso amargo enquanto limpo o canto da minha boca manchada de sangue e passo por ele esbarrando em seu ombro, indo em direção à saída. Mas vejo Lilly na porta do quarto de Karen, conversando com Caion, que a olhava com desejo . Sem pensar, vou até ela e os interrompo.

— Vamos , vou te levar para casa!

— Eu estava preste a fazer exatamente isso, querido primo.

— Caion diz e dou um passo para frente e Lilly percebe.

— Tudo bem, Caion, eu vou com ele... A gente se ver por aí...

— ela dá um sorriso, que eu nunca vi sendo direcionado a mim. Lilly,

olha para mim por alguns segundos depois caminha para fora.

Caion parece confuso, mas o ignoro caminhando e ultrapassando Lilly, que está quase na rua. Vou até onde minha moto estava estacionada e jogo um capacete para Lilly, que sobe atrás de mim. Eu estava com um ódio e raiva de tudo. Acelero a moto mais do que o normal. Sinto Lilly agarrar minha cintura com medo, e isso me motiva a ir mais rápido.

Chegamos na casa dela e ela me entrega o capacete ajeitando o cabelo.

— Você vai entrar, não é. — Lilly diz um pouco desanimada.

Não tinha sido uma pergunta.

— Sim.



Lilly Bernard

Capítulo 17

Descobri que Calebe era irmão de Karen, foi um choque. Como alguém como ele, poderia ter uma irmã como ela...? E qual era do primo deles puxando assunto quando eu estava na porta do quarto? Ele estava flertando comigo?

Não Lilly, não viaja.

Tudo estava muito louco e eu ainda estava curioso sobre os homens que nos perseguiram antes do acidente de Karen. Foi um dia muito perturbador... E eu ainda estava processando tudo aquilo. Eu vi como Caleb estava olhando para seu primo quando ele me chamou para ir embora. Eu não queria causar nenhuma confusão. Caion estava apenas sendo gentil comigo naquele momento. Decido ir com Calebe. Eu monto em sua garupa, segurando apenas seu moletom. Até ele acelerar muito aquela porcaria de moto, me fazendo quase ter um treco de medo. E sem opção, abraço sua cintura com força para não cair e morrer estabacada no chão.



Entro em casa com Calebe atrás de mim. O dia foi tão cansativo... Mas não diria isso a ele.

— Eu só vou tomar um banho...

Eu pega aquela minha blusa comprida e entro no banheiro, ficando mais tempo que o normal lá dentro. Termina, coloco a blusa e saio do banheiro sem calcinha. Calebe está encostado na parede e sinto seu olhar a todo momento em mim. Antes dele pedir, vou para cama ficando na posição de sempre. Levo um pequeno susto

quando sinto ele pegar uma das minhas pernas e colocar em cima da cama, enquanto apoio a outra na ponta do pé no chão me deixando aflita, pois ele parecia zangado com algo.

E quando ele não estava zangado?

Calebe abre as calças e sem cerimônia me penetra. Mordo o travesseiro para abafar meu desconforto. Eu queria poder dizer que estava me acostumando com o pênis dele.

Mas não estava...

Ele começa a se mover e eu viro minha cabeça para o lado, tentando olhar para ele e decifrar o que se passa em sua cabeça. Mas quando Caleb percebe que estou olhando para ele, ele puxa meu cabelo com força e vira minha cabeça para o colchão e aperta, quase me sufocando.

— Eu não quero olhar para essa sua cara! — Ele segura minha cabeça firmemente contra a cama, enquanto acelera suas estocadas, fazendo-me apertar mais os lençóis.

Desgraçado de merda. Eu o odiava tanto.



Quando Calebe vai embora, sem nem mesmo olhar na minha cara direito. Sento na cama pondo meus joelhos sobre o peito. Meus olhos ardem e lacrimejar mas eu engulo as lágrimas. Olho para pequena mesa no canto da minha cama, onde tinha uma foto minha com meus pais. Fico de joelho e caminho de quatro até pegar a foto e volto a sentar na cama. Passo as mãos pelo retrato. Eu devia ter um dez anos naquela época. Via meu sorriso amarelo feliz, com meus pais ali comigo. Eu sentia tanta falta disso, me sentia abandonada e traída. Meu pai não tinha direito de morrer... Meu dedo vai para o rosto da minha mãe, ela era tão linda. Seus olhos e sorriso tinha vidas. Seu corpo tinha Curvas e volume. Pensar nela faz meu coração arder. Apesar de ser ela a causadora de toda essa merda com Calebe, eu nunca iria abandoná-la, eu tinha que achá-la. Ponho o porta retrato em meu peito e deito de lado na cama. Abraço aquele objeto como se de fato, minha família estivesse ali comigo. Logo me rendo ao cansaço, e durmo.

Quando acordo a primeira coisa que faço é ligar para Karen. Ela já estava em casa e melhor. Me pediu para visitá-la, mas eu falei que ia esperar um pouco e ela não insistiu. Talvez um dia, que não encontrasse seu irmão por lá.

Eu havia bolado um plano hoje, cujo nome eu dei:

“Evite Calebe, e terá o pau dele longe da sua vagina!”

Depois do que aconteceu naquela sala de aula, eu não ia usar saia ou vestido na faculdade por um bom tempo. Eu pego uma regata marrom e visto uma calça moletom. As jeans estava suja e eu também não conseguiria usar um hoje... Com meu plano em mente, sigo meu destino de todos os dias. Para minha sorte, Calebe não tinha vindo hoje, Então foi um dia mais tranquilo. Bem, até Emily e seu grupinho me encurralarem em um corredor vazio.

— Oi Emily... — eu digo tranquila.

Eu não tinha medo dela e talvez fosse isso que a irritava tanto.

— Eu não pedi para você abri essa boca nojenta sua ainda...!

— Acontece, que você não manda em mim!! — digo cruzando os braços.

Ela se aproxima e cospe em mim. Passo a mão limpando, sentindo um puro ódio em meu peito e quando vou até ela, as duas amigas avançam segurando meu braço.

— Mas que merda! Vocês são loucas? Me larguem! — eu grito.

— Eu falei que você ia me pagar por ter tocado em mim com essas mãos de macaca Chita! — ela chega muito perto e puxa forte meu cabelo.

— Você não me ofende, Emily... Dá para ver que você é uma puta racista covarde! Só está em minha frente, porque suas pau mandadas estão me segurando.. O que é? A bonita não consegue se defender sozinha? — dou um sorriso odioso para ela.

— Cala a boca, cadela! — Emily cerra os dentes e aperta mais forte meus cabelos para baixo.

— Emily, larga ela. — então sinto seu aperto afrouxar assim que a voz de Matheus invade o ambiente. — Você sabe que Calebe não vai gostar de saber disso.

— Ele não precisa saber. É injusto só que só ele possa brincar com essa vaca. — ela diz essa última parte bem perto do meu ouvido.

— Emily...

Mateus fala virando a cabeça para o lado, para Emily perceber que havia algumas pessoas passando. Então ela e suas amigas me largaram.

— Sorte sua que Calebe te odeia mais do que eu, vadia suja! Mas essa conversa ainda não acabou. — ela se vira e sai desfilando em cima do seu salto rosa, com as duas garotas atrás dela.

— Cobras... — murmuro, vendo que Mateus ainda estava na minha frente com seu topete ridículo e descolorido. — Obrigada. — agradeço mesmo não gostando dele.

— Eu não te salvei, apenas alertei Emily. Tem alguma porra acontecendo com Calebe e por algum motivo, acho que a culpa é sua. Então não se mete no meu caminho, ou vou esquecer que só amigo de Calebe! — ele diz com a voz carregada de desdém, me deixando confusa.

Eu me movo, saindo daquele corredor.



Três dias se passaram e Calebe não apareceu na universidade ou na minha casa. Eu já estava cogitando a ideia dele ter mudado de faculdade. Isso me deixava bem animada, mas eu não podia contar vitória antes do tempo.

Estou chegando no Campus, quando meu celular toca e atendo.

— Karen...

— Oi Lilly, estou entediada e com saudades...
**Você poderia vir neste fim de semana, minha mãe
estas totalmente de acordo.** — Karen fala do outro lado

da linha e ouço sua mãe gritar ao fundo um “ *fala pra ela trazer pijama pra dormir aqui filha*”

Sorrio por isso, mas só de pensar em ver seu irmão por lá, me fico nervosa.

— Eu não sei não, Karen...

Como estou caminhando olhando para o chão, quando levanto cabeça, vejo Calebe me esperando na porta da universidade e meu corpo estremece.

— Karen, posso te ligar mais tarde?

— Sim, mas pensa com carinho... Ele não entra no meu quarto, Lilly. Fique tranquila quanto a isso. — diz se referindo a Calebe.

Desligo o celular assim que me aproximo dele.

— Bom dia, caloura. Sentiu minha falta?— Walton, pergunta levantando uma sobrancelha.

Ele estava muito bonito hoje, usava uma camisa preta como sempre, fazendo com que todas as suas tatuagens se destacassem. Eu paro de prestar atenção nisso e o encaro de volta.

— Você não sabe o quanto ... — digo ironicamente, forçando um sorriso. — Eu nem estava planejando uma festinha de despedida para você, caso você não voltasse nunca... — passo por ele, fico na ponta dos pés e digo perto do seu ombro com a voz cheia de sarcasmo — Eu juro...

Dito isso, tento entrar rápido. Calebe estava com uma cara terrível de quem me esfolaria viva ali mesmo. Mas minha coragem só dura assim que ele puxa meu braço forte para trás, fazendo-me ficar cara a cara com ele.

Droga.

— O que foi? Que cara é essa? Não é a bichona, Srta. Bernard ?

— Me larga! — tento me soltar dele.

— Não me teste, esqueceu que posso deixar você sem sua bolsa em segundos? Eu não sou seus amiguinhos... Há e mesmo,

você não tem nenhum. Por que ninguém gosta de você de verdade, pra te considerar isso. — cospe as palavras em meu rosto e eu me calo, só pelo fato dele mencionar minha bolsa de estudos.

Minha respiração ficar acelerada e minha raiva por ele só triplica.

— Quero você na minha casa sábado! Use algo que preste, pois terá muitas pessoas importantes. — ele diz ríspido e me solta.

— O QUE ?? Por que? Eu não quero ir! — eu digo decidida. Falo um pouco alto demais e as pessoas que passam perto de nós olham para mim.

— Que bom que você não tem querer! Te vejo amanhã. — Calebe esbarra propositadamente em meu ombro e vira um corredor sumindo.

MAS QUE MERDA!

Ele estava literalmente me obrigando a ir em uma festa na casa dele? *Mas por quê?*

Que pergunta Lilly.

Certamente é para me humilhar na frente dos parentes e amigos ricos. Uma ideia maluca passa por minha cabeça. Pego meu celular e disco o número Karen de volta.

— **Lilly?** — ela atende no primeiro toque.

— **A roupa tem que ser exatamente um pijama?**



Capítulo 18

Depois do soco do meu pai, não voltei para casa por dois dias. Eu sabia que Leonel era cheio de inimigos e que eu e Karen éramos alvos fáceis para eles.

Bem, Karen era um alvo fácil.

Mas eu também precisava de um tempo longe de toda aquela merda. Fora, que irritado e cheio de raiva como eu estava, não daria paz a Lilly. Não que isso realmente importasse para mim, mas quando eu estava com muita raiva, era como se ela fosse minha válvula de escape e eu a machucava muito na hora do sexo. Sempre dei prazer as minhas parceiras sexuais, mas Lilly não era exatamente isso. Sei que às vezes sou muito duro, mas quero deixar as coisas bem claras. Que Bernard não passa de um buceta para mim, que só teria prazer naquilo tudo. Ninguém mandou a idiota se oferecer justamente para alguém como eu.

Eu fui para o meu apartamento. Eu tinha um que ia usar depois que saísse da faculdade, mas estava cogitando a ideia de me mudar para lá o quanto antes. Quando voltei para a casa de Leonel, ignorei todo mundo. Mas Valéria se entrou na minha frente no momento em que eu estava subindo as escadas.

— Calebe, onde estava? —ela pergunta.

— Não te interessa.

— Só ficamos preocupados...

— Não haja como se fosse minha mãe, porque você não é!
— passo por ela.

— Espera, Calebe.... Eu organizei uma pequena festa de aniversário para você, será sábado. Só compareça... seu pai também estava preocupado... — ela diz meia receosa.

Paro e observa aquela mulher. Como ela organiza a porra de uma festa sem me comunicar primeiro? Mas em vez de gritar com ela, a ignoro e subo para o meu quarto. Estava ansioso para ver uma tal morena amanhã.



Vejo Bernard e longe ainda na rua falando ao telefone e sei que é a idiota da Karen. Desde o dia em que Lilly a ajudou a fugir dos inimigos de Leonel. Karen e todos, não conseguia parar de falar sobre “ela”. Me deixando com ódio a cada minuto que ouvia o nome dele ser dito pela casa. Leonel sabia quem era Lilly e o que eu tinha feito com ela. Pois ele mesmo me parabenizou por ter aceitado a proposta dela em troca do dinheiro. Quando Bernard me desafia como agora, minha vontade é de enfiar meu pau na boca dela, até vê-la ficar sem voz. Ela tinha que saber que quem manda sou eu! E nada melhor do que tocar em sua bolsa de estudo. Isso era tão gostoso, eu tinha Lilly em todos os sentidos na palma da minha mão. A princípio, eu não ia convidá-la para aquela porra de festa. Mas se ela fosse, isso poderia me animar de alguma forma que me deixa duro imediatamente só de pensar nela no meu quarto.



Vou fumar em algum lugar, ficar sozinho era um dos meus melhores passatempos. Quando vejo Lilly indo para o trabalho, descido ir embora também, tinha que me controlar quando a via. Ela pode ter uma boceta gostosa, mas ainda é a caloura esquisita que eu odiava.

Abro a porta de casa e vejo Leonel conversando com Valéria. Ao notar minha presença, ele dispensa a mulher e caminha em minha direção.

— Precisamos conversar!

—Para que? Vai me bater de novo? —eu pergunto com sarcasmo.

Leonel respira fundo.

— Calebe... eu já disse que sinto muito! Você tem que entender que Karen poderia ter sido sequestrada. Eu agir como um pai, um dia você vai entender o que é isso.

— Se depender de mim, você nunca será avô. Esqueça isso!

— Eu também pensava assim, até conhecer sua mãe... — sinto suas mãos em meu ombro e me afasto.

— Não fale dela!

— Eu a amava Calebe... Tenho certeza que se ela estivesse aqui, você não seria assim, alguém tão amargurado...

Dou-lhe um sorriso triste .

— Eu sou assim por sua culpa! Você preferiu construir uma nova família quando seu único trabalho era cuidar da que tinha! Não me culpe por algo que você causou. — Leonel dá um passo para trás.

— Calebe...

— Não! Eu sei o que você está fazendo. Isso não funciona mais comigo... Eu já estou vivendo a vida que você fez para mim. Eu sei quem breve terei que lidar com toda a sua merda, não precisa me lembrar a cada segundo que eu sou seu filho!

Irritado, saio de sua frente. Leonel estava na minha cola a todo momento e agora que faria 20 anos, logo teria que tomar conta das empresas Walton, e fazer a porra de um Juramento a sua máfia, me colocando na posição de herdeiro e futuro capo. Isso significa ser como ele... E eu não quero isso.

No meu quarto eu enrolo um cigarro. Estou cogitando a ideia de ir ver Lilly, mas era tarde da noite, provavelmente ela já estaria dormindo. Desde que aceitei a proposta dela, eu não trepei com mais ninguém, talvez eu estava precisando disso para conseguir enfim esquecê-la.

Hm, talvez isso seja interessante.



SABÁDO A NOITE

Termino de me arrumar. Passei o dia todo no galpão do Leonel, ele queria testar minha mira, se eu acertasse todos os alvos ele me daria um carro novo da minha escolha. Eu ainda não estava falando direito com ele, mas eu era apaixonado por carros, então fui. O resultado óbvio foi que acertei todos e agora tenho um McLaren 720 s spider novinho em folha.

Eu me olho no enorme espelho e só faltava ajeitar meu cabelo, faço isso rápido. Não estava nem um pouco animado para essa palhaçada.

Alguém bate na porta e vou até lá e abro, era Leonel.

— Filho...

— Veio perder outro carro? — eu brinco tentando não ser grosseiro.

Ele sorri, coisa que quase não fazia.

— Eu sei que não gosta desse tipo de comemoração... Mas Valéria organizou tudo como tanto carinho, dê uma chance a ela. — ele tem um tom de voz baixo.

— Tudo bem.

— E como vai sua garota? — ele encosta na porta e cruza os braços.

— Lilly não é minha garota, é só um negócio.

— Hm, mulheres são ótimos negócios... — ele dá um tapinha no meu ombro. — Se divirta. — Ele se afasta, caminhando para seu escritório.

Eu me viro para o lado, seguindo pelo corredor quando Karen sai do seu quarto, Fecha a porta atrás dela e vira em minha direção.

— Mas... Quê que é, isso? — pergunto perplexo, vendo como ela estava. — Você está parecendo um frango depenado.

Ela está ridícula, sua roupa é muito curta e extravagante com penas em todo o comprimento. Ela ainda andava com dificuldade,

por causa da bota ortopédica no pé.

— Obrigada Calebe, vou considerar isso um elogio.

— Não considere, você está ridícula! — aquela roupa não tinha nada haver com ela. — E Leonel não deixará você nem descer as escadas assim.

Vejo sua mãe terminando de subir as escadas, olhando para nós dois.

— Vocês estão aí. Os convidados estão chegando... Calebe, uma garota chamada Tânia, disse que você pediu para avisá-lo quando ela chegasse.

Paro de encarar a roupa horrível de Karen.

— Já estou indo.

Desço as escadas e aceno para algumas pessoas. Até que vejo Tânia, que por sua vez corre ao meu encontro e pula em cima de mim

— Oi Calebzinho... Eu senti sua falta, obrigada por me convidar.

— Oi Tânia. — ela vem me dar um beijo, mas eu viro o rosto.

— Agora não, vamos curtir a festa primeiro. — me afasto de suas mãos.

Ela parece chateada, mas não insiste. Noah e Mateus chegam e pegamos alguma cerveja enquanto o som começa a tocar. Tânia dançava se esfregando em mim. Percebi que Caion também estava lá e acenei para ele de longe. Vejo Karen descer as escadas e Leonel diz algo com uma cara séria, apontando para suas roupas, mas logo ela beija suas bochechas e ele se acalma, voltando para seu escritório. Já havia se passado alguns minutos e nada de Lilly aparecer. Se aquela filha da mãe não vier, eu vou atrás dela e a trago arrastada pelos cabelos. Quando estou prestes a tirar Tânia de perto de mim. Karen manca até a porta, que se abre e uma Lilly extremamente vulgar entra. Seu vestido era bem justo e todo preto, tão curto que a calcinha quase aparecia enquanto ela andava,

fazendo com que todos parassem de dançar só para olhar sua entrada no salão.

— Mas que porra é essa?! — Mateus pergunta, enquanto solta uma fumaça pela boca.

— Filha da puta.

Essas são as únicas palavras que consigo dizer assim que ela para no meio da sala e olha para mim com um sorriso cínico se formado em sua boca roxa pelo batom..



Capítulo 19

Assim que saio de casa, tem um carro me esperando. O motorista me olha meio sem jeito mas não diz nada. O lugar não era muito longe da minha casa. O motorista abre a porta pra mim e eu ajeito meu vestido dando risadas histéricas por dentro. Calebe Walton vai ter um ataque por eu ter vindo para sua festa de aniversário assim. Fiquei sabendo disso por Karen, que concordou em fazer uma pequena surpresa para o irmão.

A casa era enorme, estava mais para uma super mansão de tão linda que era. Caminho até a porta vendo dezenas de carros na frente da casa. Ando em meu salto alto, abrindo a porta com uma entrada triunfal. Todos olham pra mim e por um momento quero me esconder... Eu jamais me vestiria daquele jeito, mas eu precisava fazer isso. Talvez assim, Calebe sentiria tanta raiva de mim e me deixaria em paz. Olho diretamente pra ele quando finalmente entro na sala. Calebe estava com seus amigos em um canto, e tinha as mãos na cintura de uma garota alta de cabelos curtos. Eu dou um

sorriso triunfante quando ele me olha por completo, com o rosto vermelho de puro ódio.

— Lilly! Você está espetacular! — Karen segura meus braços, desviando minha atenção de Calebe.

— Uau! Não. Você está espetacular! Sua mãe não vai nos matar?!

— Não, ela quem escolheu. Meu pai que não gostou muito, mas como vou ficar só em casa, ele não insistiu muito. Caleb, por outro lado, disse que eu pareço um frango... — Karen colocar o cabelo atrás da orelha.

— Frango é aquela galinha que está quase botando ovo nele! — Karen dá uma gargalhada e eu continuo séria.

— Como você está? — Pergunto ignorando o burburinho das pessoas que nos olhavam.

— Estou melhor Agora, com minha amiga aqui.. Nunca na minha vida me vestiria assim! Olhe seu cabelo, o que você fez?

— E só um aplique que comprei em um brechó de última hora. — eu disse abraçando ela eu também estava sentindo falta dela.

— Calebe deve estar surtando, justo no aniversário dele. Acho que pegamos pesado. — Digo estalando meus dedos, começando a me arrepender disso tudo.

— Ele merece... Pense bem, é o meu irmão, porém um bundão as vezes.

Pensei sobre isso, e no inferno que ele está tornando minha vida.

— Jura que sua mãe não vai nos matar?

— Juro. Vamos, meu pai até me deixou beber hoje!

Ela puxa meu pulso e me leva para cozinhar. Passo por Calebe e sei que ele está olhando para mim, finjo indiferença endireitando minha postura e rebolo um pouco enquanto entro na cozinha.

Caleb Walton

— Por que sua irmã é a esquisita estão iguais duas piranhas?
— Noah pergunta assim que Karen é Lilly passa por nós.

— Puta merda, até que tão uma delícia. — Mateus diz.

— Oooouu!!? — Noah a eu damos um soco no ombro dele .

— Foi mal cara! Eu sei que sua irmã, é que...

— Apenas cala a boca, Mateus! — eu falo querendo matar Lilly.

— Quem era aquela? — Tânia que ainda estar ao meu lado pergunta.

— E a amiguinha estranha da irmã dele, elas combinam tão bem... — Noah diz.

— Vou resolver essa porra agora ! — digo me afastando de Tânia indo atrás das duas idiotas na cozinha

— Karen, Leonel sabe que está bebendo? — digo assim que entro e a vejo pondo bebidas no copo.

— Sim, ele sabe!

Lilly finge não ter me notado e quero esganar essa desgraçada.

— Karen, filha — Valéria aparece na porta. — Preciso de você urgente... — ela olha para todos nas na cozinha. — É só cinco minutos, prometo..

Karen olha para mim e depois para Lilly e pergunta :

— Você vai ficar bem?

Lilly me encara e bebe sua bebida sem tirar os olhos de mim.

— Pode ir, vou ficar bem.

Karen sai, e eu aproveito para me aproximar e segurar forte o cotovelo dessa filha da mãe.

— Me explica por que caralhos você estar vestida igual uma puta. — Cerro os dentes me aproximando do seu rosto.

— Mas não é isso que eu sou para você?! Uma puta? Só me vestir como tal. — ela zomba com um sorriso.

— Você só pode estar drogada pra poder estar fazendo isso justo hoje. — Aperto seu cotovelo com mais força.

— Eu apenas estou aproveitando a festa que você me obrigou a vim. Aliás, sou grata a você, agora que eu não sou mas virgem, posso literalmente dar pra quem eu quiser.

Lilly vai tomar um gole de sua bebida, mas eu arranco o copo de suas mãos, jogando-o contra a parede, assustando-a.

— Me larga! Me larga que você está me machucando.

— Você só sabe provocar, mas no fundo é uma puta medrosa! Sabe o que eu faço com vadias iguais você?

— Deixe-me adivinhar.. Vai me obrigar a virar a bunda para você me comer aqui nessa mesa? — há ódio e ironia misturado no seu olhar.

— Não é uma má ideia... — eu dou um sorriso cínico para ela.

— Lilly!

Karen reaparece na porta e, eu a solto fazendo ela passar a mão por onde eu estava segurando.

— Não me provoque se não dá conta de arcar com as consequências. — Digo antes de sair da cozinha com vontade de matá-la.

Desgraçada filha da puta.

Só de imaginar outra pessoa tocando nela, meu sangue já ferve. No momento que arrebentei seu hímen, decretei Lilly só minha! Ela tinha que saber que o único que treparia com ela seria eu, até que eu considerasse a merda da sua dívida paga. Volto pra festa tentando esquecer e fingir que ela não existe hoje, maldita hora que eu obriguei ela a vim.

Quando penso que não pode piorar.. Tudo piora. Karen e Lilly entram bêbadas na sala e ao mesmo tempo que bebem, dançam feito malucas chamando a atenção de todos. Não posso negar que, mesmo Lilly estando extremamente vulgar, ela estava muito bonita.

Não Calebe.. Ela estar ridícula.

Vejo Caion se aproximando dela e chamando-a para dançar. Eu travo meu maxilar e mesmo que Tânia não pare de dançar na minha frente, não consigo tirar minha atenção das mãos de Caion em Lilly, sussurrando algo que a faz sorrir. Ela, por sua vez, olhava para mim vez ou outra enquanto rolava para mim.

Vadia desgraçada!

Essa filha da puta tem que entender que enquanto ela estiver em minha posse, eu serei o único que pode tocá-la. Lilly vai me pagar por me provocar justo no dia da porra do meu aniversário, e ainda por cima na minha própria casa.

Tira as mãos da Tânia de mim.

— O que houve? — ela pergunta sem entender nada.

— Vá pra casa. — irritado me viro para os convidados. — SAIAM TODOS! A FESTA ACABOU! — eu grito com raiva, fazendo as pessoas ficarem confusas. Mas logo elas começam a sair chateadas. Ignorando toda essa merda, pego meu telefone e disco o número de um dos capangas de Leonel.

— Ború, localize o alvo.

Coloquei o celular de volta no bolso caminhando a passos firmes até onde Caion estava, ele ainda tinha as mãos nas costas de Lilly, me deixando com uma puta raiva.

— Solta ela Caion!

— O que tá acontecendo, Calebe? — ele pergunta intrigado.

— Tira as mãos dela e vai embora agora!

Como se Caion tivesse se tocando que Lilly era a garota que eu lhe falei , ele a solta e, ainda olhando para ela , Caion vai embora. A cena de Lilly e Karen confusas, começar a me animar. Eu

me aproximo delas com os braços cruzados, tentando acalmar o ódio que estava dentro de mim.

— Acho que a brincadeira ridícula de vocês duas acabou.

— Calebe, você é um chato, é o pior irmão do mundo... — Karen fala com a voz embarracada e começa a ri e Lilly faz o mesmo.

Eu respiro fundo, sei que Karen nunca diria isso para mim estando sóbria.

— Ele não é só chato.. Ele também é insuportável! — Lilly diz apoiando a mão nos ombros de Karen.

— Oh sim!!

As duas morrem de rir e eu cerro os dentes querendo matá-las com minhas próprias mãos, aqui e agora.

— BERLA! — grito impaciente para a governanta, assim que todos já tinham saindo da minha casa.

Leonel e Valéria haviam ido a uma reunião a alguns minutos atrás.

— Senhor Walton, estou aqui.

— Leve Karen para o quarto, cuidado com os pés dela na escada.

— Mas já acabou? — Karen pergunta, cambaleando para frente e Berla chega a segurando pela cintura, levando-a para cima. — Espere. Lilly, venha!

Lilly está indo atrás dela, apoiando-se na parede, mas eu entro em sua frente.

— Você vem comigo.

— O que? — Karen para no meio da escada. — Você não vai levar minha amiga, ela não é sua.

— Ah, ela é sim! — Digo baixinho só para Lilly ouvir.

Ela tem olhos arregalados, me fazendo sorrir vendo o medo voltando ao rosto dela.

Você não sabe o que te espera..

— CALEBE! — Karen grita, tentando se livrar da governanta.

— Leva essa garota logo daqui! Mas que porra. — eu grito sem paciência.

— Estou tentando senhor! Vem, senhorita Karen.

Mesmo com seus protestos, Berla consegue levá-la para cima.

— Eu não vou a lugar nenhum com você! — Volto minha atenção para Lilly encostada na parede.

— Vai sim! Por bem ou por mal! — eu me aproximo dela e Lilly tenta me empurra para longe, mas sou rápido e a seguro firme pela cintura, jogando-a por cima do meu ombro.

— Me solte! SEU DESGRAÇADO MALUCO, ME SOLTE!

A coitada bate nas minhas costas e esperneia com os pés. Eu a jogo mais para cima, fazendo-a gritar com o movimento.

— Calada!! Você estar fodida, eu falei para não em provocar!

Eu a levo mesmo com seus protestos para o meu carro, jogando-a de qualquer jeito no banco do passageiro. Rapidamente prendo o cinto por ela e tranco a porta, sentando no banco do motorista e começando a dirigir.

— Para onde estar me levando? Me responde seu idiota!

Lilly, mesmo bêbada, consegue me irritar profundamente.

— Fique quieta ou eu te jogo pra fora do meu carro, ainda com ele em movimento.

Então ela se acalma um pouco, encosta a cabeça no banco e a vejo fechando os olhos.



Chego no meu apartamento e percebo que ela estava dormindo, saio do carro e abro a porta dela.

— Bernard?! — eu a chamo, mas ela não acorda. . — Bernard acorda, porra!

.

— Não quero, me deixe... — ela resmunga com a voz totalmente melosa com os olhos ainda fechados.

— Merda!

Abro mais a porta, irritado por ter que carregá-la até lá em cima. Então eu a pego no colo nada surpreso por ela não pesar quase nada.

— Eu sei andar.. Me põe no chão...! — Lilly Protesta, mas a seguro mais forte contra meu corpo, sentindo seu leve cheiro de rosas misturado com álcool.

Vou até o elevador e a sinto envolver seus braços em volta do meu pescoço, me deixando tenso.

— Não deveria usar esse perfume, ele é cheiroso demais para alguém como você usar. — Lilly diz perto do meu rosto, me fazendo sentir seu hálito de álcool.

— E você deveria calar a boca. — Entro no elevador e as portas se fecham.

— Ai, Karen estava certa... você é um chato! —eu Ignoro suas falas de bêbada.

As portas se abrem e eu entro no meu apartamento, colocando-a no chão de frente para mim, mas quando Lilly dá o primeiro passo, ela tropeça nos próprios saltos e tomba para frente, E o mais rápido que posso a seguro, fazendo nossos rostos ficarem muito próximos., Lilly me encara com aqueles olhos negros intenso, e eu não desvio o olhar dela por alguns segundos.

— Você não disse que sabia andar? — Zombo desviando meus olhos dos delas.

Eu a levo para meu quarto a guiado até senta-la em minha cama.

— Que lugar é esse? — Lilly pergunta passando as mãos sobre os lençóis.

— Você vai saber mais tarde, se eu contar agora, você não lembrará amanhã. — digo me lembrando do real propósito que a trouxe aqui.

Lilly não diz mais nada, apenas se deita lentamente na cama e fecha os olhos. Sento-me na poltrona ao lado, acendo um cigarro e começo a fumar, admirando as curvas do corpo da pequena morena em minha cama. A calcinha de renda branca estava toda à mostra, não deixando quase nada para imaginação. Lembranças dela desfilando assim para todos verem, voltam à tona e meu corpo se contrai em pura ira. Vê-la se esfregando em Caion, só me faz ter mais ódio de toda aquela situação.

Meu telefone toca e eu vejo quem é, e atendo.

— Senhor Walton, alvo localizado!

Desligado e solto uma fumaça enquanto sorrio diabolicamente sem mostrar os dentes e volto a olhar para ela dormindo tranquilamente e tão vulnerável.

Eu vou te mostrar que você é só minha, Lilly Bernard.



Capítulo 20

Abro os olhos tentando lembrar porque minha cabeça dói tanto. A cama é tão confortável que me espreguiço começando a ter flashbacks da noite passada. Vestido provocante, festa, Calebe, bebida...

Merda, estou ferrada.

Eu me movo na cama e me assusto com Calebe sentado em uma poltrona olhando para mim

— Achei que não fosse mais acordar.

Seus olhos estão escuros sobre mim, então me levanto e sento na cama, tentando puxar meu mini vestido para baixo.

— Ontem você não estava com essa vergonha toda, pelo que me lembro. — Calebe ironiza colocando os cotovelos nas coxas.

— Onde estou? — pergunto notando que estava em um quarto luxuoso e muito bonito.

— Quero te mostrar algo.

Eu o vejo se levantar e sair da sala. Meu sexto sentido me alerta que o que ele me mostraria não seria coisa boa. Começo a ter calafrios, eu não deveria tê-lo provocado tanto. Depois que lhe falei aquelas coisas na cozinha, ainda fui inventar de beber com a Karen. Eu nunca tinha colocado uma gota de álcool na boca, mas as ontem, eu estava muito chateada e com muita raiva de Calebe. Quando vi a oportunidade de deixá-lo irritado, não quis deixar passar. Quando dancei com seu primo, eu só queria me divertir um pouco. Até o momento em que Caion sussurrou em meu ouvido,

dizendo que eu estava muito bonita e que queria meu telefone. Claro que eu não passaria, mas a cara de Calebe e dos seus amigos era impagável. Volto ao presente e tento pensar no que ele queria me mostrar. Ele logo retorna com um envelope laranja, e só sua presença me deixa nervosa.

— Abra! — ordena.

— O-o que é i-isso..?

— Se não abri, não vai descobrir. —Calebe cruza os braços.

Com receio, abro o envelope e sinto meu coração latejar de dor com a primeira foto. Vejo as outras três rapidamente, sentindo todas no sangue sumir do meu corpo. Eram fotos da minha mãe, em uma ela estava sentada na calçada, olhando para o nada. Nas outras, ela estava deitada no chão toda suja e machucada.

— O que você fez? — eu encaro Calebe com meus olhos cheios de lágrimas.

— Eu não fiz nada!

— Você prometeu que não iria machucá-la — eu me levanto e olho para cima, ficando cara a cara com ele. — Por que ela está ferida? O trato era não tocá-la... Me responda!!

Levanto a mão para bater esse seu peito pela raiva que estou sentindo, mas Calebe segura minha mão com força antes que eu o toque e me puxa para mais perto dele.

— Eu não a machuquei! Não esqueça que, antes de tudo, ela é uma viciada qualquer! Só quero que veja que sei exatamente onde está sua mãe, e que a vida dela depende de você.

— Tá falando do quê...?

— Não se faça de sonsa, sua idiota. Já esqueceu seu show de ontem ? Você tem que entender que enquanto eu estiver te fodendo, meu pau vai ser o único entrar nessa sua buceta! — ele solta meu braço e me empurra na cama. — Agora levanta a porra dessa roupa que eu quero te comer!

Tento reprimir as lágrimas que insistem em cair e limpo meu nariz com braço.

— Calebe, agora não... Eu não estou me sentindo muito bem.

— Foda-se o que você está sentindo, garota. Tira o caralho da roupa logo!

Então eu faço o que Calebe mandou, com medo de que ele vá atrás da minha mãe e a machuque ainda mais. Fico em pé e tiro minha calcinha, deitando-me como de costume. Como está muito claro quando viro meu rosto um pouco, tenho uma pequena visão do pênis de Calebe enquanto ele abre o zíper de suas calças. Arregalo os olhos. Aquilo era maior do que eu imaginava. Eu nunca tinha o visto antes, apenas sentido. Fecho os olhos tentando esquecer aquela imagem na minha cabeça.

Eu não vi nada, eu não vi nada.

Respiro fundo e aperto mais os olhos ao senti-lo entrar em mim. Tentei não grunhir, mas era impossível com seu negócio daquele tamanho surreal me machucando. Calebe, por outro lado, estava calado como sempre. Quando ele termina e fecha as calças, abaixo meu vestido e procuro minha calcinha, mas não consigo encontrá-la.

— Você está procurando isso? — eu me viro para Calebe, que está segurando minha calcinha com um dedo.

— Me devolva ! Você já me usou, agora me leve para casa! — Eu tento tirar de suas mãos, mas o filho da puta levanta o braço com um sorriso ridículo no rosto.

— Você não vai a lugar nenhum!

Ele abaixa a mão e coloca minha calcinha no bolso da calça, saindo do quarto e vou atrás dele.

— Calebe, espera. Do que você está falando...?

— ainda não terminei com você, não se preocupe, vai adorar meu apartamento, é melhor que sua casa.

Ele apenas vira a cabeça para mim enquanto continua caminhando até a porta, abrindo-a.

— Passar bem, Bernard. — ele diz saindo e começando a fechar a porta.

Então corro até alcançar a maçaneta, assim que ele a tranca por fora.

— Calebe...!? Calebe, abre a porta! — bato na porta ao mesmo tempo que puxo em vão a maçaneta, desesperada.

— ABRA A PORRA DA PORTA, EU NÃO POSSO FICAR AQUI!... Calebe ... — agacho lentamente no chão ainda segurando a fechadura. — Seu desgraçado...

Viro devagar, eu não sabia que horas era. Então levanto do chão me apoiando na parede, limpando meus olhos. Marcho de volta para o quarto, começando a procurar meu celular. Jogo os forros de cama no chão procurando por todo lugar e nada.

— Filho da puta desgraçado. — me sento na cama e jogo com força o travesseiro no chão. Calebe não o deixaria aqui, com certeza o levou com ele.

Volto para sala e vejo um telefone fixo. Aliviada me aproximo, mas o fio estava cortado.

Grrrrr!!

Eu não podia acreditar no que estava acontecendo. Eu não sabia por quanto tempo ele me deixaria aqui e o que realmente faria comigo. Bem, isso era fácil descobrir, já que ele mesmo disse que eu era seu objeto sexual. Seu ego estava ferido porque eu provocado dizendo que transaria com outro?

Qual é o problema dele?

Por que simplesmente ele não me deixa em paz? Eu não sabia que era proibido isso, até porque, ele vive ficando com outras, porque eu não posso? Claro que não ficaria com ninguém, porque eu não queria. Mas esse show dele é ridículo. Pego o envelope que ele me deu e o abro novamente, me sentindo tão perdida e desolada. Jogando as fotos de lado, sento no chão do quarto e puxo meu joelho até o peito, enfiando as mãos no cabelo.

— Mamãe, onde foi que você nos meteu...?



Já fazia horas que eu estava aqui e nada de Calebe voltar. Meu estômago estava doendo, junto com todo o resto do meu corpo, por causa da ressaca causada da noite anterior. Me levanto do chão e decido tomar um banho, eu estava fedendo a suor, álcool e gozo. Entro no banheiro que tinha no quarto e putz!! Isso aqui era quase do tamanho da minha quitinete. Admiro a banheira enorme no centro do banheiro, mas ignoro ela e tomo um banho demorado de chuveiro mesmo. Termino e me enrola em uma toalha que estava pendurada e saio. Cruza os braços. E agora o que vou vestir? Meu vestido não estava nas melhores condições... Olho em volta, não vendo nenhum guarda-roupa. Abro a porta de correr escura atrás da cama, chocada com o tamanho do closet.

Um quarto só para roupas? Caraca!

Entro e observo as roupas de Calebe, todas separadas por cores e tamanho.

— Que ridículo isso, a cara dele... —murmuro deslizando os cabides, procurando algo que dê para me cobrir.

Estava cogitando procurar uma tesoura e picotar todas as suas roupas, dou até um sorriso com essa imagem minha mente. Mas logo descarta essa ideia, lembrando que quem está sem calcinha trancada em um lugar estranho, sou eu. Quase todas as camisas são pretas com estampas estranhas. Descido pegar a mais simples que achei e a visto. Como estou com fome, saio do quarto procurando a cozinha e só agora consigo observar melhor aquele lugar. Era imenso e muito luxuoso, as cores eram de um tom cinza escuro e marrom. Tinham janelas de vidros enormes que começava no chão e terminava no teto.

— Que exagero...

Passo minhas mãos pelos grandes sofás e entro em uma sala, que fico aliviada ao descobrir que é a cozinha. Céus! É tudo tão impressionante. Vou até a geladeira abrindo, meu estômago ronca só de ver quanta coisa deliciosa tinha. Mas só pego um atum e procuro um pão para fazer uma sandes. Eu como e lavo o que

sujei. Saio da cozinha e caminho até uma escada, subindo devagar. Eu sei que eu não deveria estar xeretando, mas não tinha mais nada para fazer, apenas esperar Calebe voltar e me tirar daqui. Vejo uma pequena estante com livros e procura algo interessante, mas só havia livros de fantasia e com capas estranhamente medonhas, gostava de romance e nada ali chamou minha atenção. Óbvio que meus gostos seria totalmente diferente daquele idiota.

Vou até o parapeito da escada e coloco meus braços nele e bufo irritada. Eu tenho que sair daqui! Não posso perder um dia de faculdade e também tem meu emprego, que tanto preciso. Mas tento pensar positivo, isso é só mais uma das gracinhas de Calebe para fazer eu ter medo dele. Ele só quer sexo, pode me encontrar na minha casa... Olho para porta, crente que logo ele estaria de volta e ainda hoje me deixaria ir embora.

Isso não passa de uma piada de mau gosto.

Ele vai te deixar ir ainda hoje, Lilly.

Calebe Walton

Capítulo 21

Ignorando os gritos de Lilly, saio do meu apartamento, voltando para a casa de Leonel. Havia algumas coisas que ele queria resolver comigo. Chego tranquilamente em casa, quando a primeira pessoa que vejo é Karen descendo a escada com um pé só.

— Cadê ela?

— Ela quem exatamente? — continuo andando.

— Para com isso, Calebe! Cadê a Lilly ? Sei que a levou daqui para algum buraco, e sei que não foi para casa dela, pois ela não está lá ! — Karen grita, vindo atrás de mim.

— Não é da sua conta.

— O que fez com ela? Droga... para e me responda! Quando enfim acho alguém que eu me entende, você vem e estraga tudo outra vez!

Eu paro de andar e me viro para encará-la. Karen ainda está de pijama toda bagunçada, como se tivesse acabado de acordar.

— O que eu faço com Lilly, não é da sua conta! — eu digo simplesmente, dando de ombro.

— Você está se ouvindo? Como pode ser assim? Por que simplesmente não deixa ela em paz? Já sei...

Fico nervoso, nunca vi minha irmã assim tão alterada, nem achei que isso fosse possível, já que quase nem tínhamos diálogo.

— Você não a deixa, porque no fundo você sabe como ela é preciosa, que Lilly é alguém que você nunca teria!

Cerro os dentes e me aproximo dela segurando seus ombros.

— Nunca mais repita isso na sua vida! — eu vejo medo em seus olhos, então eu a largo.

— Mas o que significa isso aqui, Calebe?? —Leonel estava parado na porta do seu escritório nos observando, e Karen corre até ele.

— Papai, Calebe sequestrou Lilly e não me dizer para onde a levou...

— Isso é verdade, Calebe?

— É óbvio que é verdade, papai! Faça alguma coisa. — Karen implora a ele.

E eu fico ali parado, ignorando todo aquele show dela.

— Venha, Calebe. Temos que conversar... Filha, depois conversamos. — Leonel tira as mãos gentilmente de Karen de seu braço e eu caminho até seu escritório.

— O que? Mas, mas... O senhor não vai fazer nada?

— Karen, filha... Eu vou falar com ele, se acalme. — Mesmo com os protestos de Karen, Leonel entra e fecha a porta.

— Cadê a garota? — ele pergunta com firmeza.

— Ela está bem, a levei para meu apartamento. — respondo com frieza na voz, me sentando em sua poltrona.

— E o que você pretende a mantendo lá?

— Jura que você está me perguntando isso, Leonel?

Me encosto de qualquer jeito em sua poltrona de couro enquanto ele está em pé, olhando para mim incrédulo.

— Isso é tudo por uma boceta, Calebe?

— Leonel, Leonel... Não é só por isso. Aliás, nem sei porquê o espanto. Acha que não sei o que fez com minha mãe? Como você a conheceu... — giro a cadeira me sentindo bem naquela posição confortável. — Você obrigou ela a se casar com você e lhe dar um herdeiro, não foi?

— Cale...

O interrompo me inclinando para frente.

— Só que não deu muito certo, já que seu herdeiro sou eu... Um filho inútil, não é mesmo?

— Eu nunca falei isso, filho!

Ele tenta se aproximar de mim, mas eu o impeço

— Só não mexa nos meus negócios, que, aliás, foi por culpa sua que entrei.

— Certo Calebe, faça o que quiser. Apenas toma cuidado! Eu não tomei e perder sua mãe me custou caro...

Ele começa a caminhar até à porta, mas antes se vira de novo para mim.

— Não a deixe muito tempo lá, Karen pode descobri seu endereço apenas com um sorriso e você sabe disso. — ele fecha a porta.

Eu me inclino para trás na cadeira, irritado como Leonel e um idiota com aquela garota ridícula e mimada. Acabou que ele não me disse o que realmente queria comigo. Eu espero que os barulhos irritantes de Karen parem e eu saio do escritório e decido dar uma volta. Eu não precisava voltar para o meu apartamento ainda hoje.

Lilly talvez queria ficar um pouco sozinha, pobre coitada.

Paro em sinaleiro com cigarro entre os dedos, pego sua calcinha branca em meu bolso e dou um aperto de leve. E quando o sinal abre a devolvo de volta para o meu bolso e dou um sorriso perverso enquanto sigo viagem.



Acordo bem cedo, quase não dormi com Karen batendo na minha porta a cada meia hora.

Ah, se ela não fosse minha irmã...

Abro a porta devagar e vendo que ela não estava mais lá, vou depressa para fora, sem nem mesmo os funcionários me verem. Passo em um Café e compro algumas coisas. Chego em meu apartamento e subo. Quando as portas se abrem, procuro por Lilly, mas paro quando a vejo dormindo no sofá. Aproximo-me um pouco mais e percebo que ela estava uma camisa minha. Se eu não a odiasse tanto, diria que caiu super bem nela. Ela começa a se mexer e eu vou até a cozinha e deixo o café na mesa. Quando volto para sala, Lilly já estava acordada coçando os olhos. Eu a observo até que ela perceba minha presença.

— Calebe...?

— E quem mais seria? — arqueio uma sobrancelha. — Parece que está gostando daqui. Bem, não é tão mal assim, confessa.

Me encosto na porta com os braços cruzados, e só de saber que ela está sem nada por baixo daquela camisa, já me deixa excitado.

— Você está de brincadeira? Eu quero ir embora agora!

— Que pena... Você não vai! — digo tranquilo, soprando algo imaginário da minha unha.

— O que?! — eu olho para ela e Lilly se aproxima lentamente de mim, abaixando um pouco a voz. — Calebe... Eu preciso voltar, você sabe que não posso faltar na faculdade, também preciso do meu emprego.

— Deveria ter pensando nisso antes querer dar uma de dona da razão. — Ela respira fundo.

— Ok Calebe, eu sinto muito por ferir seu ego idiota!

Avanço em sua direção e puxo seu cabelo sem muita força, só para fazê-la olhar para o meu rosto.

— Nunca aprende né? Bem, vamos ver até quando vai ficar com essa marra. — eu a solto e pego minhas chaves no bolso. — Talvez você queira ficar mais um pouco sozinha. Eu, ao contrário de você, tenho que ir para universidade. Sabe, eu não posso faltar... — vou até a porta.

— Calebe não faz isso, por favor...

Eu a ignoro e saio, batendo a porta com força. Mas quem ela pensa que é?

Meu ego não está ferido.



Vou para a universidade mas não consigo prestar um pingão de atenção. Meus pensamentos estavam em meu apartamento, especificamente em alguém que estava nele. Quando eu termino toda aquela chatice, eu volto ansioso ao meu apartamento e, mesmo Lilly implorando para deixá-la ir eu não fiz isso. Ela começou uma chantagenzinha, dizendo que não me deixaria a fode-la se eu não a deixasse ir embora. Mas logo resolvi isso mostrando a ela mais fotos de sua querida mãe. Quando eu terminava com ela, eu sempre voltava para a casa de Leonel. Foi a semana toda assim. Eu não conseguia deixá-la ir, estava viciado em Lilly. Era como se cada dia dentro dela fosse único e, mesmo com seus protestos, eu a ignorava. Só mais um pouquinho... Apenas mais um pouquinho e eu a deixarei ir...



Lilly Bernard

Capítulo 22

UMA SEMANA DEPOIS .

Uma maldita semana presa aqui à mercê de Calebe. Eu tentei de tudo para sair desse lugar. Peguei até uma faca outro dia para tentar abrir a fechadura. Eu estava esgotada, não conseguia nem comer mais de tanta ansiedade. Por mais que eu tentasse fazer Calebe me deixar ir, ele mal me ouvia, só se importava em vir e me usar. Eu já tinha usado a metade das suas camisas, ele sequer se importou em trazer uma muda de roupa para mim, Eu estava literalmente sem calcinha há uma semana. Mas eu acredito que se eu tivesse uma aqui, eu não ia conseguir usar, eu estava ficando assada, por ter que aguentar todo aquele pau nojento do Calebe todos os dias

Aquele filho da puta! Eu poderia matá-lo se tivesse coragem, mas as coisas ficaram piores para mim. Eu me levanto da cama irritada e bufo de raiva e tédio. Meu coração estava doendo e eu estava desesperada para conseguir voltar para minha casa, trabalho e faculdade. Se é que ainda não me expulsaram. Por um lado, fiquei feliz em saber que minha mãe ainda estava viva apesar de tudo. Mas, por outro lado, eu só queria sair dessa merda de apartamento e voltar a viver minha vida como antes.



Depois de usar o banheiro, penteio o cabelo com os dedos e saio do quarto. Sentia falta da minha casa, por menor que fosse, era minha e me sentia melhor lá. Vou até uma das grandes janelas de vidro, cruzo os braços e olho para baixo. A cidade era linda daquele ângulo, os carros em movimentos, as pessoas andando de um lado para o outro, cada um vivendo sua própria vida. Sinto uma lágrima solitária cair e a enxugo com a mão. Por que parece que só a minha vida é uma desgraça? Que ao invés de vivê-la como uma pessoa normal, estou presa sendo o brinquedo sexual de um babaca egocêntrico que pensa que é o dono do mundo. Eu não entendia por que eu era ser tão azarada assim.

Outra lágrima cai e eu fungo para tentar impedi-la. Hoje eu estava muito melancólica e emotiva, tentei ser forte todos esses

meses, mas estou desmoronando, deixando meu brilho se apagar, se é que já tive algum.

— Se estiver pensando em mim... — eu me assusto com a voz de Calebe atrás de mim. — Não se preocupe, eu cheguei.

Tenta limpar meus olhos discretamente e me viro toda para ele.

— Eu não te vi chegar. — sussurro.

— Por que não comeu o que eu trouxe ontem?

— Eu estava sem fome...

Começo a estalar meus dedos e encaro o chão, me controlando para não começar a implorar para ele me deixar ir embora. Fiz isso a semana toda e ele fingiu não me ouvi todas as vezes.

— Se quiser sair daqui bem, vai ter que comer, Bernard!

Olho para ele que tem o rosto indecifrável de sempre e me aproximo um pouco. Eu precisava tentar outra vez.

— Calebe... eu já aprendi, me deixa ir, por favor... — ele fica sério eu começo a me arrepender de abri a boca para falar sobre isso.

— Senta-se naquela mesa. — Calebe pede, ignorando totalmente minhas palavras. Parece que o irritei logo cedo.

Droga.

Respiro profundamente, era sempre assim. Quando essa merda ia acabar? Decidindo não discutir, eu ando até a mesa próxima que ele apontou e me sento, abrindo minhas pernas e apoiando minhas mãos na mesa. Era a primeira vez que íamos transar em uma posição que não fosse eu de bruços ou de quatro para ele, e isso me deixou um pouco nervosa. Calebe vem até mim ainda sério, sem dizer nada. Eu observo discretamente enquanto ele libera seu grande pau, e dou um pequeno grito de surpresa quando ele puxa uma de minhas pernas em volta de sua cintura. E como sempre, sem preliminares, Calebe me penetra. Como ele está olhando para mim intensamente, eu desvio o olhar tentando não

demonstrar fragilidade, mas suas mãos apertam meu cabelo, me fazendo olhar para ele.

— Olhe para mim! Quero que assista eu te fodendo. Quero ver seu rosto enquanto entro nessa sua buceta que é só minha! — ele diz rouco batendo forte contra mim.

Essa posição fazia Calebe entrar por inteiro, e eu podia sentir seu pênis chegar lá no fundo, me fazendo dar pequenos grunhidos. Eu não queria ficar olhando para ele zangado assim. Meus olhos lacrimejar e eu coloco a língua no céu da boca para tentar impedir que as lágrimas de caiam.

Pelos movimentos das estocadas de Calebe, meu braço falha e escorrega na mesa e quase caio para trás. Mas sinto suas mãos grossas nas minhas costas, me firmando perto dele, fazendo-nos ficar quase colados um ao outro. Sem me importar com o que ele iria fazer, afundei meu rosto em seu peito com o leve cheiro de One Million, deixando minhas lágrimas caírem. Tornou-se normal eu chorar quase toda vez que ele estava me fodendo neste inferno de apartamento. Eu entendi que eu era realmente uma putinha particular, só mais uma boceta para ele fazer o que quiser. Eu odiava ser aquela pessoa, mas não sabia o que fazer para ele me deixasse em paz.

— Merda, não vou conseguir gozar com você chorando igual uma criança! Porra, que caralho.

Calebe se afasta devagar e começa a sair de mim, mas eu o seguro com minhas pernas, fazendo-o olhar para mim surpreso e confuso. Enxugo os olhos com a manga da camisa que estava usando e digo:

— Já parei... Pode terminar.

Eu sabia que se ele não gozasse agora, iria me procurar outra vez. Ele me olha com o semblante estranho, mas logo volta a ficar sério.

— Segura firme em mim, não vou te segurar se cair de novo. — diz seco e assim eu faço.

Envolvo minhas mãos em seu pescoço e ele começa a se mover novamente. No começo ele vai devagar, mas logo seus

movimentos são brutos e fortes. Seus olhos não desviam do meu rosto e dessa vez eu o encaro de volta. Então Calebe enfia mais fundo e eu mordo meus lábios. O idiota dá um sorriso ridículo de satisfação. Eu sei que ele está me machucando de propósito, só para eu pedir para ele parar , mas não vou! Sinto seu pau inchar dentro de mim, sem perceber, mordo levemente seu ombro para abafar meu grito, quando ele me preenche com um jato forte e quente. Calebe se afasta e arruma sua roupa. Fecho as pernas e desço da mesa devagar e dolorida, sinto seus sêmen melar toda a minha perna.

— Eu volto mais tarde e espero que tenha comido algo até lá!

— Calebe, me ouça pelo amor de Deus. Hoje já é sábado, não pode me prender aqui para sempre.

Eu me apoio na mesa para tentar me equilibrar em pé.

— *Eu posso tudo, Lilly!*

Calebe pega seu moletom que estava no sofá e sai do apartamento, me deixando sozinha novamente. Com raiva, joga tudo o que tinha sobre a mesa no chão.

Meu ódio tem nome e sobrenome, e ele se chama Calebe Walton.



Capítulo 23

TRILHA SONORA: Shameless - Camila Cabello

Como alguma coisa, tomo um banho e tento me manter ocupada arrumando o quarto. Calebe não volta naquela noite. Durmo e acordo preocupada. Já é domingo e eu teria que dar um jeito de sair daqui ou eu enlouqueceria. Estou sentada no sofá da sala, mas levanto em um pulo assim que a porta começa a se abri e, ansiosa, começo a roer as unhas.

Quando Calebe entra, percebo que ele está mais irritado do que o normal, pois sempre me dava um bom dia sarcástico, e hoje ele apenas entrou, parou e ficou me olhando.

— É... Oi... — digo sem jeito. — eu nem sabia mais como agir com ele, isso tudo estava me afetando.

— Comeu algo?

— Ah sim, comi...

Caleb passa por mim, parando apenas para dizer:

— Venha, você sabe oque eu quero.

Ele entra na sala e eu fico parada, tentando entender que bicho o mordeu. Me controlando para não pegar o vaso caríssimo ao lado da porta e jogar na cabeça dele, como venho planejando há dias. Eu o sigo até o quarto.

Calebe está de pé ao lado da cama, então antes que ele mande eu deitar e levantar minha roupa. Eu ando até a cama para fazer isso. Estou preste a deitar de bruços, mas ele me impede dizendo:

— Tira a camisa!

— O que... ?? — eu pergunto baixo surpresa.

Nunca transamos totalmente pelados, não achava necessário essa intimidade toda, e nem ele se importava. Por que isso agora? Eu não queria ficar toda nua para ele.

— Calebe... Melhor não...

— Eu mandei tirar a porra da camisa, Lilly.

Me assusta um pouco com o tom na sua voz. Com as minhas mãos trêmulas, seguro a barra da camisa e a puxo sobre a cabeça, deixando-me totalmente exposta aos olhos de Calebe. Eu passo uma das minhas mãos sobre o meu outro braço, tentando cobrir meus seios enquanto Calebe passeia seus olhos por todo meu corpo, me deixando nervosa e com vergonha.

Ele se aproxima, e eu abaixo a cabeça olhando para o chão, mas suas mãos pegam meu queixo, levantando-o.

— Deita-se com os pés no chão e fecha bem as pernas. — sua voz é rouca e um pouco grave.

Sem opção faço isso. Fico na ponta dos pés na beirada da cama de bruços. O calor de seu corpo invade minhas costas e sei que ele está pronto para me penetrar. Mas então, eu o sinto introduzir dois dedos em mim e depois puxá-los para fora, deixando-me confusa. Tudo fica em silêncio, não sei por que ele está demorando tanto hoje.

A ponta do seu pênis mela um pouco minha entrada com seu pré-sêmen. Estou preste a agarrar os lençóis para me preparar para sua invasão. Mas Calebe segura meus braços perto do meu corpo, prendendo-me na cama e se enfia para dentro de mim de uma vez. Nem mesmo me dando tempo de morder a boca e um grito muito alto, sai dos meus lábios.

— AAHHH!

Ele me penetra freneticamente sem parar, fazendo a ponta do seu pênis alcançar o extremo, batendo sem dó na parede do meu útero. Ele está mais bruto do que o normal, até do que ontem... Viro

meu rosto para o lado dele e aperto com força uma de suas mãos que ainda está me segurando, para ele entender que está me machucando muito. Então meu coração acelera quando ele corresponde meu toque, segurando minha mão de volta.

— Foda-se! — Ele grunhe saindo de dentro de mim e me virando de frente para ele. Calebe agarra meus tornozelos e me puxa rapidamente para ponta da cama.

Eu não estava entendendo nada, até Calebe abrir minhas pernas e com uma das mãos segurar seu pau e começar a esfregá-lo em meu ponto sensível, me fazendo lubrificar um pouco. Viro o rosto para não demonstrar que gostei daquilo. Calebe nunca se importou em me dá prazer. Talvez isso seja um teste.

Vejo ele tirando a camisa depressa e a jogando no chão, e é claro que dei uma olhada. Ele tinha um corpo lindo com algumas tatuagens espalhadas por seu tórax e abdômen. Calebe volta sua atenção para mim e tento olhar para qualquer lugar que não fosse seu corpo. Sinto uma mão subindo pela minha barriga me deixando apreensiva. Arrepios enche todo o meu corpo quando ele alcança o bico do meu peito.

— O-o que você está f-fazendo...? — eu pergunto com dificuldade assim que ele desliza seu pênis lentamente em minha vagina novamente.

— Só fica calada.

Ele move seus quadris enquanto amassa meu peito com uma mão. Fecho os olhos e tento relaxar, ele não estava me machucando e isso era novo para mim.

— Merda, tão molhada, né sua safada... Agora não pode mais falar que não gosta do meu pau nessa bocetinha gulosa.

— Eu...

Tento me defender mas as palavras ficam presas na minha garganta, assim que seus dedos vão para meu clitóris e sem querer deixo escapar um pequeno gemido. Aperto os olhos e sinto algo estranho. Então abro os olhos devagar, como se eu estivesse espiando algo proibido e, puta merda ! Calebe estava chupando

meus peitos enquanto me fodia, começando a ir mais rápido. Eu ouço um grunhido baixo e rouco vindo de seus lábios.

Céus, ele está gemendo?

Seus dedos brincam com meu clitóris e toda aquela sensação faz com que minhas pernas envolverem involuntariamente em sua cintura, acomodando-o melhor dentro da minha vagina. Ele libera meus seios que ficam todo molhado de sua saliva e me encara por longos minutos sem parar de se mexer. Tento tocar seu rosto por alguma razão, mas ele segura firme meu pulso, levando-o para cima da minha cabeça junto com minha outra mão, firmando-as ali. Eu estava o recebendo sem reclamar, sentindo tudo a cada estocada funda que ele me dava, fazendo meu corpo arfa indo de encontro com o dele.

— Calebe... — sussurro entre gemidos, quando uma onda de prazer percorre por todo meu ventre.

— Que porra, Lilly! Que porra você tem que me deixa assim? — Calebe estava descontrolado, tomando tudo de mim naquele momento.

Sua mão livre continua esfregando meu clitóris rapidamente, me deixando desesperada, querendo aquele prazer que ele tanto queria me dar.

— Vamos, Lilly, goza para mim! Quero que goze! Mas você tem que entender que isso não tem mais volta. — Calebe rosna extremamente rouco, voltando a morder meu mamilo duro, ao mesmo tempo que me fode como cachorro no cio.

Seus dedos pressionaram mais rápido e sem mais delongas, eu me deixei levar por aquela onda de prazer, apertando com força a mão de Caleb que ainda segurava a minha acima da minha cabeça. Ainda estou tremendo quando ele se enfia todo de uma vez para dentro de mim, gozando com vigor.



Quando saí do meu apartamento logo depois de foder a Lilly na mesa, volto para casa do Leonel e tenho que tentar novamente escapar da insuportável Karen. Leonel, por sua vez, disse que se eu não soltasse Lilly, daria o endereço para ela, me deixando frustrada o dia todo, a ponto de não querer ver Bernard naquele dia.



Quando acordei, Karen estava na minha porta fazendo Platão.

— Karen, me deixa em paz, não estou de bom humor pra você hoje.

Tento passar por ela, mas a garota se entra na minha frente, bloqueando meu caminho.

— Eu quero saber onde Lilly estar! A pobrezinha deve não estar bem... Caleb, sequestra-la e prendê-la, não a fará gostar de você.

— Do que você está falando, sua maluca?

— Acha que eu não sei o que você sente por ela? Como olhava para ela no seu aniversário... Não era de alguém que a odeia e sim de alguém que gost...

— Cala a boca! Cala a porra da boca que você não sabe de nada! — cerro os meu punho com raiva e passo por ela.

— Está assim porquê estou certa!!!

Ignoro seus gritos e desço a escada indo para meu apartamento. De fato o que Karen disse estava mexendo comigo.

Eu não gostava de Lilly! Ela era apenas uma transa. Eu bato com força várias vezes no volante do carro.

— Merda, merda, merda! — eu sabia que ela não era apenas isso, ou não a teria mantido trancada em minha posse por uma semana.

Quando chego na meu apartamento, estava irritado. Entro e a vejo na janela, parada olhando para nada. Sem trancar a porta, deixo a chave na fechadura e peço a Lilly o de sempre. Eu queria provar a mim mesmo que não estava afetado por ela porra nenhuma. Mando ela tirar a camisa, e a vejo hesitar. Nunca pedi isso antes porque não me via interessado em nenhuma outra parte do seu corpo que não fosse a sua boceta. Mas agora eu estava curioso e queria mais... Quando Lilly puxa a camisa sobre a cabeça, me dando uma visão completa de seus seios fartos e empinados. Meu pau acorda na hora. Caralho! Seu corpo era tão perfeito que parecia uma obra de arte. Eu tento não demonstrar nenhuma reação e mando ela ficar de bruços e empinar aquela bunda gostosa para mim. Minha intenção era meter forte, justamente para machucá-la, tentando não pensar em tudo que Karen me disse. Mas quando sinto suas pequenas mãos, apertando as minhas com força, naquele momento, eu não quis mais machucá-la. Eu queria ouvir seus gemidos enquanto ela gozava no meu pau.

Então fiz o pior erro da minha vida.

Quando a viro para mim, seus olhos são confusos. Senti-la pela primeira vez molhada e pronta para me receber, mexeu comigo de alguma forme. Ouvir seus gemidos de prazer enquanto eu me enfiava todo em sua fenda quente e apertada foi como música para meus ouvidos. Assim que gozo deliciosamente, saio de Lilly, tentando recuperar meu fôlego. Vê-la completamente sem roupa fez eu ir a loucura.

Porra, ela era o paraíso, ou o próprio inferno.

Termino de tirar minha calça que estava presa em minhas pernas, e Lilly começa se levantar da cama, mas eu a chamo :

— Lilly...

— Hum?

Ela não me encara e olha para o nada. Eu sei que ela não está entendendo por que eu fiz isso. Na verdade, ainda estou processando tudo também.

— Não vai, venha aqui.

Sento-me encostado na cabeceira da cama e, então, ela vira um pouco a cabeça para mim.

— Calebe, eu estou... Bem, Estou dolorida... — Lilly morde a boca envergonhada.

Dou um sorriso de satisfação por ter sido eu o responsável por isso.

— Vem logo, vai ser rápido e eu já vou embora, prometo.

Lilly respira fundo, mas logo fica de joelhos na cama e engatinha em minha direção. Eu observo seus lindos seios, balançando um pouco com o movimento. Eu não conseguia tirar os olhos de seu corpo, apenas essa visão me deixou duro novamente

— Sente-se aqui. — eu peço apontando para meu colo.

Ela hesita um pouco, então pego seu braço puxando-a gentilmente e a monto em cima de mim, encaixando a ponta do meu pau em sua boceta, sem penetrá-la ainda.

— Você é algum tipo de ninfomaníaco? — Lilly pergunta olhando para meu peito.

— Depende...

Subo uma mão para cima, apalpando um de seus peitos, eles estavam me dando água na boca. Então, sem demora, abocanha um, chupando-o lentamente enquanto aperta o gêmeo com força.

— D-depnde do que...? — Lilly pergunta com dificuldade.

Libero seu peito melado e vou com a boca até seu pescoço, deixando pequenas mordidas por ele, até chegar em sua orelha.

— Isso não importa agora... — sussurro em seu ouvido ao mesmo tempo em que seguro sua cintura, fazendo-a sentar de uma vez em cima do meu pau inchado.

— Ahhh... Filho da puta! — Lilly grita alto, cravando as unhas no meu ombro.

— Isso eu já sei que sou, *bombomzinho*. — dou-lhe um sorriso safado.

— Eu disse, que estava dolorida... — ela resmunga entre gemidos enquanto a faço cavalgar em movimento lentos, para não machucá-la.

— Eu não vou me desculpar por isso. — volto a chupar seu lindo pescoço.

— É claro... Que não vai...

— Shhh, você fica melhor gemendo, Srta. Bernard.

Vou com os dedos em seu clitóris ainda sensível e trabalho ali, vendo ela começar a mexer pra frente e pra trás me deixando louco de tesão e, tenho que me controlar pra não gozar só com seus movimentos tímidos.



Acordo meio zozinho, está escuro. Lilly dorme profundamente ao meu lado. Isso é estranho, já que nunca dormir na mesma cama de uma garota. Perdi as contas de quantas vezes gozei e fiz um Lilly e gozar. Eu estava literalmente fodido. Eu fui longe demais, mantendo-a aqui por tanto tempo. Eu sabia que hoje seria o fim disso tudo, amanhã tudo voltaria normal

Eu tinha que confiar nisso.

Era para ser apenas algumas vezes, mas isso estava saindo do meu controle. Observando Lilly por longos minutos, não podia negar que ela era muito bonita. Sem pensar, envolvo-a em meus braços e sentindo seu doce perfume de flores, adormeço novamente.



Capítulo 24

Tem algo pesado em cima de mim me sufocando. Abro lentamente meus olhos e percebo que os braços de Calebe estão me prendendo a ele. Tento levantar seu braço para tirá-lo de cima de mim, com cuidado consigo escorregar mais para o lado, me libertando do seu aperto. Ele se mexe um pouco ficando de bruços na cama, e eu prendo minha respiração, congelando no lugar. Quando percebo que ele não acordou, com um pouco de dificuldade de mexer minhas pernas e sem fazer barulho, eu procuro a camisa que eu estava usando, achando-a debaixo da cama. Eu a visto, e o contato do tecido faz meus peitos doloridos doerem. Eu estava acabada, o filho da puta me destruiu literalmente. Ok, eu gozei mais de três vezes, mas eu me sentia esgotado e um pouco zozza pela noite sem dormir.

Sem demora, aproveito o sono pesado de Calebe e pego sua calça que estava no chão, procurando meu celular ou a chave do carro. Felizmente, estava em um dos bolsos junto com suas coisas. Pego com cuidado, apertando a chave com força para não fazer barulho. Dou uma última olhada em Calebe na cama, com as cobertas cobrindo apenas sua cintura.

Porque ele tinha que ser tão bonito?

Não sei quanto tempo dormimos juntos, mas ainda estava escuro pelo que vi na janela. Eu nunca dormi com ninguém além da minha mãe, e desde que Calebe me trancou aqui, esta é a primeira vez que ele realmente dorme em seu apartamento. Sempre saía e ia a algum lugar depois de transar, e isso foi estranho. O que aconteceu nesse quarto foi pura loucura. Eu precisava ir embora. Eu

não sabia o que iria acontecer depois dessa noite ardente nos braços de Calebe. Ele me fez gozar pela primeira vez na vida, e isso foi algo muito gostoso que nem se eu quisesse, esqueceria... Desvio meus olhos do seu corpo e saio do quarto na ponta dos pé. Esta era minha única chance, eu não podia esperar a boa vontade de Calebe para me deixar ir. Sentindo ansiedade e minhas mãos suar a cada passo que dava, chego na porta e fico confusa quando percebi que a chave estava na fechadura.

Será que ele esqueceu aqui?

Eu ia tentar abri-la com alguma chave que achei no bolso da calça *dele*. Olho para trás mais uma vez e, antes que me arrependa, abro a porta e corro para o elevador, torcendo para que ninguém entre aqui a esta hora. Veja a hora no meu celular marcando 05:45 da manhã. Fico perplexa, Calebe chegou cedo ontem, então ficamos quase o dia todo transando? Só paramos para comer alguma coisa. Eu não deveria estar surpreso por estar andando com dificuldade...

O elevador se abre e eu corro até o carro de Calebe, pego a chave para desligar o alarme e entro atrás, trancando a porta por dentro. Eu pego meu celular, discando o único número que me atenderia no momento .

— Lilly? Meu Deus... Onde você está?

— Karen, me escuta... Preciso que venha me buscar!

— Claro, claro! Me diz onde você está?

Eu olho pela janela do carro, observando aquele estacionamento enorme, com coração batendo forte de medo de Calebe acordar e perceber que eu fugi.

— E-eu não sei... E o apartamento do seu irmão... Você sabe onde é, não sabe?

— Não sei, Lilly. Mas isso é o de menos. Me espera aí que já estou chegando.

— Por favor, venha logo... — eu continuo olhando para fora e antes que eu esqueça, acrescento. — Karen... Me trás um muda de

roupa, por favor... — Peço tímida e sem jeito, mas não tinha como eu ficar andando por aí sem calcinha e apenas com uma camisa.

Desligo o telefone e aguardo. Me abaixo no carro para que ninguém possa me ver e peço a Deus que Calebe durma por um bom tempo. 15 minutos depois contados por mim, ouço alguém bater na porta do carro, e sinto todo meu sangue sumir achando que era Calebe. Eu levanto minha cabeça lentamente, vendo o rosto preocupado de Karen. Abro a porta e saio, e ela me abraça antes mesmo que eu fique em pé direito.

— Meu Deus, Lilly...! O que ele fez com você?

— Depois te conto, só me tire logo daqui, por favor...

— Claro, vamos.

Karen, me leva até um carro estacionado próximo com um motorista esperando. Entramos, e ela sobe um vidro escuro que dava acesso ao motorista.

— Aqui, pegue !

Ela ainda está olhando para mim preocupada quando me entrega uma pequena sacola com roupas dentro.

— Obrigada...

Me visto rápido em sua frente mesmo, era um blusa e um short, depois guardo a camisa de Calebe na sacola. Juro que nunca mais vestiria camisa masculina outra vez na minha vida.

— Lilly, por favor me conta... Estou tentando te achar faz uma semana.

— Ah, Karen... É tudo tão complicado. — digo, sentindo meus olhos arderem pelas lágrimas que ameaça cair.

— Calebe, ele... Te m-machucou?

Ela tem dificuldade até de perguntar isso, pois deve ter deduzido pelo estado que me encontrou no estacionamento. Coloco minhas mãos no rosto tapando toda minha cara.

Ela tem dificuldade até em perguntar isso, pois deve ter deduzido pelo estado que me encontrou no estacionamento. Eu coloco minhas mãos no meu rosto cobrindo toda minha cara.

— Tudo bem, não precisa me dizer se não quiser... — Karen passa a mão em meu ombro.

— Eu... Eu estou transando com seu irmão. — decido jogar na lata e Karen se afasta um pouco chocada.

— O-o que...? Não é possível, Lilly... Você o odeia! — A pobre tem o semblante confuso. Então eu tiro a mão do rosto e olho para ela.

— Eu o odeio mais por isso...

— Não estou entendendo, ele te obrigou?

— Não exatamente, eu que fui uma idiota. Eu que entreguei tudo de mão beijada para ele fazer o que quiser de mim, porque eu sou fraca e medrosa, porque não queria perder minha mãe.

Sem me segurar mais, deixo as lágrimas finalmente transbordarem dos meus olhos e, Karen Apenas me abraça. Decido contar tudo a ela, desde quando ele invadiu minha casa querendo o pagamento das drogas e o que eu lhe entreguei naquela noite. Karen apenas escutou tudo calada e perplexa.

— Eu não sabia que ele mexia com drogas... e que minha mãe tinha comprado justamente dele... — digo fugando abaixando a cabeça.

— Calebe não vende drogas.

Eu levanta o meu rosto na hora, encarando-a confusa.

— Mas, ele disse que...

Ela me interrompe.

— Meu pai vende drogas, Lilly.

— Como é?

— Vou te contar tudo... Pare aqui, Nivan! — Karen pede ao motorista, que estaciona perto de uma praça.

Saímos do carro e enquanto caminhamos até o banco debaixo de uma árvore, percebo que ela ainda usava bota ortopédica.

— Ainda dói? — pergunto a ajudando se sentar.

— Ah não, não se preocupe comigo, eu estou bem... Eu ainda não acredito que Calebe te prendeu por uma semana ... Isso é tão louco... — Ela segura minhas mãos e olha no fundo dos meus olhos. — Meu pai... Ai caramba, não sei como te contar isso. Bem, ele não é uma pessoa politicamente correta, entende?

— Não, eu não entendo. O que isso tem haver com Calebe me cobrar as drogas?

Karen parece mais perdida que eu para se explicar.

— Eu não sei porque Calebe foi cobrar. Mas tem haver com meu pai vendê-las, entendeu?

Então, como se minha mente começasse a trabalhar, ligo todos os pontos olho para ela chocada ficando em pé.

— Meu Deus! Seu pai é um mafioso!? Tipo um traficante como no Brasil? Agora tudo faz sentido. Céus, é bem pior do que eu pensei.

Karen se levanta também.

— Sim. Eu sinto muito, infelizmente já nasci no meio desse monte de merda.

Ela tem um semblante triste, e mesmo que eu ainda esteja em choque com toda essa informação, eu me aproximo dela.

— Tudo bem, você não me fez nada, não tem porque eu ficar com raiva de você. — eu digo sendo totalmente sincera, mas aquilo era muita informação para mim.

— Oh, Lilly. Você é um anjo, como Calebe pôde fazer isso com você... Olha — ela segura animada meu braço. — Posso te emprestar o dinheiro para pagar ele! Isso! Vou te dar... Me diz quanto precisa? — Karen começa a pegar sua bolsa e eu dou um sorriso triste para ela.

— Não precisa, Karen... isso não vai fazer eu voltar no tempo e recuperar todas as vezes que tive que empinar minha bunda para aquele filho da puta. Vou sair dessa... Vou procurar minha mãe interná-la, procurar um trabalho melhor, porque com certeza, o meu já era.

— Mas, Lilly...

— Ele não está fazendo isso comigo só pelo dinheiro...

Calebe sempre quis ver meu orgulho ferido, mesmo eu não entendendo o porquê. E ele conseguiu me sujar ainda mais. — digo isso, lembrando da noite ardente que tivemos ontem. — E também tem minha bolsa, eu farei de tudo para mantê-la, e ele sabe disso. — Calebe infelizmente, me tinha na palma da mão. — Pode me levar para casa? — peço cabisbaixa e Karen me olha com pena. Sinto-me ainda mais mal, por isso.

— E se ele for atrás de você lá?

— Eu não sei... eu não posso com seu irmão. Eu não sou ninguém comparada a ele, mas eu tenho que viver minha vida.

— Não fala assim! Céus, Lilly. Você me deixa tão triste quando fala desse jeito.

— Só me leva para casa, Karen... Eu só estou cansada .

— Tudo bem.



Me despeço de Karen e entro na minha casa, que está muito empoeirada por estar muito tempo sem ninguém. A porta estava aberta e, percebo que minha mãe esteve aqui. Fico aliviada por ela estar bem. Tomo um banho sentindo meu corpo todo doído. Eu tinha que acreditar que Calebe não mexeria com a minha mãe. Coloco um vestido e me sinto contente, por finalmente, por uma calcinha depois de dias sem uma.

Me sento na cama e ligo a TV em um desenho qualquer. Começo a roer minhas unhas, digerindo tudo que Karen havia me dito sobre a família. Algo havia mudado em relação aquilo tudo. Ainda estava preocupada com Calebe vir atrás de mim, mas por incrível que pareça, não estava com medo. *Eu estava confusa*. Aquele filho da mãe, bagunçou toda minha cabeça quando me permitiu sentir prazer com seu toque, e agora estou me culpando por ter gostado do modo como ele me segurava ou, me olhava, enquanto estava dentro de mim.

Grrr.

Jogo uma almofada longe.

Desgraçado, filho da puta. Por que me sinto estranha em relação a ele?

Eu não queria saber a resposta, pois sabia que só eu sairia machucado dessa merda toda.

Lilly. Lilly. Você já está machucada.



Capítulo 24

Calebe não veio ontem, e agradeço a Deus por isso.

Acordo e me preparo para universidade. Eu estava angustiada e com medo de ter sido expulsa, tentando pensar positivo eu coloco um vestido e um tênis. Como meus cabelos estão sem as tranças, deixo-o natural e faço apenas um penteado simples. Teria que correr atrás do prejuízo. Então caminhando para faculdade ligo para Gustavo e peço milhares de desculpas dizendo que eu fiquei muito doente. Eu não gostava de mentir, mas como eu iria falar para alguém que fui sequestrada para ser escrava sexual do meu colega de faculdade? Ainda mais agora que eu sabia que ele era mais perigoso do que eu imaginava.

Por algum milagre divino, Gustavo disse que ainda tinha minha vaga, e que eu poderia voltar a trabalhar.

Um problema estava resolvido.

Desligo o telefone e ando mais rápido. No entanto, paro assim que vejo uma mulher negra deitada de bruços no chão de uma praça ao longe. Ela provavelmente estava chapada. Meu coração acelera e corro para ela o mais rápido que posso. Haveria chances de ser minha mãe, precisava encontrá-la urgente. Eu poderia pedir a Calebe para me dar notícias de seu paradeiro, mas conhecendo-o, sabia que ele não me contaria. Aproximo-me um pouco mais da mulher.

— Mamãe? — chamo e a pessoa levanta o rosto, revelando que não era ela.

— Desculpa. — digo me afastando novamente triste e decepcionada.



Nervosa, chego na faculdade e vou direto à secretaria tentar me justificar, mas para minha surpresa, não fui expulsa, muito menos recebi qualquer advertência. A Diretora disse, que nem falta eu havia levado nesses cinco dias. Fico confusa, mas logo me toco que tinha dedo de Calebe nisso. Bem, pelo menos isso. Ele era o responsável por me trancar em seu apartamento por uma semana. Fico aliviada por ele não ter deixado eu perder minha bolsa. Mas, também fico apreensiva, Mas também fico apreensiva, pois sabia que aquela era apenas mais uma garantia de que ele ainda me tinha à disposição.

Saio da sala da diretora, e meu coração quase sai pela boca, vendo Calebe encostado na parede ao lado da porta, olhando para frente.

— Deveria me agradecer por ser um cara legal e ainda manter sua vaga. — diz calmamente acendendo um cigarro, ainda sem olhar para mim.

E voltamos a estaca zero.

— Qual é o seu problema? — pergunto alto, fazendo algumas pessoas olharem para mim, então abaixo a voz só para ele ouvir. — Você só fez o mínimo. Sabemos de quem é a culpa por eu ter faltado tanto assim...

— Eu não sei do que você está falando, Bernard. — Ele solta um pouco de fumaça e eu pisco incrédula. Então é assim que ele vai agir depois de tudo?

— Você é um babaca!

Caminho em direção à minha primeira aula, mas sinto suas mãos em meu cotovelo, virando-me para ele, que só agora me observa por inteiro, me olhando dos pés à cabeça.

— Me encontre no banheiro masculino em duas horas.

Fico sem reação.

— O que ?

— Ficou surda do nada, porra?

— Quando você vai me deixar em paz?... O que foi? — eu arqueio uma sobrancelha. — Gosta tanto assim de foder com a *esquisita* que não consegue mais controlar? — Calebe puxa mais forte meu cotovelo para perto.

— Não esqueça de quem eu sou, Bernard, e de quem você é na cadeia alimentar. Preciso lembrá-la cada 5 minutos que você não passa de um negócio para mim?! Então seja uma boa putinha e não me deixa esperando!

Meu peito bate forte e sinto meu sangue ferver, Calebe me solta e dá duas batidinhas no meu queixo.

— Até agorinha, *bombomzinho*. — ele se vira e caminha tranquilamente, deixando-me sem palavras no corredor.

Desgraçado filho do capeta.

Não acredito que ele me chamou de putinha, ao mesmo tempo que usou o apelido que me deu enquanto me fazia gozar.

Grrr. Que vontade de cortar seu pau com uma faca de serra.

Ok, que eu não parei de pensar naquela noite, de como ele foi menos bruto comigo, me fazendo experimentar Sensações prazerosas. Afasto esse pensamento ridículo.

Para com isso Lilly. Ele não fez porra nenhuma.

Com ódio, vou para minha aula. No caminho, mando mensagem para Karen e fico feliz, porque ela voltaria para a faculdade amanhã e eu não ficaria sozinha com seu irmão me rondando o tempo todo.



Duas horas depois, estou a caminho do maldito banheiro quando Emily entra na minha frente.

— Olha só quem resolveu aparecer. Estava visitando seus parentes mendigos, *esquisita*? — ela cruza os braços enquanto me olha com desdém.

— Não é da sua conta o que eu faço da minha vida, Emily. — dou de ombros, voltando a andar, mas ela insiste, ficando de novo na minha frente.

Mas que saco.

— O que está acontecendo entre você e o Calebe?

Merda, meu corpo gela.

— D-do que você está falando?

Era só o que me faltava, ela descobri que estou transando com o cara que ela é afim.

— Vocês estão estranhos... Na verdade, você sempre foi, mas ele está mais.

— Emily, eu não tenho nada haver entre você e Calebe, me deixa em paz.

— Não ouviu ela, garota? Vaza. — eu me assusto com a voz de Calebe atrás de mim.

Emily nos olha profundamente, bufa e enfim caminha para outro corredor. Calebe, por sua vez, agarra meu ombro por trás e se inclina perto do meu ouvido, me causando um pequeno arrepio.

— Eu falei duas horas.

— Eu não tive culpa, Emily está desconfiada... Ei, me solta! — eu tento me afastar, mas ele me guia pelo corredor.

— Eu estou me fodendo para isso. Vem logo!

Calebe me empurra mais rápido, levando-me para o banheiro masculino. Entramos e vejo ele trancar a porta atrás dele. Eu cruzo os braços e o encaro irritada.

— Tá me olhando assim por que, Bernard?

— Você é inacreditável. Se souberem o que estamos fazendo, não será você o prejudicado..

Calebe me ignora e começa a se aproximar de mim em passos lentos, e eu dou pequenos passos para trás, ficando nervosa.

— V-você não está me e-escutando, Cale.. — tento formar uma frase assim que minhas costas bate na parede, e Calebe me encurrala nela.

— Você fala demais. — ele sussurra me pressionando contra a parede com os braços em cada lado da minha cabeça.

— O quê você quer de mim, Walton? — pergunto com minha garganta começando a ficar seca, e sinto meu corpo esquentando.

— Acho que você sabe o que eu quero, Bernard. — ele diz com seu hálito quente no meu pescoço.

— U-uma semana toda me usando, não foi suficiente?

— Não, não foi suficiente... — ele morde a ponta da minha orelha e sua ereção pressiona contra minha barriga, me fazendo respirar com dificuldade.

Porque parece que tem pouco ar dentro desse banheiro?

Como se Calebe tentasse se controlar, ele se afasta de mim e fico parada sem saber o que fazer.

— Senta na pia! — ele ordena com urgência, apontando para grande pia de mármore que havia ali.

Ainda parada, fico encarando ele.

— Agora, Bernard!

Por que ele era tão mandão?

Não protesto, caminho até lá sem jeito. E de costas para Calebe, corro minhas mãos sobre a pia. Como eu iria sentar naquela coisa alta?

Eu sinto seu corpo pressionando em mim por trás, segurando meus ombros de cada lado e minhas pernas começam a falhar com seu toque.

— Tinha que ser um crime ser tão pequena assim. — Calebe rosna em meu ouvido virando-me rapidamente para ele, logo em seguida, Suas mãos vão para minha cintura e me ergue , me sentando sobre a grande pia.

— Tinha que ser crime sequestrar pessoas... Espera um pouco. É um crime!

Calebe não responde, simplesmente entra no meio das minhas pernas me deixando apreensiva. Ele afasta um pouco de cabelo do meu ombro e com a outra mão, vai até minha coxa começando a subir meu vestido sem tirar os olhos dos meus. Eu estava ansiosa, queria que acabasse logo, pois cada toque dele me deixava em chamas e eu não queria estar sentindo isso.

— Anda logo com isso, Calebe, eu tenho au..

Minha voz fica presa na garganta assim que ele chega com a mão em minha calcinha, afastando-a para o lado e introduzindo dois dedos em mim

— Merda.. — ele grunhe enfiando o dedo mais fundo e passando o polegar sobre meu clitóris, fazendo-me lubrificar, mordo minha boca para segurar o pequeno gemido que ameaçou sair. — Agora sim, está prontinha para mim.

Suas pupilas estão dilatadas quando o vejo abrir rapidamente sua calça, segurar seu pau, guiando-o para minha entrada molhada. Ele puxa minha perna com tênis e tudo para sua cintura e pelo movimento brusco, escorrego um pouco mais para borda da pia, fazendo com que ele me penetre de uma vez.

— Porra! — ele geme.

Dou um gritinho com a entrada repentina, mas não dói. Envolve seu braço em volta da minha cintura e começa a mexer para frente e para trás. A posição é um pouco desconfortável para mim e, parece que ele percebe, pois sem parar de se mexer, Calebe me inclina um pouco para trás enquanto me penetra mais rápido. O espelho atrás de nós estava completamente suado. Com a mão livre, Calebe aperta meu peito com força sobre o meu vestido e eu começo a gemer um pouco alto demais.

— Porra, garota. Se ficar gemendo assim, vou ter que parar e fazer você chupar meu pau. — ele diz extremamente rouco, enquanto me fode de uma maneira selvagem.

Eu sentia cada pedacinho dele dentro de mim, fazendo meu corpo quase explodir em chamas, e memórias de domingo voltam à tona.

— E-eu não c-consigo controlar... — admito, me sentindo envergonhada por estar gostando de ser fodida em cima de uma maldita pia.

— Merda. — Calebe traz a mão que estava apertando meu peito para cobrir minha boca, e com a outra mão, ele aperta minha bunda enquanto aumenta o ritmo de suas estocadas.

Como ele queria que eu não gemesse alto com ele me possuindo tão forte daquele jeito?

Sentindo todo o meu corpo se contrair, mordo sua mão com força enquanto gozamos ao mesmo tempo. Assim que ele sai de mim, se afastando completamente. Fecho as pernas e começo a descer de cima da pia. Calebe termina de fechar sua calça e joga um lenço em minha direção. Eu o pego e começo a me limpar, me sentindo envergonhada porque sei que ele está me observando. Percebo uma camisinha usada no canto do banheiro e, embora não seja de Calebe, ela me lembra algo e de repente fico mal humorada.

— Então é aqui que você traz todas? — pergunto tentando soar indiferente terminando de limpar minhas coxas.

— Do que você está falando?

— Trás todas para transar aqui. Acha que eu não sei, eu peguei você e Emily uma vez dentro do banhe..

Ele me interrompe.

— Está com ciúmes, Bernard? — ele arqueou uma sobrancelha.

— O quê... ? Não fode!

Fiquei triste ao lembrar que sou só mais uma pra ele comer em qualquer lugar. Calebe se aproxima de mim e enrola um cacho meu no dedo.

— Para não te deixar triste, saiba que você é a primeira que trago para o banheiro masculino.

Levanto a cabeça e ele está dando um sorriso torto ridículo para mim.

— Vai se foder!

Eu o empurro da minha frente com o ombro, abrindo a porta e saindo sem olhar para trás. Eu não queria me sentir assim, de fato eu não estava com ciúmes dele. Eu sei que isso é apenas sexo, e devo dizer que pelo menos agora ele me deixa ter um orgasmo.. Mas Calebe estava sufocando toda a minha mente. Ficar tanto tempo apenas com Ele, bagunçou toda minha cabeça.

Desgraçado filho de uma mãe. Eu deveria matá-lo algum dia desses, talvez assim eu teria um pouco de paz.

Como Walton mesmo disse.” Eu não passava de um negócio para ele..”



Capítulo 26

Quando acordo no meu quarto, percebendo que estava sozinho, levanto ainda meio sonolento observando o lugar. Eu a deixei ir... Justamente por isso não tranquei a porta quando cheguei. Lilly provavelmente já estaria em sua casa e eu não iria atrás dela por enquanto. Pego meu celular e vejo que tem várias ligações perdidas de Leonel e Karen. Hora dessas, Lilly já deve ter contado tudo para ela. Há também uma ligação de Caion, que está tentando falar comigo desde meu aniversário, mas ignoro tudo e vou parar o banheiro tomar um banho gelado. Resolvo passar o domingo aqui mesmo no meu apartamento. Eu não precisava ouvir Leonel ou Karen, me incomodando hoje. O único problema é que tudo aqui cheira aquela filha da puta da Lilly.

Depois do almoço, faço algumas ligações para a universidade para resolver as faltas dos calouros. Eu poderia deixá-la se ferrar e perder a bolsa, mas assim seria impossível chantageá-la quando eu bem quisesse. Então só deixei como estava.

À noite, pego uma garrafa de vinho branco, sento na poltrona ao lado da cama e acendo um cigarro, olhando ao redor do meu quarto.

Por que tudo parece estar tão vazio sem ela?

Dou uma pequena tragada no cigarro e a porra da fumaça entra no buraco errado, e começo a tossir um pouco.

— Merda.

Eu tomo um gole do vinho e logo coloco o copo sobre a pequena mesa. Resolvi dar uma volta, ficar aqui com todo esse cheiro dela em meu nariz, não estava me fazendo bem. Depois de quase meia hora caminhando, volto para o meu apartamento e tento dormir um pouco.



Estou esperando Lilly sair da secretaria. Eu não a trataria diferente só porque lhe dei vários orgasmo, ou talvez essa foi a forma que encontrei de não demonstrar o quanto ela era gostosa na cama. Eu a vejo sair e tento fingir que o que aconteceu naquela semana não significou nada para mim, e vê-la zangada disso só me fez perceber que ela estava fazendo o mesmo. Quando finalmente reparo nela por inteiro, percebo que a filha da puta está com um vestido bem justo e tentador e eu não consigo resistir, eu a queria e precisava senti-la hoje. Então eu mando ela me encontrar mais tarde.

Estava na porta do banheiro esperando e Lilly estava 3 minutos atrasada, começando a tirar minha paciência. Observo de longe que Emily estava falando algo com ela. Então eu saio do meu lugar e vou buscá-la eu mesmo. Eu a levo para o banheiro e tranco a porta, e sentir seu cheiro outra vez só me deixava mais excitado. Seu tamanho era tão minúsculo comparado ao meu que tive que ajudá-la a subir na pia. Quando Bernard me perguntou se uma semana não foi suficiente para me saciar dela, eu fui sincero e não neguei. Lilly estava se tornando uma droga na minha vida, o sexo com ela me deixava fora de mim. Era como se sua buceta fosse feita especialmente para abrigar meu pau.

Maldita.

Assim que eu termina com ela, noto sua cara irritada quando ela me pergunta se era aqui que eu trazia todas. Seu rosto ficou tão fofo que podia jurar que ela estava realmente com ciúmes. Mas Lilly me odeia, ela provavelmente está magoada porque eu sempre a tenho quando a quero. Isso fica claro quando a mesma sai do banheiro pisando forte no chão, rebolando aquela bunda deliciosa pelos corredores.



Tento me concentrar nas malditas aulas sem pensar em Bernard gemendo no pé do meu ouvido. Quando meus horários termina, estou andando pelos corredores e vejo Lilly conversando com um garoto no corredor. Acho que o nome dele era Marcos ou algo assim. Eles estão tendo uma conversa animada, Lilly sorrir para ele, e só agora percebo como ela tinha um sorriso bonito.

Porra, não Calebe! Merda.

Balança minha cabeça atordoado, eu não deveria reparar essas coisas nessa desgraçada. Encosto na parede sem tirar os olhos dos dois. O que caralhos eles tanto conversavam, a ponto de Lilly ficar tão sorridente assim?

— Ei Calebe, como vai? — ouço a voz de Mateus e sei que ele se encostou ao meu lado.

— Vou ótimo. — eu repondo mal-humorado.

— Algum problema? — Mateus percebe que minha atenção está fixa em algo e segue meu olhar. — Hm, deixa eu ver se acerto, a caloura metida a esquisita esta te irritando.

— Você não sabe o quanto.. — sussurro, tirando um cigarro do bolso da minha jaqueta.

Involuntariamente, Lilly olha na minha direção, e aquele sorriso espontâneo desaparece quando nossos olhares se encontram.

— O que está acontecendo com você, Calebe? Desde o dia que viu o vídeo dela, você está estranho.

Volto minha atenção para Mateus e o encaro.

— Não sei do que está falando, eu estou do mesmo jeito!

— Isso não tem haver com ela, não é?

Eu me afasto da parede começando a me irritar.

— Qual é Calebe, eu sei que está comendo ela. Eu..

— Cala a boca, você não sabe do que está falando! — eu me aproximo dele, falando em voz baixo.

— Puta merda! Você está comendo mesmo ela... Porra, Calebe!

Seguro seu braço forte e seu rosto muda para medo.

— Se abri a boca pra contar isso para alguém, eu juro que te arrebento!

Sei que as pessoas estão olhando para mim, então, tentando me conter, o solto e passo as mãos pelo cabelo.

— Eu não vou contar, come quem você quiser. Só não deixa Noah e Emily descobrirem. Não sei o que vocês estão tendo e o que aconteceu para você ficar com alguém como a Lilly, mas se os dois descobrirem, sua garota está fodida nas mãos deles!

Mateus simplesmente joga as palavras e se afasta indo embora. Transtornado, me viro para onde Lilly estava e percebo que ela já não estava mais lá. Irritado com toda aquela situação, vou para fora do campus tentando respirar um pouco. Lilly estava se apossando da minha cabeça de um jeito nada bom para mim.

Que caralho! Por que eu fui inventar de aceitar fode-la para perdoar aquela porra de dívida? Agora não consigo mais parar de pensar nela ou em seu corpo embaixo do meu. Jogo o cigarro na grama e piso, indo embora.

Isso não era bom. Isso não era nada bom.



Capítulo 27

Depois de deixar Calebe no banheiro, tento ignorar minha calcinha ainda úmida pelos orgasmos e o cheiro de Calebe impregnado em mim, e para minha penúltima aula do dia.

Depois que saio, encontro Marcos no corredor e ele vem falar comigo.

— Oi Lilly, como você está? Queria saber sobre Karen.. Fique sabendo do acidente que ele teve com uma motocicleta, mas depois disso ela sumiu.

Dou um sorriso amigável para ele.

— Ela está bem, amanhã mesmo ela está de volta.

— Ah, que bom! — há um brilho em seus olhos quando ele fala nela.

— Você gosta dela, não é?

— O-o que? — ele fica meio sem jeito.

— Eu sei que é recíproco, Marcos.

— Sim, a gente se gosta, mas acho que os pais dela são contra...

— Não fique triste, olhe pelo lado bom, vocês formam um casal maravilhoso.

— Quem dera fossemos um casal.. Quem sabe um dia. — Marcos com a voz esperançosa.

— Bem, não era isso que eu ia te falar. — Marcos muda de assunto. — Meu tio está precisando de um estagiária e, é do seu

ramo.

Me animo, eu estava mesmo precisando de um estágio.

— Meu Deus! Jura? — eu dou um sorriso longo e me viro um pouco, encontrando olhos irritados de longe me observando. Paro de sorrir na hora.

Ignoro Calebe que estava um pouco distante de mim e foco no que Marcos acabou de me dizer.

— Sim, e ele paga muito bem. Acho que você vai se dar bem, já que ele acabou de montar um nova agência.

— Qual área ele trabalha ? — pergunto animada.

— Ele opera como empresário de modelos. — Marcos pega um cartão em seu bolso e me entrega. — Esse é o número dele, ligue ainda hoje se te interessar.

— Vou ligar quando sair daqui! Muito obrigada, Marcos, não sabe como isso é importante pra mim.

Ele dá um sorriso ladino.

— Espero que consiga.

Marcos começa a andar, mas para e se vira para mim de novo.

— Mês que vem é meu aniversário, espero você e Karen por lá. — acena com a mão e enfim vai embora.

Estou tão feliz, que ignorei o que ele falou sobre aniversário e dou pulinhos de alegria. Olho em volta e percebo que Calebe estava conversando algo com seu amiguinho ridículo. Ignoro e volte a Sorrir animada, indo para minha última aula do dia.



Quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi ligar para o tio de Marcos e fiquei ainda mais contente por ter conseguido a vaga. Iria conversar com Gustavo para mudar meus turno, assim eu posso conciliar com o estágio. Naquele dia apesar de tudo, durmo tranquila.

Acordo com alguém batendo em minha porta e fico aliviada em ser Karen. Ela veio me buscar para irmos juntas para faculdade.

— Marcos me contou que irá dar uma festa de aniversário temática, eu estou tão ansiosa para isso! — Karen comenta quando chegamos na universidade.

— Ah, eu acho que nem vou, não me dou muito bem com festas.

Lembro do dia que Flávia me enganou, e o dia que eu fui sequestrada, por simplesmente beber e falar demais.

— Eu quase não saio por não ter muitos amigos e agora que tenho você, quero aproveitar... Por favor, minha mãe com certeza não vai deixar eu ir se você não for. Desde o acidente, meu pai aumentou a segurança. — ela faz um biquinho.

— Dona Valéria, gosta tanto assim de mim?

— Sim, nem só por isso. Você é minha única amiga.. E é o aniversário do Marcos. —ela faz um pausa olhando para os lados e depois diz baixo. — Eu vou poder finalmente ficar a sós com ele! — Karen sacode meu braço.

— Tá bom! Mas já digo que não vou beber. E se seu pai mafioso intervir na festa, eu te obrigo a deixar o país comigo.

— Você é a melhor, Lilly! —ela me dá um beijo na bochecha.

Estamos chegando na sala de Karen, e vejo Calebe saindo do banheiro fumando. Ele apenas me olha com desdém e segue para o seu destino.

— Ele ainda está te incomodando? — Karen pergunta.

— Ele é o Calebe, até sua respiração me incomoda...

Deixa Karen em sua sala e sigo para minha, sentindo-me incomodada. Eu estava chateada por ele não ter vindo falar comigo, nem que seja para fazer uma piada sem graça?

Qual é meu problema?



Nos dias seguinte eu comecei o estágio. Era tudo tão magnífico. Hector, o tio de Marcos, foi muito bom comigo. Ele me levava para assistir os desfiles de suas modelos, era tudo mágico. Continuei no café de Gustavo à noite. Então tudo ficou bem corrido para mim. Calebe mesmo quando me levava para o banheiro ou alguma sala vazia, sempre me fazia gozar, ainda me tratava de maneira fria, de um jeito mais estranho que o normal. Tentei não prestar atenção nisso. Eu estava trabalhando muito e em breve me livraria dele. Juntaria dinheiro o suficiente para esfregar na cara daquele idiota, que eu consegui com meu suor e trabalho, pagá-lo. Ou até mesmo, daria ao seu pai, já que descobri que era ele que vendia essas porcarias. Não entendia como alguém tão mal, podia ter tido uma filha tão doce como Karen.

Os dias da minha folga e tempo livre, eu passava procurando minha mãe nas ruas e abrigos. Eu orava para que ela ainda estivesse viva e bem. Com o tempo passando, via menos Calebe e, por um lado, estava aliviada por estar trabalhando tanto, eu não queria mais ser seu brinquedinho. Querendo ou não, isso me afetou muito de uma maneira irreparável. Não queria admitir que já estava me acostumando, com toda aquela merda de transar com ele todos os dias. Então mantê-lo assim, longe de mim, já era um bom avanço para o meu próprio bem.



Capítulo 28

UM MÊS DEPOIS

— É hoje, Lilly!! — Karen bate palmas no meio da minha sala. Ela já havia tirado a bota Ortopédica, mas ainda andava com cautela.

— Nossa, queria essa sua animação. — eu digo, deitada no meu sofá sentindo minha cabeça girando.

Eu estava de folga, então estava aproveitando um pouco.

— Ah, não, Lilly. Muda essa cara de doente e se anima... Vai começar às 13h, uma festa na piscina e depois à noite, podemos escolher uma boa roupa. — ela fala gesticulando faltando gritar de tão eufórica.

— Tá bom... — tento me levantar do sofá, mas me sinto tonta e Karen corre para me ajudar.

— Você está bem? — pergunta preocupada.— Você deveria comer melhor, não pode pular refeições. Lembro-me do que o doutor lhe disse aquele dia na enfermaria.

Consigo me sentar de novo e respiro fundo.

— Eu estou bem.. Só estou cansada, por estar trabalhando muito. — digo passando as mãos no rosto.

Esse mês eu trabalhei feito uma condenada.

— Justamente por isso temos que ir. Vamos, Lilly. Você prometeu.. Não faça eu usar os capangas do me pai para te levar a força.

Ela fazia piada, mas eu queria distância deles ou do seu pai.

— Está me ameaçando? — eu dou um sorriso para ela.

— Não tá óbvio? — ela arqueia uma sobrancelha enquanto sorri.

— Aah! Você venceu. — digo derrota com sua insistência.

— Eu sabia que iria, então comprei biquínis e roupas para a noite... Vai ser maravilhoso, Lilly. Você não vai se arrepender.

— Eu não sei não, viu.



Alguns minutos depois, saímos da minha casa e fomos para o local onde Marcos tinha alugado para a festa. Fico encantada com quanto dinheiro ele deve ter gasto aqui, o lugar era lindo e luxuoso.

— Vocês vieram! — Marcos vem nos receber, ele estava de bermuda e sem camisa.

— Sim, Lilly estava muito ansiosa para a festa, não estava, Lilly? — Karen fala me olhando. E se Marcos não estivesse ali, eu dava um beliscão nela.

— ... É... Sim, com toda certeza eu *estava* muito animada! — dou um sorriso forçando ainda olhando diretamente para Karen.

— O banheiro fica à esquerda, troquem de roupa e venham curti piscina. Espero você lá, Karen... — ele morde os lábios enquanto fala com Karen, e faço uma careta de nojo.

— Claro, Marcos...

Quando ele sai, eu me viro para Karen.

— Então *eu estava* muito ansiosa para essa festa, não é ? — eu cruzo meus braços.

— Desculpa, eu fiquei nervosa vendo ele com o peitoral tão... Tão..

Eu a interrompo.

— Eu juro que se você não der pelo menos um beijo nele hoje, eu te afogo!

Eu a vejo corar e então a puxo para o banheiro. Pelo menos ela deveria se divertir um pouco. Colocamos os biquínis e eu estava com dificuldade para colocar o meu.

— Tem certeza que este é o meu número? Pergunto tentando enfiar meu peito na parte de cima do meu biquíni.

— Você que disse que que usava P. Não é culpa minha seus seios ser lindos e grandes. — Karen me encara.

— Eu uso! Talvez seja só a forma que é pequena.

— Eu estou com vergonha... sério, nunca estive em um lugar assim.

— Com tanta gente? Nem eu. Me sinto nua.

Seguro meus seios, que estão um pouco pesados, e os levanto, ajeitando-os.

— É por isso que eu trouxe tangas! — Karen tira duas tangas da bolsa e as levanta.

— Ótimo, agora me sinto meio nua.

— Pegue, Lilly. Não vai deixar eu sair sozinha daqui assim.

Resolvo pegar e a envolvo em volta da minha cintura

— Vamos! — Karen entrelaça as mãos no meu braço, e nervosas caminharmos para fora.

Quando chegamos na piscina, todos olharam pra nós ao mesmo tempo, praticamente nos comendo com os olhos.

— Acho que isso não foi uma boa ideia. — eu sussurro no ouvido de Karen.

— Relaxa. — única coisa que ela diz.

Olho para cima de relance, e meu estômago embrulha com a cena de Calebe me encarando.

Que droga ele estava fazendo aqui?

Fazia duas semanas que eu não o via. Nem na faculdade nos trombava mais. Estava até animada com isso, mas quando o vi ali me observando, senti calafrios. Desvio o olhar dele, assim que Marcos se aproxima com alguns colegas puxando conversa. Vejo

Mateus e Noah chegarem. Imagino que Marcos deve ter os convidados também. A Karen estava se divertindo, e eu conversando com um dos colegas do Marcos, ele falava algo que eu não estava prestando atenção.

Volto a olhar para Calebe, que tem uma bebida na mão, ainda olhando para mim de cara feia. Ele estava vestindo uma camisa leve e uma bermuda preta. O amigo de Marcos diz que iria algum lugar. E Irritada por aquele idiota não parar de me olhar, descido provocá-lo um pouco. Eu tiro a tanga deixando toda parte de baixa exposta e vou para a ducha. Passo a mão lentamente por minha bunda, subindo ela logo depois no mesmo ritmo para minha barriga, enquanto o encaro de volta. Queria mostrar que eu não tinha medo daquela cara azeda dele.

Escuto alguns assobios mas ignoro, focando apenas em Calebe. Eu desliga a água e jogo meu cabelo com as tranças recém colocadas para trás, dando de ombro para ele e indo me sentar em uma espreguiçadeira. Eu tento ignorar a sua existência e decido pegar um solzinho para relaxar. Fecha os olhos e alguns minutos depois, sinto alguém tapar o meu sol. Abro lentamente meus olhos, vendo quem era o idiota.

— Dá para você sair da minha frente?

— O que pensa que está fazendo, Bernard? — Calebe pergunta com o rosto irritado.

— Eu estou tomando sol, não está vendo? — eu sabia que ele estava se referindo ao meu pequeno show na ducha.

— Ok, que tal eu te fazer companhia?— antes que eu possa dizer qualquer coisa, Calebe lentamente tira a camisa e a joga em cima de mim.

— Mas que...

Ele me interrompe empurrando meus pés para o lado e sentando na ponta da cadeira, pega um pequeno protetor solar que estava no chão, e o coloca em meu colo.

— Tá me olhando por quê? Levanta! Quero que passe o protetor em mim.

Ainda perplexa com o que ele está me pedindo, eu rapidamente tiro sua camisa de cima de mim, a embolando e jogando longe.

— Eu não sou sua empregada... Chame alguém que queira tocar em você! — digo irritada.

— Estou esperando, Bernard. Não me faça esperar, sabe que eu não gosto.

Eu levanto e jogo o protetor nele com raiva.

— Que porra você esta...

— Vai se ferrar, Calebe!

Antes que eu possa sair dali, sua mão me alcança e me faz sentar outra vez na cadeira.

— Você tem duas opção, Lilly. Ou passa a porra desse protetor logo em mim, ou vai comigo até o quarto de cima. Garanto que não será o protetor que vai segurar nessas mãozinhas. — diz baixo segurando o meu pulso.

— Você não faria isso... — acho que no meio de seus amigos e tanta gente, ele não tentaria algo comigo.

— Quer pagar pra ver?

Idiota do caralho.

Eu bufo irritada, tomando a droga do protetor solar de suas mãos e me posiciono atrás dele. Coloco uma boa quantidade em minhas mãos e estou tão zangada, que praticamente bato nas costas de Calebe, começando a esfregar com força .

— Vai com calma aí... — resmunga ele se divertindo com a situação.

O ignoro, mas logo relaxo minhas mãos observando seu ombro. Fico fascinada por algumas tatuagens, então suavizo meu toque, explorando cada canto de suas costas. Coloco minhas mãos em cada lado de seus ombros e olho para as tatuagens em seu braço. Ficava tudo tão bonito nele, mesmo que tivesse significados macabros.

— Gosta do que vê, Srta. Bernard? — ele pergunta tirando-me do transe.

Então rapidamente eu me levanto e me afasto de suas costas.

— Já terminei.. Satisfeito? — cruzo os braços em pé.

— Ficaria mais, se tivesse aceitado a segunda proposta... — ele me olha dos pés à cabeça, deitando sobre a espreguiçadeira, pondo os braços compridos sob a cabeça.

— Sentiu saudades , Walton ?— eu arqueio uma sobrancelha dando um pequeno sorriso.

— Não se sinta especial não, garota. Você não é a única que me serve quando eu quero.

Desgraçado.

— Se tem tantas assim, por que continua vindo atrás de mim?

— Porque eu quero, Bernard! Já conversamos sobre isso, e ser ciumenta não combina com você. — diz tranquilo ainda deitado.

Dou um sorriso sarcástico e fico séria de novo.

— Saiba que a única coisa que sinto em relação a você, é ódio! — Digo me virando para sair dali antes que ele me veja chorar.

Parece que ele se esforçava para me magoar e humilhar. Eu não deveria ter vindo para essa festa, agora sei que ele vai ficar meu pé até a noite. Eu não queria estar sentindo esse gosto amargo em minha boca quando ele dizia aquelas coisas, *sobre ter outras*.



Calebe Walton

Capítulo 29

Quando percebi o que aquela garota estava me causando, decidi me afastar por algumas semanas. Era impossível sentir seu cheiro sem pensar em fode-la em qualquer canto. Fui em sua casa algumas vezes e não a encontrei. Descobri que ela estava trabalhando em dois empregos. Eu teria que ser cauteloso e parar de quere-la tanto.

Eu estava fora de mim.

O tal Marcos do que eu vi conversando com Lilly outro dia, enviou um convite de aniversário no grupo dos veteranos da faculdade. Eu não iria, mas talvez, eu estivesse precisando esquecer alguém que se infiltrou em minha cabeça. Então eu decidi ir. No dia anterior, Leonel me ligou e disse que haveria uma reunião em sua empresa e minha presença era necessária. Como eu estava ficando em meu apartamento todos os dias agora, eu pego o carro e dirijo até lá. Desde o dia que eu deixei Lilly ir embora. Karen, que já não conversava muito comigo, parou de olhar na minha cara.

Como se eu ligasse para isso.

Chego na empresa de Leonel e alguns sócios e Caion já estavam presentes. Caion é o primeiro a me ver, e logo vem me receber quando eu ainda estava na recepção.

— Calebe, estou tentando falar com você há um mês. Por que não atende, nem responde minhas mensagens?

— Só estou sem tempo, Caion . — dou de ombros.

— Não é por isso... Qual é cara, eu não sabia que Lilly era sua garota um .

— Ela não é minha garota! —eu paro de andar e cerro os dentes.

— Ok, só me desculpa, tá legal? Não quero ficar brigado com meu primo por causa de uma mulher. Você sabe muito bem, que se tivesse me contado que ela era, a tal garota, eu nem chegaria perto.

— Claro que não chegaria.. — digo com sarcasmo, olhando para cara de pau dele mentindo para mim.

Continuo andando até a sala de conferência, onde todos já estavam sentados.

— Leonel. — cumprimento meu pai.

— Filho...

— Então, Por que me chamou aqui? —pergunto enquanto me sento com as pernas e braços cruzados.

— Bem, como seu curso acaba daqui dois meses, já estamos pensando em sua presidência.

Descruzo minhas pernas e coloco minhas mãos sobre a mesa.

— O quê? Não foi isso que conversamos. Me disse que seria dois anos depois da faculdade! — tento não exaltar a minha voz.

— Eu sei o que eu falei, Calebe. Mas preciso de você aqui, cuidando da empresa. Você não é mais uma criança, é um homem de vinte anos! Fora que tem os italianos, tenho que cuidar deles, não esqueci do ocorrido com Karen. — eu bato na mesa irritado e ele continua. —Você que vive dizendo que não gosta da vida que levo, estou te dando uma oportunidade. Cuide das empresas Walton ou cuide do meu carregamento de drogas. Sabe que de qualquer forma, terá que cuidar de ambos caso eu morrer. Mas agora estou deixando você fora do trabalho sujo por enquanto. Só basta você parar de agir como uma criança birrenta e cumpri com suas obrigações!!

— O discurso acabou ? — pego uma caneta e começo a bater levemente na mesa. Leonel me olha por alguns segundos, mas logo se senta cansado passando a mão no rosto.

— Primo, será melhor. Pense bem..— Caion começa mais eu interrompo.

— Eu sou apenas uma peça de um jogo, não é? Precisam de mim porque não tem ninguém para enfiar aqui, pois não podem saber da sujeira dessa família. — eu olho para os dois com raiva.

—Ah, por favor. Não se faça de bom samaritano, Calebe!
— Leonel sorri sarcasticamente. — Você é tão sujo quanto o nome que carrega.

Cerro os dentes porque, mesmo não querendo admitir, ele estava certo. Levanto-me da cadeira fazendo-a cair no chão pela forma rude como me levantei dela.

— Tudo bem. Se assim que vocês querem, então assim vai ser. Espero não te decepcionar, papai.

Joga a caneta que estava em minha mão sobre a mesa, saindo daquela maldita sala. Volto para meu apartamento e começo a beber. Infelizmente teria que fazer isso, eu nasci assim, com genes do mal. Filho do mafioso cruel e teria que lidar com as consequências dessa merda. Meus dias na universidade estava acabando. Eu deveria estar feliz com isso, já que detestava aquele lugar.

O que mudou agora?

Viro todo o copo de uma vez. Eu não queria saber a resposta.



Acordo cedo com meu telefone tocando. Era Mateus, me lembrando do aniversário do Marcos e que teria uma resenha na piscina antes. Olho algumas mensagens e dezenas não respondidas. Entro nas conversas de Tânia, e só dela tinha umas 10. Escuto apenas o primeiro áudio.

 — Oi calebizinho, não sei o que rolou naquele dia, mas me liga. Estou com saudades. Há tempos que nós não ficamos. Achei que no dia do seu aniversário rolaria... Mas teve aquela parada que sua irmã fez com a amiga... Bem, a guardo seu retorno! Um beijo bem no canto da sua boca “

Bloqueia meu celular ignorando tudo. Pego minhas coisas e vou para o local onde ocorreria a festa. Meu objetivo era me distrair, mas foi tudo para o ralo quando vi Lilly chegando com um biquíni ousado ao lado de Karen.

O que aquelas idiotas estavam fazendo aqui?

Pode apostar que Leonel nem sonhava, que sua preciosa filhinha, estava em um lugar como esse.

Quando Lilly nota minha presença, percebo que ele fica nervosa e desvia os olhos de mim no momento que um bando de macho ridículo chega perto delas, comendo elas com os olhos. Um garoto puxa assunto com Lilly e travo meu maxilar enquanto dou um gole em minha bebida. Viro-me para olhar Karen tomando banho na piscina, ela estava toda alegrinha para o lado de Marcos.

Que filha da mãe safada.

Quando olho de volta para Lilly, ela não está mais perto da piscina, mas indo em direção ao chuveiro. Ela me encara, tirando a tanga da cintura, revelando aquela bunda gostosa em seu micro biquíni. Sem tirar os olhos dos meus, ela liga o chuveiro e começa a passar as mãos lentamente por todo o corpo e eu sinto meu pau acordar apenas com aquela visão .

Desgraçada.

Alguns caras começam a encarar e desejar Lilly com os olhos.

— Mano, que mina gostosa.. — ouço um cara dizer do meu lado, e tenho vontade de quebrar a garrafa em minhas mãos, na cabeça dele.

Quando ela vai para espreguiçadeira. Irritado eu vou até lá. Eu estava duas semanas sem transar, meu pau estava sedento por

ela e vê-la tão deliciosa daquele jeito, só está me deixando mais louco.

Aproximo-me dela e Bernard está com os olhos fechados e agora posso vê-la mais de perto. A porra da parte de cima do biquíni está esmagando seus seios fartos, me deixando irritado por ela estar tão exposta assim, para todos verem. Quero jogá-la por cima do ombro e levá-la para longe dali, só para enfiar meu pau até o talo de sua boceta quentinha.

Mas tento fazer tudo ficar mais divertido quando a faço passar protetor solar em mim. Ter suas mãos delicadas em meus ombros fez meu corpo desejar mais dela, e posso jurar que ela também sentiu algo, pois senti seus olhos queimando minhas costas. Não querendo demonstrar o quanto ela está mexendo comigo, eu a ofendi mentindo sobre ter ficado com outras garotas quando não era verdade. Digo isso tranquilamente, vendo-a sair querendo chorar.

Eu sabia ser cruel quando queria.

Levanto-me da espreguiçadeira e resolvo dar uma volta. Claro que ficaria de olho nas duas idiotas. Observei Karen saindo da piscina procurando por alguém. Ando mais rápido até alcançá-la e seguro seu braço.

— O que faz aqui, Karen?

Ela se assusta, mas logo vê que sou eu e puxa seu braço com força, então eu a solto.

— O mesmo que você, não está vendo?

— Leonel sabe que está aqui, se insinuando para um bando de idiotas?

— E você ao invés de cuidar da sua vida, vem querer cuidar da minha? Me deixa em paz!

Ela se afasta, porém, como se ela se tocasse de algo, se vira novamente para mim.

— Cadê a Lilly? Ela estava comigo a alguns minutos. Você não a..

— Eu não estou com sua amiguinha, fique tranquila. — dou de ombros.

Karen se aproxima e aponta um dedo em minha direção, começando a me irritar.

— Fique longe dela! Não a incomode, já basta toda a merda que você a fez passar.

Então veio a confirmação de que Karen sabia de tudo. Deixando-me ainda mais zangado com aquela desbocada.

— Isso não é problema seu, garota. — eu falo dando um passo até ela.

— Apenas deixe-a em paz! — ela se vira e volta a caminhar.

Que garota insuportável. Ela acha que pode me dar ordem?

Que se foda.

Saio dali e vou procurar Mateus e Noah para beber e fumar. Eu estava cogitando ir embora dessa merda. Entretanto, Lilly estava enganada, que eu iria deixá-la se divertir sozinha com um bando de urubus a cercando.



Estou em uma sala de jogos vazia, sentado em um canto com os joelhos contra meu peito chorando. Eu achava que era forte, mas não era. Tudo estava acabando comigo. A falta que minha mãe me fazia era absurda e Calebe sabia onde ela estava, mas meu orgulho me impedia de implorar pelo seu paradeiro. Agora me sinto um objeto usado sem valor. Eu sempre soube que eu estava sendo um brinquedinho nas mãos de Calebe Walton, isso ele sempre deixou claro, mas eu estava exausta de me sentir assim e ouvi-lo

falar sobre ter outras, me feriu... Me fez realmente entender, que não passava de uma puta barata qualquer.

— Lilly? — a voz de Karen ecoa pela sala. — CÉUS amiga, o que aconteceu?

Não respondo, apenas limpo minhas bochechas molhadas.

— Foi o Calebe, não foi? Eu o vi aqui. O que aquele idiota fez? Por acaso ele te obrigou de novo a...

— Não. Ele não fez isso... Só estou deprimida.. Desculpa já estou melhor. — fungo passando a palma da mão no meu nariz.

— Oh, Lilly... — ela se abaixa e me abraça.

— É sério, estou bem.— começo a me levantar, a última coisa que queria era estragar o dia de Karen. — Como está o progresso com Marcos?

— Acho que hoje rola um beijo!

— Isso é bom. — eu dou a ela um sorriso fraco .

— Tem certeza que está bem, Lilly?

— Sim, estou tão bem que até me animei para essa festa anoite. — eu minto tentando soar convincente.

— Assim que se fala! Vem, Vamos para o quarto nos arrumar, que essa noite promete! Quem sabe, você também não arruma um cara para dar uns beijos. — Karen começa a me puxar para fora.

— Nem pense nisso. — digo sorrindo enquanto deixa ela me guiar até o quarto.



Termino de vestir minha roupa, que consistia em um cropped , calça de moletom e tênis que Karen havia levado. Eu olho para o banheiro, vendo Karen sair toda arrumada.

Você está lindo! Eu digo observando-a todo o caminho. Ela dá uma volta.

—Você está linda! — digo observando-a por completo e ela dá uma volta.

— Você gostou maquiar! — ela me empurra de leve para que eu possa sentar na cadeira, e começa a pegar vários estojos cheios de maquiagem, pincéis e batons.

— Confie em mim, você vai ficar esplêndida!

Relaxo meus ombro e tento não ficar nervosa com o que ela iria aprontar no meu rosto.



— Vai demorar muito? — pergunto impaciente, ainda sentada na cadeira enquanto Karen me maquia.

— Só mais essas pérolas aqui. E vai ficar ótimo. — ela se afasta e me analisa.

Estou prestes a me olhar no espelho quando Karen grita, me assustando.

— NÃO OLHE! Não ainda. — ela se vira e começa a mexer em suas coisas. — Hum, cadê? Cadê? Achei! — pega uma peruca rosa com mechas loiras de dentro da mochila.

— O que é isso?

— Uma peruca, gostei tanto daquela que você usou no dia que fugimos daqueles homens, que comprei uma quase idêntica só para você usar hoje! —ela vem em minha direção e ajeita a peruca na minha cabeça.

— Pra que isso tudo, hein? — pergunto ajudando-a.

— É uma festa temática, Lilly. Prontinho, agora pode olhar.

Eu me viro devagar e quase não me reconheço.

— Uau — passo meus dedos sobre a peruca.

— Sim, está maravilhosa! — Karen bate palmas.

— Não está muito exagerado não? — eu corro meus dedos sobre as várias pérolas próximas aos meus olhos.

— Lilly, você me fez usar um vestido cheio de penas só para irritar meu irmão. — ela cruza os braços. — Nada mais justo do que

eu te deixar mais linda do que você já é. E também vamos tirar várias fotos juntas!

— Não sei... Eu estou com vergonha. — admito.

— Para com isso e vamos logo, quero aproveitar muito! Antes que meu pai descubra onde eu estou e venha me buscar então anda logo. —ela pega a bolsa dela e a minha começando a sair do quarto.

— Ainda não consigo acreditar que seu pai é um mafioso. — eu a sigo.

— Nem eu acredito às vezes... Apesar de tudo, ele é um bom pai.

— Oh se é. — lembro-me de como ele é bonito.

— Lilly! — Karen me dá uma leve cotovelada.

— Ai! O que foi ? — eu dou um longo sorriso.

Talvez eu estivesse precisando mesmo me divertir um pouco.

Calebe Walton

Capítulo 30

Estou em um quarto com Mateus e Noah. Termino de vestir a camisa e passo as mãos pelo meu cabelo ainda úmido. Acho que era uma festa temática, mas como eu faço minhas regras, usarei minhas roupas normais e ponto.

— Viram como está cheio de gostosas aqui? — Mateus pergunta animado.

— Hoje vou foder todas... — Noah diz, colocando várias embalagens de camisinha no bolso. — Eu vi sua irmã com a esquisita, Calebe. Quem diria que por baixo daquela roupa toda, ela poderia até ser comível. — ele sorri.

Cerro os punhos indo em sua direção, quando Mateus entra discretamente em minha frente.

— Qual é, Noah? Você nem gosta dela. — Mateus diz ainda me olhando nos olhos, como se dissesse para eu ficar calmo.

— Não disse que gostava em nenhum momento... Mas não deixa de ter uma buceta, não é?

Desgraçado.

Tiro Mateus da minha frente e avanço em Noah.

— Cala a boca! — dou um forte empurrão nele, que o faz bater forte em uma mesa, derrubando várias coisas que estavam em cima.

— Qual a porra do seu problema, caralho? — Noah tenta se levantar. — Acha que só você pode trepar com ela? — ele se aproxima e sorri. — Você é um hipócrita de merda, Calebe. Eu vi vocês saírem do banheiro masculino, eu só juntei as peças... O que foi? Acha que eu também não posso tê-la?

— Filho da puta, fique longe dela! — estou prestes a quebrar sua cara, quando Mateus outra vez me pede.

— Calma, vamos sair daqui... Ele só está te provocando.

Eu tento me acalmar e sair de lá antes que eu o matasse.

— Vocês são dois fodidos hipócritas! — Noah grita.

— Não fode, Noah! — Mateus diz antes de me levar para fora do quarto.

— Está tudo bem? — ele segura em meu ombro e me pergunta assim que entramos no movimento da festa.

— Me deixa em paz! — eu empurro sua mão do meu ombro.

Ainda revoltado com o que Noah estava insinuando sobre Lilly, com Mateus ainda atrás de mim, apoio os cotovelos no parapeito ao lado da escada. Abaixo minha cabeça irritado, pego um cigarro e começo a fumar .

— Uau..!! — eu ouço Mateus dizendo.

Olho para ele que tem as olhos fixos em um ponto. Siga o seu olhar, e quase me engasgo com a visão de Lilly chegando ao local. Ela usava um top curto e um conjunto de calça de moletom.

— Acho que estou começando a te entender... — Mateus diz com um sorriso ridículo no rosto, se apoiando melhor no parapeito para observar Lilly, e eu o encaro ao lado.

Então olha de volta para mim e fecha a cara, ficando sem jeito.

— Foi mal cara... Eu estava falando... Deixa para lá... Vou buscar uma bebida —ele dá uma pausa. — Você quer algo.. ? — não respondo e continuo mal humorado. — Não...? Ok. Melhor... eu ir ali... — ele praticamente corre para descer as escadas

Idiota.

Volto minha atenção para garota de peruca rosa que está roubando atenção de todos. Ela ainda não me viu, então fico a observando de longe. Um garçom oferece bebida para elas e Lilly recusa. A festa rola, e Karen vai de encontro com ridículo do Marcos. Eu saquei qual era a dela, minha vontade é de ligar para Leonel e dedurar-la, mas me contenho, ao ver Lilly se entrosar com alguns caras que chegam nela. Ela distribuí sorrisos e olhares para eles, gesto que me faz começar a sentir algo queimar em meu peito. Se essa filha da mãe pelo menos sonhar, em querer encostar a boca em algum bastardo de merda hoje, eu juro que a mato. Esse pensamento

me faz imaginar como seria a sensação da minha boca na dela, já que nunca a beijei.

Porra, por que estou pensando nisso?

Lilly diz algo para turminha de merdas e sai vindo em direção às escadas, subindo. Eu viro minha cabeça para baixo para que ela não me note ainda. Bernard passa por mim indo para o banheiro e, só então me afasto do parapeito, coloco meu cigarro em um cinzeiro que havia no canto e a sigo.



— Lilly do céu!! Nunca estive em uma festa tão cheia e barulhenta. Quero dizer, já estive em milhares com meus pais, mas só tinha velhos chatos.

Karen segura meu braço assim que entramos dentro da grande casa, que já estava toda decorada e iluminada.

— Com certeza ficar com velhos deve ser melhor do que ver sexo ao vivo. — digo quando vemos um casal se engolindo em uma parede. — Karen e eu fazemos uma careta de nojo. — Só não encara. — falo mudando minha atenção para aquele tanto de gente, e notando que tinha alguns olhares direcionados a nós.

— Por que estão todos nos olhando? — eu pergunto querendo me encolher.

— Porque estamos lindas, Lilly. Principalmente você!

— Não sei não, ainda acho que estou muito exagerada...

— Você exagerada? — ela me faz olhar em volta, e vejo várias garotas extremamente exageradas.

— Tá bom... — sorrio derrotada.

Vemos Marcos de longe, e o mesmo acena para Karen ir até ele.

— Eu já volto... — ela diz soltando meu braço.

— Não se preocupe, só volte quando finalmente tiver dado uns beijos nele! — Karen cora as bochechas e antes que ela se vá, eu puxo seu braço levemente . — Apenas beijos... — pisco, sorrindo.

— Céus... Para com Isso, Lilly... — seu rosto vira um pimentão vermelho e, então rindo, ela vai até Marcos.

Um garçom me oferece bebida e eu não aceito. Acho que ainda não superei o dia que bebi, e acordei no apartamento do Calebe. Falando nele, eu ainda não o vi por aqui. Espero que tenha ido embora ainda à tarde.

— Olá morena. — um garoto loiro se aproxima com os amigos.

— Ah, oi...

Eles puxa um assunto sobre a festa, de como tem bastante gente, que a música era legal. Perguntam quem era eu e respondo com simpatia. Aliás, não tinha nada demais em apenas conversar. Mas sinto uma pequena ânsia de vômito e com medo de vomitar ali mesmo, peço licença e vou até o banheiro. Entro começando a suar frio e me apoio na pia colocando uma mão sobre minha boca. Respiro fundo três vezes seguidas, até aquele mal-estar passar. Talvez Karen esteja certa, eu não posso ficar pulando refeições. Abro a torneira, pego um pouco de água na mão e passo no meu pescoço enquanto olho minha imagem no espelho. Eu estava tão diferente com aquele tanto de maquiagem no rosto.

Continua sendo uma sem graça, Lilly.

Jogo um pouco de água no espelho, voltando a ficar triste. A porta se abre e uma outra garota entra, então saio do banheiro dando de cara justamente com o último ser que eu queria ver naquele momento.

— Você está me seguindo, Walton? — pergunto cruzando os braços.

— Deixe-me adivinhar, virou uma Paty-girl? — ele ignora minha pergunta, me olhando de cima a baixo.

Eu sorrio pelo nariz, ele era inacreditável. Sem lhe dar uma resposta, eu o ignoro também, começando a sair de perto dele, mas quando dou o primeiro passo, sinto minha pressão baixar e meu corpo tomba para o lado. E antes que meu corpo caia, Calebe me segura pela cintura, e eu me firmo nele, segurando seus braços.

— Ei, você tá legal? — seus olhos me encontram, e eu poderia jurar que ele parecia realmente preocupado.

Até lembrar que isso era impossível se tratando de Calebe Walton. Com esse pensamento, e com seu rosto tão perto do meu, solto seu braço e me afasta dele.

— Sim. Só me deixa. — com a mão em minha testa, caminho depressa me afastando .

Agora ele vai achar mais um motivo para me humilhar. Última coisa que quero, é que Calebe continue me vendo como alguém frágil e vulnerável. Procuro a cozinha, pego um pouco de água e sento um pouco no sofá. Eu pega minha bolsinha de lado e tiro meu celular para ver a hora. Ainda eram 20h45 de uma noite de sexta-feira.

— Oi, Lilly né? — eu olho para cima. Era o mesmo garoto loiro de agora a pouco.

—Oi, sim. você é o...? — tento me lembrar do nome dele, mas me falha a memória.

— Viny. — dá um sorriso.— eu ti vi aqui tão tristonha... Algo errado?

— Não, não é nada, só não estou me sentindo muito bem.

— Sorte sua que estou livre, e vim implorar para dançar comigo.

— Implorar? — eu arqueio uma sobrancelha começando a achá-lo engraçado.

— Sim, por favor, dance comigo? — ele estende a mão para mim.

— Viny, como eu disse, não estou me sentindo...

Ele me deixa terminar.

— Vai, só uma! Diz que sim, Lilly. — ele faz uma carinha tão fofa que derreto.

— Só uma! — pego em sua mão e ele me ajuda a levantar, puxando-me para seu corpo. — Ei calma. — digo sorrindo.

Ele retribui o sorriso e a música Uptown Funk do Bruno Mars começa a tocar.

— Ai meu Deus!! Eu amo essa música!! — grito pra ele.

— Ótimo, agora não precisa mais de desculpas para enfim dançar comigo.

— Não dei desculpas. — faço uma careta quando começamos uma dança muito engraçada

— Você é brasileira, não é? — Viny pergunta enquanto ele me dá um pequeno giro.

— Sim... Como sabe?

— Seu sotaque te entrega. — ele me puxa de volta para ele, numa dança muito maluca, mas ao mesmo tempo divertida. — Tenho uma prima que nasceu lá... e toda brasileira, é bonita.— dize e minhas bochechas esquentam e ele percebe meu desconforto. — Não precisa ficar com vergonha, Lilly. Você é muito bonita!

Deixo Viny me guiar enquanto me divirto com ele contando uma parte da música, que dizia assim “*Diga meu nome, você sabe que eu sou gostoso demais (caramba)*” Ele fazia graça e eu sorria, foi assim até a música acabar. Percebo que Calebe está me fulando com os olhos no andar de cima, mas apenas finjo que ele não está ali.

— Preciso ir ao banheiro, pode me esperar para mais uma rodada? — viny pergunta.

— Ah, não... Eu disse que seria só uma. — eu já estava zonzinha mais do que o normal.

— Ok, ok. Mas pelo menos tomei uma bebida comigo. — Penso um pouco, isso talvez eu poderia fazer.

—Tudo bem, viny.

Então ele sai indo em direção a algum banheiro. Como eu já tinha bebido toda minha água, pego o meu copo vazio para pegar mais. Porém me assusto quando alguém segura meu ombro. Eu me viro e vejo Noah me olhando com semblante estranho.

— O que ele te deu? — Noah pergunta. Ele parece muito chapado pela sua voz e olhos vermelhos. Já tinha visto minha mãe naquele estado. Assustada, puxo meu ombro de suas mãos, dando um passo para trás.

— Do que você está falando? — franzo a testa.

— O que Calebe fez, para conseguir te comer? — arregalo os olhos e olho em volta para ver se alguém ouviu

— Eu não sei do que você está falando. —Começo a me virar para continuar indo para a cozinha.

Eu não acredito que Calebe contou sobre isso a esse imbecil, isso só me faz ficar com raiva.

— Espera. — Noah segura meu braço com força fazendo com que seu contato me cause aflição. — Não se faça de difícil... Você deve ter uma buceta bem gostosa para ele querer te comer..

— O que...? Me solta Noah! — tento tirar meu braço de suas mãos, mas ele me puxa forte, me agarrando e eu entro em Pânico.

— Não vai... O que eu tenho que fazer, para poder comer você também, Lilly? Huh? — ele começa a passar aquelas mãos nojentas no meu corpo, me causando ânsia.

A música está alta e todos estão alheios aquela cena.

— Noah me solte! Você está me assustando! — desesperada, começa a gritar assim que sua boca alcança meu pescoço. — ME LARGA!

— SOLTA ELA, PORRA! — a voz de Calebe soa tão alto, que as pessoas param de dançar para prestar atenção em nós.

Noah vira o rosto na direção da voz de Calebe, no exato momento que ele chega perto e acerta um soco forte em seu rosto, fazendo Noah tombar para trás. Suas mãos enfim me soltam e Calebe sobe em cima dele, começando esmurra-lo sem dó. Em algum momento, Noah o empurra e revida. Meu coração está acelerado vendo os dois travarem uma luta de socos e chutes.

— Meu Deus! Alguém faz alguma coisa, eles vão se matar! — eu grito, vendo as pessoas fazendo rodinha para assistir. Vejo Karen vindo correndo toda descabelada.

— O que aconteceu?

— Noah tentou me agarrar à força. — digo tremendo. Percebo que Viny está ali perto observando e corro até ele. — Por favor, me ajude... Eles tem que parar!

Mesmo confuso, Viny chama Marcos que segura Noah, e ele segura Calebe por trás.

—EU VOU MATAR ESSE MERDA! —Noah grita com o rosto banhado de sangue.

— Não se eu te matar primeiro ! — Calebe não está tão machucado quanto ele. — Tire as mãos de mim! — Calebe puxa os braços das mãos de Viny e caminha em minha direção.

Meu coração bate tão forte que parece que a qualquer momento ele vai sair pela boca.

— Vamos embora dessa porra! — ele olha para mim e Karen.

— Eu não que.. — Karen começa, mas é interrompida por Calebe a olhando tão sério, que senti medo até na alma.

— Cala a boca e anda logo! Nivan já está te esperando lá fora.

Sem dizer mais nada, Karen vai para porta de saída. Sentindo minhas pernas tremerem, continuo parada sem saber o que fazer.

— Você tá fazendo o que? Esperando um convite? Anda logo, caralho. — dou um passo para trás pelo susto quando Calebe fala comigo.

Eu vou atrás dele, ainda em choque com tudo o que acabou de acontecer. Karen caminha em direção ao carro de seu motorista desanimada, e estou triste por ter arruinado sua noite. Eu estou indo até ela, mas Caleb segura minha mão.

— Você não vai com ela! — eu encaro ele por alguns segundos e respiro fundo.

— Tudo bem, eu só quero conversar com ela um pouco. — então Walton afrouxa o aperto e me larga.

— ... Me desculpa. — falo assim que chego perto dela.

— Não tem do que se desculpar, Lilly. Eu beijei muito! — ela sorri. — Só estou chateada como Calebe falou comigo.

— Sinto muito.

— Não se preocupe. Vou fazer meu pai tomar um carro dele. — eu dou um sorriso triste. — E você vai mesmo com ele? Você vai ficar bem?

E eu tinha escolha?

— Vou sim...

Dou-lhe um beijo na bochecha e aceno para ela, que faz o mesmo pela janela do carro. Eu caminho de volta até Caleb, que está com a porta do carro aberta.

— Entra. — ele ordena.

— Você não manda em mim! — eu começo a ficar irritada.

— Entra agora! Eu não estou pedindo, Lilly. — O encaro mais do que gostaria, sentindo uma vontade avassaladora de arrancar todos aqueles dentes de sua cara bonita.

— Quer ajuda pra entrar na porra de um carro, Bernard? — mesmo com o rosto um pouco machucado, consigo ver seu semblante sarcástico e irritado ao mesmo tempo.

Sem opção, entro e sento no banco do passageiro. E como uma criança birrenta, cruzo os braços e me viro para janela.

Caleb Walton

Quando Lilly quase desmaia em minha frente, fiquei preocupado. Será que ela estava se alimentando mal ou estava doente? Não sei, isso era importante? Porque eu estava preocupado com a porra do seu bem-estar? A deixo ir e volto para o meu lugar, observando-a de longe. Até ver um Mauricinho a chamando para dançar, e ela aceitando...

Ah, mas ela vai me pagar por isso..

Vê-lo tão próximo de Lilly e com as mãos em Volt dela , me fez travar o maxilar de ódio. Minha vontade era de ter uma arma aqui para tirar em sua cabeça. Mas tudo piorou quando o idiota sai e vejo Lilly indo em direção à cozinha. Como tinha muita gente na frente, a perdi de vista. E quando a vejo novamente , meu sangue ferve, vendo aquele desgraçado do Noah tentando agarrá-la à força. Sem pensar duas vezes, cerro os punhos correndo até lá para quebrar a cara dele. Deixei toda raiva em seu rosto, até ele revidar, mas tenho certeza que eu bati mais.

Mando Karen para casa e levo Lilly para meu apartamento, e ela me ignora caminho todo, olhando para nada lá fora.



Estaciono o carro na garagem e saio e Lilly faz o mesmo logo depois. Subimos o elevador em silêncio, dava pra ver a raiva estampada no rosto de Lilly enquanto ela cruza os braços, deixando-a fofa.

Droga, essa garota está me enlouquecendo.

— Cara feia pra mim é fome, Lilly. —eu me encosto no elevador.

— Eu não quero falar com você!

Vou até ela e coloco minhas mãos na barra de ferro atrás dela, prendendo-a com meu corpo, e sussurro em seu ouvido:

— Mas eu quero falar com você, Bernard, e quero muito.



Capítulo 31

TRILHA SONORA: Never Be The Same Camila Cabello

Calebe está me pressionando contra a barra de ferro do elevador, dizendo que quer falar comigo. Mas eu estava tão esgotada e sobrecarregada que o empurrei com força para longe de mim.

— POR QUE NÃO ME ERRA? Já entendi que eu só passo de um buraco para você enfiar esse pau sebo. O que mais você quer de mim? Já não está satisfeito de me humilhar?

— Ei, não fale assim comigo ! —Calebe diz irritado, mas logo muda seu semblante, tentando se acalmar e fala mais baixo: — Lilly, vamos conversar, não precisar gritar.

Eu o ignoro e continuo gritando.

— Eu falo do jeito que eu quiser! Você não é meu dono! — meus olhos começam a se encher de lágrimas. — Não pode me sequestrar ou fazer qualquer coisa comigo quando bem quiser...

— Lilly.. — ele tenta chegar perto, mas eu me afasto.

— NÃO! Você já acabou comigo de todas as formas possíveis, falta só me bater. — Calebe ainda está perto, então eu empurro seu peito, não me importando com o que ele vai fazer. — Anda, me bate! Me bate! Faz eu te odiar mais, caralho.

— Lilly... — eu continua empurrando ele.— Lilly! — Calebe segura minhas mãos e com lágrimas eu o encaro.

— O que mas você quer de mim?

Ele não diz nada, mas vejo seu peito subindo e descendo rapidamente. Eu tento me soltar dele para sair daquela merda. Mas suas mãos não me soltam, pelo contrário, elas me puxam mais forte para ele.

— Mas que droga, o que você está fazendo... — eu me calo com a boca dele pressionando a minha, me fazendo entrar em choque.

Tento debater com minhas mãos para empurrá-lo. Mas Calebe enfia a língua na minha boca com leve gosto de bebida e cigarro, insistindo um beijo bruto. Ainda com os olhos abertos meu corpo fica rígido e na medida que ele pede passagem para entrar em minha boca, eu relaxo minhas mãos e sem muito o que fazer, aos poucos fecho olhos e abro a passagem para enfim, sua língua duelar com a minha, em um beijo ardente e odioso. Calebe solta minhas mãos e segura firme minha nuca, enfiando-se mais em minha boca, como se naquele momento ele só dependesse daquilo. Em um misto de excitação e ódio, minhas mãos tímidas vão para o braço dele, tentando me firmar em meus pés, pois estava sentindo todo o ar sair de mim. O elevador se abre e ele rapidamente me solta. Eu tento recuperar o fôlego, me sentindo confusa. Calebe se recompõe entrando em seu apartamento, e eu o sigo, ainda zonzinha.

— P-por que você fez isso? — pergunto tentando recuperar minha dignidade.

— Para você calar a porra da boca!

Fico sem saber o que dizer, pois eu acabei de deixar o maior filho da puta me beijar depois de meses apenas transando? E o pior... eu gostei?!

Deus, eu estava mesmo louca.

Calebe vai até a cozinha, e sai de lá com uma garrafa de whisky pressionada em seu machucado, agindo como se nada tivesse acabado de acontecer.

Típico dele fazer isso.

Respiro fundo tentando fingir que aquele beijo também não me afetou e caminho até ele, tentando não surtar de novo. Talvez se não fosse por ele, nem sei o que Noah teria feito comigo, então engulo meu orgulho e digo:

— Deixe-me ajudar com isso.

Eu sabia que havia uma gaveta na sala só de remédios e curativos. Fiquei aqui tanto tempo que sabia até onde ficava a casa das formigas.

— Não precisa, é perigoso você injetar vendendo em mim só para me matar. — ele se senta no sofá ainda com a garrafa na testa.

— Poxa, que pena que não tem uma seringa por aqui.

Ah se tivesse...

Eu sigo em direção à mesa que eu conhecia bem, engolindo em seco, apenas com a lembrança do que Calebe fez comigo em cima dela. Eu tento não pensar nisso agora. Abro a pequena gaveta e pego um kit de primeiros socorros e volto para o sofá e sento ao lado dele. Pego o álcool e colocar um pouco em um algodão.

— O que está fazendo? — Calebe me olha confuso.

— Afasta essa garrafa daí. Não vai resolver nada. — digo, e assim que ele tira, passo com cuidado o algodão em no machucado. — Calebe afasta um pouco a cabeça quando o álcool entra em contato com sua ferida.

— Está doendo? — pergunto trocando algodão e passando nos outros hematomas.

— Ai! — ele resmunga. — Está gostando de me torturar, Bernard? — ele olha para mim, arqueando as sobrancelhas.

— Ah, sim. Você não sabe o quanto. — eu sorrio, terminando de limpar todo o seu rosto.

— Vou pegar um copo d'água, assim você toma um remédio para aliviar um pouco a dor. — eu vou me levantar, mas Calebe agarra meu braço.

— Não é do remédio que eu preciso para me aliviar. —ele me olha maliciosamente.

Calebe me puxa, me montando em seu colo. Ele me firma ali, com as mãos em volta de mim.

— Você só pensa em sexo? — pergunto sentindo meu corpo começar a formigar.

— Não. — sussurra.

Sua mão entra por baixo da minha blusa, encontrando meu peito nu e duro. Ele se inclina mais perto, respirando no meu pescoço me deixando ansiosa.

— *Eu só penso em você, Bernard.*

Fico sem reação com a sua confissão, mas ela faz meu coração bater tão rápido que, por um momento, acho que até Calebe consegue ouvir. Sua boca brinca com a minha orelha e minha respiração começa a falhar.

— Calebe. — sussurro seu nome quando ele aperta forte meu peito, fazendo minha respiração ficar curta e irregular e involuntariamente,

começo a me esfregar em seu colo.

Droga.



Quando vi o desespero da Lilly no elevador, minha única reação foi beijá-la. Não para calá-la, mas porque eu estava morrendo de vontade de fazer isso. Quando ela sentou ao meu lado no sofá, seu cheiro doce invadia todo o ambiente e vê-la cuidar de mim. Isso só me fez perceber que, mesmo eu sendo um filho da puta, ela ainda sabia ser gentil. E naquele momento, percebi que o que eu mais temia aconteceu.

*Eu estava fodidamente **apaixonado** por Lilly Bernard.*

Fui sincero quando a puxei para o colo e confessei que só pensava nela. Fiquei duas semanas sem tê-la, me deixando louco de saudade e desejo. Com a mão ainda brincando com o peito dela, sinto Lilly se esfregar em mim, deixando meu pau tão duro que rasgaria minhas calças se fosse possível. Ela fecha os olhos enquanto dou pequenos chupões em seu pescoço e observo sua boca carnuda, que está tão convidativa como no elevador. Eu não estava querendo apenas sexo naquele momento, eu queria tudo da Lilly... tudo e mais um pouco.

— Eu acho que vou te beijar de novo. — aviso com a voz rouca assim que ela me olha de volta e dá um sorriso tímido.

— Mas eu nem estou conversando muito.. — ironiza, subindo uma mão para meu braço.

— Está sim, e temos que resolver isso.

Vou com a mão até o cabelo dela ainda com a peruca, e a trago para mim, roçando lentamente meus lábios nos dela. Abro a boca apenas para sugar seus lábios carnudos de baixo, sentindo-a estremecer de antecipação. Sem esperar mais, enfio minha língua para dentro. Gostei tanto disso, que seguro Lilly firme, e sem separar nossas bocas, a viro para o sofá ficando por cima dela, aprofundando aquele beijo molhado e

excitante. Eu beijei poucas garotas, porque não via necessidade disso. Mas a boca de Lilly era tão doce e viciante.

Como beijá-la podia ser deliciosamente prazeroso?

— Calebe — ela dá um grunhido baixo em minha boca. — Calebe, eu... eu preciso respirar. — reclama.

Então me afasto, irritada por ela ter me feito parar. Eu olho para Lilly embaixo de mim, sua boca inchada em busca de ar, e a visão dela assim faz meu peito subir e descer pronto para mais.

— Espero que tenha pegado ar suficiente, Bernard. Porque eu não vou mais parar!

Volto a beijá-la e ela não resiste. Desta vez eu a pego em meus braços, e sem tirar minha boca de seus lábios suculentos. Eu a levo para o meu quarto, deitando delicadamente seu corpo na cama.

Hoje, Lilly Bernard iria me pagar com juros por te me feito ficar perdidamente viciado nela.



Calebe solta meus lábios, apenas para descer pelo meu corpo e lentamente puxar meu tênis do meu pé. Sem tirar os olhos dos meus, ele segura cada lado da minha calça de moletom e a puxa, levando minha calcinha com ela. Meu corpo está tão quente, que poderia ser confundido facilmente como a febre, Calebe desperta ódio e prazer em mim ao mesmo tempo. Eu não deveria estar me sentindo assim em relação a ele, mas quando o vejo tirando rapidamente toda a sua roupa, meus olhos não deixam de vagar por todo o seu corpo bonito. Seu pau está tão duro que sinto um arrepio na espinha.

— Só não quero baba na minha cama. — Calebe sorri me pegando no flagra o admirando.

— E-eu não estava olhando pra você... — eu minto virando meu rosto, sentindo ele esquentar de vergonha.

Calebe se ajoelha em minha frente, e minha boca fica seca quando ele coloca uma das minhas pernas em seu ombro, levando um dedo para minha vagina extremamente úmida.

— Ora, ora. O que temos aqui... — Calebe acrescenta mais dois dedos e eu dou um gemido alto.

— Será que é tão bom quanto a boca de cima? — ele pergunta e sua língua molhada toca em minha abertura me fazendo engasgar.

— Oh, céus... — levo minha mão à boca e mordo um dedo com sensação gostosa.

Seus dedos se movem lentamente em mim, enquanto lambe toda extensão da minha vagina. Ele simula um beijo demorado em meu clitóris, e eu começo a me contorcer.

Putá merda, como ele era bom com aquilo.

— C-Calebe... — eu puxo seu cabelos enquanto gozo em sua boca.

Ele por sua vez, continua lambendo até a última gota.

— Seu gosto é delicioso...

Sua língua molhada deixa meu ponto Sensível e sobe lentamente por minha barriga, até chegar em meu peito dolorido e duro. Ele tira meu cropped começando a sugá-los, fazendo meus gemidos aumentarem. Sua boca é substituída por suas mãos grossas assim que seus lábios passeiam por todo o meu pescoço e bochecha, até alcançar minha boca e um beijo agressivo e excitante começa ao mesmo tempo que ele amassa e aperta meus peitos. Calebe abre mais minhas pernas com o joelho e se posiciona entre elas. Sem parar de me beijar, ele desliza suas mãos livres entre nós segurando seu pau, guiando-o para minha entrada. Sinto meu corpo em chamas, sedento para senti-lo em mim. Sim, isso é loucura! Uma excitação proibida. Mas meu corpo quer. *Eu quero.*

Talvez eu fosse mesmo louca.

Calebe empurra devagar para dentro, abafando meu longo suspiro em seus lábios. Ele começa um vai e vem lento e torturante. Meus pulmões parecia que iria explodir a qualquer momento. Toco em seu peito, empurrando-o lentamente para ele me deixar respirar.

— Você q-quer me matar...? — pergunto com dificuldade.

— Sim, Lilly.... Te matar de prazer! —Então se enfia mais, e seus movimentos aumentam, me fazendo prender a respiração a cada estocada

que ele dava.

— Oh...

— Porra, como pode ser tão gostosa? Tão viciante...

Ele estava me penetrando tão forte e preciso, que meus seios balançam em movimento conjunto, fazendo eles doerem um pouco. Uma onda forte de prazer começa percorre outra vez meu corpo, e sem perceber, estou implorando a Calebe por mais.

— Por favor...

— Você quer gozar no meu pau, Bernard?

— Sim... Por favor, eu quero. — meus olhos começam a encher d'água no momento que Calebe massageia meu clitóris, enquanto estoca mais fundo.

— Você quer assim...? — sua voz está carregada de excitação e rouquidão. — Goze para mim *bombomzinho*.

— Bem assim... Oh, isso... C-Calebe, eu acho que vou...

Não consigo mais formar nenhuma frase, pois sou invadida pela melhor sensação da minha vida enquanto jogo minha cabeça para trás. Sinto meus olhos virarem e meu corpo todo tremer, fazendo lágrimas caírem dos meus olhos pelo grande prazer que senti.

— Boa garota. — Calebe diz chegando ao seu Clímax também, e me esmaga caindo sobre mim.

Começo a fungar e ele levanta a cabeça me observando.

— O que foi? Eu te machuquei? — pergunta preocupado.

Abaixo meu rosto para ele, encarando-o por alguns segundos. Eu tinha tantas perguntas. O que mudou?

— Não é nada... É só que você está me esmagando. — minto.

Eu não iria falar pra ele que chorei de prazer, nem que me pagasse.

— Ah... — Calebe se levanta, saindo com cuidado de dentro de mim e logo veste sua cueca.

— Melhor eu ir... — eu começo a me levantar, ficando sem jeito com toda essa situação.

— Não vá hoje... — gelo no lugar com a possibilidade dele me trancar aqui de novo, e ele percebe.

— Lilly, eu não vou te trancar de novo.

Eu não acredito nele.

Calebe bufa e sai do quarto. Tiro a peruca que estava toda torta no meu cabelo, impressionada que ela ainda estava ali. A primeira coisa que faço é procurar minha calcinha, e a visto antes de Calebe a roube de mim. Logo depois coloco minhas roupas. Calebe entra de novo no quarto, pega minha mão e deposita uma chave nela.

— Quando quiser ir, vá. Apenas fique esse final de semana.

— Por que? — não entendia essa mudança repentina comigo.

Ele se aproxima de mim e coloca uma trança rebelde atrás da minha orelha.

— Eu não sei...

Fito Calebe confusa. Eu deveria mandar ele se foder, pegar minhas coisas e ir embora. Mas eu não fiz isso..

— Com uma condição.

Ele cruza os braços e levanta uma sobrancelha.

— Me diga onde está minha mãe.

Walton me analisa por alguns segundos, e meu coração acelera ansioso por sua resposta, mas ele apenas pega sua carteira e tira um cartão, entregando-o para mim. Eu pego e leio. Era de uma clínica de recuperação.

— O que é isso?

— Ela está internada lá há duas semanas. Você pode visitá-la na segunda.

Olho o perplexa para o cartão e depois para Calebe.

— Como assim? Quem a colocou lá?

— Porra, Lilly. Foi eu!

— Por que?

— Garota, você sabe ser chata às vezes. Está aí, não está? Agora você sabe onde encontrá-la, e só isso que precisa saber.

— Fez isso para me chantagear?— eu pergunto começando a ficar triste.

— Mas que porra, vou ter que te beijar de novo para calar essa boca?

Então respiro fundo e tento não pensar nisso naquele momento, pelo menos agora sei onde ela está. Eu volto minha atenção para Calebe, não querendo discutir mais, e dou a ele um meio sorriso.

— *Vai precisar fazer mais que isso para calar minha boca, Senhor Walton.*



Capítulo 32

TRILHA SONORA: Camila cabello - Senorita

— Hmm... — ainda sonolenta dou um gemido, sentindo algo quente e molhado no meio das minhas pernas.

Abro meus olhos piscando-os lentamente. Eu olho para baixo para ver o movimento sob as cobertas, e dou outro gemido quando percebo que é a língua de Calebe vagando pela minha vagina.

— Céus. Você não cansa? —pergunto ainda gemendo.

Ele não me deu trégua um minuto sequer, me possuindo a noite toda, e me acordando a cada meia hora para mais.

— Shhh. — Calebe sobe para cima do meu corpo, saindo de dentro da coberta só para começar a beijar lentamente meu pescoço e eu sinto seu pênis duro roçando em mim.

— Respondendo sua pergunta, não. Eu acho que nunca vou me cansar disso.— suas mãos passeiam por meus peitos. — Estão tão durinhos... — ele brinca com eles, colocando dois dedos em meus mamilos, apertando-os. — Eu só quero tomar meu café da manhã em paz... — grunhe beliscando meu peito, dou um sorriso e Calebe posiciona seu pênis em minha fenda molhada por sua saliva

— Tudo bem... Só mais uma vez.

Me ajito colocando uma perna em sua cintura e antes que eu possa dizer ou fazer mais alguma coisa, ele mergulha em mim, me fazendo

afundar na cama.

— Ai... — resmungo baixo.

Calebe fica parado e me encara.

— Está doendo?

— Não, só estou um pouco dolorida... — sorrio um pouco envergonhada. — Você está acabando comigo.

— E olha que eu nem comecei, Bernard.

Seus quadris voltam a se moverem precisos, me arrancando gritinhos de prazer. Enquanto os minutos passam, milhares de pensamentos passavam por minha cabeça. Quem era esse Calebe? Por que eu estava gostando de cada toque seu em meu corpo quando deveria estar sentindo desprezo?



Lilly adormeceu novamente depois de outra sessão de sexo bruto. Eu sorrio quando olho para ela na cama. Ela era tão fraca. OK, tudo bem que eu estava insaciável, querendo fode-la a cada minuto. Deixo uma bandeja com algo para ela comer quando acordar na mesinha ao lado da cama e faço algo rápido para mim. Sento no sofá pensativo. *Que porra eu estava fazendo?* Era para ser apenas sexo, e agora me vejo apaixonado como um idiota por Lilly, de uma maneira nada saudável. Eu não sei exatamente quando comecei a sentir algo a mais por ela. No começo achava que era por ela ter a melhor buceta que eu já comi em toda minha vida, ou pelo fato de ter sido eu, a tirar sua virgindade. Mas não era só isso, nunca gostei de ninguém de uma forma romântica. Isso era estranho. Eu nem sabia o que era o termo “estar apaixonado”. Só sabia que era isso que eu estava sentindo..

Porra.

Que caralho essa garota fez comigo?

Quando pedir para Leonel por sua mãe em uma clínica há duas semanas atrás. Por incrível que pareça, não foi para chantageá-la. Na verdade, nem eu sei exatamente porque eu fiz. Levanto-me, pego um whisky na prateleira e coloco em um copo. Eu vou para as grandes janelas do meu apartamento, tomando um pequeno gole em minha bebida.

— Não é muito cedo para beber, Walton?

Eu me viro para ver Lilly, lindamente descabelada com um lençol enrolado em seu corpo.

— Já passam das três horas, Lilly... Você que dormiu demais.

— Ah... — ela parece envergonhada e aperta mais os lençóis em seu corpo. — Melhor eu ir tomar um banho..

— Só vai poder usar meu banheiro, se eu puder ir junto. — eu arqueio uma sobrancelha dando um passo em sua direção.

— Não. — Lilly sorri achando que eu estava brincando, até ver que eu dou outro passo. — Ai meu Deus, não! NÃO CALEBE! — ela começa a correr de volta para o quarto subindo pelo sofá e eu corro atrás dela.

— Me deixe — ela grita sorrindo quando eu a alcanço e a seguro pela cintura, abraçando-a por trás.

— Não deixo. — mordo o lombo da sua orelha e começa a guiá-la até o banheiro...



Estou sentado na cabeceira da cama tentando me recompor.

— Calebe? — Lilly me chama assim que a puxo para mim, encostando suas costas em meu peito.

— Hum?

Seguro cada joelho seu com minhas mãos e abro suas pernas.

— Por que me odeia tanto? — ela pergunta com a voz baixa.

Vou com a mão por sua barriga, até chegar com os dedos em sua buceta ainda suja pela minha porra, e passo os dedos em círculo a massageando, ouvindo ela gemer em resposta.

— Por que está me perguntando isso?

Aperto um dos seus peito com a mão livre enquanto chupo seu pescoço por trás.

— P-porque.. Céus... — ela joga a cabeça para trás encostando em meu ombro

— O que estava falando? — pergunto rouco em seu ouvido, não querendo responder sua pergunta, lembrando o que Karen havia me dito uma vez.

— Está jogando sujo.

— E que dia eu joguei limpo, Bernard?

Sinto os pelos da sua nuca se arrepiarem na medida que eu dou pequenos beijos em seu pescoço, observando-a gozar pela quarta ou quinta vez. Não sei, parei de contar na terceira... Não me cansava de seus gemidos e gritos quando ela se derretia em um orgasmo.

Céus , Lilly era maravilhosa.

— Juro que se eu não conseguir mais andar, mato você! — ela diz ofegante.

— Pagaria para ver Isso.

Então ela se afasta ainda trêmula, se vira na cama e me encara.

— Eu ainda te odeio, você sabe, não é?

— Sim, percebi isso na terceira vez que seus olhos viraram enquanto eu estava te fodendo. — eu pego um cigarro no canto e acendo.

— Você é um idiota... — Lilly tenta se afastar, mas eu seguro sua perna.

— Um idiota que te faz gozar.

— Isso qualquer vibrador resolve. — ela morde a boca.

Filha da puta.

— Você está me comparando com um vibrador, Bernard?

Ela puxa sua perna de volta e ainda rindo levanta e veste minha camisa.

— Estou com fome. — muda de assunto e vai para fora do quarto e eu fico sério.

— Lilly volta aqui! Você me comparou mesmo com a porra de um vibrador!?

Revoltado, me levanto indo atrás dela.



Estou com cabeça deitada no colo de Calebe, enquanto ele mexe no meu cabelo tentando trançar uma trança na outra.

— Como é feito isso aqui? — eu olho para cima e vejo seus olhos concentrados em meu cabelo e dou um sorriso.

— Com muita paciência e dedicação. A trancista usa algum tipo de lã de crochê para juntar com meu cabelo.

— Lilly. — volto a olhá-lo. — Não quero que esse dia acabe... — eu pisco o fitando.

Eu não sabia como seria depois, mas de uma coisa eu tinha certeza. Eu nunca mais veria Calebe Walton, com os mesmo olhos.

— Eu também não...

Parecia até outra pessoa que estava comigo, um lado dele nunca visto por ninguém.

— Posso confessar algo? — ele pergunta e eu aceno com a cabeça.
— Eu menti sobre ter ficado com outras garotas.. Eu não fiquei.

— Por que?

— Porque eu não quis.

Não falo mais nada. Não queria admitir que gostei de saber daquilo.

— Calebe?

— Sim?

— Você que contou a Noah.. Sobre nós? — Pergunto não querendo lembrar daquele ocorrido.

—Não. Ele nos viu saindo do banheiro.. Mateus também sabe.

Eu sento no sofá.

— E agora? — pergunto preocupada.

— Agora nada. Não devemos nada para ninguém, e fazer sexo não é crime!

Ele me encara e eu fico pensativa. Isso não faz eu parar de ficar com medo deles usar isso contra mim.

— Lilly, não se preocupe, ninguém mais vai mexer com você. Se Noah sequer sonhar em te de tocar outra vez, eu mesmo vou mat...

O interrompo dando um selinho nele, que fica surpreso e confuso.

— Você está falando demais! — eu sorrio usando a mesma desculpa que ele usou comigo.

— Você não fez direito...

Dou um gritinho de susto assim que ele puxa minhas pernas para baixo, fazendo-me deitar no sofá. Calebe sobe em cima de mim, pega minhas mãos, colocando-as no topo da minha cabeça, entrelaçando suas mãos com as minhas enquanto ele me envolve em um beijo molhado e selvagem. E assim foi durante toda a tarde e noite de sábado. Fizemos sexo em todo o apartamento dele. Incluindo cama, sofá, cadeira, mesa, banheira e chão. Era como se só existisse nós em todo o planeta Terra. Talvez amanhã tudo voltaria a ser como antes, e Calebe fingiria que esse final de semana nunca nem aconteceu. Mas hoje era só eu e ele e meu coração estava feliz com aquilo.



Calor, tudo que sinto. Abro os olhos e um corpo pesado cobre o meu, Calebe estava embebado em mim enquanto dormia tranquilo. Suas pernas estavam no meio das minhas de maneira íntima demais... Sinto meu estômago embrulhar e uma ânsia de vômito sobe por minha garganta, e tenho que me esforçar mais que o normal para sair debaixo de Calebe. Quando me livro do seu peso, eu corro para o banheiro, me ajoelho no vaso e por pouco não vomito no chão. *Droga.* Acho que vomitar de estômago vazio, acabou de ser incluído a minha lista de piores coisas do mundo.

Sento-me no chão, estava apenas com uma camisa de Calebe. Passo o braço por minha boca e estendo a outra mão para pegar o papel higiênico. Desde sexta não estou me sentindo bem e eu nem sou de ficar doente tão facilmente. Observo o papel completamente branco e algo passa pela minha cabeça.

Merda. Puta merda.



Capítulo 33

Me levanto rapidamente do chão, saindo do banheiro e começando a procurar meu celular. O acho no chão perto do perto da cama, pego ele e olho a data de hoje, ignorando as dezenas de ligações de Karen. Merda, merda. Minha menstruação deveria ter vindo há uma semana *atrás*. Sinto mais vontade de vomito e corro de novo para o banheiro. Volto a sair de lá angustiada. Pego minha calça moletom, começando a me vestir e enfio meu pé sem meia mesmo no tênis. Eu precisava sair daqui o mais rápido possível.

— Lilly? — estremeço ao ver Calebe sentando-se lentamente na cama enquanto coça um olho. — Está tudo bem?

— S-sim, está! — tento controlar minha respiração. — Eu... eu só preciso ir.

— O que? Não vai ainda...

— Sinto muito. Mas eu tenho mesmo que ir.

Apanho minha bolsa e meu celular indo em direção a sala. Apresso meus passos até a porta, girando a chave.

— Lilly, espera. Eu te levo. — eu me viro rápido e vejo Calebe na porta do quarto só de cueca. — Só vou me tro...

O interrompi em um grito.

— NÃO! — ele me olha estranho, e logo tento manter a calma. — Não precisa, eu pego um Uber.

Sem demora abro a porta e corro em direção as escadas. O elevador poderia demorar e Calebe pode vir atrás de mim. Desço as escadas sentindo meu corpo e coração em agonia.

Isso não pode está acontecendo.

Meus olhos começam a lacrimejar, pois desde minha primeira menstruação, eu nunca havia atrasado. Chego ao estacionamento e, como uma maluca, corro mais rápido até a rua e pego o Uber.



Estou chegando perto de casa.

— Moço, pare perto daquela farmácia, minha casa é ali perto.
— eu peço ao motorista e ele me deixa onde eu pedi.

Entro correndo e compro três testes de gravidez. Eu estava tão nervosa que pego a sacola das mãos do atendente tremendo. Minha casa ficava a um quarteirão da farmácia, então ando rápido. Chego destrancando a porta e deixando-a entreaberta pela velocidade com que entro. Algumas coisa estavam se encaixando, sono pesado, os enjoos e as tonturas durante todo esse mês.

Não Lilly! Isso é só paranoia da sua cabeça.

Entro no o banheiro. Tremendo, tiro a caixinha da sacola e leio a bula de como usava o teste. Respiro profundamente me sentando no vaso fazendo xixi em um copinho. Termino e mergulho os três teste de uma vez dentro do pequeno copo, deixando-o em cima de pia. Tiro cinco minutos depois. Não olhando ainda, viro os testes e saio do banheiro suando frio. E se eu tivesse problema de coração, eu já estaria morta hora dessas, de tão forte que ele está batendo. Eu vou até minha penteadeira e abro uma caixinha onde os comprimidos que Calebe me deu estavam . Lembrando-me que a última vez que tomei um, foi no dia do aniversário dele.

Droga. Como não pensei nisso? Ele ficou comigo a semana toda sem prevenção, e depois eu fiquei tão ocupada com meu estágio e trabalho, que esqueci totalmente desse fato. Passo as mãos suadas em minha testa, que estava mais suada ainda. Caminho de volta para o banheiro pegando os testes em minhas mãos trêmulas.

— Oh, meu Deus. Me ajude.

Então os viro para mim, e tenho que me segurar na porta para não cair. Os três estavam com duas listras muito forte.

Droga, droga. Calebe vai me matar!

Vou para sala, olhando sem parar para os testes. Estou tão em choque, que meu corpo trava. Como eu deixei isso acontecer? Justo eu que sempre sou certinha com minhas coisas. E minha faculdade? Meus sonhos?

— Lilly? — a voz de Calebe entrando em minha casa, me assusta despertando-me do transe. — O que está acontecendo? — ele olha para mim confuso.

Um desespero fora do comum me atinge e eu travo não conseguindo formar uma palavra sequer. Ele se aproxima, e com muito medo, dou um passo para trás, fazendo-me escorregar um pouco no tapete, e pelo movimento deixo os testes caírem no chão.

— Merda. — eu me agachou para pegá-los, mas era tarde demais. Calebe se abaixa apenas para pegar um em sua mão.

— O que é isso?

Seus olhos se transformam, e posso jurar que ele também entrou em choque, assim que percebeu que era um teste de gravidez.

— Calebe, calma, por favor. — digo sentindo as lágrimas se formando em meus olhos.

— PORRA, LILLY! — ele bate forte na minha pequena mesa, fazendo tudo que havia em cima, cair no chão, me assustando. — Merda, você só tinha a porra de um trabalho. Só tinha que tomar o caralho do remédio! — Calebe chuta novamente a mesa. — Eu te falei! Você tem noção da situação? — ele passa a mão pelos cabelos. — Eu não quero ser pai!

Olho para ele sentindo meu corpo esquentar de ódio.

— A culpa é sua. — digo entre dentes.

— Como é?

— EU DISSE QUE A PORRA DA CULPA É SUA! — explodo. — Você me levou para seu apartamento. Me obrigou a abrir as

pernas todos os dias para você, que nem se deu o trabalho de levar as pílulas para mim! Agora está fazendo esse show ridículo de” não quero ser pai “. Pensasse isso antes de me fazer de puta.

Meu rosto está banhado em lágrimas e tento me manter em pé por tanta emoção e raiva. Calebe anda pela minha casa de um lado para o outro, me deixando angustiada.

— Eu não posso ser pai, Lilly. Eu não quero. Porra, você fez isso de propósito?

Olho para ele incrédula. Parecia que ele não tinha ouvido nada do que eu acabei de falar. Como justamente eu faria isso propositadamente? Então movida pela grande raiva dentro de mim, pego um balde que estava perto do sofá e jogo forte contra ele.

— VAI EMBORA! — agora eu pego o rodo e faço o mesmo.
— Sai da minha casa!

Vou até a pia de vasilhas e começo a jogar o que vejo pela frente nele.

— Lilly, para com isso! —ele diz tentando se esquivar.

— Sai, Calebe. Some da minha frente. Vira homem e assume seu erro. Você é um desgraçado. *Eu te odeio!*

Pego uma garrafa de vidro, e quando ele percebe que eu realmente iria jogá-la, diz rude:

— Tudo bem, eu vou. Mas essa conversa ainda não acabou.

Ele sai batendo a porta tão forte, que provavelmente rachou algum vidro. Jogo a garrafa contra a parede, fazendo os cacos todos se espalharem pela pequena sala. Eu estava grávida de um cretino que me usou só para sexo por meses. Meu peito estava doendo, porque no fundo , eu estava apaixonada por ele. Como eu sou uma idiota. Como eu pude acreditar que ele também estava sentindo algo por mim? Ele só me queria entregue, para continuar me tendo a sua disposição. E a burra aqui, simplesmente ignorou o fato de quem realmente era Calebe.

Alguém frio e sem amor, que sente prazer em me humilhar.

Eu queira que ele se fodesse, eu não iria tirar essa criança. Por mais que eu não tenha condições de criá-la, não teria coragem de abortar.

Só conseguia pensar na minha faculdade, como iria conciliar as coisas? Eu poderia trancá-la por um tempo. Mas aí perderia a bolsa. Não acredito no que está acontecendo.

Deus, por que comigo?

Olho pelo vão da janela só para confirmar se Calebe realmente foi embora. Pego uma mochila e começo a colocar algumas roupas e documentos dentro. Vou até a mesinha perto da minha cama e pega o porta-retrato dos meus pais. Sabia que Calebe voltaria, precisava ficar longe dele por hora. Se ele me obrigasse a tirar a criança? Não quero nem imaginar isso.

Depois de tudo necessário arrumado. Tomo um banho rápido, coloco uma roupa confortável e chamo um táxi.

— Para onde moça? — o motorista pergunta.

Eu não tinha para onde ir, nem dinheiro para alugar algo, ainda não podia contar para a Karen. Gustavo morava do outro lado da cidade. Então, sem opção, peço a ele para me levar ao meu serviço onde eu trabalhava de estagiária.



Desço do táxi sem saber o que fazer. Então, com a cara e a coragem, toco a campainha. O lugar era grande, provavelmente Hector estava trabalhando, pois apenas alguns funcionários ganhavam folgas no domingo. Suzi, sua secretária abre a porta sorrindo, mas ao ver meu rosto inchado fica séria.

— Céus, Srta. Bernard, o que houve com você?

— Hector, está? — eu tento não chorar.

— Sim, venha. Vou te ajudar a levar essas coisas para dentro.

Deixo as bolsas no canto da porta, porque dependendo da resposta dele, eu iria procurar um abrigo por enquanto.

— Ele está na sala de desfile, quer que eu te acompanhe até lá?

— Não precisa. Obrigada.

Entro na sala abrindo as duas grandes portas e vejo Hector sentado com a cabeça baixa na passarela vazia.

— Senhor Hector? —eu chamo e ele levanta a cabeça.

— Lilly?... Isso! Céus, Deus te mandou aqui! — ele se levanta vindo em minha direção e começa a me rodear, e fico sem entender nada. — Você sabe andar de salto? —perguntou do nada.

— O quê? Eu sei, mas não me garanto. Por que está perguntando isso ?

— Eleonor sofreu um pequeno acidente de moto e quebrou a perna. Vai ficar em falta, pois combinei cinco modelos! E as outras estão no desfile da GAP em Milão. Preciso de uma substituta para hoje!

— Por que não chama a Suzi ou alguém profissional? O único desfile que sei fazer, é quando eu estou limpando a casa. — digo sincera. — Você só vai passar vergonha comigo.

— Lilly, só virá três estilistas. Então, por favor. Você não fará de graça. Ganhará um bom cachê. Por favor, você tem o porte e a cor de Eleonor! Ela ficará muito grata por isso.

— Mas...

— Pelo amor de Deus, não diga não!

Eu não sabia se iria dar conta de fazer isso, foi uma manhã perturbada. Mas ele falou algo sobre cachê e precisava de dinheiro, talvez com o que ele me desse eu conseguiria alugar um quarto por uns dias. Essa era uma boa oportunidade.

— Ok. Mas eu não sei nada sobre isso, Hector.

— SUZE! —ele grita. — Não se preocupe, em menos de 5 horas você vai estar arrasando aquela passarela.

— Me chamou, Sr. Smith?

— Sim, quero que ajude Lilly a brilhar mais ainda, porque esta noite ela será minha estrela!

Merda, tem como minha vida ficar ainda mais doida?

Caleb Walton

Capítulo 34

Quando senti o calor do corpo de Lilly deixando o meu, mantive meus olhos fechados. Talvez ela só quisesse usar o banheiro e voltaria novamente para cama. Até vê-la saindo dele e voltando novamente. Parecia que ela estava vomitando. Seus olhos pareciam assustado quando perguntei o que estava acontecendo, e a maneira que ela saiu do meu apartamento me fez presumir que alguma coisa estava acontecendo. Lilly não sairia assim depois do que aconteceu entre nós. Preocupado, terminei de me vestir e vou atrás dela.



A porta da casa dela está entreaberta, então eu entro. Eu a vejo parada no meio da sala em choque com algo na mão. Mas quando pergunto o que há de errado, Lilly se atrapalha toda e deixa os objetos caírem. Eu pego um do chão e sinto todo o meu sangue evaporar do meu corpo. Era a porra de um teste de gravidez com duas listras de positivos.

Não pode ser.

Mas que porra!

O que eu mais temi aconteceu.

Então perdi o controle com Lilly. Eu falei para aquela idiota tomar certo o remédio, tudo que eu menos precisava era de um filho agora.

Porra, eu... eu acabei de fazer vinte anos.

Inferno. Inferno.

Lilly grita algo sobre a semana em que ela passou confinada em meu apartamento, e merda! Ela estava certa. Mas eu não queria ouvi-la, eu sequer lembrei desse fato. Estava agindo só com a porra do meu pau. Mas e se ela tivesse feito de propósito, só para se vingar de mim? Pergunto isso a ela, até ver seu semblante mudar e suas pupilas dilatarem de ódio. Nunca tinha a visto daquele jeito. Tão.. Brava? Nem quando ela me disse aquelas coisas no elevador dois dias atrás. Eu sinto coisas sendo jogada em mim e quando vi que ela iria tacar uma garrafa de vidro, resolvo ir embora. Eu voltaria depois que eu esfriasse a cabeça. Saio batendo a porta, indo em direção a minha moto. Deus, eu não acredito que ela estava mesmo grávida, isso só pode ser um castigo, como pude deixar chegar a esse ponto?

Que caralho!

Acelero a moto com vontade de matar alguém. Estava com mais ódio ainda, por minha ficha está caindo só agora. Como eu não me lembrei daquelas malditas pílulas quando a sequestrei?

Maldição.

Vou para meu apartamento e cenas da noite anterior invadem minha cabeça. Merda, por que justo agora que estava indo tudo bem, ela tinha que estragar tudo?! Peguei meu moletom em cima do sofá e fui rumo ao elevador, eu precisava esfriar minha cabeça ou surtaria. Resolvo ir ao galpão do Leonel. Provavelmente a essa hora, ele estaria lá. Talvez haja algo ou alguém para eu descontar minha raiva.



Entro no local frio e escuro, ouvindo alguns murmúrios, que devem ser de inimigos presos. Ando até onde Leonel provavelmente estaria e o vejo limpando um soco-inglês com uma faca na ponta. Encosto na porta e cruzo os braços. Ele percebe minha presença sem sequer olhar para cima.

— O que te traz aqui deve ser algo desesperador.— Ele diz terminando de limpar sua faca.

Nunca vinha aqui, era bem raro. Ele precisava insistir muito e mesmo assim ainda negava, pois odiava o cheiro desse lugar. Não digo nada ainda, tento respirar e manter a calma.

— Deixe-me adivinhar.. — ele coloca o soco inglês no punho e levanta a mão e aponta a faca para mim, finalmente me olhando. — Tem a ver com uma garota chamada Lilly Bernard. — ele abaixa a mão, colocando o objeto de volta na mesa com vários outros instrumentos de tortura.

— Ela está grávida. — sinto um gosto amargo só de pronunciar essas palavras.

Leonel, por sua vez, se encosta na mesa ao meu lado, me encara um pouco e depois começa a rir. E minha irritação começa a aparecer.

— Qual é a porra da graça, Leonel? —pergunto mal-humorado.

— Calebe. — ele tenta parar de rir. — Então, se dependesse de você, eu nunca seria avô, certo? — sorrir mais zombando da minha cara.

Sinto a raiva me corroer e cerro os dentes e tento me controlar, porque ele é o meu pai.

— Porra, isso não é engraçado! — eu fecho uma mão e soco a parede do lado com força.

— Calebe, eu não estou surpreso com isso, acho até que demorou acontecer.

— O quê?

— Qual é, filho. Você sequestrou a garota só para tê-la quando quisesse. Não seja tão hipócrita. Você sabia que isso poderia acontecer.

— Eu não estou pronto para ser pai, eu nunca vou estar.

Ele se aproxima e segura meu ombro.

— Nunca estaremos prontos para ser pai, Calebe. Mas nem por isso que devemos rejeitá-los. — ele faz uma pausa, pensando

em suas próprias palavras. — E a garota? Como ele está em relação a tudo isso?

Eu estava tão transtornado que não parei para pensar no que Lilly estava sentindo. É óbvio que agora com minha cabeça um pouco mais fria, e pela sua cara de choque quando entrei em sua casa, ela também não estava soltando fogos de artifício.

— Eu não sei. Não conseguimos conversar direito, ela me expulsou de sua casa com uma garrafa de vidro.

Leonel voltar a rir, e eu me afasto do seu toque.

— Porra, não sei por que vim aqui. — eu digo me afastando da porta para ir embora.

— Espera... Espera, filho. — ele se recompõe. — Não faço uma idiotice. Deixe-a em paz por hoje. Amanhã você a procura, isso também deve estar afetando ela. Não a conheço muito bem, mas pelo que Karen fala, ela não parece ser do tipo que engravide por interesse. E estou contente porque vou ser avô ainda novo e bonito. — ele ironiza.

— Você é inacreditável! — saio bufando, deixando-o rindo no galpão.

Paro em um bar e entro pedindo uma bebida. Eu precisava esquecer esse dia. Pego o meu cigarro e acendo. Como um final de semana tão maravilhoso, pode acabar tão rápido trazendo essa bomba? Leonel estava certo, Lilly não é do tipo de garota que engravidaria de propósito. Ainda mais de mim, que fui o maior babaca do mundo com ela. Passo as mãos pelo meu cabelo curto, me sentindo um imbecil.

Putá merda. Fodeu, e fodeu pra valer.

A handwritten signature in red ink that reads "Lilly Bernard". The letter "L" is large and stylized, with a small heart symbol integrated into its middle. The background is a soft, pinkish-red watercolor wash.

— Muito bem Lilly, você vai arrasar!

Depois de mais de 3 horas ensaiando, eu estava exausta. Desço da passarela, pego meu celular e vejo dezenas de ligações de Karen. Resolvo então ligar para ela, que me atende na hora como sempre..

— Meu Deus, mulher! Eu já estava cogitando a ideia de Calebe ter te sequestrado de novo. Você ficou off o final de semana todo.. Está tudo bem?

Só a menção do nome do seu irmão desperta minha raiva outra vez.

—Sim... Não se preocupe, eu estou bem.

— Podemos nos vê? — ela pergunta. Eu ainda não estava bem, mas Karen era minha amiga e talvez, tê-la por perto me alegra-se um pouco.

— Eu estou no meu trabalho. Adivinha quem vai ser modelo hoje?

— O que? Você!!... Meu Deus, eu tenho que vê isso! Me manda o endereço.

Dou um sorriso triste, desligo o celular e mando o endereço.



Karen já havia chegado e estava sentado em um canto, enquanto a maquiadora terminava de me maquiar. Ela levanta minha cabeça para passar um contorno. Em momento nenhum esqueci minha situação. Eu estava anestesiada, tentando ingerir tudo ainda. O que Calebe me disse, me machucou mais do que descobri que estou grávida. Eu nunca cogitei a ideia de engravidar dele de propósito. Por que alguém fodida como eu, faria algo assim só por vingança? Meus olhos ardem, com as lágrimas os enchendo.

—Ei, Não fique nervosa.. Vai dar tudo certo. — a moça limpa uma lágrima solitária, se referindo ao desfile.

— Sim, vai dar tudo certo... — eu digo para mim mesma, sobre toda a minha situação.

— Prontinha! Está linda, Srta. Bernard! Só não chore para não estragar a maquiagem.

Karen se levanta e pergunta :

— Por que ela choraria?

— É...

Interrompo a maquiadora.

— Só estou nervosa, Karen — minto, de fato estava um pouco, por ter que fazer aquilo, mas meu pensamento estava em tudo menos aqui..

Ela me olha desconfiada, mas logo me abraça.

— Você vai arrasar, está muito linda! Espero que eles gostem tanto que te contratem como modelo! — sua animação me faz sorrir um pouco.

— Karen...? Alguém já lhe disse que você é a melhor pessoa do mundo?

— Oh, não querida, você que é, a melhor pessoa do mundo!

Tenta não chorar, Karen iria adorar saber que seria tia, mas decido não contar nada ainda, ela iria querer confrontar o irmão e isso poderia irritar mais ainda aquele bocó

— Ok, está na hora! — Hector entra no camarim, e quando me vê, paralisa. — Uh lalá... Está perfec, Lilly!!

Dou um giro tímido enquanto ele bate palmas.

— Boa sorte, Lilly! Estarei te assistindo. —Karen diz.

Ela me dá dois beijos na bochecha e eu sigo Hector. Fico em uma fila com várias outras garotas e começo a estalar os dedos. O desfile começa e tento não pensar em toda merda que está a minha vida, e me concentro no que Suze me ensinou.



Foram três trocas de roupas, confesso que achei até divertido. Se não fosse minha atual condição arriscaria uma vida assim.

— Eu amei, Lilly! — Karen me abraça e seu celular toca. — Droga, é meu pai... Infelizmente eu tenho que ir, nos vemos amanhã?

— Bem, Claro... Só vou me atrasar um pouco, pois preciso resolver algo.

Nos despedimos e ela vai embora. Hector entra no camarim novamente com o homem alto e bonito do lado.

— Lilly, esse é James Ross, ele é um dos colaboradores para o desfile.

O homem me olha de cima embaixo e se aproxima esticando a mão para mim.

— É um prazer te conhecer, senhorita Bernard. Devo dizer que sua performance foi excepcional para alguém iniciante. — lhe devolvo o aperto e um frio percorre meu corpo.

— Obrigada, Senhor Ross. — tento soar simpática.

— Sem formalidades, me chame apenas de James. — ele dá meio sorriso.

— Lilly foi mesmo maravilhosa, ela é boa em tudo que faz. — Hector fala e eu fico com vergonha.

— Eu pude ver... — James tem um olhar malicioso, mas talvez seja só impressão minha ou o jeito dele. — Minha hora deu. — ele fala olhando o relógio.

— Espero te ver mais, senhorita Bernard. — então se vira saindo do camarim.

— Ai meu Deus, Lilly! Você salvou meu pescoço. — Hector diz tirando um envelope do bolso. — Seu pagamento...

Pego de suas mãos e abro, vendo várias notas grandes.

— Aqui tem muita coisa... — digo passando o dedo sem tirar o dinheiro para fora.

— Isso é só o que uma modelo reserva ganha. Já pensou em trabalhar com isso? — fito-o, e ele pega meu braço me guiando levemente até uma cadeira, e eu me sento devagar nela. — Lilly, você quer ser uma modelo profissional?

— O quê? Não! — eu nunca pensei nisso.

— Mas porque não?

— Não sei, acho que não é para mim.. Meu foco sempre foi administrar algo ou alguém.. E também eu não poderia agora..

— Como assim, não poderia agora?

— Senhor Hector, obrigado de coração. Mas eu não posso aceitar... bem, você não vai querer uma grávida sendo modelo. — falo a verdade antes que isso se torne uma bola de neve.

Eles fica um pouco sem reação, mas logo ajeita sua postura.

— Ah, bem. Isso não é um problema... OK, Então mudo a proposta. Você não vai ser mais minha estagiária.

— Está me demitindo? — pergunto baixo.

— É claro que não! Marcos me indicar você foi a melhor coisa. Nunca achei alguém tão inteligente e competente, quero que você seja minha funcionária de verdade a partir de hoje.

— Do que você tá falando? Ainda falta dois anos para minha faculdade acabar.

— Isso não é problema, você pode continuar online. Por favor, não posso perder alguém como você, e veja bem, você me disse que estava grávida. Pode me ajudar, auxiliando a administrar minhas Modelos, e futuramente pode entrar como minha sócia se caso não mudar de ideia em desfilas

Era muita informação para minha cabeça, que já estava cheia.

— Posso pensar?

— Sim, por favor! — ele sai me deixando pensativa.

Termino de abrir o envelope e, puta merda!! Tinha mais de 50 mil dólares.

— Meu Deus! — eu estava sem acreditar, era muita grana!

Me sentindo esgotada, pego um táxi e minhas coisas, e vou para um hotel. Quando chego, joga o dinheiro na cama junto com algumas bolsas. Ainda maquiada, olho para o grande espelho que

tem no quarto. Esse foi um dia muito perturbador... Querendo ou não, teria que enfrentar Calebe. Eu não tive culpa disso. Aconteceu. Eu não quero desfazer do, do... Hmm.. Passo a mão por minha barriga ainda plana.

— Que tal, Pinguinho...? Você deve ser minúsculo ainda...

Olho de novo para o espelho. Eu só podia estar ficando maluca, tinha mesmo um bebê dentro de mim? Vou para o banheiro, ignoro o chuveiro dessa vez e caminho até a grande banheira. Coloco para encher entrando dentro. Encosto minha cabeça e aliso minha barriga, deixando as lágrimas enfim caírem como cascata.

— Estamos ferrados...



Capítulo 35

Eu me espreguiço. Mesmo a cama sendo extremamente macia, eu não consegui fazer outra coisa a não ser chorar, a noite toda. Faço minhas higiene e visto a primeira roupa que acho na mala. Era uma blusa azul de manga curta e uma bermuda jeans. Pego um casaco e o cartão que Calebe havia me dado da clínica de reabilitação. Transfiro uma boa quantia em dinheiro para outro envelope e saio do hotel. Eu estava ansiosa para ver minha mãe, apesar de metade das merdas que aconteceu comigo, seja culpa dela, eu não consigo odiá-la.



Chego lá e o lugar é muito chique. Ainda não entendia porque Calebe a colocou aqui... Eu vou para a recepção.

— Bom dia, gostaria de ver a paciente Vitória Bernard.

— Só um momento. — ela começa a mexer em seu computador. — Vitória Bernard... Hm. Bem, ontem ela teve que passar por uma cirurgia de emergência, ela teve uma pequena overdose.

— O QUE? —grito sentindo meu peito doer.

— Calma, senhorita... Ela está se recuperando, vou levá-la até ela.

Meu peito se encolhe a cada passo que dou para o quarto que ela está. Há uma enfermeira trocando o soro, então eu entro vendo ela deitada com os olhos fechados na cama. Só essa imagem me faz começar a chorar.

— Oh, mamãe...

— Vou deixar vocês a sós. — a moça diz, saindo do quarto.

Me aproximo do leito, e passo as mãos pelos cabelos da minha mãe, ela parceria dez anos mais velha.

— Estou com saudades... Tenho tantas coisas para te contar. — pego suas mãos ainda chorando e a sinto me apertar de volta, me deixando esperançoso. Minha mãe abre os olhos lentamente olhando para mim.

— Minha princesa...? Oh, eu sinto muito... — ela sussurra com dificuldade.

— Não fale, por favor... Não se canse.

— Eu tentei princesa... Mas tudo me lembra seu pai. Ele era o amor da minha vida... porque simplesmente não consegui seguir em frente como você..? Eu te invejo, você foi forte, enquanto eu só estraguei sua vida... Me perdoa, filha.. Por te virar as costas. Por não ter agido como uma mãe de verdade... Me perdoe. — uma lágrima solitária sai dos meus olhos e eu a limpo.

— Vai ficar tudo bem. Você vai sair dessa, eu sei que vai! — eu tinha que confiar nisso.

— Não, Lilly... Eu não quero mais. Só preciso que me perdoe... Me perdoe para eu descansar em paz. — ela ainda segura firme minha mão.

— Não fale assim, mamãe.. — fungo.

— Por favor... — ela fala tão baixo que só consigo ouvi-la, porque estamos sozinhas no quarto. Ela parecia tão cansada.

— Eu te perdoo... — falo sincera.

— Obrigada, filha. Obrigada.. — ela aperta minha mão de leve e fecha os olhos novamente, adormecendo.

Limpo meu nariz e meu rosto e dou um beijo em sua testa demorado. Mais tarde eu voltaria para vê-la de novo. Saio da Clínica rumo à universidade, e sinto algo estranho, como se alguém tivesse me observando. Olho para os lados e não vejo ninguém. Então, pego um Uber para faculdade. Eu não podia fugir de Calebe

por muito tempo. Talvez se eu falasse que ele não precisaria assumir a criança, ele me deixaria em paz e eu poderia continuar por um tempo ainda, cursando a faculdade presencial. Não sei por que deixei me envolver tanto por ele.

Merda, como se eu tivesse tido opção.

Peço ao motorista que me deixe na esquina e caminho nervosamente, estalando os dedos. Vejo Karen conversando com Emily de longe e fico confusa. Enquanto ando, algumas pessoas me encaram e estremeço no momento em que vejo Noah com o rosto coberto de hematomas e pontos. Ele olha para mim com ódio, provavelmente todos já sabem sobre mim e Calebe. . Emily me vê, deixa Karen para trás e caminha em minha direção.

Droga, droga.

Tento apressar meus passos e entro na universidade.

— LILLY, ESPERA!!

A garota grita atrás de mim, e eu paro, virando-me para ela, tentando manter a calma enquanto ela se aproxima, parando na minha frente.

— Você só tem a carinha de santa, mas no fundo é uma vadia, não é? Usa sua Mãe drogada para conseguir sexo com Calebe... Você consegue ser tão baix...

Não deixa ela terminar, pois a raiva é tão grande, que minha mão voa na cara dela.

— Lava essa boca para falar da minha mãe! — Cerro os dentes. Ignorando os olhares de todos, olho para trás e vejo Karen.

— Você contou a ela sobre minha mãe? — pergunto incrédula, tentando não chorar.

Ninguém além dela e o irmão, sabia sobre o vício da minha mãe. E isso era tão significativo para Calebe, que ele não falaria.

— O que? Não, Eu nunca faria isso! —ela tenta se defender, mas estou tão magoado que não acredito.

— Você está maluca, sua desgraçada? Eu vou acabar com você! — Emily grita vindo para cima de mim.

Porém, eu sou mais rápida e dou outro tapa nela. Minha raiva é tão grande, que pego seus cabelos e puxo forte, ao mesmo tempo que arranho seu belo rosto.

— ME SOLTE, SUA PUTA DE MERDA! — ela berra enquanto as pessoas se amontoam.

Emily puxa de volta meus cabelos também, fazendo com que nós duas fiquemos grudadas uma na outra, e na hora os seguranças começam a aparecer e nos apartar.

— Desgraçada, VOU ACABAR COM A SUA VIDA! — Emily tenta se soltar dos seguranças enquanto eles nos conduzem para a secretaria.



— Eu quero que a expulsem! — Emily está sentada ao meu lado em uma poltrona, com o cabelo todo desganhado e o rosto muito arranhado.

— Senhorita Cler, se acalme. — a diretora pede.

— Eu não vou me acalmar coisa nenhuma, quero essa garota longe daqui ou, não conte mais com o dinheiro do meu pai todo mês!

Eu apenas observo tudo calada. A diretora suspira e olha para mim.

— Senhorita Bernard.. Por que bateu em sua colega?

— Porque ela é...

— Estou perguntando a ela, Emily! Você já disse a sua versão.

Respiro fundo.

— Faça o que tiver que fazer, senhora Elan. Apenas me defendi... Venho sofrendo bullying e racismo há meses, por parte de Emily e de vários outros alunos, e ninguém faz nada.

— Ela está mentindo! — Emily protesto e Elan levanta uma mão para ela se calar.

— Darei uma suspensão para as duas. E que isso não se repita! Não esqueça de sua bolsa, Bernard. — Sra. Elian diz e começa a anotar algo em seu caderno.

— O que? Não vai mandá-la embora? Eu não acredito...! Bando de inúteis! — Emily se levanta e sai batendo à porta.

Fico quieta um pouco, mas logo começo a me levantar também.

— Lilly... — Elian me chama.

— Sim?

— Não provoca mais ela, sei que está falando a verdade. Mas são pessoas Poderosas.. Até para mim..

A encaro por alguns segundos.

— Teria como eu terminar o curso online? — pergunto.

— Por que escolheria isso? Bem, poderia... Mas os materiais ainda seriam pagos por você.

— Certo, obrigada.

Volto para fora indo em direção banheiro para chorar. Ainda não podia crer, que Karen falou sobre minha mãe, justamente para Emily.

Estou chegando no banheiro, quando uma mão puxa forte meu braço para um canto, e uma mão cobre minha boca, ao mesmo tempo que me imprensa contra uma parede.

— Não grita... Só quero conversar. — Calebe diz tirando a mão da minha boca.

— Me solte! Eu não tenho nada para falar com você! —eu o empurro para longe de mim.

— Jura que não? — ele cruza os braços. — Tem algo meu em você, e não tem nada para falar comigo?

— Você deve estar contente, não é ? De ter conseguido enfim me marcar para sempre. De finalmente ter conseguido que tanto queria... Me ver humilhada e destruída.— falo enquanto as lágrimas caem sem minha permissão.

Viro minha bolsa para frente, retire um pacote de dentro e entrego para ele.

— Que porra é isso, Lilly?

— É seu pagamento, ou do seu pai, sei lá.. Já que destruir minha dignidade não foi suficiente para pagar, aqui está seu dinheiro com juros. Agora por favor, deixe eu e minha mãe em paz!

Ele não pega, e fica entre encarar o pacote e eu.

— Onde conseguiu esse dinheiro? — Calebe pergunta começando a se alterar.

— Isso importa? Pegue logo, eu estou te pagando. De onde veio não interessa.

— Eu não quero esse dinheiro, quero saber quem te deu, porra! — ele segura meu braço de novo.

— Calebe, me deixa.

Meu celular toca, então como se ele tentasse se controlar me solta, ainda sem parar de me olhar. Pego o telefone do meu bolso e vendo que era da clínica atendo.

Uma ligação.

Três palavras.

Meu celular cai da minha mão.

Minha respiração falha, minhas pernas tremem. E tudo que vejo antes de cair, é Calebe correndo em minha direção para me segurar.

Não. Minha mãe, não. Ela não pode me abandonar também.



Voltei para casa de Lilly e como eu imaginava, ela não estava lá. Eu teria que esperar amanhã para vê-la na faculdade, e ainda torcer para que ela fosse. Passei a noite toda pensando sobre tudo. Sobre nós, *sobre a criança*... Por um lado eu estava surtando, mas analisando a situação agora. Eu poderia ter Lilly para mim sem nenhum pretexto ou chantagem. Eu de fato não conseguia me ver como pai, mas eu queria Lilly. Não posso negar que ela seria uma boa mãe, e posso Juntar o útil ao agradável. Eu corro minhas mãos sobre minha cabeça

Mas que porra eu estou pensando?

Me via tão perdido, como jamais me vi na vida. Como eu podia estar apaixonado por alguém que me odeia e que por negligência minha a engravidei. Com certeza agora ela me odiava mais ainda. Até eu me odiaria se tivesse que carregar um filho meu.

Porra que merda.

Não consigo dormir, meus pensamentos são únicos em Lilly e em como vamos resolver isso.



Quando a vejo indo em direção ao banheiro, não perca oportunidade e a encurralo. Só assim para ela me ouvir. Mas quando ela me mostra um pacote e diz que era meu pagamento, meu corpo enrijece só de pensar no que ela deve ter feito para conseguir aquilo. O pensamento de Lilly vendendo seu corpo, com meu filho dentro dela, me faz ficar possesso de ódio. Ela não teria de onde tirar esse tanto de dinheiro assim de um dia para o outro. Mas tento me controlar, e a solto assim que seu celular toca. Isso era só paranoia da minha cabeça, ela não faria isso. Respiro fundo e observo sua expressão de raiva se transformar em choque. Seus olhos não piscam quando ela deixa o telefone cair no chão, começando a desmaiar, e eu consigo pegá-la a tempo.

— Lilly? Acorda! — bato de leve em sua bochecha e, vendo que ela não acorda, a pego no colo e corro para enfermaria.

Os enfermeiros tomam ela da minha mão e vejo sangue em meu braço.

MERDA.

Tento entrar na sala, mas sou impedido.

— Fique aqui, o médico vai examiná-la primeiro, senhor Walton.

— Ela está sangrando. — digo para o cara que não me deixa entrar. — Ela está grávida...! Por favor, *cuida deles*.

O medo percorre minha espinha. Se ela perder aquela criança, eu juro que nunca mais vou me perdoar, pois eu também a deixei nervosa gritando com ela. Volto para o local que ela desmaiou e pega o seu celular e aquela droga de pacote. Disco o número que havia ligado para ela, só para descobrir que sua mãe tinha acabado de ter um ataque cardíaco e morrido.

Putá merda.



Fico no corredor andando de um lado para o outro, por longos minutos. Tentando me segurar para não entrar dentro daquela sala e saber o que estava acontecendo. Se Lilly estava bem.

Se a criança estava bem.

O doutor sai do consultório e vou até ele.

— Como ela está? Posso vê-la? — ele não me responde na hora, e sua cara não é nada boa.

— Diz o que aconteceu, porra!



Capítulo 36

— Ela está voltando...

Escuto zumbidos de longe.

— Senhorita Bernard?— abro o olho, sentindo um leve cheiro de álcool em meu nariz.

Lembrei-me de ter recebido uma ligação da clínica, dizendo que minha mãe havia morrido. Eu queria que fosse mentira, mas estava ciente que não era... Me mexo na cama começando a ter um choque de realidade.

— Calma... Você teve um leve sangramento quando desmaiou, tem que ficar calma. — a pessoa segura meu ombro.

Para de mexer na hora e olho para o médico, sentindo pavor invadir meu corpo. Tento levar minhas mãos para o meio das minhas pernas, mas ele me interrompe.

— Está tudo bem, seu bebê ainda está aí.

Respiro aliviado, eu não aguentaria perder duas pessoas no mesmo dia. Em choque ainda, não consigo dizer nada.

— Seu namorado quer entrar e saber como vocês estão... Vou chamá-lo.

Namorado? Merda, Calebe está aí?

Única coisa que consigo pensar, é em segurar firme o braço do médico quando ele tenta ir para fora, e seus olhos são confusos para mim.

— NÃO! Espera... Não diga a ele que ainda estou grávida, por favor... — tento manter a calma.

— Mas senhorita...

Não deixo ele terminar.

— Por favor, ele não quer o bebê, vai me mandar tirar... Olha moço, eu acabei de descobrir que perdi minha mãe para sempre. Eu não posso perder meu filho... Por favor, não diga a ele. — imploro em meio às lágrimas. — Por favor...

O médico me olha com pena, e meio receoso, olha para os lados e depois para mim.

— Ele é Calebe Walton, senhorita.. Se ele descobrir que mentir sobre isso, irei perder meu emprego.

— Ele não vai descobrir, só me ajuda dessa vez, te imploro.

— Certo, mas terei que deixá-lo entrar.

Limpa meus olhos e tento me recompor. Puxo o lençol para cima cobrindo até minha cintura.

— Tudo bem... Mande-o entrar.

Respiro profundamente quando a porta se abre Caleb entra.

— Lilly, você está bem? — Não respondo nem olho em sua direção.

Passo meus dedos gentilmente por cima da minha outra mão que está em meu colo, e fico encarando a parede.

— Fala comigo, por favor.. Eu sinto muito.

A palavra” por favor” e” sinto muito” na mesma frase, me arranca um sorriso odioso.

— Você deve estar feliz.. — começo, ainda sem olhá-lo diretamente .

— Do que está falando?

— Enfim estou no fundo do poço, onde você sempre quis me ver... Sem Mãe, sem amigos... — viro meu rosto para ele. — Sem meu filho...

Seu rosto se transforma e vejo ele prendendo a respiração.

— Lilly...

— Não! Olha... Já acabou tudo, Calebe. Já te paguei e se quiser tirar minha bolsa vai em frente. Nada mais me importa.

Calebe derruba tudo que tinha na pequena mesa ao meu lado, no chão, transtornado. E eu apenas fico ali, olhando-o ainda sem expressão nenhuma. Eu não conseguia sentir pena. Quem estava sofrendo era eu, a dor maior ainda era minha, por todos esses meses que ele apenas me usou para seu prazer.

— Senhor Walton, sua namorada acabou de passar por algo traumático, deixa-a descansar. — o médico volta.

— Ele não é nada meu, Doutor! — digo, para ele parar de ficar falando aquela palavra ridícula.

— Lilly, por favor me desculpa..

Essa foi a primeira vez na vida, que ele pediu desculpa por algo para mim, e me senti um pouco mal por mentir sobre o bebê. Mas a minha cabeça está cheia e eu só preciso de um tempo comigo mesmo para superar tudo isso.

— Vai embora. — volto minha atenção para minhas mãos.

Sinto o olhar de Calebe me queimar. O médico diz algo a ele, e ainda me olhando, Calebe vai embora. Solta o ar que estava aprendendo, orgulhosa de mim mesma por não ter chorado em sua frente. Meu coração estava destroçado, acabei de perder minha única família e menti para cara que eu *estava apaixonada*.

Pega o meu celular disco um número e logo a pessoa atende.

— Eu aceito a proposta, Hector! — Desligo.

Uma enfermeira que deve estar estagiando, entra no quarto e se aproxima.

— Oii.. — sorri simpática. — Bem, sua gravidez é um pouco de risco, senhorita Bernard. Você teve muita emoção para um dia só, por isso o pequeno sangramento. Tente descansar e cuide da sua saúde, e do seu bebê.

— Entendi, já posso ir embora? — pergunto com medo de Calebe voltar.

— Claro, só vamos passar algumas restrições.

Ela me passa vários remédios e vitaminas. Descobri que estava grávida de um mês e pouco, confirmando que realmente engravidei na semana que o idiota me sequestrou.

Tiro meu casaco e amarro em minha cintura para cobri a leve mancha de sangue que ficou em minha bermuda. Saio pelas portas do fundo, eu não queria que ninguém me visse. Ignorei todas as mensagens e ligações de Karen. Eu teria que conversar com ela, tentar entender o que aconteceu para contar sobre aquilo a Emily. Não parecia ser do seu feito fazer algo assim, achei que ela realmente fosse minha amiga.

Que idiota, Lilly. Quando vai entender que ninguém, nunca irá gostar de você de verdade ? Só vão te usar até você não ser mais útil..

Mesma balada e triste vou até a clínica, pois eu era a única parente viva da minha mãe e teria que organizar o funeral. Passei a semana toda chorando sem parar, até entender que a culpa não foi minha. Foi dela própria. Não deixava de doer meu coração pela sua perda, mas desde que minha mãe entrou no mundo das drogas, era como, se ela tivesse me abandonado há muito tempo. E eu infelizmente, já estava me acostumando com a sua ausência... Parecia que agora eu estava realmente sozinha para sempre.. Passo a mão por minha barriga em frente ao túmulo de minha mãe e digo baixinho :

— Não, eu não estou sozinha... Você está aí pinguinho, e eu nunca vou te deixar sozinho...

Ok, Lilly. Já estamos no fundo do poço e só temos uma corda para subir.

Caleb Walton

Capítulo 37

Saio da sala transtornado e destruído. Quando Lilly me disse que não havia mais criança, eu não me senti bem como achei que sentiria. Vê-la tão triste e sem vida, contribuiu para me deixar pior. Chego no meu apartamento, abro a estante com meus vinhos e tomo um gole de uma garrafa, depois a jogo com força contra a parede, faço isso com todas as outras garrafas. Como eu pude ser um babaca? Eu queria sim destruí-la, mas isso foi antes de me ver fodidamente envolver nela.

Inferno!

Depois que eu já estou bêbado e todas as garrafas quebradas. Eu cambaleio até um canto, me jogando em uma cadeira qualquer. E pela primeira vez na minha vida, sinto meus olhos estão úmidos. Eu não deveria estar me sentindo um lixo em relação a tudo isso.

Mas eu estava.

E o remorso me atinge como um raio forte e doloroso.



De amanhã cedo, decidido, resolvo ir atrás dela. Eu precisava lhe dizer que não queria que ela perdesse o bebê, que me arrependia de ter gritado daquele jeito com ela. Mas não a encontrei em lugar nenhum, fui a sua casa, trabalho e nada! Nem na faculdade Lilly apareceu mais. Duas semanas se passaram, me deixando mais deprimido e desesperado. Sua ausência estava se tornando sufocante. Descobri o que Emily havia feito no dia que Lilly perdeu o bebê. E a culpa não foi só minha, foi daquela desgraçada também. Então pedi para Leonel mandar um presentinho para ela...

Uma picada de cobra não vai matá-la, mas a deixará com dor por alguns dias, ou meses.



Três semanas mais tarde, de noites mal dormidas e sem me alimentar direito. Leonel me convoca a casa. Chego lá sem um pingo de vontade de estar naquele lugar e entro. Minha “família “ está toda reunida na sala conversando animadamente, e eu paro cruzando os braços, olhando toda aquela cena ridícula.

— Aí está você, filho! Achei que não viria para o aniversário do seu querido pai.

Karen me vê e se levanta para sair da sala, e antes que ela suba nas escadas, entro em sua frente. Talvez Karen tenha notícias de Lilly, já que eram amigas.

— Onde está ela? —eu pergunto.

— Não sei, e se eu soubesse nunca te contaria! —ela cerra os dentes desviando-se de mim.

Mas logo para de andar com o que Leonel diz:

— Estão falando sobre a mãe do meu neto?

Merda.

— O quê? — Karen olha para Leonel e depois para mim. — Do que ele tá falando, Calebe?

Passo as mãos entre meus olhos, descendo-os por meu nariz.

— Leonel. — Valéria adverte o marido.

— Eu só... achei que ela sabia, por serem amigas. — ele tenta se defender.

— Eu não acredito! — Karen coloca as sobre a boca chocada. — Por isso ela sumiu e não me atende há semanas. — ela me encara. — Você é um desgraçado de merda! Eu tenho vergonha de ser sua irmã!— ela corre para seu quarto com a voz de choro e não consigo dizer ela, que não havia mais bebê nenhum.

— Filho, desculpa. Eu achei que ela sabia.

— O que você queria comigo? —perguntou seco, mudando de assunto.

— Semana que vem, você será o novo presidente das empresas WaltonConect. Temos que falar sobre isso, não pode fugir para sempre, Calebe.

Respiro fundo. Talvez eu precisasse mesmo ocupar minha cabeça, ou acho que enlouqueceria. Por hora deixaria de procurar Lilly, mesmo sendo impossível parar de pensar nela a cada segundo do meu dia.



TRÊS MESES DEPOIS

— Lilly, o que acha desses modelos aqui?— Hector me pergunta, vindo até minha mesa para me mostrar as fotos em um tablet.

— São ótimas! Dará muito certo se as contratar para o desfile do final de semana.

— Boa ideia, não pensei sobre isso.

Ele se afasta e eu lhe dou um sorriso simpático. Já estava fazendo três meses que estava trabalhando nessa nova agência como assistente particular dele. O salário era tão bom que consegui comprar uma casa parcelada bem afastada da cidade. Eu estava fazendo faculdade online. Não iria parar meus sonhos simplesmente porque eu estava grávida tão nova. Terminei de organizar alguns orçamentos e pego minhas coisas para ir embora. Me despeço de todos saindo da sala e vejo James conversando algo com Hector. Não querendo atrapalhar, sigo para fora, e outra vez me sinto estranhamente observada. Isso vem acontecendo desde o dia que saí da clínica onde minha mãe estava. Ficava com receio de ser

Calebe, mas se fosse ele, já teria vindo me confrontar. Então deve ser só paranoia da minha cabeça. Chego na esquina para chamar um Uber, e parece que alguém está me seguindo. Sentindo um calafrio, me viro para trás de uma vez e solto o ar vendo que era James.

— Ah, é você... — eu suspiro aliviada.

— Desculpa, eu te assustei? — pergunta.

— Um pouco... — confesso passando a mão pelo pequeno volume em minha barriga de quase cinco meses.

— Eu vi você saindo e só vim te dizer um oi.

Eu o observo, ele está vestindo um terno cinza e seu olhar vagueia sobre mim, me deixando meio desconfortável.

— É... Oi.

— Eu acho que você é a grávida mais bonita que eu já vi.

— Ah — sorrio tímida. — Obrigada, James.

— Quer uma carona? Estou indo ao banco agora, mas posso te levar em casa se quiser.

— Não precisa, já ia chamar um Uber. — levanto meu celular o balançando em minha mão.

— Eu vou ser seu Uber hoje. Vamos lá Lilly, ou ficarei ofendido. — ele cruza os braços.

Penso um pouco e descido aceitar.

— Tudo bem, só dessa vez.

Ele me guia até seu carro e entro colocando meu cinto.

— Já sabe o que é? — ele pergunta terminando de se ajeitar no banco e liga o carro.

— Ainda não... Mas tenho certeza que é uma menina.

— Por que acha isso? — ele começa a dirigir.

— Não me pergunte. — sorrio e aliso minha barriga de novo.
— Só sinto que é.

James me encara enquanto para em um sinal vermelho e dá um sorriso também.

— Se ela puxar a mãe, será muito bonita. — ele dá marcha assim que o sinal troca para verde. — O pai deve ficar contente com isso.

Paro de sorri e ele percebe.

— Desculpa, eu não sabia...

— Não se preocupe. — volto a dar um sorriso fraco. — Estou bem sozinha.

— Entendo. — ele coloca a mão em meu ombro por alguns segundos, tira e depois volta a se concentrar na estrada.

Alguns minutos se passam e finalmente chegamos em minha casa.

— Está livre na sexta, Srta. Bernard? — James me pergunta assim que tiro meu cinto.

O que? Ele estava me chamando para sair? Então minha fixa cai do porque dos elogios, e porque ele me olhava estranho.

— Senhor Ross, acho que você entendeu errado. — tento deixar tudo mais claro. — Sinto muito, mas não estou procurando um namorado no momento e...

— Calma, só quero sair sem compromisso. Não precisa ficar na defensiva.. Desculpa se pareceu Isso.

Talvez eu tivesse sido realmente dura com ele.

— Sinto muito, mas é melhor eu entrar, Sr. Ross. — abro a porta do carro e saio. — Obrigada pela carona.

— Até mais, Lilly.

Fico parada enquanto ele vai embora. Que doidera. Não que ele fosse feio, longe disso. Por mais que James Ross parecia ser uns 10 anos mais velho que eu, era um homem muito atraente. Mas não conseguia vê-lo como nada mais que um colega de trabalho. Entro em casa me sentindo angustiada, eu sentia tanta falta de Karen, e *dele*... Nesses três meses, não parei de pensar nele nem por um segundo. Eu era mesmo uma tola, mesmo depois de tudo,

como eu ainda podia nutri sentimentos por aquele babaca idiota?

Pego meu telefone e disco o número de Karen como faço todos os dias e fico olhando a tela, bloqueando ele outra vez. Eu nunca a deixei se explicar, e isso estava me corroendo muito, eu tinha esperança de tudo ter sido um mal entendido. Tomo um banho, e pego meu notebook para mais uma aula. Se tudo continuasse nesse ritmo, eu conseguiria concluir minha faculdade e o trabalho já estaria garantido com Hector. Tudo estava indo bem... Mas por que me sentia tão vazia?

Abro uma página na Internet e hesitante digito o nome da empresa do pai de Karen. Meu peito se encolhe com a foto de Calebe ao lado de seu pai e vários outros homens de negócios. Provavelmente, ele já tinha terminado a universidade e estava seguindo sua vida. Aperto o zoom notando que ele usava um terno, deixando-o muito sexy.

— O babaca sabe ser bonito.

Sinto um movimento em minha barriga, fazendo minhas costelas doerem.

— Ai! — resmungo. — Desculpa pelo palavrão, pinguinho. Mas seu pai vai continuar sendo um babaca, você goste ou não.

Faço um massagem onde o bebê chutou.

— Espero que você não se pareça com ele. — faço uma careta e só o pensamento me deixa aflita.

Não iria saber lidar com uma mini cópia de Calebe Walton. Fecho os guia da página. Tudo que eu queria agora era ficar lembrando do idiota que quase destruiu minha vida.



Capítulo 38

MESES DEPOIS

— Senhor Walton? Posso entrar? —a voz melosa da minha secretária soa na porta.

— O que você quer, Hamber? — ela se aproxima da minha mesa, indo para de trás de mim e segura meus ombros, como se tivesse fazendo uma massagem.

— Você está tão quieto ultimamente... Não gostaria de ser aliviar um pouco? — seus lábios se abaixa até meu ouvido.

Então me vira um pouco, ficando a centímetros da sua boca pintada de vermelho, e ela empina um pouco, esperando alguma ação minha.

— Saia! — digo baixo perto do seu rosto e Hamber se assusta.

— Mas, mas... — ela parece confusa.

— Seu marido sabe, que fica dando em cima do seu chefe, Srta. Hard? — pergunto calmamente olhando para ela.

— Com licença, Sr. Walton.. — ela ajeita a saia lápis e o a aliança no dedo saindo da minha sala.

Mulher chata da porra.

Volto minha atenção para o meu relatório. Fazia alguns meses que o Leonel havia me entregado a presidência, e eu até estava gostando de manter a cabeça ocupada, pois já havia se passado oito malditos meses sem uma única notícia sobre o

paradeiro Lilly. Tentei seguir em frente e esquecê-la, mas não consegui. Quando eu tentava transar com outras garotas e chegava nos finalmente, sempre tocava os nomes delas pelo de Lilly. Então Parei de tentar. A maldita garota só pode ter jogado praga em mim. *Não é possível.* Era como se apenas seu corpo me saciasse. Eu nunca mais fui o mesmo depois daquele final de semana, que agora parece mais um sonho em minha cabeça, mas que está sempre ali, tão vivido o presente em minha mente. Os lábios dela nos meus, seu belo corpo tremendo embaixo de mim. Bato forte na mesa. Eu tinha que achar essa desgraçada e suplicar pelo menos mais uma vez. Eu estava com a abstinência tanto tempo sem ela. Eu pensava naquela criança todos os dias. Se ela não tivesse perdido? Como seria? O remorso e a culpa era presente todos os dias na minha vida. Eu não entendia como alguém frio como eu, poderia ter esses sentimentos. Só o pensamento dela ter seguido em frente, me deixava doente. Imaginá-la namorando e ficando com outros caras me deixava possesso. Passa as mãos por minha cabeça.

Por que é tão difícil superá-la?

Alguém entra em minha sala e fecha a porta.

— Por que sua secretária está com uma cara de mal comida?

— Caion pergunta rindo, assim que entra na sala.

Pego alguns documentos, junto eles e dou uma batidinha na mesa para alinhá-los.

— Não sei, pergunte para o marido dela. — respondo sem expressão.

— Hum, você está com medo de trocar os nomes de novo, não é? — ele zomba cruzando os braços na frente da minha mesa.

— Caion, o que está fazendo aqui? Não deveria estar trabalhando também? — pergunto mal-humorado, ignorando o seu comentário, pois ele estava no dia que chamei uma garota de Lilly.

— Não quando é meu primo o presidente. — Caio pega uma caneta em minha mesa e fica brincando com ela entre os dedos

— Eu posso te demitir a qualquer momento, e você sabe. — meu mau humor começa a piorar.

— Pode, mas não vai... Para com essa cara azeda. Olha, eu quero te levar em um lugar hoje à noite. — ele bate levemente com a caneta em seu braço.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Já tem meses que não saímos e tomamos uma...

— Bem, agora graças a vocês, eu realmente não tenho tempo para isso, porque tenho muito trabalho a fazer. —antes que ele diga mais alguma coisa, meu celular toca. Era Leonel.

— Calebe? Caion esta aí com você?

— Está.

— Eu sei que vocês estão ocupados, mas preciso que vão receber uma mercadoria dos Franceses agora à tarde.

— E por que você mesmo não vai? — pergunto.

Isso me irritava, ele ainda continuava me pedindo esses favores que odeio.

—Acabei de chegar em Cuba. Esqueci de te avisar, desculpa. Mas vim resolver outros problemas. Por favor, faça isso. Mande a localização para você e Caion, tomem cuidado. — ele desliga antes que eu possa dizer qualquer coisa.

— Mas que porra! — eu quase quebro o celular batendo com ele na mesa.

— Já sei que era seu pai. — Caion pega seu telefone e dá uma olhada. — Veja pelo lado bom, vamos sair um pouco.

Merda, ninguém merece.



— Porra. Isso é sério? — digo com os braços cruzados olhando para entrada de uma agência de modelo.

— Ótima escolha dos Franceses.

Caion dá uma batidinha no meu ombro, ajeita uma arma em sua cintura caminhando para dentro, enquanto eu fico parado olhando o letreiro da frente. Geralmente os lugares que nos encontramos com esse tipo de gente é mais escondido. Mas parando para pensar, esse é um lugar menos suspeito para pessoas transitarem drogas.

inteligente, ou suicida.

Ajeita meu terno, fechando um botão e apertando minha gravata. Eu sentia falta de usar minhas roupas descoladas no dia a dia. Entro seguindo Caion. O local é bem iluminado, várias mulheres bem vestidas transitam pelo ambiente, fazendo Caion praticamente babar olhando para elas.

— Nem pense nisso. — me aproximo dele. —Viemos a negócio, sem distração.

— Ah, cara... — ele começa, mas é interrompido por alguém.

— Senhores Walton? — um homem alto para na nossa frente e confirmamos com a cabeça. — Me sigam!

Ele se vira e nós o seguimos, até uma sala com mais dois homens de terno, rostos tatuados e cheios de argolas nas orelhas. Olho para o canto e vejo um homem de idade avançada com uma modelo sentada no colo. Eu ouço o som da porta sendo fechada assim que o cara que nos trouxe sai para fora, deixando apenas nós seis lá dentro.

— Leonel só pode estar de sacanagem de mandar dois moleques até aqui. — o velhote fala enquanto alisa as costas da mulher loira.

Caion dá um passo para frente e eu olho de rabo de olho para ele.

Não faz isso... Não faz isso.

— Me empresta sua mãe, que vou mostrar o quão moleque eu sou, senhor Morris... — ele diz com um meio sorriso cínico.

Putá merda, ele fez.

O homem tira a mulher do colo com ódio no rosto, e seus capangas apontam suas armas para mim e Caion.

— Você está louco, seu merda? Quer morrer? Quem você pensa que é para falar comigo assim?? Estou me fodendo se são parentes de Leonel!

— Senhor Morris, só viemos pegar a mercadoria, não queremos confusão. — digo pegando um cigarro no bolso do meu terno.

— E se eu mudar de ideia e não entregar a mercadoria para vocês?

Ponho apenas o cigarro na boca, pego meu isqueiro, e antes de acendê-lo. Digo tranquilo:

— Aí será dois moleques na porta da casa sua mãe..

Acendo o isqueiro, direcionando-o para a ponta do cigarro em minha boca, mas sou brutalmente impedido, com Morris dando um tapa na minha mão, fazendo meu isqueiro voar para longe e, eu o acompanho com os olhos, até vê-lo cair no chão.

— Seu bastardo de merda! — ele rosna tão perto, que sua saliva nojenta alcança meu tento.

Velho desgraçado.

— Merda, cara. Eu não queria ser você agora. — Caion fala do meu lado.

— Matem eles! — Morris grita.

E no momento exato que seus capangas iriam apertar o gatilho, estendo minha mão um pouco para trás com rapidez, sentindo o Caion depositar uma arma nela. Tento ser rápido dando um chute certo no rosto daquele velho filho da puta, e ao mesmo tempo miro em um dos seus capangas, atirando nele. Caion avança no outro entrando em uma luta corporal. A porta está fechada e a garota começa a gritar muito alto. Vejo Morris tentando rastejar para fora com uma maleta na mão. Então caminho até ele calmo, parando só para dá um tiro em sua perna.

— Para onde pensa que está indo, seu velho idiota? — piso em seu braço puxando a maleta de sua mão. — Acho que isso me pertence!

Deixa ele gemendo de dor, dou mais alguns passos e pego meu isqueiro no chão, finalmente acendendo meu querido cigarro. Olho para trás e vejo que Caion já havia apagado o outro cara, e ele vem em minha direção, limpando as mãos.

— Achei que você iria precisar de reforços.. — eu digo jogando a maleta e a arma para ele.

— Ok, isso foi demais!! — Caion passa por cima de Morris tranquilamente, encara a loira agachada no chão com as mãos na cabeça, ele tira um cartão do bolso e entrega para ela, que o olha confusa. — Me liga qualquer dia desses, princesa...

Balanço a cabeça, abrindo a porta e saindo.

— Você é inacreditável! — pela primeira vez em dias, dou um sorriso.

— Não podia perder essa. — ele olha de um lado para o outro. — Agora que já está tudo feito, eu vou me divertir..

— Cuidado com essa porra. — digo me referindo a maleta.

Caion nem espera eu terminar de falar e corre para o camarim das modelos. Eu passo a mão pelo meu cabelo e olho para a minha roupa, voltando a ficar mal-humorada .

— Aquele arrombado sujou meu terno — eu digo tentando limpá-lo.

Viro um corredor afrouxando minha gravata. E como não estou olhando para frente, sinto um corpo chocar no meu. A pessoa é tão pequena, que pelo reflexo seguro seu braço para impedi-la de cair.

— Olha por onde você anda, idiota! Não está vendo que a garota está grávida!! — uma mulher atrás grita para mim.

Merda.

— Está tudo bem, Suze. Eu estou bem...

Aquela voz...

Sinto meu corpo todo se enrijecer.

— Foi minha, a falta de atenção. Descu.. — então ela se cala.

Olho para baixo no momento exato que meus olhos se encontra com os dela. Eles estão em choque, assim como os meus.

— C-calebe...?!

— Lilly?!



Capítulo 39

Estou em casa, deitada com os pés super inchados para o ar enquanto massageio lentamente minha barriga, mas minha atenção é desviada quando pego meu celular e vejo uma mensagem de voz de Hector.

► — ***Eu sei que você entrou a três dias de licença maternidade, me desculpa, mas preciso que traga aqueles documentos sobre o orçamento das novas modelos.***

Mando um áudio de volta.

► — ***Que bom que me lembrou disso. Eu estou entediada aqui, louca para sair. Em meia hora estou aí.***

Levanto com um pouco de dificuldade segurando em meus quadris. Aquela barriga pesava pra caramba. Vou até meu quarto, passo lentamente as mãos pelo pequeno berço ao lado da minha cama. Meu bebê logo nasceria e eu estava muito ansiosa com isso. Mesmo sendo uma gravidez de risco e complicada, consegui trabalhar até os nove meses. Conseguindo assim, quitar minha casa e comprar todo o enxoval de Tiana. Sim! É uma menina, como eu havia previsto. E o nome era uma homenagem ao desenho favorito do meu pai.

Trocar de roupa, colocando um vestido que ainda me sirva. Achava que a qualquer momento ia explodir, minha barriga estava muito grande. Percebi, que hoje estava mais baixo que ontem. Olho no espelho e faço uma careta, eu estou parecendo uma rolha de

poço. Sorrio para mim mesma, mas depois fico séria novamente. Toda vez que me via grávida, lembrava *dele*. Tentei esquecê-lo, mas era difícil quando era a filha *dele* dentro da minha barriga. Eu ainda estava muito magoada com tudo o que *e/e* me disse, e me fez passar. Por mais que me sentisse mal por mentir para Calebe, eu não queria vê-lo nunca mais. Tinha um puta medo de sua reação, ao saber que sua filha estava viva e prestes a vir ao mundo. Também sentia muita falta da minha mãe, principalmente de Karen. Mesmo tendo vivido a maior parte da minha vida sozinha... sentia falta de ter com quem conversar. Respiro fundo, pego os documentos coloco na bolsa e sigo para fora para pedir um Uber. Queria muito um carro, tinha até dinheiro para comprar, mas aqui na Flórida eu só poderia de fato dirigir com 21 anos.

Meu celular toca e eu atendo, vendo que era James.

— Olá? Como amanheceu hoje? —ele pergunta.

Desde que ele me deixou em casa pela primeira vez, mantemos contatos só como amigos. Nunca saí com ele. Nos encontrávamos no trabalho ou James vez ou outra me dava carona e eu deixava ele entrar para tomar um café. Ele vivia dando em cima de mim, mas eu deixava bem claro que só o queria como colega e nada mais.

— Bem, obrigada por perguntar. — respondo casualmente.

— Eu sei que você não vai aceitar... Mas pela milésima vez, quer almoçar comigo hoje? — dou um sorriso fraco, pois já sabia que era isso.

— James...

— Por favor, Lilly. E juro que nunca mais peço outra vez... — ele insiste.

Mordo a ponta do dedo enquanto o Uber ignora minha existência ali atrás.

— Ok, só dessa vez.. — aceito pela insistência.

— Mas... — James para de falar, ingerindo minhas palavras. **— Meu Deus! Sério?**

— Sim, senhor Ross.

— Você não vai se arrepender ! Te pego às 14:00h ?

— Me passa o endereço que eu te encontro lá... Até mais James.

— Até mais tarde, Lilly. — ele desliga.

Eu continuo olhando para o celular. Abro a galeria entrando nas fotos antigas. Algumas eram fotos espontâneas minhas com Karen. Passo a mão, na que estamos na festa do Marcos. Seu sorriso era tão contagiante.

Que saudade...

Eu entro nas mensagens dela. Karen me enviava algo quase todos os dias, mas eu apenas visualizava. Eu só não queria admitir que talvez fosse tudo um mal-entendido, e eu a julguei antes de ouvi-la. Eu disco o número dela como fazia todos os dias. Inspiro fundo e solto, desta vez eu clico em ligar.

— Lilly?... Alô? Lilly é você?

Fico calada por alguns segundos.

— Por favor, é você Lilly? — sua voz é de choro, então meu coração não aguenta e logo correspondo.

— Karen...

— Céus, Lilly. Meu Deus...! Olha, me escuta, eu não falei com Emily... Você entendeu tudo errado. Eu, eu...

— Acredito em você, Karen. Sinto muito por não ter por não te escutar... Só estava esgotada de tudo..

— Eu jurei que tinha ido embora por causa de mim... Você faz muita falta..

— Não foi por sua causa.. — eu passo a mão por minha barriga.

— Foi por causa de Calebe, não foi? — afasto um pouco o telefone da minha orelha, sentindo um desconforto só de ouvir aquele nome.

— Karen, eu estou bem.. Não se preocupe comigo.

— Eu quero ver você. Por favor... Eu prometo que eu não vou falar para ele..— penso um pouco e enfim aceito.

— Eu preciso resolver umas coisas e quando terminar, eu te ligo de novo e marcamos um lugar.

— Sim, tudo bem. — aliviada, desligo.

Não sei o que seu irmão disse sobre a gravidez. Calebe não era do tipo que dizia essas coisas para sua irmã, mas eu não podia mais esconder isso. Karen era a única pessoa que eu realmente tinha como amiga.



Chego na agência, e estava muito movimentada, com uma música muito alto. Acho que estava tendo algum desfile ou ensaio hoje. Vou até a recepção e encontro Suze.

— Olá, Senhorita Bernard. Como está a nossa mamãe top model? — ela pergunta simpática.

— Tirando o fato de que minhas costelas estão gritando por socorro, eu estou bem. **—** me aproxima da bancada. **—**Aqui estão os documentos que Hector pediu. **—** eu estendo para ela e ela pega.

— Ah sim. Ele pediu desculpas por pedir que você viesse aqui tão urgentemente neste estado.

— Eu não me importo com isso, eu realmente precisava me distrair um pouco..

— E você e James, hein...? Vi que depois que você veio trabalhar aqui, o bonitão vem quase todos os dias para te ver. **—** ela

se encosta no balcão.

— Eu e ele não temos nada, somos apenas amigos!

— Tudo bem, se você não quiser...Eu quero !— ela morde a caneta que estava em sua mão.

— Todo seu. — sorrio e sinto uma pequena contração de treinamento. —Vou ao banheiro...

Eu me afasto dela e caminho em direção ao banheiro feminino.

— Lilly? — Suze me chama e eu olho para trás. — Obrigada pelos documentos.

Aceno para ela e quando vou me virar para frente, sinto um empaco contra o meu corpo. A princípio achei que seria alguma modelo, pois a pessoa era muito alta. Até que olho para cima vendo quem realmente era e meu coração começa a dar grandes pontadas fortes, e se fosse possível sairia pela boca.

Putá merda, fodeu!

O que ele estava fazendo aqui?

Como Calebe me encontrou?

Seu rosto demonstrava surpresa. Seu toque em meu braço formigou, me trazendo todas as lembranças boas e ruins que tinha dele. Então eu me afasto tentando não correr para fora, ou não desmaiar de desespero. Seus olhos examina todo o meu corpo, parando na minha grande barriga. Calebe arregala os olhos me fazendo suar frio. Fico tão nervosa com seu olhar me queimando, que começo a passar mal. Sinto algo estourando dentro de mim e um líquido grosso começa a escorrer entre minhas pernas.

— Aii! Não, droga.. Ai, aii..! — me curvo segurando minhas costas.

Agora não filha, por favor...

— Merda... Me deixe ajudar. — Calebe se aproxima, mas eu me afasto.

— Não... Não é nada... Por favor, vá embora! — tento me acalmar, mas as dolorosas contrações começam a vir fortes.

— Não é nada? Faça-me o favor, Bernard. Eu não vou para lugar nenhum!!

— Aii...! — eu gemo, não conseguimos sair do lugar.

— Srta. Bernard...? — Suze sai da recepção e se aproxima, vendo eu me contorcer. — Jesus! Você está em trabalho de parto... MOÇO FAZ ALGUMA COISA! — ela grita para Calebe.

Ele fica confuso sem saber o que faz e pela primeira vez, vejo desespero em seu rosto. Calebe olha de um lado para o outro e então caminha em minha direção.

— Sinto muito por isso, Lilly.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, sinto Calebe me pegar nos braços, me levando rapidamente para fora.

— Me solta, Walton! Me deixa! — Choro em seu colo, estava sentindo muita dor. E, ao mesmo tempo, estava com medo do que ele poderia fazer comigo e com minha filha.

Calebe me ignora, me colocando em seu carro e passando o cinto de segurança em mim. Ele corre para o banco do motorista, começando a dirigir rápido. Eu só sabia gemer de dor.

— Por que? — Calebe pergunta sem tirar os olhos da estrada.

Eu não respondo, apenas me concentro em respirar fundo para controlar as contrações.

— Responde, porra! Porque mentiu? —ele bate no volante do carro.

Eu estava angustiada, sentindo dor. Ele não tinha o direito de ficar me fazendo perguntas assim.

— PARA DE SER IDIOTA! VOCÊ NÃO QUERIA SER PAI, LEMBRA... ? Para de ser hipócrita, Calebe. — limpo minha bochecha. — Eu só te fiz um favor. Você disse que eu me ferraria sozinha desde o começo... E você estava certo.

— Lilly... — ele se vira um pouco para mim.

— Por favor, agora não... Só me deixa em um hospital qualquer e vá embora.

Walton não diz mais nada. Faz uma curva e logo Chegamos em um hospital. Ele estaciona e abro a porta para descer, mas Calebe já está em minha frente.

— Venha, apoie-se em mim.

— Eu não quero... — sinto uma contração mais forte e dolorosa, e me seguro na porta do carro gemendo alto.

— Porra de garota marreta, meu filho não vai nascer no meio da rua não, Lilly! — ele segura minha cintura de lado e me ajuda a dar alguns passos.

— Ela não é sua! — cerra os dentes.

— Ela? — Calebe me olha sério por longos segundos, até voltar a me guiar para dentro do hospital.

Observo e percebo que o lugar é muito luxuoso. Mas paro de prestar atenção nisso assim que as contrações pioram e começam a vir seguidamente, me fazendo agachar e gritar de agonia. Calebe corre até recepcionista e diz algo. Logo várias enfermeiras vêm até mim com uma cadeira de rodas, me levando para um quarto. Entro e, alguns minutos depois, estou apenas com um roupão transparente sem nada por baixo, em uma sala pré-parto. Calebe estava ao meu lado o tempo todo, me observando com a expressão que eu não conseguia decifrar, e eu apenas tentei ignorá-lo. A doutora entra na sala e ajeita minhas pernas para fazer o toque. Calebe cruza os braços curioso e vira discretamente a cabeça em direção à minha vagina, no momento em que a médica enfia os dedos em mim. Limpo minha garganta e ele tosse sem jeito, cruzando os braços novamente e olhando para parede.

— Está dilatado o suficiente, Srta. Bernard. Seu bebê está pronto para nascer... Agora preciso que você empurre. — a médica pede.

— Não sei se vou conseguir... — Choro de novo.

— Vai sim, confie em você. — ela troca as luvas e se posiciona entre minhas pernas. Olha para Calebe . — Você é o pai? — prendo a respiração pela pergunta indiscreta dela.

Olho para ele, que agora tem os olhos zangado fixo aos meus.

— Sim..!

— Segure a mão dela, a participação do parceiro é importante.

— Claro doutora, isso realmente é muito importante...— seu tom de voz amargo, me dá calafrios , e minha vontade é de mandá-lo sair dali e me deixar em paz.

Mas quando Calebe se aproxima e o calor de suas mãos envolve a minha, por incríveis pareça, me sinto segura. E um calor familiar percorre meu corpo. Porém a contração que vem, tira totalmente minha atenção de seu toque.

— Isso dói muito. — choramingo.

—Vamos lá, você consegue. — Calebe sussurra, e eu lhe devolvo olhar de ódio.

— Vai se foder! Eu te odeio!... Ai! Você me engravidou só para me vê sofrendo assim, não foi? Aii...— eu aperto para baixo junto com a contração.

— Eu não... — ele tenta, mas balanço a cabeça, não querendo ouvi-lo.

— Isso aí, Lilly! Mais força, está quase! — a Dra. Diz.

— Porque dói tanto? — faço uma careta indo para frente e voltando em agonia, ao mesmo tempo que espremo com toda minha força a mão de Calebe. Posso vê-lo quase fazer uma careta de desconforto com a força que usei.

Inferno, porque essa criança não sai logo?

Walton não está mais calmo como antes, à medida que aperto sua mão, ele olha para mim angustiado.

— Não tem algo para amenizar a dor dela? — ele pergunta sério, para doutora.

— Tem, mas olha aqui! Já está coroando!! — a médica diz animada. —Só mais uma vez Senhorita!

Calebe dessa vez, passa a mão livre em minha testa, enxugando o suor do meu rosto. Fecho os olhos, aperto com força, pressionando para baixo e um choro alto e esgoelado, preenche todo o quarto.

— Você conseguiu. — Calebe solta minha mão suada, quando a Doutora corta o cordão umbilical e coloca minha pequena Ana em cima de mim, ainda sujinha.

— Vou pegar alguns papéis e já volto. Parabéns papais! — diz saindo.

— Oi...— pego suas pequenas mãozinhas e meu coração bate forte. — Bem vinda, meu amor. Minha filha...

— *Nossa filha, Lilly!*

Me assusto olhando para o lado, vendo Calebe se aproximar fitando Tiana.

— Acho que me deve uma explicação, Srta. Bernard.

E todo nervosismo volta a tona. Com Ana em meu colo e seu calorzinho, eu tinha esquecido completamente por alguns segundos que ele estava realmente aqui. Que era real..

Calebe Walton me encontrou.

Merda.



Capítulo 40

Assim que Lilly se afasta de mim, eu a observo melhor. Seus olhos negros de choque, estão fixos nos meus. Seu cabelo estão solto e alisado, emoldurando seu rosto angelical. Olho um pouco mais para baixo e meu corpo trava, notando grande volume em sua barriga.

Porra.

Eu não estava acreditando que ela mentiu para mim. Fazendo-me acreditar esse tempo todo que não havia mais criança. Causando-me culpa e remorso todos esses meses. Foram noites sem dormir e comer direito pela culpa me corroendo. Eu fiquei com mais raiva ainda, por ela estar tão linda assim grávida, me deixando fora de toda essa parte.

Filha da mãe.

Mas minha raiva passa um pouco, no momento em que vejo algo escorrendo em suas pernas. Ignorando seus protestos para não tocá-la, eu a levo para um dos hospitais mais caros da cidade. No momento, a única coisa que me importava era que Lilly e a criança ficassem bem. Mesmo ela gritando comigo o tempo todo, tentei manter a calma. Dava para ver que ela estava sentindo muita dor, e eu não queria lhe causar mais estresse. Lilly estava fazendo muita força e meu peito se encolhia, vendo seu sofrimento sem poder ajudá-la. Eu não sabia que dar à luz, era algo tão

assustador de assistir... Mesmo magoado por ela ter me enganado, eu queria estar ali, segurando suas mãos. E quando aquele choro soou, senti algo em meu coração, havia um ser minúsculo em cima de Lilly e, quando os olhos dela brilhavam com as lágrimas se formando, meu peito bateu forte. Então toda a raiva que eu estava sentindo naquele momento se foi.

— Calebe... eu... — Lilly tenta dizer algo, assim que ela olha em minha direção.

— Sabe que o que você fez foi egoísta, não é ? — digo, olhando-a sério.

Ela se ajeita na cama e, ainda brincando com as mãozinhas da bebê, dá um sorriso triste.

— Quem é você para falar de egoísmo...? Se ela está aqui é porque eu fiz de tudo para manter uma gravidez saudável depois de tudo que passei... Não me cobre nada, Calebe, eu não tenho mais nada com você.

— Olha... — eu me encosto na parede e volto a cruzar os braços. — Eu acho que você tem sim... — arqueio uma sobrancelha e ela me encara com raiva.

— Eu já te disse que Tiana não é sua! — Lilly rosna.

Espera, esse era o nome dela?

— Tiana...? Por que deu o nome de um sapo para minha filha?— pergunto, lembrando-me de um desenho antigo que vi Karen assistindo uma vez.

— O que? — ela pisca intrigada. — Pare de chamá-la assim!

— Não vou parar. Ela é minha também, Lilly! E você não tinha o direito de mentir para mim... Quando você ia me contar? Ou você pensou em fugir para sempre?

— Esse era o plano, mas você, como sempre, estragou tudo!

— Merda, você é impossível!

—E você deveria ir embora ou, para o quinto dos Infernos! — ela começa a ficar com a voz de choro.

— Eu já disse que não vou a lugar nenhum, Bernard! — tento não parecer tão duro, pois ela está muito sensível.

Veja a médica voltando e então resolvo esfriar a cabeça um pouco. Lilly tinha acabado de passar por algo complexo e ainda estava se recuperando. Eu tenho que manter a calma com ela. Antes, peço as enfermeiras para providenciar roupas para Lilly e coisas para a bebê até ela receber alta. Vou até a recepção e sento em uma poltrona. coloco o as mãos em minha cabeça.

Uma menina?... Merda, estou fodido!

Meu celular toca e era Leonel. Atendo irritado. O filha da mãe com certeza sempre soube que Lilly trabalhava naquela agência, e ele só me mandou pegar aquela porra de maleta para que eu pudesse de fato encontrar com ela.

— Por que não me disse que sabia onde ela estava esse tempo todo? — pergunto.

— Aí não teria graça, filho. Sua cara de surpresa é imparável.

Idiota.

— Isso foi ridículo, Leonel. Desde quando você sabe?

— Não muito tempo. Eu não ia deixá-la fugir com meu neto para sempre.

— Neta... — digo baixo.

Uma pausa. Então uma risada alta soa, e tenho que afastar o telefone do meu ouvido um pouco.

— Não tem castigo melhor.

— Eu definitivamente te odeio. —falo irritado.

— Eu sei... cuide bem delas, estou de volta amanhã, quero conhecê-la em breve. Passa bem, papai! — ele desliga.

Olhei para o lado e notei uma banca de ursinhos de pelúcia. Balanço a cabeça e dou meio sorriso. Isso só pode ser um sonho muito maluco. Mas posso gostar disso.



Meia hora depois, com a cabeça mais fria, volto para o quarto onde Lilly estava. Entro devagar, com medo dela começar a me xingar de novo. Mas notei que ela estava dormindo. Me aproximo lentamente vendo um pequeno berço ao lado da cama.

Olho primeiro para Lilly, ela estava tão linda e fofa dormindo, que tenho vontade de beijá-la e pedir desculpas por ter sido rude. Eu só estava com raiva por ela ter mentido sobre algo tão sério para mim. Um pequeno grunhido rouba minha atenção e agora olho para o pequeno berço ao lado. Chego perto observando aquele bolinho minúsculo e todo empacotado abri os olhinhos. *Droga*, porque estou sentindo as batidas do meu coração tão forte quando olho para ela?

Ela começa a fazer uma carinha de choro.

— Merda... Shhh, não chore. — sussurro ao lado dela para que Lilly não acorde, ela parecia tão cansada.

Mas o pacotinho não me escuta e começa dá pequenos gritinhos, e minhas mãos começam a suar. Sem opção, tiro o terno e arregaço as mangas da camisa. Com cuidado, deslizo minha mão por baixo dela e a pego, sentindo meu corpo ficar rígido. Ela era pequena demais e parceria que a deixaria cair a qualquer momento. Sem jeito e meio desengonçado, eu a aninho em meus braços e a balanço.

— Pronto... Prontinho, não precisa chorar. Chorar são para os fracos e você não é fraca, pequena.

Eu a levo até a porta. Tiro o pequeno ursinho do meu bolso e prendo-o em sua roupa. Ela era tão linda, uma junção minha e de Lilly. Eu estava me achando um idiota, por estar praticamente babando pela aquela criança. Logo eu, que não queria ter filhos, estava perdidamente *rendido* a um bebê.



— Não se altere, Senhorita... Não vai fazer bem à sua recuperação. — a Dra. Diz assim que Calebe sai da sala e eu enxugo meus olhos úmidos.

— Está tudo bem com ela? — pergunto vendo a mulher com uma pequena seringa na mão.

— Posso pegar emprestado essa pequena por alguns minutos?

Entrego Ana para ela, observando enquanto a coloca em uma balança. Ela anota algo, depois me ajuda a levantar para ir até o banheiro, onde tomo um banho e faço minhas higiene. Logo depois volto e elas também me ajudam a dar o primeiro banho em Ana. Ela era tão pequena. Sendo mãe de primeira viagem, quase a deixei cair na banheira, fazendo eu quase ter um treco. Mas deu tudo certo no final. Como foi tudo muito rápido, não consegui trazer a bolsa e tudo que já estava arrumado, para maternidade. O hospital providenciou isso, graças a Deus. Estavam me tratando muito bem. Depois de amamentar Tiana, ela dorme. Acomodo-a no pequeno berço que trouxeram e passo longos minutos olhando minha bebê. Como era fofa e bonita. Minha vontade era de morder suas bochechas. Sentindo-me um pouco cansada e sonolenta, meus olhos pesam de sono. Calebe não voltou, e espero para que ele tenha ido embora e me deixado em paz. Ele estava enganado que eu baixaria a guarda, só porque Ana também era sua filha. Não tenho mais medo de ninguém e faria qualquer coisa para protegê-la, até mesmo dele..



Acordo sentindo meus peitos pesados e doloridos. Passo a mão por eles percebendo que estava vazando muito leite. Olho para

o berço e minha alma quase sai do corpo, não vendo Ana nele e começo a querer sair da cama.

Não, não... Ele não pode ter levado minha filha.

— Ela está aqui, Lilly. — olho para o canto do quarto e Calebe está com ela em seus braços.

Ao mesmo tempo que a imagem é muito confusa e fofa, eu fico aflita. Eu controlo minha respiração.

— Ela precisa se alimentar agora... — digo tentando não parecer desesperada para que ele me dê ela logo.

— Eu não vou “roubá-la, de você, Lilly. Se é isso que te preocupa, fique tranquila. — como se tivesse lido meus pensamentos, ele se aproxima de mim.

Se eu não tivesse com vontade de dar uns tapa nele, diria que a cena dele com Ana nos braços, derreteu 1% do meu coração. Sinto seu cheiro familiar e inconfundível assim que ele me entrega ela. Fico sem jeito quando puxo um lado da minha camisola e Calebe olha descaradamente para o meu peito.

— Pare de me olhar assim! — digo posicionando Ana no peito e ela abocanha forte, me causando um certo desconforto por estarem muito cheios.

— Assim como, Bernard?

— Você sabe do que eu estou falando! Não olhe para mim como se eu ainda lhe devesse algo, minha dívida com você está bem quitada.

Não vou ser mais usada por ele, se é isso que ele está pensando.

— Ah sim! Ganhou até um brinde por pagar direiti...

Lanço um olhar mortal para ele que ainda sorrindo, se afasta com as mãos para cima.

Babaca.

— Por que não vai embora? Já disse que não quero você aqui. — resmungo trocando Ana de peito.

— Tudo bem, eu vou. Mas amanhã eu volto.

Observo

de rabo de olho ele pega seu terno. E só agora reparei como ele ficava realmente tentador de roupa social, com algumas das suas tatuagens aparecendo.

Porra Lilly, foco.

— Até amanhã, Bernard... — Calebe me encara por longos segundos e depois olha para Ana. Ele se vira e vai embora.

Solto a respiração.

Coloco Tiana em posição de arroteio e percebo algo se espremendo entre meu ombro. Puxo Ana para ver o que era e noto um pequeno ursinho de pelúcia rosa. A reação dele não foi como eu imaginei e me deixou confusa. Deus, agora que eu finalmente estava seguindo minha vida, Calebe reaparece bagunçando toda minha cabeça. *De novo.*



Capítulo 41

Como prometido, Calebe voltou no dia seguinte e no seguinte. Sempre que entrava, ele me olhava com o semblante estranho. Eu tentava ser indiferente, mesmo que sua presença me incomodava. Hoje seria minha alta e Calebe estava assinando alguns documentos enquanto eu terminava de dar mamar para Ana. Olho para a porta e vejo James entrando com um pequeno vaso de lírio na mão. Franzo a testa. O que ele estava fazendo aqui? Ele me vê e eu ajeito minha roupa, pois Ana já havia terminado.

— Ah, Lilly. Você está aí! Quando soube, vim correndo. — ele se aproxima um pouco e noto Calebe olhando para ele por inteiro. — Meus parabéns, ela realmente é muito linda! — James coloca o vasinho na mesa ao lado.

— Obrigada. — agradeço, lhe dando um sorriso simpático.

— Está pronta, Lilly ? — Calebe se aproxima, encarando James com desdém.

— Desculpe.. Achei que você estaria sozinha.. — James diz um pouco confuso.

Respiro fundo.

— James... Esse é Calebe Walton, o ... — olho para Ana e não consigo terminar.

— O pai! — Calebe completa a frase, cruza os braços ainda fuzilando James com um olhar mortal.

— Ah... É um prazer enfim te conhecer... Sou James Ross! — Ele estende a mão para Calebe, mas logo abaixo sem graça, por

não ter sido correspondido.

— Bem, eu te esperei para o almoço. Fiquei triste porque pensei que você tinha me dado um bolo. Mas vejo que aconteceu um imprevisto...

Antes que eu dia qualquer coisa, a voz grave mal humorada de Calebe soa antes da minha.

— Minha filha não é um imprevisto, Sr. Ross!

Porque toda vez que ele falava “minha filha”, ele parecia mais atraente?

— Claro que não... Foi só o jeito de dizer. — James enfia as mãos no bolso e fico com pena por Calebe tê-lo tratado daquele jeito.

— Marcamos outro dia, James. — tento mudar o clima pesado que se instalou no ambiente.

— Tudo bem... — ele olha para o relógio. — É melhor eu ir.

— Melhor mesmo! — Calebe diz, e eu reviro os olhos.

— Tchau Lilly. — ele se vira, acena para Calebe e enfim vai embora.

— Isso foi ridículo, Calebe. — falo tentando me levantar da cama.

— Ele é algum tipo de namorado seu? Por acaso estava ficando com outro enquanto carregava minha filha, Bernard? — ele parece irritado.

— O que? — pisco confusa. — James não é nada meu, e se fosse qual problema teria? Eu sou solteira, e faço o quiser do meu corpo! — Ana começa a choramingar e eu a balanço um pouco em meus braços.

Calebe coloca as mãos na cintura e me encara.

— O que foi? Já disse que não te devo mais nada. — caminho devagar para fora, alinhando Ana contra meu peito.

— Onde você está indo.. ?

— Embora! Vou chamar um Uber.

— Sério, Lilly. Você tem uma puta sorte por eu não está de mau humor hoje. —vem em minha direção.

— Nossa! Devo pular de alegria por esse milagre, Sr. Walton?
— continuo andando com ele atrás de mim.

— Espera, você vai comigo!

— Calebe, me deixa em paz!

— Pare de andar assim e me espera, caramba!

Paro no meio do corredor e me viro para ele.

— Por que não volta para sua vida e finge que nunca me conheceu? Já basta o estrago enorme que você me causou.

— Como vou ignorar o fato de que agora eu tenho uma filha, Lilly ? Para de achar que eu sou a porra de um monstro. Eu quero fazer parte da vida dela, é tão difícil entender isso?

— Eu não acredito em uma só palavra que sai dessa sua boca. — volto a andar tentando não mostrar o quanto ele ainda me afeta.

Chego na recepção, pego meu celular para chamar o Uber, quando sinto alguém puxá-lo de minha mão.

— Mas...

— Eu disse que você vai comigo Bernard! Você não está em condições de andar por aí com qualquer... E também tem um bebê conforto no meu carro, será mais confortável para ela... — diz apontando para Ana.

Irritada, tento me controlar para não surtar. Vou com ele até o carro, ajeito Ana e sento devagar ao lado dela. Minhas partes íntimas ainda ardia um pouco.

— Eu quero ir para minha casa! — digo firme, conhecendo esse maluco, era perigoso ele me sequestrar com criança e tudo.

— Tudo bem, Lilly! *Vamos* para sua casa. Só me diz onde fica.

Caleb Walton

Eu estava terminando de assinar a conta do hospital quando vejo aquele idiota entrar. O jeito que ele olhava para Lilly e Ana, como se as quisesse para si. Me deu vontade de arrancar seu pescoço. Só de olhar para ele pude sentir que ele não era confiável, e eu o queria bem longe da mãe da minha filha.

Desgraçado.

Quando Lilly me disse que não ficou com ele, me senti mais aliviado. Eu sabia que ela não faria isso estando grávida. Não por causa de mim, é óbvio, mas por ela mesmo. Chego no endereço que ela me passou, e agora entendo porque não conseguia encontrá-la. A mulher morava literalmente no fim da cidade. Sua casa era simples, mas bonita. Me fez ficar curioso. Eu descobri que ela trabalhava na agência como auxiliar em sua área, mas não sabia se ela tinha continuado a faculdade, já que de fato ela sumiu do nada. Eu tinha tantas perguntas, mas iria com calma...

Estaciono o carro e desço para pegar o bebê conforto. Lilly desce lentamente abrindo a porta da sua casa. Eu a sigo, mas ela para no meio e cruza os braços, me impedindo de passar. Respiro profundamente, mais do que deveria. Deposito o bebê conforto com Ana dormindo no chão.

— Eu não queria fazer isso, mas você está pedindo! — caminho devagar até ela e seu corpo se encolhe.

— O que vai fazer? — ela dá um passo para trás, mas a alcanço, pegando-a no colo. — Você está louco? — grita.

— Sim, você me deixa louco com essa marra idiota! — Lilly está tão perto, que seu cheiro doce e familiar de flores, invade meu nariz.

A coloco sentada com cuidado no sofá e volto pegando bebê conforto e, voltando para dentro, colocando Ana perto da mãe. Vou até Bernard, que me olha incrédulo, e me sento em uma poltrona ao lado do sofá. Coloco os cotovelos em meus joelhos e a encaro. Seus olhos de ódio só a deixava mais bonita, e dou um sorriso com ela me encarando daquele jeito.

— Cara feia pra mim é fome, Bernard. E não adianta esperar. Não vou embora até decidirmos o que iremos fazer em relação a tudo isso.

Ana começa a chorar e Lilly levanta a pegando para acalmá-la .

— Você tem algum quarto de hóspede aqui? Já está tarde, e você mora na puta que pariu.

Tiro meu celular do bolso para mandar uma mensagem avisando para Caion tomar conta de tudo na empresa.

— O QUE..? Nem FODENDO!!... Não te quero aqui! — Ana chora mais alto. — Shhh, desculpe... Mamãe não quis gritar... Calebe olha, por favor. Não torne as coisas mais estranhas..

Caminho pela sua casa tranquilo, ignorando-a.

— Se não me falar, posso eu mesmo procurar... — começo a abrir a primeira porta.

— Espera... — ela respira, quase engolindo todo o ar da casa. — Se for só hoje... à esquerda.

Ela parecia esgotada. Então, para não irritá-la mais, entro no quarto que ela indicou. Era simples, menor que o meu, mas serviria. Sento-me na beirada da cama, pego meu celular e faço algumas pesquisas sobre como cuidar de uma mulher de resguardo. Na primeira matéria que leio, me sinto mal, pois estava em negrito:

“NÃO DEIXÁ-LA ESTRESSADA “

Merda. Como isso seria possível quando até minha respiração estava irritando Lilly?

Deitei na cama olhando para o teto. Eu tenho que me controlar perto dela. Ela estava muito sensível e vulnerável agora.

Eu sei que sou explosivo, mas é muito informação para mim. Até pouco tempo, eu pensava que não tinha mais criança e do nada eu a encontro praticamente dando à luz. Eu estava com medo de perdê-las de novo e não queria que isso acontecesse. Sei que também falei sobre não querer ser pai. Porém, isso foi antes de ver Ana e ficar encantado à primeira vista. Eu estava disposto a fazer qualquer coisa para que Lilly gostasse de mim e me deixasse fazer parte de sua vida.

Eu, Calebe Walton, a teria de volta! Nem que eu tenha que perder toda minha dignidade para isso.



Capítulo 42

Eu tinha esquecido completamente o quão insuportável e folgado Calebe podia ser. Só deixei ele ficar porque estava cansada de discutir, mas minha lista de xingamentos era longa. Entro no meu quarto com Ana e tranco a porta. Dou um banho na minha pequena e fico ali, namorando ela. Seu cheiro era tão bom. Não estava acreditando que eu tinha mesmo uma filha. Eu tinha acabado de fazer 18 anos. Achei que isso só aconteceria quando eu tivesse uns 30 anos... Mas aqui estou eu, olhando para o ser mais lindo do mundo. Eu daria minha vida por ela, se fosse preciso...



Assim que Ana dorme, coloco-a no pequeno berço ao lado da minha cama. Pois eu estava com medo de rolar sobre ela à noite. Abro as milhares de mensagens de Karen e digo que não consegui ligar antes. Meia com medo da reação dela, descido passar meu endereço para ela vir aqui amanhã, e ela se anima em resposta.

Olho para a porta e mordo meus lábios. Será que ele já está dormindo?

Afasto esse pensamento e tento dormir.



Um choro agudo me acorda.

— Humm... Só mais um pouquinho, filha. — murmuro revirando-me na cama querendo dormir mais.

Porém, levanto e a pego dando seu precioso Tetê. Céus, ela era muito gulosa.

— “*Só estou com fome, mamãe*”— digo com a voz de dengo, passando a mão pelos seus cabelos ralo dela.

Sinto um cheiro conhecido de comida típica brasileira, e quando termino com Ana. Tomo um banho rápido, coloco um vestido quentinho, penteio e prendo meus cabelos em um rabo de cavalo baixo. Coloco vários travesseiros ao redor da bebê na cama, destranco a porta e saio meio apreensiva. Um cheiro de canjica invade mais ainda o meu nariz e começo a salivar. Vejo um Calebe mexendo uma panela no fogão em minha cozinha me deixando surpresa.

— O que está fazendo? — cruzo meus braços.

— Eu não sei o nome, só sei que foi mó difícil achar essa porra. Mas li que é bom para alguém em recuperação depois de ter um bebê. Vi a receita na Internet e fiz.

— O que é isso agora?

— Eu só quero ajudar.

— Pode me ajudar indo embora.

Ele passa por mim, abre o armário, tira uma tigela pequena, coloca a canjica e a estende.

— Eu sei que te magoei dizendo aquelas coisas horríveis, mas eu estou tentando consertar isso.

Eu o observo com os olhos semicerrados e finalmente pego a tigela. Enfio a colher na vasilha com medo de estar horrível, mas

quando coloco na boca, tenho até que disfarçar para não demonstrar o tanto que aquilo está gostoso.

— E então? — ele me observa ansioso.

Dou outra colherada.

— Falta açúcar. — minto com a boca cheia, colocando a tigela sobre a mesa.

Calebe vai dizer algo, mas alguém começa a bater na porta. Walton, vai até a porta e eu aproveito que ele está de costas, pego a tigela, tiro a colher e depois dou um grande gole da canjica e tento engolir rápido. E quando escuto a voz de Karen, viro-me rapidamente, limpando o canto da boca.

— Calebe?! — ouço ela perguntar surpresa, ao olha para ele.

Ela usava um vestido florido e estava um pouco diferente de antes. Agora seus cabelos estavam curtos na altura dos ombros e sua pele estava mais bronzeada.

— Olá, querida irmã. — Calebe diz e ela olha pra ele confusa, mas logo que me vê, abre um longo Sorrisão.

— Lilly!

— Karen! — sorrio de volta e ela vem em minha direção . Ela me abraça tão forte que o impacto quase me faz cair.

— Ei, não faz isso sua idiota. — Calebe quase grita e Karen se afasta.

— Desculpa amiga... Estou muito feliz em te ver, eu estava com muita saudade.. — seus olhos enchem d'água e os meus também .

— Também senti sua falta, Karen...

— Meu pai me contou que era uma menina. Cadê ela? — pisca aérea.

— Ela sabe. — Calebe diz com os braços cruzados encostado na parede.

— Ah, olha Karen... — tento me explicar mas ela não deixa.

— Tudo bem, não importa se não quis me dizer, eu entendo...

— Não está brava, por eu não ter te contado ?

— Jamais ficaria brava com você por isso... — Ela dá uma olhada de desdém pra para Calebe e depois volta a atenção pra mim.

— Posso conhecê-la?

— Estou indo para empresa. — Calebe pega o seu terno que estava na cadeira e sai.

— Então ele te achou?! — Karen pergunta.

— Sim, ele me achou.



— Ela é muito lindinha, Lilly! Eu não estou acreditando que sou tia. — diz pegando Ana no colo. — E a gravidez te fez bem, seus olhos estão tão brilhantes. — eu sorrio.

— Você também está maravilhosa, Karen.

— Eu queria te contar... Naquele dia... Foi Emily que me abordou, me perguntando sobre você e Calebe. Mas eu neguei! Eu juro que não contei nada para aquela ridícula.

— Eu sei... Eu estava surtando muito.. tinha acabado de descobrir a gravidez, e minha mãe estava tão mal, que agi por impulso.

— Eu sinto muito, pelo que Calebe te fez... Me desculpa por estar dizendo isso ,mas graças a Deus ele fez Ana.. Olha só como ela é fofa! — balança as mãozinhas dela.

— Karen...

— Diz para ela Titizinha... — ela faz um bico e aperta de leve os dois lados da bochecha de Ana — *“Papai é um idiota , mas caprichou na receita.. Olha só como eu sou uma gostosura!”* — Fala com a voz muito melosa.

Dou um sorriso sincero e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Ele está te pressionando a fazer algo? Ou te tratando mal? — pergunta séria, me fitando.

— Por incrível que pareça, não. — digo, também intrigada, lembrando-me até da canjica que ele preparou para mim.

Eu tinha visto um pouco desse lado de Calebe antes, mas isso foi antes dele jogar toda a culpa da gravidez em mim.

— Eu não entendo, achei que ele ia surtar e não querer Tiana, mas ele tem se mostrado bastante interessado desde que ela nasceu..

— Ele pode ser meu irmão, mas às vezes queria dar um soco nele, por ser tão babaca. — ela faz bichinho para Ana.

Passamos a tarde toda assim, conversando. Karen me disse que ela e Marcos finalmente estavam namorando, e seu pai estava surtando.

Já estava tarde e ela ajeita suas coisas para ir embora dizendo que voltaria amanhã. Eu a levo até a porta, acenando para ela enquanto ela entra no carro. Quando estou prestes a entrar em casa, noto um pequeno ramo de lírio no chão. Abaixo com um pouco de dificuldade e pego confusa. Olho de um lado para o outro e não vejo ninguém. Entro em casa e fecho a porta.



Capítulo 43

Depois de aturar Caion enchendo meu saco sobre ser pai de menina, e aguentar as investidas sem sucesso da idiota da minha secretária. Saio da empresa novamente e vou para o meu apartamento. Faço uma pequena mala só com coisas realmente necessárias. Lilly ia surtar, mas eu não iria deixá-la cuidando de tudo sozinha.



Chego em sua casa e antes de bater na porta, confiro se está trancada e não está. Então eu abro e entro. Tudo está em silêncio. Vou até o sofá e vejo Lilly dormindo toda desengonçada. Uma perna estava no chão e a outra em cima do sofá. Ao lado dela, Ana brincava com as mãos muito focada, e eu sorrio com aquela cena. Vou até Lilly e pego perna dela do chão e coloco junto com a outra. Ajeito também o travesseiro em suas costas. Ela parecia cansada.

— Você fez isso com ela, pequena? — agacho perto do bebê conforto e estendo um dedo para ela. Ana o segura com força, levando-o à boca.

— Ei.. isso não é de comer..! — puxo gentilmente meu dedo de volta e ela faz um bico enorme.

— Calebe...? — a voz de sono de Lilly, me faz levantar do chão.

— Como você está? — pergunto.

— Com sono. O que faz aqui... de novo?

— Vou fazer sua janta. — digo simplesmente, indo para a cozinha.

Ela se levanta e vem atrás de mim.

— Não sabia que cozinhava...

Me viro e levanto uma sobrancelha.

— Tem muita coisa que você não sabe sobre mim, Bernard.

— Eu sei o suficiente para te querer longe!

Saio de trás do pequeno balcão e caminho até ela, que por sua vez, dá três passos para trás e suas costas batem no armário.

— Não sei, e se eu não quiser ficar longe? — eu sussurro, encurralando Lilly contra o armário.

Um choque percorre meu corpo quando inalo aquele cheiro gostoso que só ela tinha. Percebo que seu corpo fica rígido e sua respiração falha. Passo a ponta dos dedos pelo braço dela, sentindo Lilly estremecer, e sorrio.

Seu corpo ainda correspondia ao meu.

— Sabe Bernard... Você não sabe a vontade que eu estou de te levar para porra daquele quarto e te foder até você não conseguir andar mais! Só para castiga-la por ter mentido para mim esse tempo todo. — digo com a voz rouca perto de seu ouvido, e ela engole em seco. — Você tem uma puta sorte por estar de resguardo. Eu poderia... — minha voz fica presa na garganta quando sinto uma dor insuportável no meio das minhas perna, que acho que vou morrer.

Ela acabou de me dá um chute no saco?

— SAI DE PERTO DE MIM!

— AAhh! Desgraçada... — gemo enquanto me agacho, pondo a mão em minhas bolas doloridas.

— Eu disse que não sou mais seu brinquedo! Se quiser ficar aqui por Ana, tudo bem. Mas não tente nada comigo ou... ou corto esse pau fora!

Seguro na mesa em agonia. Acho que depois dessa Tiana seria filha única. Olho para Lilly, que agora está com os olhos

preocupados, e me sento com dificuldade na cadeira. Bernard se aproxima, olhando para mim com uma careta arrependida.

— Machucou muito?

— Porra! Um tapa seria bem melhor.

— Você estava muito perto... Eu só fiquei nervosa... Olha, desculpa. — passa as mãos uma nas outras estalando os dedos.

Lilly vai até a geladeira, abre e joga um saco de gelo na mesa. Olho para cara de pau dela e, que ódio! Eu não consigo ficar com raiva. Respiro normalmente na medida que a dor vai diminuindo um pouco, pego o gelo e coloco no meu saco por cima da calça, sentindo minhas bolas encolhendo pelo frio. Lilly desvia o rosto para o lado assim que volto minha atenção para ela. Desço um pouco os olhos até seu peito, e vejo uma pequena mancha líquida começando a se formar ali. Como o vestido que ela está usando é fino, consigo ter uma visão perfeita de seus seios inchados sem o sutiã, começando a aparecer.

— Seu peito... — digo, ainda encarando descaradamente, sentindo minha boca salivar.

Lilly segue meu olhar e percebe o vazamento.

— Droga. — ela cobre os peitos com as duas mãos, me privando daquela bela visão. — Vou pegar a bombinha e tomar um banho.... —ela se vira para mim e aponta para onde está Ana. — Você pode...? — ela se atrapalha toda, deixando-a tão fofa.

— Sim, eu olho ela. — falo e Lilly praticamente corre para seu quarto.

Levanto ainda com um pouco de dor e vou até Ana, que estava alheia a tudo que estava acontecendo. A pego no colo. Eu ainda não tinha me acostumado com o seu tamanho minúsculo.

— Acho que ela estava tentando me aleijar. — digo baixinho perto do seu ouvido, passando meu queixo lentamente por seus cabelos. — Sua mãe está enganada, se estiver pensando que vai conseguir fugir de mim. — cheiro sua cabeça enquanto ela come suas mãozinhas.

— Por que você é tão cheirosa? — a coloco perto do meu ombro e ela dá um soluço e sinto algo molhado no meu ombro. — Vocês duas estão de complô comigo? — eu arqueio uma sobrancelha.

Me viro para trás, e Lilly está ali de novo, encostada na parede.

— Ela deveria ter vomitado na sua cara. — caminha até mim pegando o Ana de minhas mãos. — Está na hora de dormir, filha.

Sem olhar para mim, me joga uma fralda de pano e volta para o quarto.

Sério isso?

Me limpo, ainda sentindo um cheiro azedo, e volto para a cozinha.

Ok, eu estou ferrado.



Quando Calebe me imprensou no armário, me fazendo arrepiar até a alma, eu tive que reagir. Não iria deixar ele me intimidar. Mas eu não queria machucá-lo. Foi mais um reflexo, quando por impulso levantei o joelho acertando-o em cheio. Ele me pegou de surpresa, me apertando daquele jeito. Não queria machucá-lo tanto, fiquei com dó quando o vi gemer de dor. Mas também, quem mandou ele vir falar aquelas coisas, deixando-me toda coisada... Eu estava sem graça e nem percebi que meu peito estava vazando até Calebe dizer isso. Eu estava produzindo muito leite, que nem Ana estava dando conta da quantidade. Eu tirava e colocava para congelar, assim doaria depois.

Vou para meu quarto sentindo-os cheios. Tiro um pouco na bombinha e depois tomo um banho. Quando volto para sala, Calebe está com Ana em seus braços. A cena é tão fofa, que se eu não estivesse ainda com raiva dele, tiraria uma foto. Mas com o semblante fechado, vou até ele, pego Tiana de seus braços e a levo para o quarto.



Com os dias passando, Karen vinha todos os dias. E mesmo eu não querendo admitir, Calebe estava me ajudando muito com Ana, deixando-me surpresa com a sua participação. Sua comida era tão boa, que às vezes nem disfarçar eu conseguia. Ele não dormia todos os dias na minha casa, às vezes só fazia alguma coisa para eu comer e ia embora. Depois que eu dei uma joelhada nele, Calebe não tentou mais nada comigo. Meu plano sempre foi cuidar de mim sozinha e depois contratar alguém quando finalmente voltasse a trabalhar. Nunca imaginei que seria o próprio Calebe a cuidar de mim. Apesar de tudo, tentava não falar com ele, mesmo às vezes babando no jeito que ele era com a filha. Eu notava suas olhadas estranhas para mim. Ainda mais quando estava amamentando Tiana. Não queria que ele me olhasse como objeto mais. Eu não sou mais aquela Lilly, agora eu tenho meu dinheiro e minha independência. Porém, está perto dele me fazia lembrar daquele final de semana... Me deixando mexida. Isso me deu uma ideia.

Calebe brincou com os meus sentimentos meses atrás. *Mas agora seria eu a dar as cartas.*

Calebe Walton

Capítulo 44

Acordo assustado no quarto de hóspede com um choro bem conhecido. Olho para o relógio e eram 5:15 da manhã. Levanto e vou até o quarto de Lilly. Bato na porta e nada. Eu bato mais uma vez. Sem sucesso. E com o choro cada vez mais alto, não espero mais e entro. Lilly estava dormindo pesado, tão serena, enquanto Ana gritava aos quatro ventos. Ela estava assim alguns dias, acho que estava com cólica. Ouvi Lilly falando isso com Karen. Já que a dona marrenta quase não estava falando comigo. Lilly estava passando noites em claros, e não deixava eu entrar no quarto para ajudá-la. Não me impressiono por ela estar desmaiada de sono, pelo cansaço. Vou até o pequeno berço ao lado e pego Ana, levando-a para fora. Abro a geladeira e pego um pote de leite, coloco no micro-ondas enquanto balanço Ana no braço.

— Espera... Céus, não precisa chorar? O que já falei sobre isso?

A observo um pouco. Ela estava diferente. Em três dias, ela faria um mês e estava muito gordinha. Despejo o leite morno em uma pequena mamadeira. Eu não sabia se ela iria pegar, pois Lilly só dava o peito. Mas fiquei com dó de acordá-la, a coitada parecia tão exausta. Assim que deito Ana em meu colo, ela avança em minha mão, quase me tomou na mamadeira.

— Porra, o leite não vai fugir não, garota. — dou um sorriso quando ela chupa com vontade o bico da mamadeira. — Esfomeada.



Depois que ela mamou tudo, eu a levei para o meu quarto. Coloco alguns travesseiros na cama para eu poder tomar um banho rápido. Vou para o banheiro, depois do banho me visto lá dentro mesmo. Saio e Ana está quase dormindo de novo. Eu a pego, levando-a de volta para o quarto de Lilly, que nem sequer mudou de posição. Coloco a pequena morta de fome no mesmo lugar que a peguei e dou mais uma olhada em Lilly, passeando meus olhos pelo seu corpo um pouco descoberto. Estava sendo um sacrifício vê-la todos os dias, sem nem ao mesmo poder beijá-la. Isso estava me afetando.

Ana mexe as mãozinhas agoniada, e percebo que ela estava procurando alguma coisa. Observo que o pequeno ursinho que dei a ela no dia que nasceu estava no canto um pouco afastado. Pego e coloco em suas mãos, e Ana se acalma voltando a fechar os olhos. Tão fofa, que tenho vontade de não ir trabalhar hoje só para ficar olhando para ela o dia todo. Mas lembra que não sou mais um vagabundo, e saio do quarto fechando lentamente a porta outra vez, indo em direção ao meu carro.



Estou estacionando meu carro na garagem da empresa, com um fumo na mão. Eu não estava fumando como antes, foi uma das condições impostas por Lilly por causa de Ana. Me sentia um pouco mal humorado. Talvez porque não era aqui onde eu queria estar. Entro na empresa, e a primeira pessoa que vejo, é Hamber com um decote chegando quase no umbigo.

— Senhor Walton. Como passou a noite? — ela pergunta assim que passo por ela. — Quer que eu pegue seu casaco? — passa as mãos pelo meu braço de maneira nada profissional.

— Hamber, por favor. Hoje não. — digo irritado.

Todo dia essa porra dela ficar me alisando, que caralho. Estou por um fio de demiti-la. Vou até a sala de Caion e abro a porta, pegando o desgraçado beijando uma funcionária em cima da mesa.

— Sabe bater não, cacete? — ele pergunta tranquilo e a mulher tenta fechar a blusa desesperada.

— Na minha sala agora, Caion!

Saio sem ao menos fechar a porta.

— O que tiver que me passar, passe pelo e-mail. — digo para Hamber sem olhá-la.

Vou para meu escritório, sento pegando meu tablet para ver minha agenda, quando Caion entra.

— Qual é cara? — não vejo, mas sei que ele está com os braços cruzados.

— Só estava te ajudando, sabe que intimidade entre funcionários é proibidos. — digo sem levantar minha cabeça.

— Não é porque você não vê uma buceta a quase um ano que tem que atrapalhar a foda dos outros, caralho !

Levanto um pouco minha cabeça com vontade de socar a cara dele.

— Vai se foder!

— Eu estava tentando fazer isso, querido primo. Até você me atrapalhar... O que tanto o rei quer, para não poder esperar nem eu dar uma rapidinha?

— Leonel disse que os italianos estão por aqui. Mandaram cartas ameaçando ele, provavelmente tentarão algo contra Karen de novo. — falo o que meu pai me disse ontem à noite por telefone.

— Esses filhos da puta não desistem nunca? Ainda é sobre o seu pai ter matado o irmão do subchefe deles?

— Sim, bom... Não sei muito bem sobre. Odeio essas merdas e você sabe.

— Sei, mas seu pai não mataria por matar. Algo eles fizeram.

— É isso que não faço ideia do que seja, e também não quero saber. Mas Fique atento. Ele quer uma reunião hoje. Também irei tentar convencer Lilly a ir. Leonel não para de me perturbar para conhecer Ana.

— Até eu estou ansioso para isso, se for tão linda quanto Lilly... — encaro-o quase jogando meu tablet contra ele que sorri.

— Calma cara. Puta que pariu, se Lilly não liberar essa buceta logo, terei eu mesma que conversar com ela. Você está insuportável, mano.

Ele começa a andar de costas ainda me olhando, chega até a porta e antes de sair diz rindo:

— E você está fedendo a vômito!

Idiota.

Abaixo a cabeça na mesa. Ficar sem sexo por tanto tempo, estava mesmo me afetando. Mas só tinha uma pessoa com quem eu realmente queria estar..



Ligo para idiota da minha irmã e pela primeira vez na vida, me vi pedindo um favor para ela.

— **Karen... se você falar com ela, ela irá na hora.** — digo com as pernas cruzadas.

— **Você me pedindo ajuda?** — Karen sorri do outro lado da linha.

— **Eu só quero que você convença Lilly a ir na porra desse jantar que Leonel tanto insiste em fazer. Por mim nem iria, mas infelizmente ele ainda é meu pai!** — resmungo.

— **Vou fazer isso. Mas não é por você, e sim porque minha mãe também quer conhecer Ana.**

Respiro irritado.

— **Certo.**

— **De nada, Calebe.** — ela desliga.

Alguns minutos depois, recebo uma mensagem da mesma dizendo que Lilly iria.

Termino e encerro meus compromissos e saio do escritório para ir buscá-la.



Eu saio do meu carro e caminho até a porta da casa de Lilly e entro.

— Calebe, é você? — ela grita ainda dentro do quarto.

— E quem mais seria? — cruzo os braços, me encostando perto de sua porta ainda fechada.

— Estou terminando de arrumar Ana, Já saio...

Vou até a cozinha, abro a geladeira e pego uma garrafa com água, coloco em um copo e tomo um gole. Eu me viro no momento que Lilly está saindo do quarto, fazendo-me engasgar com um pouco de água.

Céus, ela e estava deslumbrante. Nunca a vi assim, tão... tão... sexy?

— O que é? Estou feia? — ela pergunta levantando os peitos com a mão, me dando uma pequena visão do seu decote.

— Não! Está...

— Bonita? — pergunta com os olhos em mim.

Não. Está gostosa para caralho!

— Sim... Está bonita! — digo limpando a boca com a mão, que mesmo depois de beber água estava seca.

— Hmm. — Lilly se aproxima, parando a centímetros de mim. Seu perfume invade todo o ambiente. Estou ansioso e sinto meu pau acordar. Ela estende a mão e juro que ela vai me tocar. Prendo a respiração só para a filha da mãe pegar algo atrás de mim e se afasta me deixando igual um idiota.

— Estou pronta, vamos? — ela diz com um sorrisinho.

Filha da puta.

Ela vai até o quarto e pega a Ana, que estava com macacão rosa. Eu ainda estou parado, tentando entender o que acabou de

acontecer aqui.

— Calebe? Vamos? — Lilly me tira dos meus pensamentos.

— Sim, vamos. — me recomponho, voltando ao meu mau humor.

A guio até o carro e ela coloca a Ana na cadeirinha. E por incrível que pareça, vai para o banco da frente, sem eu ao menos insistir. Semicerro os olhos. Lilly está estranha, e isso me deixa nervoso. Passo o cinto e ela já está ajeitada no seu lugar.

— Como foi seu dia hoje? — Lilly pergunta quando começo a dirigir.

Ok, isso foi estranho.

— Bom... — viro uma rua. — uma tensão se forma no ar e eu tusso. — E o seu ? —pergunto.

Ela pega um gloss e um mini espelho na bolsa.

— Eu dormi. — diz simplesmente começando a passar o Gloss, fazendo um bico exagerado.

Volto minha atenção para a rua.

— Ai merda! — Lilly me assusta, e me viro para ver o que aconteceu.

— O que houve?

— Meu gloss caiu, aqui... — olho em volta e não encontro, até vê-la enfiando as mãos dentro do decote e vejo um peito perfeitamente, me fazendo perder a atenção na rua e uma buzina alta me tira do transe.

— Preste atenção, Calebe... Ana está aqui! — Lilly vira para olhar Ana e veja ela mordendo a boca para abafar um sorriso.

— Você fez de propósito, não foi?

Ela estava me provocando?

— Não me culpe pelo gloss ter caído. Céus, ninguém mandou olhar!

Eu mudo de marcha e seguro sua coxa com força, e ela fica séria na hora.

— Não me provoque, Lilly.

— Me solte! — ela pega minha mão e tira de sua coxa. — Não estou fazendo nada.

Olha o desconfiado para ela. Bernard não sabe o quanto que eu estava a desejando. Pois se soubesse, não brincaria comigo desse jeito. E eu já estava sacando o seu joguinho.



Quando chegamos na casa do pai de Calebe, eles já estavam na porta esperando por nós. Desço primeiro do carro, Karen me abraça olho para Valéria e a cumprimento.

— Olá, Lilly. — Leonel fala comigo pela primeira vez, e sinto meu corpo ficar um pouco mole. Eu morria de medo dele, mas tento manter a postura.

— Olá... — dou um sorriso tímido.

— Está muito bonita, querida. — Valéria me elogios. Logo depois, ela olha para Calebe, que está com Ana em seus braços. — Olá, Calebe.

— Valéria. — ele a cumprimenta sério.

— A princesa da tia chegou! — Karen vai até Calebe, mas Leonel puxa o braço dela de leve. — O que é, papai?

— A princesa vai no vovô agora! —passa por ela e vai até Calebe, que lhe olha feio. — Cara feia pra mim é fome, Calebe, e tem comida suficiente lá dentro. Agora me dá logo minha neta. — ele segura Ana de um lado, e Calebe firma ela de outro.

Isso é ridículo, ele está com ciúmes do próprio pai?

— Calebe, solta ela. — digo dando um sorriso sem graça e finalmente ele suaviza a mão com a cara ainda fechada, deixando

Leonel pegá-la.

— Ah, ela é linda, Lilly. Parece comigo! — ele brinca ignorando todo mundo e entrando para dentro, conversando no diminutivo com Ana.

— Espera papai. Também quero pegá-la! — Karen corre atrás dele.

Valéria sorri, seguindo-os.

— Isso foi infantil, Calebe. — cruza os braços fitando-o.

— Ela é mina filha!

— Jura? — eu levanto uma sobrancelha e me viro, indo atrás de Ana.

— Espera. — ele segura meu cotovelo. — O que está tentando fazer?

— O que?

— Estou falando do seu pequeno show dentro do carro.

— Eu não fiz nada. — minto me afastando dele e me viro novamente rebolando mais que o normal, finalmente entrando com um pequeno sorriso nos lábios.

Eu não fiz nada ainda, Calebe.

Nada.



Capítulo 45

Lilly me dá as costas rebolando aquela bunda deliciosa, até entrar na mansão.

Maldita!

Eu dou um passo e passo em alguma coisa. Abaixo e pego. Era o ursinho de Ana. Deve ter caído quando Leonel a tirou de mim. Tudo bem, eu estava com um pouco de ciúmes. Eu preciso ficar calmo. Se estou assim com meu pai, não quero nem ver os outros a pegando. Tento não pensar nisso e entro. O jantar corre bem. Até quando sinto algo subir pela minha perna, engasgo com o pedaço de carne. Olho para baixo e o pé de Lilly está lentamente passando pela minha perna.

— Tudo bem com você, Calebe? — Valéria pergunta.

— S-sim — dou uma tossida. — Sim!

Olho para Bernardi, e a maldita está conversando com Karen. Como se ela não estivesse fazendo nada, e continua rolando a ponta do salto na minha perna. Minha respiração começa a falhar quando seu pé atinge minha coxa. Pego o copo de água e bebo tudo de uma vez.

— Você parece estar com muita sede, Calebe... — Lilly olha para mim, parando de falar com Karen.

Filha da puta, maldita.

Eu a encaro de volta.

— Você não sabe o quanto.

Estou prestes a enfiar a mão por baixo da mesa para agarrar o pé dela quando alguém limpa a garganta e Lilly se afasta. Era Caion, com dois capangas de Leonel. Ele cumprimenta todos. Como Leonel ainda segurava Ana em seus braços, Caion apertou suas mãozinhas, dando-lhe um sorriso ridículo.

— Seu pai vai enlouquecer, Ana. Você é tão linda quanto sua querida mãe. —ele olha para Lilly e quero mandá-lo voltar de onde veio.

— Você caprichou Lilly. Parabéns Calebe, pela primeira vez na vida você fez algo que preste.

Mais é um filho da puta.

Lilly coça o pescoço, claramente envergonhada e eu não posso deixar de sorrir. Ela não podia negar que eu realmente caprichei. Leonel entrega Ana para Karen, olha para mim e Caion acena com a cabeça. Em seguida, caminha até o escritório. Lilly olha para aquela situação confusa. Me levantei da mesa indo para o outro lado dela. Eu me inclino ao seu ouvido e digo discretamente;

— Só mais três dias. Como eu disse, não me provoque. — Seu corpo se arrepia. — Já volto, querida. — ironizo seguido Leonel e Caion ao escritório.

— Só mais três dias... Como eu disse, não me provoque. — Seu corpo estremece.— Já volto, querida. — Ironizo seguindo Leonel e Caion até o escritório.

Queria ver se ela escaparia de mim depois de todo aquele show idiota.



— Os italianos declararam guerra. — Leonel joga várias fotos de alguns de seus capangas sendo torturados e mortos. — Isso é claramente uma ameaça, eles querem nos intimidar. Mas os Waltons, não se deixam intimidar! — Ele pressiona os dedos em uma das fotos.

— Eles não estão brincando, tio... — Caion pega uma das fotos na mão e observa, e eu me encosto na parede.

— Não. Temos que ter cuidado, o que aconteceu com a Karen naquele dia foi um deslize, vamos aumentar a segurança. Hoje vamos no galpão, Búro capturou um deles. — Virou-se para mim. — Calebe, é melhor Lilly ficar aqui esta noite.

— Hm... Posso ficar aqui se quiser Tio, tomo conta das meninas. — Caion fala.

— Sua cara fazer isso... Está com medo primo? — Cruzo os braços, arqueando uma sobrancelha.

— Claro que não! Mas você sabe, Lilly pode precisar dos meus serviços. — Cerro meu punho.

— Pare com isso! — Leonel diz e Caion continua rindo, e eu quero esquecer que ele é meu primo e quebrar a cara dele. — Caion para de provocar Calebe. E não, você não vai ficar... Anda, vamos.

— Que pena! — Caion é o primeiro a sair.

— Calebe ! — Leonel me chama e eu paro. — Como anda a situação, ela continua te dando gelo?

Como ele sabe dessas coisas?

— Isso não te interessa! — digo seco.

— Não estar a forçado a dormir com você, está?

Eu olho para ele mais do que gostaria.

— Qual é? Não era você que estava me elogiando por fazer isso, quando você me fez ir cobrar a porra da dívida da mãe dela?

— Isso foi antes dela se tornar a mãe da minha neta! Posso ser sujo e sem escrúpulos, mas a família sempre vem em primeiro lugar para mim.

Dou um sorriso amargo.

— Claro...

Desencosto da parede e começo a caminhar até a porta, mas antes paro e sem olhar para trás digo;

— Respondendo a sua pergunta... Não, não estou a forçando a dormir comigo.

Eu vou para fora. Eu nunca faria isso de novo com ela.

Volto para a sala e Lilly vem até mim com Ana nos braços.

— Calebe, o que está acontecendo? Por que eu tenho que ficar aqui? — questiona toda intrigada.

— E só por essa noite, é para sua segurança e de Ana. — Ela me olha com curiosidade, como se quisesse saber mais. — Fiquem em meu quarto, tem mais espaço para vocês duas, não vou dormir aqui.

— Onde você está indo?

Ela estava preocupada comigo?

— Resolver um problema, não sinto minha falta, venho te ver amanhã depois do trabalho. — sorrio malicioso.

— Por mim, que você fique por lá mesmo. — ela volta a ser a Bernard rabugenta de sempre.

Passo minhas mãos pelos cabelo de Ana e olho profundamente nos olhos de Lilly.

— Eu sei que você está se esforçando para fugir de mim. Mas saiba que não vai conseguir... *bombomzinho*. — A menção do apelido faz Lilly dar um passo para trás.

Passo por ela satisfeito com sua reação, paro ao seu lado e digo:

— Sobre o que você estava tentando fazer. — me refiro ao que aconteceu debaixo da mesa. — Vou te mostrar que esse jogo se joga a dois. — Sussurro caminhado para fora.

Lilly estava brincando comigo. O problema era que ela não sabia o quanto eu era competitivo.



Chegamos tarde ao galpão. Eu só queria que essa merda acabasse para que eu pudesse descansar. Eu ando ao lado de Caion. Leonel vai na frente e vários capangas armados estão ao

nosso lado. Entramos em uma sala e um homem está amarrado a uma cadeira em silêncio, e quando nos vê entrando ele dá um sorriso cínico.

— Ora, ora, se não são os Waltons.

— Parece que você está recebendo tratamento VIP, não é?!
— Leonel pega uma pequena fixa e encara o homem. — Diego Inoris, 34 anos, casado com Rochelle Inoris... — enquanto ele fala, o sorriso do homem desaparece. — Filhos, Margot de 6 anos e Mauter de 3 anos. — Diego está sério agora e encara Leonel. — Vamos, eu quero ser legal com você, me diga onde eles estão e o que estão tramando!

— Eu não vou dizer nada!

Eu cruzo os braços, talvez isso seja divertido.

— Ah que pena, eu queria ser seu amigo. — Leonel pega um soco inglês ajustando-o na mão, apertando um pequeno botão que acionou uma faca. Aproxime-se de Diego e agacha na frente dele.
— Vou perguntar de novo, onde eles estão e o que estão tramando!

— Vá para o inferno. — O homem cospe na cara de Leonel e eu o vejo sorrir.

— Ih cara, se fodeu. — Caion resmunga ao meu lado, e a cena é tão rápida que só percebo que Leonel cortou a orelha do homem porque o cara gritou muito alto.

— Hum... — Leonel passa a faca em um pano, limpando o sangue. — Vou te dar uma segunda chance, porque gostei de você. Vamos, me diga o que eu quero saber.

— ... Vão me matar se eu disser... — diz o homem gemendo, enquanto o sangue escorre de sua orelha.

— Cara, você vai perder mais uma orelha só para fugir da morte? — eu pergunto com um sorriso.

— ... Você já disse ... a ele... Porque de fato eles estão atrás de você, Sr. Walton...? Que é por causa da mãe dele? — Diego pergunta ao meu pai, olhando para mim e fico sério.

De que porra ele estava falando?

— AAAAHH!! — urra o homem, com a facada que Leonel lhe dá no braço.

— Cansei de ser seu amigo. — Ele volta para a mesa e pega o celular de Diego. — A pequena Margot gosta de andar de barco?

Sei que Leonel não faria mal a uma criança, mas usar a família era a técnica mais usada pelos mafiosos para conseguir o que queriam.

— Deixa-a em paz!!

— Claro, acho que Mauter gostaria mais. — Ele disca o número, alguém atende e ele coloca no viva-voz.

— Olá quem é? — uma voz infantil atende.

— Olá Margot. Lembra do tio Leonel? — Continua fitando Diego.

— Sim. Você me dou uma boneca.

— E o tio pode te dar muito mais!

— Alô, Diego é você???

— Ah, oi Rochelle, estou aqui com seu marido.

— Quem é você? O que quer? Cadê Diego??

— Querida, estou bem. Fuja e proteja as crianças... Eu te amo! — Ele grita.

— Diego o que estar acontecendo?

— Eu digo...! Por favor, deixe minha família fora disso. — O homem chora.

— Foi um prazer falar com a senhora, manda um abraço para as crianças! — Leonel desligar o celular e cinicamente fita Diego.

— Eles estão no leste organizando um motim e planejando um sequestro! — ele diz.

— Sequestro de quem? — Eu pergunto.

— Não sei, eles só me mandaram matar os seus capangas, não me contaram o plano. Mas é uma menina, eles querem a menina. — Diego diz com dificuldade.

— Porra!! Na minha filha só tocam mortos! — Leonel está irado.

Então saio da sala e começo a ouvir o barulho de alguns tiros.

— Ele nos disse, não precisava matar o cara! — falo.

— Calebe, nesse meio é assim, ou mata ou morre. Você também tem uma filha agora, entenda o lado dele. Karen também é sua irmã, e não será para fazer compras que estão a querendo. Pense nisso. — Ele me dá um tapinha no ombro e vai embora.

Respiração fundo. Eu saio também e sigo para o meu apartamento. Eu precisava de um banho e descansar, hoje foi bastante perturbador até para mim e o que Diego me contou sobre minha mãe, fiquei martirizado.

Chego no meu apartamento e começo a tirar a roupa quando o ursinho da Ana cai do meu bolso, pego ele que tinha o cheirinho doce dela. Sento-me na cama e fico olhando para ele. Caion tinha razão, se tocassem num fio de cabelo de Ana ou de Lilly, eu faria mil vezes pior do que o Leonel.



Capítulo 46

TRILHA SONORA: Bella poarch - villain

Depois que Calebe saiu. Eu não queria admitir, mas fiquei preocupada. Karen disse que isso era normal às vezes.

E de normal eu não achava nada.

Karen entra comigo no quarto de Calebe, era quase como está dentro do seu apartamento. Seu cheiro estava por toda parte, e

suas coisas era todas pretos e meio macabras.

— Credo, esse lugar me dá arrepios... —Karen diz entrando atrás de mim com Ana em seus braços.

— Isso é porque você não entrou no apartamento dele.

Fazia meses desde a última vez que estive lá, mas nunca consegui esquecer aqueles dois dias...

— Ele parece estar indo bem como pai. Bom... não sei, não vou mentir. Há uns meses atrás, pensei que ele fosse mais um daqueles homens, que fazem filhos e vão comprar cigarros...

Ana começa a resmungar e pego ela de Karen.

— Ah com certeza Calebe trocava Ana por um maço de cigarro. — brinco fazendo uma careta e Karen dá uma gargalhada.

— Não duvido, ele é quase uma chaminé ambulante. — nós duas rimos e Ana resmunga mais alto.

— Desculpa, Filha. Você está com sono e nós aqui fazendo barulho.

— Melhor eu ir, nos vemos amanhã. — Karen vem até Ana, para dá um beijo em sua bochecha. — Até amanhã coisa linda da tia.

Depois que Karen sai. Algumas empregadas deixam uma sacola de roupa para mim, dizendo que Valéria havia mandando trazer. Meia sem graça, aceito. Dou de mama para Ana, mas ela não estava conseguindo dormir. Pego sua bolsa e procuro seu ursinho, ela só dormia com aquela coisa. Mas não encontro em lugar nenhum. Tento dar mais leite, até que ela dorme um pouco. Saio da cama e observo o quarto de Calebe, vou até uma mesa e vejo um moletom familiar. Foi o que ele me emprestou uma vez, quando Emily jogou suco e minha blusa. Passo minha mão pelo moletom, alisando-o.

Ouvi-lo me chamar de bombomzinho fez meu corpo relembrado do seu toque em mim, mas eu tinha que me manter firme no meu plano. Calebe iria ficar aos meus pés e implorar por mim. Quando passei a ponta dos meus pés em sua perna e vi que

ele quase engasgando, me segurei para não rir. *Idiota, quero só vê até quando ele vai aguentar.* Eu sei que estou brincando com fogo, mas isso estava melhor do que eu imaginei.

Volto para cama observando Ana. Com o tempo passando, ela parecia mais com Calebe. Eu deveria ter ficado com a boca fechada. Cruzo os braços vendo ela acordando de novo.

E lá vamos nós.



Sei que amanheceu porque dormi com a janela aberta. Tiana não dormiu quase nada, e estava berrando me fazendo ficar desesperada, pois tudo isso, era por causa de uma porcaria de urso. Tinha dado banho e peito, mas minha pequena insistia e chorar deixando-me com peito encolhido de dó. Ouço batidas na porta, e a abro, vendo Karen, Valéria e até Leonel me olhando, como se eu fosse culpada pelos gritos de Ana.

— Ela está com cólica? — Valéria pergunta preocupada.

— Não... Ela não dormiu bem, só dorme com um ursinho que Calebe deu para ela. Mas o bendito bicho sumiu desde ontem. — digo quase chorando junto com a minha filha.

— Por que não disse isso antes? — Sr. Walton pega seu celular e faz uma ligação.

— Quero ursos de pelúcia! De todas as cores e modelos, para agora! Não se atrase ou será demitido, porra! — desliga e se vira para mim que pisco confusa.

— Me dá ela aqui. — a entrego. — Vovô te dará todos os ursos do mundo! Não chore, princesa. — Ana se acalma um pouco nos braços dele.



Menos de meia hora depois, havia mais de dezenas de ursos de pelúcia na grande sala, de todos os modelos e cores. Mas Ana continuava choramingando. Leonel estava com a gravata na cabeça tentando fazer bichinho para ela, e Karen estava tempo todo ao lado dele, tentando ajudar.

Céus, que garota difícil!

Eu a pego e depois de horas, o cansaço a atinge, e finalmente dorme. Coloco ela na cama, com vários travesseiros do lado e desço as escadas. Continuo procurando e nada de achar, me deixando extremamente irritada.

— Desculpa, senhor Walton. Acho que ela quer aquele urso em específico. — digo envergonhada, por ele ter comprado aquele tanto de bicho para nada.

— Não se preocupe com isso, senhorita Bernard.

— Tem certeza que o trouxe para cá, amiga? — Karen me pergunta.

— Sim, tenho certeza absoluta. — eu passo a mão na testa.

Leonel, pega o celular liga de novo para alguém. Volto para fora ainda procurando aquele treco, nossa senhora, preciso achá-lo!

— Bernard! — o Sr. Walton me chama. — Ele está com Calebe! — eu respiro aliviada. — Vou pedir para alguém buscar.

Como Ana estava dormindo, uma ideia passa por minha cabeça. Nem para aquele idiota me avisar que estava com o brinquedo dela, me deixando louca.

— Não! Eu vou. — ele me olha desconfiado. Me viro para Karen, que fica confusa.

— Karen, pode olhar Ana para mim? Tirei leite cedo.

— Sim, claro.

— Não diga a Calebe que serei eu a buscar o ursinho, Sr. Leonel. — Ele cruza os braços como se entendesse e afirma.

Subo rápido e troco de roupa, tinha uma bem bonita que Valéria trouxe. Solto meus cabelos e apenas ajeito eles, já que os cachos estão definidos. Dou um beijo em Ana e saio do quarto.

— Uau! — Karen cruza os braços. — Isso tudo para buscar um urso de pelúcia? —arqueia uma sobrancelha.

— Claro que sim... — apertei um lado do meu cabelo com as mãos, tentando disfarçar.

—Deixe-a ir Karen. — Leonel surge atrás da filha. — O motorista já está te esperando, senhorita Bernard. Não se preocupe, Ana está bem cuidada aqui .

— Obrigada, Senhor Walton. — digo entrando no jogo dele.

Eles provavelmente acham que estou indo para ficar com Calebe, ou algo assim. Dou um sorriso por dentro e sigo até o carro começando a ficar nervosa com o que estou preste a fazer.



A empresa é muito bonita por fora. Desço do carro e aliso minha calça preta de couro super justa e abaixo um pouco meu cropped. Respiro fundo tentando me acalmar e entro na empresa. Pergunto à recepcionista onde era a sala de Calebe e sigo suas instruções. Pego o elevador em minutos chego no último andar. Saio dele e caminho, parando em frente a uma mulher de óculos que está anotando alguma coisa.

— Olá, Bom dia! Poderia dizer ao Sr. Walton que queria vê-lo?

Ela me Analisa da cabeça aos pés com desdém e eu limpo minha garganta. Estava acostumada com pessoas como ela. Esse olhar ridículo não me intimidava.

Não mais.

— E quem é você? — ela pergunta me olhando por cima do óculos.

— Eu...

— Ela só é a mãe da filha do seu chefe, Hamber! — a voz de Caion me assusta e me viro para ele. — Olá, Lilly. — pisca para mim e eu sorrio.

— Oi, Caion.

— Filha? — a Tal de Hamber, olha para mim como se não acreditasse no que Caion acabou de falar.

Cruzo meus braços encarando ela.

— Tá surda, gata? — Caion pergunta, e ela fica sem graça.

— Vou avisar... — pega o telefone, mas Caio toma o telefone de suas mãos colocando-o de volta no gancho.

— Lilly Bernard não precisa ser anunciada! A porta está aberta. Vá morena. — ele senta na mesa tranquilo arrumando o botão do seu terno.

— Obrigada.

Digo e olho rapidamente para secretária que tem um rosto de pura raiva. Lhe dou um sorriso de deboche sem os dentes. Me viro balançando meus cachos entrando sem cerimônia na sala de Calebe.

— Já te falei para bater antes, Caion!— Calebe estava sentada em sua cadeira anotando algo.

— Desculpa, se preferir volto mais tarde. — ele levanta a cabeça tão rápido, que um sorriso de lado escapa de meus lábios. — Lilly? — seus olhos se inicia em meus pés e acaba em meus olhos. — O que faz aqui?

— Só vim buscar o brinquedo de Ana. — caminho devagar até a sua mesa.

— Achei que mandariam outra pessoa... — ele fala sem tirar os olhos de mim.

Chego até a sua mesa e me curvo, o suficiente para ele descer os olhos para a ponta do meu sutiã de renda que está aparecendo um pouco. Eu coloco meus cotovelos em sua mesa pegando um lápis no porta-canetas.

— Estava entediada, então resolvi vir conhecer seu escritório. — mordo minha boca percebendo ele me olhando incrédulo.

Dou um sorriso diabólico por dentro.

Hoje seria um dia histórico.

Caleb Walton

Capítulo 47

TRILHA SONORA: Bella poarch - inferno

Quando Lilly entra na minha sala daquele jeito, tão deliciosamente comestível. Fico confuso. Vê-la caminhando sensualmente até minha mesa e mordendo aquela boca carnuda, me fez entender que não era a porra do bicho de Ana que ela veio buscar aqui.

— O que está tramando, Bernard? — pergunto arqueando uma sobrancelha enquanto me encosto na cadeira.

— Como eu falei antes, vim buscar o brinquedo da minha filha.

Tiro o urso do bolso e coloco na mesa, e quando Lilly vai pegá-lo, seguro sua mão.

— Nossa filha! Você não fez ela com o dedo, lembra? — ela puxa a mão do meu aperto.

— Não, eu não me lembro. — cruza os braços parecendo meia envergonhada.

— Posso te fazer lembrar, Srta. Bernard. Não foi para isso que veio aqui? — eu a encaro, sentindo meu pau levantar.

— O que te faz pensar, que vim aqui para isso, Sr. Walton? — Lilly coloca o lápis que pegou em minha mesa na boca e morde ele lentamente.

Meu pau pulsa dolorido só com essa cena. A filha da puta está me provocando de novo. Me levanto mais duro que pedra e, antes que ela possa fugi, eu a agarro pela cintura. Lilly se assusta mas não se afasta.

— É melhor não brincar com fogo, Lilly. Pode sofrer uma queimadura de terceiro grau. — sussurro com a voz grave, inclinando-me para beijar seu pescoço.

Sinto seu corpo todo estremecer enquanto a faço sentir o tamanho da minha ereção, quando a pressiono suavemente em sua barriga.

— Eu sou imune ao fogo... — Lilly geme enquanto mordisco sua orelha.

— Não é o que o seu corpo está dizendo.

Subo minha boca para cima, querendo tirar aquele maldito batom de seus lábios, mas Lilly coloca a mão na frente, me impedindo de tal feito.

— Estou com saudades, Bernard... Por favor, não me castigue mais. — me vejo suplicando para tê-la.

Porra, o quão desesperado eu estou?

Ela passa a mão no meu ombro e gentilmente me empurra para a cadeira que está na frente da minha mesa.

— Sente-se, Walton — sua voz é sexy, me deixando tão excitado, que estou me controlando ao máximo para não jogá-la em cima da mesa e rasgar toda a sua roupa.

Engulo em seco e quase tenho um treco quando Lilly abre as pernas e senta em meu colo.

— Que porra, você está fazendo...?

Seca! Minha garganta está literalmente seca, que quere não consigo dizer nada.

— Você disse que estava com saudade... — Lilly se move lentamente no meu colo e meu pau sofre querendo contato.

— Não faz isso comigo... Não me torture assim.

— Shh. — ela coloca um dedo em minha boca saindo de cima de mim e se ajoelhando entre minhas pernas. — Vou te dar o que você tanto quer. — sua voz está rouca e carregada de sedução.

— Lilly... — dou um grunhido rouco assim que ela começa a abrir o zíper da minha calça.

Bernard segura meu pau e me olha com uma falsa cara de santa, como se nunca tivesse o visto antes.

— Sabe chupar um pau, bombomzinho? — eu arqueio uma sobancelha em desafio.

Nunca chegamos nessa parte quando transamos, nunca dava tempo. Mas como em um sonho, Lilly está ajoelhada em minha frente

segurando o meu pau com suas pequenas mãos, fazendo-o pulsar de desejo.

— Tudo tem uma primeira vez, não é?

Porra, isso foi sexy pra caralho de ouvir.

Lilly abaixa a cabeça e passa a língua pela cabeça do meu pau, me fazendo gemer ansioso. Seu perfume envolveu toda a meu escritório e ignorei tudo e todos. Eu poderia jurar que se alguém entrasse aqui agora, eu o mataria com minhas próprias mãos.



Tentando controlar minhas mãos trêmulas, finalmente consigo abrir as calças de Calebe e liberar sua ereção inchada. Desajeitadamente, agarro mais forte seu pênis. Eu havia esquecido o quão grande poderia ser quando estava ereto.

Merda, não quero isso tão cedo dentro de mim.

Fico aflita com medo de engasgar. Nunca tinha feito aquilo. Mas tinha que seguir firme. Lentamente, eu levei todo seu pênis para minha boca até tocar minha garganta, Calebe coloca as mãos no encosto da cadeira e a aperta forte, soltando um suspiro profundo. Olha para ele tentando aguentar aquele pau enorme em minha boca. Calebe estava com os olhos fechados com força. Ele estava Tão vulnerável, ficando tão lindo naquele abandono, que quase tive pena de fazer o que de fato vim fazer aqui. Mas o idiota não era vulnerável porra nenhuma, e eu sabia o quanto ele prezava por uma gozada. Dou apenas uma longa chupada e ao invés de dar a ele o que ele tanto queria. Levando-me limpando o canto da boca. Calebe abre os olhos e me encara confuso, e sua sala se enche de um silêncio pesado.

— Tá de brincadeira, Lilly!? — Calebe arfa alto desapontado, ainda olhando para mim.

Rapidamente pego o bichinho de Ana que havia deixado em cima da mesa e o balanço em minhas mãos mostrando a ele.

— Como eu disse, eu só vim pegar isso. Passar bem, Walton. — sorrio e caminho um pouco depressa para porta sem olhá-lo.

— Lilly!? Você não é nem louca de me deixar assim! —continuo andando. — Porra Lilly! Volta aqui sua desgraçada!

O ignoro, deixando-o sozinho de queixo caído e com o pau duro.

Quando já estou fora do seu escritório, noto aquela secretária me olhando confusa e com cara de... nojo? Percebo uma aliança em seu dedo, então ajeito minha postura, passo por ela e digo:

— Bonita aliança, mas acho que seu marido deve ser um puta azarado.

Passo por ela plena. Mas quando viro o corredor, corro como o diabo corre da cruz. Corro o mais rápido que posso para o elevador e sinto meu coração quase saindo pela boca. Rapidamente pressiono o botão para o primeiro andar. O elevador se abre e eu caminho rápido até o carro.

— Por favor, me tire daqui o mais rápido possível. — o motorista liga o carro e eu coloco a mão na boca, chocada comigo mesma.

Mas que porra eu acabei de fazer?

Olho para trás para ver se tinha alguma movimentação estranha na porta da empresa, e nada. Volto para frente e, como uma criança sapeca, observo o bicho de pelúcia em minhas mãos, e dou um sorriso mordendo meu dedo.

Isso foi por todas as vezes que me machucou enquanto me fodia sempre eliminares.

Eu realmente havia me apaixonado por Calebe sem perceber, mas não esqueci o quão babaca ele foi comigo.

— Para casa dos Walton senhorita? — o motorista pergunta, me trazendo de volta para o presente.

— Quero passar em um lugar primeiro.

Dou o endereço da agência para ele que me leva até lá.



Chegamos no local, então desço e entro.

— Lilly?! O que faz aqui mulher? — Suze é a primeira que me vê.

— Só queria dar uma passadinha aqui, nada demais.

— Eu vi as fotos que me enviou da sua neném, ela é linda!

— Obrigada! Eu só quero ver Hector rapidinho, ele está? — pergunto.

— Ele está em reunião com James. — mas logo os dois surgem conversando no corredor. — Ah, ali estão eles!

— Lilly minha flor, está tão bonita! — Hector vem me abraçar.

— Olá, Srta. Bernard. — James acena para mim e eu faço o mesmo. Desde que Calebe foi grosso com ele no dia que Ana nasceu, eu não vi mais.

— Quero falar com você, Hector.

— Claro, venha a minha sala. — Passo por James e siga meu chefe.

— Deveria estar em casa se recuperando e não perambulando por aí. — Hector diz simpático quando entramos no escritório.

— Eu já estou bem! Minha médica disse que em um mês, eu estaria nova em folha e me sinto ótima!

— Me diz, o que te traz aqui?

— Aceito ser sua modelo reserva se ainda me quiser, é claro. — mordo minha boca ansiosa.

— Céus, jura? É claro que eu quero! — ele me abraça animado.

— Vou me organizar nesses três meses de licença. Tenho que procurar uma babá para Ana, eu não quero deixá-la com qualquer um. Mas eu preciso trabalhar...

Digo a verdade, estava pensando sobre isso desde que ainda estava grávida. Querendo ou não, pude perceber que uma modelo ganha muito bem e como eu sempre digo, eu sou ambiciosa e tenho sonhos. Não que dinheiro seja a fonte da felicidade, mas agora tinha uma filha para criar e nunca deixaria ela passar por tudo que passei. De vender o almoço para comer a janta. Eu tinha que ter minha independência e terminar minha faculdade. Foi para isso que sempre estudei e trabalhei muito.

— Tudo bem, Lilly. Será bem-vinda sempre, e sei que vai arrasar.

— Obrigada Héctor.

Me despeço e vou para fora dando de cara com James, que estava encostado em uma parede.

— Ah, oi de novo James. — digo jogando um pouco dos meus cabelos para trás. Ele por sua vez me encara.

— Lilly, sobre aquele dia...

O interrompo.

— Eu que tenho que pedir desculpas. Calebe sabe ser bem idiota às vezes.

— Percebi, eu só fui porque você disse que não tinha namorado...

Dou-lhe um sorriso sem jeito, nem se eu quisesse Calebe seria meu namorado.

— Eu não tenho. Calebe é apenas o pai de Ana. — digo.

Depois do que eu fiz hoje, não sei como vai ser.

James se aproxima e como sempre, sua presença me causa desconforto. Ele passa a mão por meu ombro me fazendo ter um pequeno calafrio.

— Então ainda está de pé nosso almoço?

— Olha James, você é um ótimo amigo, de verdade. Mas agora estou em outra Vibe, tenho um bebê recém-nascido que precisa de mim, e logo mais voltaria trabalhar... Eu sinto muito, mas acho melhor continuarmos como estamos. — Então ele se afasta de mim.

— Certo... Você ainda gosta dele, não é?

— O-o quê?

— Do pai da sua filha, Lilly. Você gosta dele! — não foi uma pergunta.

— James...

Ele dá um sorriso e levanta uma mão.

— Tudo bem. Eu entendi... Amigos! — ele levanta as duas mãos para cima virando e indo embora, me deixando parado no meio do corredor sem entender nada.

Meu celular toca e era Karen.

Droga! O bicho de Ana. Corro de volta para o carro.



Quando chego na mansão dos Walton. Foi como mágica quando Ana tocou com as mãozinhas em seu bichinho, e sorrio com ela em meu colo.

— Você não pode ter tudo que quer, filha. Esse show seu deixou todos de cabelos em pé. — passo a ponta do meu nariz no dela. Como ela

podia parecer tanto com ele?

Ajeito minhas coisas querendo ir embora. Eu sei que Calebe virá atrás de mim, e tenho que me preparar psicologicamente para confrontá-lo. Leonel não queria me deixar ir, mas eu disse que precisava descansar melhor. Ele começa como um discurso sobre bandidos em minha região e me obrigou a aceitar um guarda-costas. Achei isso muito estranho, já que meu bairro era um dos mais seguros quando o comprei. Isso tudo era suspeito, desde que eles saíram ontem. Tudo estava meio esquisito. Mas não reluto, embora o Sr. Walton ter sido muito bom para Ana, eu continuava tendo medo dele.



De volta a minha casa, dou banho em Ana e a preparo para dormir, e graças a Deus ela adormece rapidamente, tranquilamente com seu ursinho nas mãos. Tomo um banho também, e visto um vestido simples e fresco de botões. Como já estava tarde, decido fazer algo para comer. Mas me assusto com alguém batendo na porta. Então meu corpo congela.

— Lilly, abre a porta! — Calebe pede tranquilo, mas percebo uma leve irritação em sua voz.

Inspiro profundamente, ficando um pouco nervosa, vou até a porta e abro, e só então vejo a raiva estampada em seu rosto. Cruzo meus braços na frente do peito e dou o meu melhor sorriso cínico. E como se eu não o tivesse deixado de pau duro em uma sala de escritório, digo:

— Olá, Calebe.



Capítulo 48

Estou encarando meu pau duro e dolorido a cinco minutos. Ainda sem acreditar no que aquela desgraçada fez, viro a cadeira giratória, apenas para bater com minha cabeça levemente na mesa, frustrado. Minha vontade é de correr atrás dela e arrastá-la de volta e me enfiar até o talo

nela, só por me deixar com as bolas roxas e doídas. Mas seria impossível andar pela empresa, com meu estado deplorável. Fecho o zíper da minha calça e tenho vontade de bater uma, apenas para acabar com aquele sofrimento. Mas me seguro. Tento respirar fundo e tirar a imagem e a sensação daquela boca quente molhada em meu cacete.

Mas que caralho Lilly! Pior jeito de me *punir*.

Com um pouco de dificuldade de caminhar. Levanto-me e vou até o pequeno frigobar. Pego uma água gelada, bebo todo o líquido e jogo um pouco no rosto. Lilly iria me pagar por isso, ah se ia! Tento voltar ao trabalho, mas estava Impossível. Alguém entra em meu escritório e sei que é o idiota do meu primo.

— E então? — ele me pergunta.

Levanto minha cabeça devagar, com os olhos cheios de ódio, e o encaro.

— Oh... Ela não liberou, não é?

— Se falar mais alguma coisa, eu juro que esqueço que é sobrinho do meu pai e te mato, aqui e agora. — estou tão mal humorado que isso não era uma mentira.

— Porra cara, você está fodido. — ele vira nos calcanhares, e rindo vai para fora ainda dizendo. — Fo-di-do, com “F” maiúsculo!!!!

Sentindo meu corpo contrair de raiva, jogo tudo que estava em cima da minha mesa no chão.

Maldita.



O dia passa e Lilly não sai da minha cabeça. Meu pau doía a cada movimento que eu fazia. Ligo para Leonel e descubro que Lilly não estava mais lá. Fiquei um pouco aliviado, por Ana esta melhor e por ele ter colocado seguranças para elas.

Quando o expediente acaba, vou para fora da minha sala e Hamber ainda está em sua mesa, olhando para mim curiosa, passeando seus olhos por meu corpo. Olho irritado para ela, e estou com tanta raiva, que apenas passo por ela e digo:

— Você está demitida!

Ignoro seus protesto e sigo até o elevador, saio dele, indo em direção ao meu carro. Começo a dirigir para o único lugar onde minha mente esteve

o dia inteiro. Aquela maldita vai me pagar por ter me deixado de pau duro o dia todo.



Estou encarando Lilly em sua porta. Aqueles olhos negros e seus lábios carnudos, tão convidativos, me faz sentir o ar faltando em meu peito. Como eu sentia saudade de senti-la não estava escrito. Ela tem um sorriso cínico no rosto, que me faz ficar mais irritado, e tenho vontade de colocá-la de joelhos e enfiar meu pau em sua boca para acabar com esse sorrisinho ridículo.

— Veio ver Ana? Ela está dormindo agora. — Lilly diz com os braços ainda cruzados.

Meus olhos exploram seu decote farto, que estão propositalmente, se espremendo um no outro. Ela percebe meu olhar, pois desce os braços para baixo.

— Você tem noção do que fez? — pergunto.

— Não sei do que está falando, Walton.

Filha da mãe.

—Lilly, Lilly. — tento me controlar e passo apenas a ponta dos meus dedos em sua bochecha, vendo ela perder a postura.

— Você sabe o que passei hoje, depois que me deixou daquele jeito? Você acha que eu vou te perdoar por aquilo?

Desço o polegar até os lábios dela e Lilly prende a respiração. Eu vejo seu peito começar a subir e descer rápido e dou um sorriso torto, me abaixando até seu ouvido e sussurro:

— Eu te avisei para não brincar com fogo, *bombomzinho*.

Antes que ela se afasta, agarro sua cintura com força e a giro rapidamente para a parede ao lado da porta. Desço depressa minha mão por sua nuca trazendo sua boca para minha, e pressiono meus lábios contra os dela com urgência. Não estava me importando se estava sendo duro naquele momento enquanto forçava minha língua com tudo para dentro de sua boca. Eu me senti como a primeira vez que a beijei naquele elevador. Agarro seus cabelos cacheados prendendo-a mim, impedindo-a de sair do meu aperto.

Lilly primeiro fica sem reação pelo beijo, mas logo sinto suas mãos tímidas agarrar meus cabelos também, puxando-o com força. Solto sua cintura, e em desespero, enfio uma mão debaixo do seu vestido subindo

para apertar sua bunda com força, e Lilly geme entre minha boca, em um beijo dolorido e cheio de saudade e excitação. Sem lhe dar pausa, sinto-me faminto e embriagado. Sei que estou a machucando com meus apertos, mas não consigo parar. Solto seu cabelo levando a mão que estava em sua bunda para cima. Lilly chupa meus lábios com fome e minha ereção dolorida pressiona contra sua barriga. Com meu corpo em chamas, deixando-me completamente fora de mim. Seguro firme o decote do seu vestido e em um único movimento o rasgo, fazendo vários botões rosados, voarem pelo ar. Logo aperto um peito inchado com minha mão, fazendo-a formigar apenas com o contato de sua pele macia.

— Calebe... Calebe, calma. — Lilly me empurra de leve, afastando sua boca da minha para tentar respirar. Continuo pressionando ela contra a parede, dando beijos molhados em seu pescoço, deixando-a recuperar o fôlego e, *puta merda!* Que saudade que eu estava de tocá-la assim.

— O que foi, Srta. Bernardi... ? Você só sabe provocar, não é? Sabe que é, uma puta gostosa e usa isso para me castigar. — mordo a ponta da orelha dela. — Só restava dois dias... Mas sabe... Hoje estou me fodendo para isso. Vou enfiar meu pau tão fundo em você, que vai implorar para eu parar. E sabe o que eu vou fazer quando me pedir isso, *bombomzinho?*

Todo seu corpo estremece e ela solta um longo suspiro com som da minha voz rouca e grave.

— Vou enfiar mais fundo para nunca mais brincar comigo! — rosno raivoso, voltando a beijá-la agressivamente.

Seguro com força seu peito e na hora minha mão fica úmida pelo leite que saiu. Mas ignoro isso e rapidamente a tiro do chão montando-a em mim. Fecho a porta com meu pé a levando para o quarto de hóspedes. Lilly está entregue e eu sei que ela também me quer, o calor e a umidade do seu sexo em minha barriga a denúncia.

Entro no quarto e a jogo na cama sem delicadeza, observando o movimento que seus seios fartos fazem.

—Calebe, Ana... — ela diz, ofegante, apoiando-se nos cotovelos.

— Não irá usar ela como desculpa, Lilly. Como você mesmo falou, Ana está dormindo. Você não vai fugir de mim hoje. A Senhorita me deve uma gozada!

Rapidamente tiro minha gravata e antes que Lilly tente fugi de mim, eu puxo uma perna dela para baixo, deixando-a completamente deitada na cama. Então eu subo em cima dela cobrindo-a com meu corpo. Passo lentamente minha mão por sua coxa, sentindo seus pelos se arrepiar com

meu toque. Mordo levemente seu lábio inferior e Lilly fecha os olhos dando pequenos suspiros.

— Abra os olhos! — exijo e ela abre devagar. — Você foi muita má comigo. Sabe disso, não sabe? — eu brinco com seu peito três vezes maior do que eu me lembro

Ela apenas olha para mim com a respiração entre cortante, como se tentasse organizar sua cabeça. Me inclino para frente e dou uma lambida em seu queixo antes de mais uma vez cobrir sua boca com a minha. Um grunhido sai de seus lábios, deixando pau tão duro que, por um momento, sinto até pena de Lilly. Mas esqueço isso e como um louco cheio de abstinência, termino de rasgar toda a roupa dela, fazendo o mesmo com sua calcinha. Não estava nem aí se ela só poderia transar em dois malditos dias. Eu estava louco de tesão. Ela me provocou ao extremo e não consigo me controlar. Lilly parece nervosa, mas não a deixo protestar. Tiro rápido minhas roupas e volto a deslizar as mãos por seu corpo delicioso e familiar. Eu estava morrendo de saudades dele.

Lilly gemia baixinho ansiosa assim como eu. Abro suas pernas com meus joelhos e seus olhos estão aflitos quando encara meu pau duro como rocha. Me encaixo em sua buceta molhada, puxando sua perna para minhas costas e sinto seu corpo se enrijecer e sua respiração falhar, apenas com a cabeça do meu pau em sua entrada.

— Eu sonhei com isso por meses... e agora é real. Você vai ser minha novo, Bernard. E vou fazer você se lembrar disso por muitos dias! — eu pressiono para frente, enfiando com tudo meu pau em sua buceta mega apertada, escutando o grito alto que ela deu.

— CARALHO LILLY!!

A sensação foi tão intensa que tive que parar e segurar firme seu quadril no lugar, ou gozaria imediatamente.

Porra, isso foi melhor do que eu imaginei.

— Está tudo bem? — pergunto, vendo seus olhos lacrimejarem. Estava com tanto tesão, que entrei de uma vez.

— S-sim. — ela funga manhosa.

Tento voltar ao controle e saio dela, só para entrar de novo, dessa vez menos rude, e Lilly morde forte sua boca para abafar outro grito. Então o pinga de controle que eu ainda tinha, foi parar na casa do caralho, quando comecei a entrar e sair, ficando sem ar a cada estocada forte que eu dava em Lilly, que por sua vez começou a gemer muito alto.

— Merda, isso é por ter fugido de mim! — me enfio mais nela, e Lilly agarra os lençóis com força. Eu me abaixo sobre ela beijando-a com raiva, abafando nossos gemidos.

Com uma das minhas mãos continuo explorando todo seu corpo, subindo a outra para segurar firme seu peito, que vez ou outra, vazava leite em mim. Mas estava com tanta raiva e saudade, que a única coisa que eu queria era descontar tudo o que passei esses meses sem ela. Por Lilly ter mentido sobre Ana e por ter me deixando sedento dela por tanto tempo.

— C-Calebe... — Lilly geme contra meus lábios enquanto recebe toda minha raiva e paixão ao mesmo tempo.

Desgrudo minha boca, só para ver a cena maravilhosa de Lilly embaixo de mim. Minha atenção volta para seus seio e vê-los mexendo a cada investida minha, estava acabando com o juízo que eu nem tinha mais. Abocanho um sem pensar, sugando-o forte e um líquido sem gosto enche minha boca e faço uma careta.

Merda.

Lilly, dá um puto sorriso lindo em meio aos gemidos.

Achei que não sairia assim...

Sem outra opção, engulo. Aquilo tinha um gosto estranho. Volto a me concentrar na bucetinha gostosa e apertada da mãe da minha filha, chupando e mordendo seu pescoço. Lilly estava tão molhada que sua excitação, estava se formando em uma lubrificação branca ao redor do meu pau, fazendo-o deslizar com facilidade em seu fenda estreita.

— V-você está... está indo muito f-fundo, Calebe... — Lilly volta a resmungar manhosa em meio gemidos.

Dou um sorriso safado. Era isso que eu queria ouvir.

— Estou...? — levanto sua perna só para me enterrar mais fundo e cubro sua boca com minha mão para impedi-la de gritar. — Shhh..Geme Baixinho, vai. Seu castigo será esse, *bombomzinho*.

The image shows a handwritten signature 'Lilly Bernard' in a cursive, red font. The letter 'i' in 'Lilly' has a small heart shape as a dot. The signature is set against a soft, pink, textured background that resembles watercolor. A tiny gold star is visible in the upper right corner of the background.

Calebe estava literalmente acabando comigo. Ele não tem dó. Seu toque não é gentil e sim brutos e dolorosos. Quando ele entrou em mim, me senti quase uma virgem de novo, pelo tanto que doeu. Mas desta vez foi uma dor deliciosamente prazerosa. Eu não estava me importando dele, está literalmente batendo na parede do meu útero. Eu também estava com saudades de seu toque em mim, de uma maneira muito insana. Eu tentei resistir a ele, mas meu corpo queria tanto quando eu.

Calebe sai de mim e me vira de quatro para ele, e sinto um tapa sendo dado na minha bunda, fazendo-me sentir um ardor gostoso.

— Porra! Que Saudade dessa bunda gostosa. — Calebe segura firme minha Cintura, me penetrando de novo.

Suas bolas batem com tudo em minhas coxa, enquanto ele ia e vinha, tirando meu fôlego a cada estocada. Ele puxa meu cabelo e cola a boca em minha orelha enquanto se move sem parar.

— Quero que se lembre disso quando não estiver conseguindo andar amanhã. — sua voz rouca e cheia de excitação mexia comigo. E toda raiva que eu tinha por ele, acabou de se desfazer, como açúcar em um banho Maria.

— Ohhhh... — gemo como uma maluca, e o som do nossos gemidos se misturavam com o barulho do nossos Corpos se chocando, extremamente escorregadios pelo suor.

Com seus toques e carícias, Calebe reacendeu a chama do meu coração e agora eu sabia, que não teria mais volta. E não era só sobre Ana.

Era sobre nós.

Eu estava exausta, mas Calebe não parava. Ele empurra de volta para cama, enquanto me beija, aperta meu peito e xinga palavrões indecifrável

— Não vou ser mal como você foi comigo hoje... Mas terá que implorar para gozar, bombom.. — Calebe morde meu ombro e eu sinto meu corpo em chamas para mais.

— Vai se Foder... — tento formar uma frase.

— Já estou fazendo isso. — ele se inclina para lambar meu pescoço.

— E esta uma delícia. Vamos, diga o que quer, que eu te darei.

Sua mão passa por baixo da minha barriga e desce, achando meu ponto extremamente inchado.

— Diga, "por favor" bombomzinho.

— Ah... *por favor*, vai ser ferrar..! — sorrio em desafio. Eu estava louca para gozar, mas provocá-lo era tão excitante.

— Que boquinha gostosa mais suja.

Calebe rosna me virando de frente para ele, colocando minha perna em seu ombro e me arreganhando ao extremo, e volta a enfiar seu pau até o talo, enquanto bombardeia sem dó nem piedade e eu aperto tão forte seu braço, que sinto minhas unhas entrar em sua carne suada.

— Vamos... Estou louco para sentir seu mel em mim, linda. — pede em um sussurro rouco.

Ele me chamou de linda?

Merda!

Então perdidamente entregue, eu enfim suplico.

— Aaah, por favor... Sim, eu quero, p-por favor!

Calebe dá um sorriso de vitória mais lindo que eu já vi na vida, e seus dedos ágeis volta a se esfregar em meu clitóris. Ele cobre minha boca outra vez para impedir meu grito alto, enquanto arfo na cama indo para cima e depois me deixando cair de novo na cama. Jogando minha cabeça para trás, chegando no meu clímax, sentindo meu corpo em choque enquanto me treme em um colapso delicioso, que acho que o céu acabou de descer sobre mim.

— Isso... Goza para mim *bombomzinho*.

Calebe dá mais algumas estocadas e o vejo sair de mim rapidamente, jogando seu gozo em toda minha barriga dando um gemido baixo e rouco extremamente sexy.

— Ahh, porra de garota deliciosa!

Ele aperta seu pau até sair a última gota, e então se joga ao meu lado enquanto tentamos respirar ofegantes, com nossos corpos banhados de suor e exaustos. Me viro de lado olhando para ele que faz o mesmo. Calebe coloca alguns cabelos rebeldes atrás da minha orelha.

— Desculpa se te machuquei... — ele continua alisando meu rosto e dou um sorriso cansado.

— Eu estou bem... Mas sinto que fui atropelada por dezenas de caminhões...— admito.

— Não estou falando só de hoje, Lilly... Desculpa por tudo. — Calebe, se aproxima um pouco e eu fico séria.

— Cale...

Um choro conhecido me interrompe e eu me viro deitada na cama.

— Tá vendo, eu falei pra gemer baixo...— o filha da mãe diz sorrindo, e eu dou um soco fraco em seu braço.

— A culpa foi sua...! — tento me levantar com meu corpo todo doído.

— Eu vou, descanse. — Calebe levanta rápido e veste suas roupas em um pulo, e eu observo ele em todos seus movimentos.

— Pare de me olhar assim ou não vou te dar paz hoje. — ele me flagra o observando. Então desvio os olhos sorrindo.

— Eu já parei... — mordo minha boca, eu estava cansada demais para outra rodada.

Calebe vem até mim e me surpreende com um selinho, me encara e parece que ele quer falar algo, mas o choro fica mais alto.

— Ela é insistente. — Calebe diz antes de sair do quarto.

— Igual o pai... — sussurro para mim mesma, pagando um cobertor e me cobrindo.

O choro para, então fico mais tranquila na medida que sinto minhas pálpebras se fecharem pelo cansando e adormeço.



Capítulo 49

Deixo Lilly no quarto de hóspede e vou até o quarto dela, onde uma pequena chorona estava. Meu corpo ainda estava um pouco trêmulo, me senti no céu tendo Lilly outra vez. Isso foi melhor do que nos meus melhores sonhos. Abro a porta do quarto e vou até Ana, que estava chupando os dedos tão forte que estava fazendo alguns barulhos estalado. Pego ela e puxo os dedos devagar de sua boca.

— Já disse que isso não é de comer, pequena esfomeada. — vou até a cozinha, tiro outro leite no congelador e esquento, logo depois dou para ela. — Olha, não fique brava comigo pelo que fiz com sua mãe, ela mereceu! — digo, passando a mão por seus cabelos que estavam começando a crescer.

Ela suga a mamadeira e eu semicerro os olhos.

— Olhando assim, parece que isso é uma delícia. — faço uma careta, lembrando que tive que engolir uma boa quantidade de leite a minutos atrás.

Depois que Ana mama, eu tento fazer ela dormir. Mas ela apenas fica me encarando com aqueles grandes olhos negros. Céus, como eu a amava. Achava que amar uma pessoa um dia seria impossível para mim. Mas agora, eu amo duas de maneiras totalmente diferente. Com Ana ainda em meus braços. Vou até o quarto de hóspede, ver se Lilly ainda estava acordada. Entro devagar e a coitada estava desmaiada de cansaço. Me sentia um pouco mal por ter sido tão bruto, mas minha fome por ela estava acumulada há meses.

Me aproximo mais e Ana dá pequeno grunhidos. Lilly ainda estava sem roupa de bruços na cama com, o cobertor estava cobrindo até a metade de suas costas. Aquilo era uma puta visão do paraíso. Mordo o lábio e me viro para Ana.

— Ela é perfeitamente linda, não é? — pergunto e ela simplesmente volta a chupar os dedos.

Dou um sorriso. Eu tinha uma puta sorte, fui um idiota com Lilly e não conseguia enxergar o quão maravilhosa ela era.

— Você não vai dormir mais não, Dona Tiana Walton? — pergunto voltando para fora.

Parecia que ela estava adivinhando que eu estava louco para acordar sua mãe, só para me enfiar nela de novo. Tento cansa-la brincando com seus pezinhos, e no final acabo me deitando no sofá e coloco ela em

meu peito, acariciando sua cabecinha. Eu amava seu cheiro, me trazia paz. E meu plano de acordar Lilly para mais uma rodada vai por água abaixo, quando sinto o cansaço me dominar na mediada que fecho os meus olhos devagar.



Calebe não mentiu quando disse que me deixaria sem andar! Acordei há cinco minutos e não consigo levantar da cama. Pois todo meu corpo esta pesado. Eu me esforço mais e finalmente consigo sair da cama depois de várias tentativas. Procuro minha roupa, mas então me lembro que agora não passavam de trapos, Calebe as destruiu ontem quando a rasgou toda em meu corpo. Meia cambaleando, vou até o banheiro sentindo minha vagina arder quando faço xixi. Passo o papel e noto que tem uma pequena mancha de sangue.

Merda.

Pego meu celular e pesquiso para ver se aquilo era normal. Fico aliviada ao saber que poderia ocorrer nas primeiras relações depois de um parto normal. Mas Calebe tinha em parte culpa também, ele foi muito rude. Sorrio enquanto me levanto. Mas também. Eu fui uma menina muita malvada com ele.

Me lembro da cara de idiota dele enquanto saia de sua sala, deixando-o duro e sem resposta.

Pego o roupão que tinha no banheiro e antes de tomar um banho, vou ver como Ana estava. Me senti tão esgotada que não consegui acordar para vê-la mais cedo. Calebe não estava aqui, então fique um pouco preocupada achando que ele já tinha ido trabalhar. Olho a hora, eram apenas 6:00 da manhã. Saio para fora entrando no meu quarto e não vejo Ana e meu coração começa a falhar as batidas.

Droga, cadê ela?

Com medo de que Calebe tenha a levado de mim, pego meu celular e começo a ligar para ele. Mas ouço o barulho do toque na sala e vou até lá. Solto o ar, abaixando lentamente o celular do meu ouvido vendo aquela

cena Linda. Calebe e Ana dormem tranquilos no sofá. Ele está com uma mão no rosto e a outra nas costas dela, enquanto Tiana está com a boquinha entre aberta em um sono profundo. Como sou boba, ele disse que não a roubaria de mim. Pego o celular e tira uma foto e os encaro por alguns minutos. Nunca imaginei Calebe assim, nem em todos meus sonhos mais loucos.

Aproveito o abandono dos dois e corro para meu banheiro. Meu cabelo estava um puro embaraço e estava ainda com cheiro do sexo selvagem de ontem. Saio do banheiro, coloco uma roupa e volto para sala. Era hora de Ana mamar, meu peito estava cheios pra caramba. Lentamente, tiro o braço de Calebe das costas de Ana, e pego ela devagar, alinhando-a em meu corpo. Calebe se mexe e abre os olhos confuso.

— Desculpa, eu não queria te acordar. — digo baixinho.

— Que horas são? — ele pergunta.

— Quase sete.

Ele se senta no sofá, passando as mãos no rosto e, meu Deus! Como esse homem podia ser bonito desse jeito?

— Tome um banho... Você vai se atrasar para o trabalho. — digo cutucando de leve as bochechas de Ana para que ela acorde.

Calebe se levanta e caminha até mim, me deixando nervosa. Ele tinha um puta poder sobre meu corpo desde que me proporcionou orgasmo pela primeira vez. Tento usar Ana como escudo abraçando-a, mas Calebe segura minha cintura fazendo um sanduíche com Ana entre nós dois, e cheira meus cabelos.

— Eu sou o presidente, Lilly. Eu vou a hora que eu quero. E no momento o que eu quero é outra coisa... — ele diz maliciosamente com a voz grave.

Estremeço e Ana enfim resmunga avisando que acordou. Ao invés de Calebe me largar, ele abaixa a cabeça e beija Ana.

— Bom dia, esfomeada empata foda.

Minhas bochechas queimam e eu finjo tapar os ouvidos de Ana.

— Não fale essas coisas perto dela, Calebe!

Ele me solta sorrindo.

— Vou tomar um banho. — ele beija minha testa, deixando-me parada igual uma boba na sala.

Passo minha mão livre onde ele acabou de beijar, sentindo todo meu corpo esquentar.

Porra Lilly! Para de se iludir caramba.

Ana resmunga.

— Ah, vamos cuidar de você.

Depois dela estar banhada e trocada, sento-me na sala e lhe dou o peito. Calebe surge todo arrumado e cheiroso, desvio minha atenção dele. Eu estava com medo de demonstrar meus sentimentos mesmo depois de tudo que aconteceu ontem. Olho de rabo de olho para cima, e ele encara o peito que Ana suga com força

— Perdeu algo aqui, Sr. Walton? — pergunto.

— Estou começando a achar que perdi... e perdi feio. — Calebe diz cruzando os braços.

Dou um longo sorriso, lembrando que ele engoliu leite na força do ódio.

— Do que está rindo, Srta. Bernard? — ele arqueia uma sobancelha.

— Não é nada. — coloco um cabelo atrás da orelha tentando parar de rir. — Já está indo trabalhar? — tento mudar de assunto.

— Por que parece que você quer se livrar de mim?

— Porque será? Você aqui é um perigo a minha existência. — brinco.

Ele se aproxima fazendo seu cheiro gostoso invadir meu nariz.

— Quem procura acha, bombomzinho. E você estava procurando. — ele passa a mão de leve na cabeça de Ana. — Eu vou... Mas eu volto. Esteja me esperando.

Engulo em seco.

— Até mais, Bernard.

Eu o vejo sair e Ana larga o bico do meu peito, olhando para mim como se me julgasse. Me viro para ela e dou duas batidinhas de leve em seu nariz.

— Não me olhe assim... Eu não gosto dele. — digo a verdade, pois o que estava sentindo em meu coração, ia muito além de uma simples paixão.



Capítulo 50

Chego na empresa e peço rápido, alguém que arranje outra secretária para mim urgente. Eu me sentia tão leve esta manhã que entrei e minha sala sorrindo. A porta se abre logo depois que estou na minha mesa, e sei que é Caion.

— Bom dia, Caion! — digo pegando uma pasta com algumas planilhas.

— Quem é você? — olho para cima e Caion esta com os braços cruzados me olhando, mas logo dá um sorriso. —Lilly finalmente liberou, não foi?

— O que te faz pensar isso? — volto a atenção aos documentos.

— Você não me recebe com bom dia simpático, Calebe. E sua cara é de quem teve uma puta gozada.

Dou um sorriso involuntário.

— Você está sorrindo? Porra, devolve meu primo!

— Vai trabalhar, Caion. — digo ainda com um sorriso idiota no rosto.

— Mudei de ideia, prefiro o Calebe apaixonado.

Não desminto ele, Caion não estava errado. Eu estava feliz depois de meses de angústia, mas tento mudar de assunto. Não queria falar sobre Lilly, com meu primo depravado.

— Você tem notícias dos italianos? Leonel não disse mais nada...

— Ele encontrou um motim realmente no leste, mas isso foi quase uma armadilha. Eu sei que você não fica por dentro de tudo, pois escolheu cuidar da empresa. Mas deveria se antenar mais.

— Fiquei pensativo desde aquele dia. —admito. — Por que aquele homem, falou que a culpa era da minha mãe?

Caion fica tenso, morde a boca e percebo que ele sabia de alguma coisa.

— Você sabe algo, não sabe? Me conte!

— Não sei muita coisa, mas ouvi Meu tio dizer algo relacionando a uma negociação com os italianos há alguns anos atrás.

— Negociação de quê? — junto a as sobrancelhas.

— Resgate.

— De quem? — começo a ficar confuso e odiava isso.

— Eu não sei Calebe. Pergunte ao seu pai. Só te contei o que ouvi.

Pego a caneta e bato levemente na mesa, intrigado com tudo aquilo.

— Eu estava gostando mais de você com coraçãozinhos saindo do seus olhos.

Caion me tira do transe. Irritado com suas gracinhas, jogo a caneta forte em sua direção.

— Ai porra! — finge susto.

— Vai trabalhar seu arrombado!

Ele sai rindo e balanço a cabeça. Pego meu celular e ligo para o único capanga do meu pai que eu confiava.

— Sr. Walton?

— Quero que faça algo. Mas já sabe... sem contar à Leonel.

— Sim Senhor. Estou a disposição.



Desligo o telefone e volto a pensar na minha morena. Só a lembrança do seu corpo quente embaixo do meu, fazia meu pau ficar duro.

Como estava sem secretária hoje, tive que fazer praticamente tudo sozinho. Mas não estava reclamando, hoje eu poderia fazer mil coisas, que só o pensamento em estar ao lado das minhas duas bonecas mais tarde, já ficava animado. Eu queria que Lilly fosse para meu apartamento com Ana, mas acho que ela ainda não aceitaria. Teria que ir com calma e ficaria na casa dela por enquanto na cara de pau mesmo. Ela não ousaria me expulsou depois de ontem. Depois do trabalho, sigo para casa da minha mamãe preferida. Ficar longe de Lilly e Ana era um tormento.

Mas antes paro em um shopping, e depois continuo meu caminho. Ainda bem que hoje era sábado e amanhã não teria que trabalhar.



Tiro o casaco, coloco-o sobre os braços e bato na porta. Uma Lilly tímida abre, com Ana nos braços.

— Olá garotas... — digo com o braço apoiando na quina da porta. E com a maior cara de cachorro sem dono, peço:

— Posso entrar?

Lilly arqueia uma sobrancelha.

— Você vai entrar mesmo se eu dizer não.

— Exatamente, bombomzinho. — dou-lhe um beijo rápido na bochecha e passo por ela, que fica surpresa por meu gesto. Amo vê-la assim, toda sem jeito.

— E como vai a princesa do papai?— pego Ana de seus braços, a cheirando.

— Sua filha é muito chorona. — Lilly Resmunga.

— Agora ela é minha filha?

— Sim. — Lilly morde os lábios.

— Pare de fazer isso.

— Fazer o que, Sr. Walton? — morde mais forte, e juro que se eu não estivesse com Ana nos braços, ela iria ver.

— Você sabe o que aconteceu com garotas que provocam, Srta. Bernard? — vou até ela e coloco um cacho rebelde atrás de sua orelha, e ela passa a língua pelos lábios.

— Não, não sei...

Mas que mulher safada.

— Não se preocupe, terei prazer em lhe mostrar. *De novo.* — Ana se mexe no meu colo e eu me afasto de Lilly.

— Isso é, se ela deixar. — Lilly passa por mim, me dando dois tapinhas no ombro com sarcasmo e vai para cozinha.

Filha da mãe.

— Tá com sono, filha? Acho que está na hora de dormir! — digo desesperadamente para Ana, que me olha e me, dá um pequeno sorriso fofo.



Passei o dia todo deitada com Ana, minhas pernas estavam me matando. Mas a promessa de mais cedo de Calebe, dizendo para eu esperar por ele, deixava meu corpo quente. Ligo para minha ginecologista para marcar uma consulta amanhã, eu não perderia o controle dessa vez. Eu ainda não confio 100% em Calebe, por mais que suas ações parecem ter mudado, ainda me intrigava muita coisa.

Calebe estava terminando de fazer a janta. Enquanto isso, eu estava na sala com Ana no sofá, brincando com os pezinhos dela. Calebe chega com algo na mão, e agacha ao lado do sofá, e eu apenas fico o observando olhar para Ana.

— Toda vez que olho para ela, tenho vontade de te dar uns tapa na bunda, sabia? Iria me impedir de vê-la crescer? — ele pergunta, pegando em um de seus dedinhos.

— Eu sinto muito, Calebe. Eu estava com medo e desesperada. Você disse que não...

Ele me interrompe.

— Eu fui um babaca, mas estava disposto a reparar meu erro e você sumiu. Me deixando muito mal. Foi tão cruel Lilly...

Walton parece tão vulnerável que meu coração deu uma pontada de dó. Ele se mostrou ser um bom Pai para Tiana, fazendo até eu mesma ficar impressionada com sua paciência.

— Desculpe. — única coisa que consigo dizer.

Ele abre a mão e vejo uma caixinha vermelha. Ele pega o braço gordinho de Ana e passa os dedos por ele, e diz olhando para ela:

— Você terá o melhor de mim... — ele puxa uma corrente, que eu acho que é de ouro puro. Estreito meu olho percebendo que havia o nome de Tiana nela. Calebe abre e envolve no bracinho dela, fechando-o com cuidado. — Eu prometo!

Meus olhos lacrimejam, mas limpo antes que ele perceba. Isso foi tão lindo.

— É muito bonita, Calebe. — digo sobre a pulseira.

Ele se levanta, passa a mão na calça e limpa a garganta.

— Bem, a janta está pronta! — diz, voltando para cozinha.

Pego Ana e coloco ela na cadeirinha ao lado da mesa. Eu contava os minutos para janta, Calebe tinha mãos maravilhosas. *Em todos os sentidos.*



— Acho que você já pode parar de fingir que não gosta da minha comida. — Calebe diz, enquanto se levanta para colocar seu prato na pia.

Eu olho para cima com a boca cheia de macarrão, já era o terceiro prato e agora realmente eu não tinha mais desculpa para usar.

— Hmm, é porque estou comendo por duas. — tento, lambendo os dedos.

— Duas? Nesse ritmo aí, você está comendo por um time de futebol inteiro.— se encosta do lado da pia e cruza os braços, enquanto dá um belo sorriso ladino.

Por que parece que hoje ele está mais gostoso?

— Vai se ferrar, Walton! — termino de engolir.

— Só admite que não é tão ruim assim.

— Ok, você venceu! Está gostoso. Era isso que queria ouvir?

Ele não diz nada. Levanto-me, olho para o lado e Ana brinca com os próprios dedos na cadeirinha, quase pegando no sono. Vou até onde Calebe está e coloco meu prato na pia. Lavo minhas mãos e vou voltar para minha cadeira, quando ele segura meu braço e me puxa um pouco para perto dele. Ficamos colados um no outro nos encarando por segundos intermináveis. Eu podia sentir a puta química que irradiava, apenas enquanto nos olhávamos.

—Lilly, Eu... — parecia que havia algo entalado em sua garganta.

— Sim? — Eu estava com medo do que ele exatamente queria dizer.

Ele tosse e, como quisesse mudar de assunto, tira algo no bolso. Era uma caixinha igual a que tinha à pulseira de Ana, e meu coração começa a bater forte. Ele me solta e abre tirando um pingente, e eu tento esconder meu rosto de decepção. Eu estava esperando o que mesmo exatamente?

Só posso estar drogada.

— Comprei algo para você também. — diz puxando o colar, e eu dou um sorriso para ele.

Era a primeira vez que Calebe me dava algo assim, então fico contente.

— É lindo! Mas isso deve ter sido muito caro... Não posso aceitar.

— Jura que está preocupada com isso? Assim você mágoa meu coração. — coloca a mão no peito de uma forma dramática.

— E você tem um?

Ele olha para mim, e é tudo muito rápido, quando ainda segurando meu braço, Calebe me vira de costas para ele, pressionando minhas costas contra seu peito.

— Não sei. Talvez eu tenha, Bernard.

Ele desliza os dedos sobre meu ombro e é como se seu toque fosse uma faísca abanando a brasa. Ele põe meu cabelo para o lado. Passando a mão sobre minha cabeça. Ele coloca o colar em volta do meu pescoço, fechando-o atrás de mim. Seguro o pingente de ouro na mão, vendo como era lindo. Calebe abaixa a cabeça e dá pequenos beijinhos em meu pescoço, me arrancando gemidos involuntários. Minha cabeça prende para o lado, dando permissão para sua boca explorar ainda mais meu pescoço. Pequenas mordidas são dadas ali e sinto minha calcinha ficar úmida.

— Eu adoro seu cheiro, sabia? — Calebe fala e eu não respondo, seu toque me deixava bêbada.

Mas então eu me lembro que provavelmente tinha um ser minúsculo ainda acordada e me afasto rapidamente, tentando me recompor. No entanto, Calebe me agarra de novo e morde meu lábio inferior, puxando-o de leve.

— Ponha logo essa garota para dormir, que eu quero te comer a noite toda. — ele diz rouco e me larga, vai até Ana, dá boa noite com um beijo na bochecha e entra para seu quarto. Passo a mão na testa sentindo meu corpo derreter.

Pego Ana que estava praticamente dormindo, e a levo para cama.

Assim que ela dorme, fico dividida entre ir ou não para o quarto onde Caleb está. Eu estalo meus dedos ansiosamente. olho no grande espelho e analiso o colar em meu pescoço. Eu corro minha mão sobre ele nervosamente, e antes que eu me arrependa.

Coloco Ana em seu berço e corro para o quarto a três portas do meu. Ela está aberta, então lentamente entro e vejo Calebe saindo do banheiro apenas com uma toalha em volta da sua cintura enquanto seca seus cabelos. Olho para baixo, vendo seu peito nu com pequenas gotas de água escorrendo por ele. Desço meus olhos por seus braços musculosos, cheio de tatuagens e veias grossas até chegar no grande volume da toalha que me faz morder os lábios.

— Acho que seus olhos perdeu o caminho do meu rosto, Bernard. — Calebe diz me notando no quarto, enquanto termina de secar o cabelo.

Então lhe dou um sorriso safado.

— É porque talvez, não seja esse o caminho que eles realmente queiram percorrer...



Capítulo 51

2 MESES DEPOIS

— Lilly? Lilly, acorde. — ouço alguém me chamando e sinto pequenos beijos molhados em minha bochecha, e por um momento acho que estou sonhando.

— Hmm — resmungo sentindo mãos subindo pela minha coxa.

— Se não abri os olhos, vou te acordar de outro jeito. — a mão sobe mais para cima.

Então abro meu olho.

— Bom dia, Senhorita dorminhoca. — pisco e a imagem de um Calebe todo descabelado, torna-se clara em meu campo de visão.

— Bom dia.

Memórias da noite quente de ontem correm pela minha cabeça e eu me apoio no cotovelo, apenas para tentar raciocinar direito.

— Você pediu para te acordar cedo. Mas fiquei com dó, você estava dormindo tão profundamente.

Então todos os meus sentidos despertam.

— Merda. — levanto em pulo, tirando o cobertor de cima de mim. Hoje seria meu primeiro dia de trabalho após minha licença. — Ana... — pego minha roupa no chão me vestindo. Provavelmente ela já deve está acordando para mamar.

— Você fica tão linda assim, toda perdida. — Calebe dá aquele sorriso, que molha qualquer calcinha. — Ela ainda está dormindo, não se preocupe, puxou o sono pesado da mãe.

Paro um pouco, só para observar melhor aquele homem deitado, com um sorriso no rosto na cama, olhando para mim com o cobertor cobrindo até sua bunda.

— Gosto quando me olha desse jeito, sabia, Bernard...— ele me pega o secando.

— Não estou te olhando! — pego um travesseiro que estava no chão e o jogo forte nele.

— Filha da mãe. — Calebe se levanta, e dando um gritinho, corro para meu quarto fechando a porta atrás de mim. Encosto minhas costas contra ela enquanto dou um sorriso bobo.

Sopro um cabelo que caiu sobre meu nariz, enquanto regulo minha respiração. Fazia três meses desde que Calebe me encontrou dando à luz. E desde então, ele grudou em mim como um carrapato no cio. Não que isso fosse ruim à essa altura. Mas estava com medo desse meu sentimento avassalador quebrar minha cara. Pois eu não conseguia esconder o quanto que eu gostava daquele idiota que se instalou no meu quarto de hóspede a há meses e nunca mais foi embora. Olho para cama, vendo minha pequena filha dormindo toda largada na cama. Eu não tinha arrumado um quarto para ela ainda. Sabia que os primeiros meses, não iria conseguir dormir longe. Isso foi antes de Calebe, praticamente me obrigar a dormir com ele quase todas as noites no quarto de hóspede. E meu quarto ficava para Tiana.

Olho a hora e não estava tão atrasada assim como eu achava. Saio da porta e caminho até o banheiro. Tomo um banho rápido e me olho no espelho, há algumas mordidas e chupões por todo meu corpo. Como minha pele é escura, era muito difícil isso acontecer. Mas se tratando de Calebe, nada era impossível, quando o assunto era me destruir por inteiro. Toco na mordida um pouco em cima do meu peito, sentindo meu corpo esquentar, e pequenas lembranças minhas em cima dele enquanto eu o cavalgava surge em minha mente. E me assusto com a porta batendo.

— Está pronta? — Calebe pergunta baixo, tirando-me dos meus pensamentos profanos com ele.

— Ah, é... — pego o vestido e visto rápido. — Quase!

Me arrumo como um furacão. Ele me levaria, pois era caminho para sua empresa. Eu ao contratar um babá, mas o senhor Leonel e Karen, insistiram que eu deixasse Ana com eles.

Termino e finalizo meu cabelo, passo um perfume e vejo minha pequena se remexendo na cama. Eu cuidadosamente a pego e dou um banho nela e a arrumo. Abro a porta e Calebe, já está com seu terno impecável, encostado no balcão da cozinha.

— Uau! — ele vem até mim, e eu entrego-lhe Ana. — Olha só sua mãe, filha!

Passo por ele e pego uma torrada para comer, eu ainda não sabia lidar com seus elogios.

— Olha só você meu amor, que boneca mais linda! — diz observando melhor nossa filha.

— Hoje ela faz três meses. — digo mudando de assunto.

— Eu sei.

Calebe, pega um pequeno cacho dela e enrola no dedo, ajeitando os lacinhos na Maria Chiquinha que eu fiz. Pelo menos, alguma coisa naquela criança, puxou para mim.

— Tem certeza que não quer que eu fique com ela hoje? Não confio 100% em Karen e Leonel com um bebê.

Dou um sorriso.

— Ele teve dois filhos e também tem a mãe de Karen. E é melhor que deixá-la com um estranho, não acha? — ele não responde. — Eu estou pronta, vamos?

Calebe me olha de uma maneira estranha e fico sem jeito.

— O que foi? Algo errado? — passo a mão por meu vestido rosa claro.

— Não é nada. — ele vai para fora primeiro, com Ana nos braços.

Pego minha bolsa e caminho atrás dele, entrando no carro e me ajeitando.

O caminho até a casa do seu pai, fizemos em silêncio. Assim que chegamos, Leonel já estava lá, como sempre nos esperando. Antes que saia do carro, ele já abriu a porta traseira e tira Ana da cadeirinha.

— Olá para você também, Leonel. — Calebe diz irritado, e eu dou um sorriso cutucando-o levemente.

— Ah! Olá filho. Olá Lilly! — cumprimenta-nos com a Ana nos braços.

— Olá, senhor Walton. — desço apenas para pegar a bolsa, com os vários potes de leite e coisas para ela. — Está tudo aí. Se caso ela chorar muito, ou te dê algum trabalho, me ligue na hora, por favor...— seguro suas mãozinhas com meu peito doendo. Isso está sendo mais difícil do que eu imaginei.

— Tudo bem, Srta. Bernard. Não se preocupe com isso, eu e Ana vamos nos dar muito bem. não é, princesa? —ele nem parecia alguém perigoso falando daquele jeito.

Falo com Karen e a mãe dela, dando todos os recados sobre Ana e respiro fundo, enfim entrando no carro com os olhos cheios de lágrimas.

— Você vai ver ela daqui a pouco. Não precisa chorar. — Calebe começa a dirigir e limpo meu olho.

— Não importa, eu já estou morrendo de saudade. — eu viro para trás, vendo Leonel entrando com ela dentro daquela grande casa.

— Tudo bem, só não chora, tá legal? — sinto sua mão em minha coxa, como se quisesse me acalmar, e foi tão involuntário da parte dele, que acho que nem mesmo ele notou.

Ele as tira assim que me vê olhando para sua mão ali.

Ok, isso foi bom.

Afasto esse pensamento e fico olhando para fora da janela até Calebe chega na agência. Assim que o carro para, não sei o que fazer. Calebe e eu éramos algum tipo de casal? Como deveríamos nos despedir? Ou apenas mantínhamos sexo casual por termos muita química?

— É melhor eu ir. — eu me viro para abri a porta.

— Lilly.— olho para ele rapidamente.

— Sim?! — era como se ele quisesse falar algo, mas não conseguia.

— Seu celular.— ele o aponta para mim, e eu pego meia decepcionada.

— Obrigada... — Sou interrompida por Calebe puxando meu pescoço e me surpreendendo com um pequeno beijo molhado.

Merda, porque ele sempre fazia isso?

— Tenha um bom dia, Srta. Chorona. — ele se afasta e eu fico o encarando com cara de taxo. — Você não tinha que ir? — arqueia uma sobrancelha.

Que ódio disso!

— Sim... É. Tô indo. Até... mais tarde? — Droga Lilly, que isso agora, mulher?

— Sim, eu venho te buscar.

Abro a porta e saio do carro, Calebe acena para mim e vai embora. Entro na agência, sentindo algo estranho no estômago.

Qual era meu problema?



— Ah, Lilly, aí está você! Como está belíssima! — Hector vem me receber assim que estou na recepção.

— Obrigada... — estava contente que mesmo comendo igual uma maluca, consegui manter meu peso.

— Venha, vamos começar seu ensaio... — ele me puxa animando, e vejo James saindo de sua nova sala.

Parece que agora, ele é Hector eram sócios oficiais.

— Lilly... — ele me cumprimenta sem nem me olhar direito.

— Olá já... — não consigo terminar, pois ele já estava longe. — O que há com ele? — pergunto a Hector.

— Problema familiar, eu acho... — Hector diz. — Anda, Lilly! Estou louco para te vê de camurça. — então ainda intrigada, volto minha atenção exclusivamente para meu chefe.



Capítulo 52

Estou com meu tablet, olhando lojas aleatórias de joalheria, mas perco um pouco o foco, com alguém batendo na porta do meu escritório.

— Sr. Walton... Sou eu... — minha nova secretária diz do outro lado da porta.

— Entre. — digo sem tirar os olhos do tablet.

— O jantar dos sócios será nesse final de semana, o senhor já tem acompanhante? Se o Senhor quiser, eu estarei disponível.

Abaixo o tablet e olho para Layla Mash. Seus cabelos ruivos estão presos em um rabo de cavalo e suas roupas são bem recatadas, e mesmo que ela tenha usado um tom profissional, não deixei de ri disso. Se fosse há um ano atrás, com certeza ela já estaria em cima da minha mesa de quatro. Mas a única pessoa que eu queria de quatro para mim, se chamava Lilly Bernard, e ela não está aqui agora.

—Obrigado, Srta. Mash. Mas já tenho acompanhante. — ela só não sabe ainda. — Reserve para mim aquele hotel perto do prédio, para sábado e domingo.

— Sim, Sr. Walton. — volto atenção para meu tablet, mas percebo que ela continua parada me olhando, então o coloco de lado novamente.

— É só isso, Sr. Mash, pode se retirar.

Observo ela saindo da minha sala. Pego meu celular vendo duas notificação em específico. Abro a primeira que é de Leonel em uma foto com Ana. Ela era tão cativante que nem parecia minha filha. Coisa que não podia se negada, já que era minha cópia. Nem a cor de Lilly ela pegou. Apenas alguns cachos em seu cabelo, mas mesmo assim, ainda tinha alguns traços da mãe.

Eu me pego lembrando daqueles dois meses com Lilly. Como tentei dizer a ela que pensava nela a cada minuto do meu dia e que queria algo a mais do que sexo... Mas eu travava toda vez que tentava falar algo. Me sinto um idiota por não conseguir dizer como realmente me sinto a tudo isso. E vê-la linda daquele jeito, indo trabalhar, me fez ficar com uma pontinha de ciúmes. Eu sabia que aquele idiota trabalhava com ela e pedi a Ború que pesquisar tudo sobre ele. Descobri que seu nome era James Al capone Ross. Ele era viúvo há dois anos e seus pais estavam mortos desde seus 8 anos de idade. Ele se especializou no ramo de designer e seguiu essa carreira. O sobre nome dele do meio não me era estranho. Peço para ficaram de olho nele.

Abro minha gaveta e pego um envelope que venho ignorando a meses. Havia pedido um relatório detalhado sobre a causa da morte de Luna Walton. Mas conhecida como, senhora minha mãe. Encaro ele, estava receoso e com medo do que tinha ali. Abro o lacre e na hora, meu telefone toca. Vendo que era Leonel eu atendo.

— **O que é?! Algo errado com Ana?**

— **Não, ela está dormindo, pois só sabe fazer isso por enquanto... Bem, você Sabe que precisa estar em nova York amanhã, não sabe?**

Merda, tinha me esquecido completamente dessa porra.

— Sei... — digo.

— Os sócios estarão lá antes da conferência de sábado. Será cinco dias de reunião, sobre o futuro balanceamento da empresa e as novas peças industriais.

Guardo o envelope na gaveta de novo.

— Era só isso ?— pergunto indiferente.

— Sim, filho...

Desligo ficando mal humorado, depois de meses, eu ficaria longe de Lilly e Ana por malditos cinco dias.

Mando um e-mail para Layla.

Infelizmente teria que levá-la, pois ela estava com minha agenda. Nem para a idiota me lembrar disso.

Outra incompetente.

A tarde prosseguiu um saco e ainda tinha que convencer Lilly a ir comigo no jantar de sábado.

— Nos encontramos amanhã, Sr. Walton? — Layla pergunta quando passo por sua mesa.

— Sim. Esteja no aeroporto antes das 8 horas. Reserve dois quartos. E se esquecer outra vez de me avisar alguma coisa como essa, terá o mesmo destino da minha ex. secretária! — sem olhar para ela, sigo para o elevador.



Estou esperando Lilly sair do agência, e vejo o tal James em um canto conversando ao telefone. O observo pelo carro, ele parece gritar algo enquanto gesticula com as mãos. Minha atenção é desviada dele assim que ouço alguém batendo na janela do lado de fora do carro. Eu me viro, vendo uma pretinha linda sorrindo para mim e sinto meu humor transformar. Eu abro a janela.

— Oi moço, será que pode me dar uma carona pra casa? — ela morde os lábios carnudos e meu amiguinho lá em baixo já começa a formigar.

— Até duas ... — digo, e Lilly me dá um soco de leve no ombro. — Ai! O que é ? — dou um sorriso vendo ela entrando no carro.

— Daria carona para uma estranha assim tão fácil? — ela parece revoltada.

— Seria errado, Srta. Bernard? — brinco colocando minha mão em seu joelho enquanto dirijo. Mas sinto ela afastar minha mão e ficar séria.

— Não. O carro é seu, dê carona para quem você quiser. — mordo minha bochecha, tentando não tirar sarro da sua cara fofa de irritação.

Ela estava com ciúmes? Céus, e eu estava gostando por ela está?

— Do que está rindo? — ela me pergunta ainda seria, e eu nem percebi que eu realmente tinha um sorriso idiota no rosto.

— Nada. — Lilly, cruza os braços.— Como foi o primeiro dia de modelo?— pergunto tentando mudar de assunto.

— Cansativo, daqui uma semanas terei meu primeiro desfile.— olha para fora da janela.

Olho para Bernard mais que o normal, ainda rindo. Ela volta sua atenção para mim e tento me conter.

— Droga, pare de ri Calebe! Qual é a graça?

Eu levanto as duas mão em sinal de rendição.

— Ok, parei...

— Idiota.

— Linda. — digo baixo, mas sei que ela ouviu, pois seu semblante agora não era mais de irritação.



— Eu estava morrendo de saudades, filha.— Lilly pega Ana de Leonel, vindo para o carro. Eu apenas aceno de longe.

Como Ana está atrás na cadeirinha, limpo minha garganta e digo de uma vez :

— Irei viajar amanhã.

Lilly ficar quieta, mas depois se vira para mim e diz:

— Tudo bem...

— Mas volto sábado a tarde, e quero que vá em um lugar comigo.

— Que lugar?

— Só me responde se aceita ir comigo.

— Vou poder levar Ana?

— Não, Lilly. Mas estaremos de volta domingo, Leonel pode ficar com ela.

Ela me olha e depois olha para Ana que está mordendo a chupeta rosa.

— Não precisa me responder agora. Pense sobre isso.

Eu não queria obriga-la, mesmo meu lado ainda escuro gritasse para dizer "*Você vai comigo sim, porra!*" Tento me controlar, eu queria ser uma pessoa diferente para Lilly, que ela confiasse em mim, sem nenhuma chantagem, sem nenhuma obrigação.



O dia foi bastante produtivo. Estava aprendendo muita coisa, apesar de ter decidido trabalhar como modelo, ainda estava bem filme em minha faculdade online. Em breve, seria dona de alguma empresa com meu próprio nome e quem sabe uma agência minha. Apesar de tudo, minha mente não saía de Ana. Ligava toda hora via chamada de vídeo para saber dela.

Quando saio da agência, vejo o carro de Calebe na esquina. Ele parecia focado em alguma coisa. Eu olho para onde ele está olhando e vejo James no telefone. Calebe não gosta dele, então esse olhar estranho é normal. Decido fazer uma brincadeira sobre pedi carona e não pude negar que fiquei com um pouco de ciúmes do que ele disse. Calebe era solteiro, bonito e rico, podia fazer o que quisesse. Minha vontade é de dar um soco nele por ficar rindo da minha cara, mas essa raiva boba passa logo assim que ele me chama de *linda*... Eu amava isso tanto quanto ele me chamava de *bombomzinho*...

Pegamos Ana e fomos para casa. Fiquei meio pensativa sobre a viagem de última hora dele, mas seu convite inesperado me deixou mais nervosa do que isso. Em dois meses ficamos apenas em casa, e a vezes íamos para casa do pai dele. Só isso. Era estranho ele me convidar para algo e ainda me deixar pensar se eu quero ir ou não...

Essa versão de Calebe era sempre um enigma...

Ele passou a noite com Ana e depois teve que ir para seu apartamento fazer as malas. Dava para ver que ele não queria ir, mas que era trabalho. Eu não podia dizer nada, Calebe não era nada meu... Não passava do pai da minha filha... Mas eu queria gritar aos quatro ventos para ele não ir, mas a única coisa que digo antes dele entrar no carro para ir embora é:

— Eu vou com você sábado.



A semana foi um saco, Ana chorava muito e mesmo Calebe ligando todos os dias. Ela ainda não se conformava. Eu tentava não demonstrar que eu também sentia a falta dele. Hoje era sexta-feira e estava em minha mesa. Em breve teria meu primeiro desfile, mas as quando terminava os ensaios eu mexia nos orçamentos para Hector também.

— Boa tarde, Lilly. — levanto os olhos e vejo James encostado na minha mesa.

— Oi Sr. Ross.. Quanto tempo não nos falamos. — digo simpática, de fato ele estava me evitando descaradamente.

— Muita correria por aqui. Como anda, Ana? Deve estar enorme.

— Está bem, obrigada. Ela está crescendo... — digo, meia sem jeito.

Não gostava de falar de Ana com ele. Não sei bem porque, já que amava falar dela para todos.

— Vamos sair mais cedo hoje, que tal uma bebida depois do expediente? — ele ajeita a gravata.

— Sinto muito, Sr. Ross. Eu não bebo. Estou... Bem, eu ainda amamento Ana. — coço meu pescoço.

— Qual é Lilly, você me deve um almoço. — faz um pausa, olhando para mim, então continua. — Vamos tomar um café então.

Ele fecha as mãos uma nas outras e a cena chega a ser ridícula.

— Por favor.

— Ok, um café.

Ele sorri vitorioso. Terminei de fechar os arquivos e sigo o Sr. Ross.

— Há quanto tempo você está trabalhando para Hector? — ele pergunta, assim que atravessamos a rua, indo a um café do outro lado.

— Quase um ano. Hector é um bom homem, fez por mim o que muitos não fizeram. — entramos e nos sentamos.

— Entendo... O que fazia antes disso...?

— Que isso? Uma entrevista de emprego? — pergunto rindo.

O cardápio chega e James me olha estranho.

— Só curiosidade... Trabalhamos juntos a tanto tempo e não sei muita coisa sobre você...

— Bem, eu sou um livro aberto. Estou no terceiro período de administração. Trabalho como ajudante e faço bico de modelo quando precisam. Tenho dezoito anos e uma filha de três meses. Essa sou eu, Lilly Bernard... — pego o café que o garçom trás. — E você Sr. Ross? Parando para pensar, quem não sabe nada sobre você, sou eu.

Ele toma um gole de café sem tirar os olhos de mim, depois abaixa a xícara devagar.

— Eu sou um lobo solitário. Meus pais morrem quando eu era muito novo... E quando finalmente fui construir uma família, minha mulher teve câncer.

Putá merda.

— Eu sinto muito... — digo solidária, ninguém mais do que eu sabia o que era ser sozinha.

— Não sinta, já passou... — ele encara o café. — E o seus pais?

— Morreram também... — digo, sentindo meus olhos lacrimejarem, pois não tinha nem um ano que minha mãe morreu..

— Isso é uma merda, eu sei. — ele pega minhas mãos. — A família do pai sua filha, eles gostam de você, Lilly? — eu afasto minhas mãos da sua. — Digo... Você parece uma mãe maravilhosa... E deve ser um prazer tê-la como nora...

Sorrio sem graça.

— Eu não sei se gostam de mim, isso não importa. Estão cuidando bem de Ana, e isso que é realmente importante no momento... E eu não sou nora de ninguém. — termino meu café.

— Que pena que meu pai morreu, pois ele iria adorar você como uma... — diz fazendo mais de uma de suas contadas.

— James... — repreendo-o.

— E sério Lilly, você é muito bonita...— ele tenta segurar outra vez minha mão, mas me levanto.

— Melhor eu ir... Obrigada pelo café. —ele se levanta logo depois.

— Eu que agradeço por isso, Lilly Bernard...

Aceno sem jeito para ele e caminho para fora. Logo o motorista de Leonel está ali para me busca. Entro na carro e viro para o café. James voltou a se sentar na mesa e me flagra olhando para ele, dou outro aceno e ele retribui. Isso foi meio estranho, ignoro essa sensação e ansiosa para chegar logo amanhã. Sigo para casa de Leonel para buscar minha pequena Ana.

Caleb Walton

Capítulo 53

Que semana fodida. Eu estava quase matando um de tanto mal humor. Estava morrendo de saudades das minhas garotas. Mesmo conversando com elas sempre, eu já queria ir embora logo. Não pude me despedir de Lilly como queria. Ana não dormia de jeito nenhum, e eu estava louco para que chegasse o fim de semana e eu finalmente iria vê-las.

— Sr. Walton... Aqui está o relatório da semana toda. — Srta. Marsh, me alcança, me entregando um bloco de notas. — Como hoje é sexta e amanhã voltamos para florida, queria saber se posso sair mais cedo com alguns amigos...

Paro e olho para ela. Tentei ignorar o fato dela ficar flertando com todos sócio que aparecia.

— Claro, Layla. Por hoje é só! Provavelmente nos veremos no aeroporto amanhã cedo. — caminho de volta para meu quarto sem olhar para trás.



Depois de ligar para Ana e Lilly, desbloqueio meu tablet e volto a bisbilhotar algumas coisas. Entediado, vou até minha mala e pego o envelope que trouxe comigo e não tive tempo de abri-lo. Desabotoo um pouco minha camisa e me sento em um sofá, enfim abrindo o envelope. Eu havia pedido um relatório detalhado sobre a morte da minha mãe. Fiquei muito intrigado com tudo aquilo, e na verdade a única coisa que eu sabia sobre ela era o que Leonel me contou.

Começo a ler, pelo seu nome e idade.

Luna Walton
Autópsia/Maio de 2005

18 anos

Merda, como eu não sabia a idade que minha mãe tinha quando morreu ? Isso significa... Que ela engravidou de mim ainda sendo a porra de uma adolescente? Leonel a engravidou aos 15 anos? Porra que caralho. Eu não sabia muito sobre a vida dela antes do meu nascimento, e isso me deixou mais curioso sobre tudo. À medida que eu passo as folhas, fico confuso e mais nervoso. Seu corpo não tinha marcas de espancamento, provando que ela não foi morta por várias pessoas, como eu achava. Meus olhos percorrem o relatório final da autópsia.

Putá merda.

Leio em baixo em negrito a palavra

“**Suicídio**” e duas fotos apenas de seus braços todos cortados. E sinto meu corpo se enrijecer. Por que Leonel mentiria sobre isso? Sinto raiva, provavelmente ele tornou a vida dela um inferno. Pois o mesmo a obrigou a se casar com ele. Amasso os papéis sentindo ainda mais ódio dele. Eu tinha que descobrir por que ele fez isso.



Estou no aeroporto e Layla está a exatamente seis minutos atrasada. E meu humor estar começando a ficar ruim. Vejo ela vindo correndo enquanto arruma o cabelo.

— Sinto muito, Sr. Walton. Eu me atrasei...

— Isso eu percebi.

Caminho para dentro do avião. Sorte dela que estava contente de finalmente está indo embora. Mando uma mensagem para Lilly dizendo que estava indo para a casa de Leonel, que era para ela me encontra lá hoje à noite. Por mais ansioso que eu estava para vê-las. Tinha que ver isso sobre minha mãe.

— Olá Calebe. — Karen é a primeira a vim falar comigo quando abro a porta.

— Oi. Leonel, está?

— Meu pai saiu com o Ború e o Lázaro faz umas horas, acho que só vai chegar mais tarde.

Ok, eu tenho algum tempo. Subo para meu quarto, tomo um banho e já fico pronto para quando Lilly chegar. Caminho até o escritório de Leonel. Nunca tive essa curiosidade de mexer nas coisas dele, mas tudo era confuso em minha cabeça e eu precisava de pelo menos uma pista. Entro e sento em sua poltrona. Abro algumas gavetas, não sabendo bem o que estava procurando, até notar um fundo falso. Eu rapidamente puxo tampa, tirando uma pequena caixa de dentro. Abro vendo vários cartas, papéis e fotos. Pego uma meia amassada, reconhecendo aquele rosto.

Era ela. Minha mãe.

Tao bonita e tão jovem, com um sorriso tão doce —nunca tinha a visto assim— as fotos dela grávida de mim sempre estava séria e sem humor.

Viro a fotografia, e vejo algo escrito com uma caligrafia feminina.

02/05/2002. *“Tirei pensando em você, Léo... Para ver que estou bem. Mamãe disse que I poderei te ver em breve, mal posso esperar pelo verão chegar, Querido primo...”*

Primo? Minha cabeça começa a doer. Pego outra foto que estava meu pai jovem, ao lado de Luna e dos meus avós paternos. Eu não conhecia os pais dela. Pois parece que eles eram contra o casamento... Merda, que quebra-cabeça é esse? Será... Será se foi porque eles cometeram incesto?

Porra, só fica pior...

Vejo algumas cartas com selos italianos, pego-as e quando vou abrir uma, me assusto, com alguém batendo na porta. Pego as cartas e a foto da minha mãe e coloco no casaco, arrumo tudo como antes e me levanto, saindo do escritório.

— Lilly chegou... — Valéria avisa olhando por cima do meu ombro.

Saio ansioso com passos largos. Eu a vejo de longe, toda arrumada. E puta merda, nunca vou me acostumar com a beleza dessa mulher. Ela estava com um vestido branco de manga longa, com um decote quase triangular, seus cabelos estavam lisos... Estava tão linda...

— Calebe... — ela diz tímida, passando as mãos no ombro.

Karen está ao lado dela com Ana nos braços, sem nem pensar, vou até Lilly e lhe dou um abraço forte. Ela fica sem reação e posso jurar que Karen também ficou.

— Eu senti sua falta. — admito sentindo seu cheiro e enfim ela retribuir o abraço.

— Eu também senti. — sussurra.

A solto e pego Ana de Karen, que ainda está com a cara de espanto. Dou um abraço de leve em minha pequena também.

— Céus, eu achei que iria morrer sem te ver, pequena. — beijo suas bochechas gordas, mas lembro que tenho que sair de novo. — Prometo que assim que eu voltar, darei 100% do meu tempo para você meu amor. — a devolvo para Karen. — Pronta, Lilly? — pergunto, quase desistindo de ir nessa merda, só para levá-la para meu quarto, e matar a saudade.

Ela olha para Ana, seus olhos lacrimejam e eu sorrio.

— Estaremos de volta amanhã na hora do almoço, Lilly.

Ela respira fundo e dá uma bolsa para Karen, então deixa eu guiá-la até o carro.

— Você está linda. — digo ainda atrás dela.

— Obrigada!

Eu passo na sua frente para abrir sua porta.

— Do nada virou cavaleiro, foi? — ela arqueia uma sobrancelha, perfeitamente esculpida.

— Que isso, Srta. Bernard? Eu sempre fui um.

— Claro que foi...— ironiza entrando no carro.

Seguimos a viagem tranquilos. Mas ainda estava meio tenso com o que descobri sobre minha mãe e acho que Lilly percebeu, pois quando chegamos e eu a ajudo descer do carro, ela me olha séria.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, eu só... — sou interrompido por alguém.

— Boa noite senhor Walton. Que bom que já chegou. —um dos sócios me cumprimenta e retribuo.

— Boa noite, Sr. Poch.

— Bem, é por aqui, me acompanhem.

Coloco minhas mãos para trás e Lilly me olha confusa, até que ela entende e entrelaça seus braços nos meus. E me sinto um puta sortudo hoje. Assim que entro, noto várias pessoas olhando para nós, e grudou mais na linda morena ao meu lado.



Eu me sinto um pouco nervosa com todas essas pessoas olhando para mim, mas eu já estava sabendo lidar com isso com os ensaios que o Hector me ensinou, tinha que ter confiança. Calebe estava tão lindo, que não era de se estranhar um bando de mulherada olhando para ele. Mas ele estava alheio a tudo isso, o que me deixando contente. O lugar era muito luxuoso, provavelmente era um casarão alugado só para isso.

— Por que me trouxe aqui? — pergunto, quando ele termina de conversar com um homem.

— Que pergunta é essa agora? — ele me guia, apresentando-me a vários homens, que presumi serem seus sócios.

Nem eu sabia porque perguntei isso.

Calebe então olha para mim.

— Eu precisava de uma acompanhante, e quem melhor do que você para isso? — ele afasta meus cabelos dos ombros, jogando-os para trás e alguém o chama. — Me espera aqui... Você consegue não sentir saudades por cinco minutos? — pergunta e cutuco seu ombro com sorriso.

Percebi que mesmo fazendo essas brincadeiras, ele estava um pouco distante.

— Vai lá... Vou me sentar bem ali... — aponto para uma poltrona, então ele sai.

Caminho até o pequeno sofá e me sento nele.

Começo a senti meus seios pesados. Eu havia tirado bastante leite para Ana, mas como produzia muito, estava impossível. Abro minha bolsa e começo a procurar a bombinha manual. Geralmente carregava uma sempre comigo. Não achando, levanto-me para tentar ver melhor.

— Boa noite, morena bonita... — paro de procurar a bombinha olho para cima, e um homem alto e loiro com uma taça na mão, me encara.

— ... É, oi...? — achei que ele queria pedir alguma informação, mas quando vejo seus olhos descendo para meu decote, começo a me sentir desconfortável.

— Eu vi você aqui tão sozinha, e quis vim te fazer companhia... Por que uma mulher tão bonita, está sozinha em um lugar como este ?

Dou um sorriso sem graça.

— Ah, não.. Eu não estou... — fico muda, assim que sinto uma mão em minha cintura me puxando para trás, fazendo minhas costas baterem levemente em seu peito, com o cheiro bastante conhecido de One million.

— Ela não está sozinha, Sr. Verof! —Calebe diz entre meu pescoço, fazendo-me arrepiar.

— Sr. Walton!? — o homem pergunta.

— Sim...? posso ajudá-lo? Ou o assunto com minha *Noiva*, estava melhor?

Engasgo e sinto minhas pernas falharem, mas Calebe me segura mais forte contra seu corpo, mantendo sua postura.

— Não sabia que estavam juntos... Muito bom gosto, Senhor Walton... — ele ergue a taça e sai.

— Filho da puta... — Calebe resmunga e eu olho para ele.

— Noiva ? — franzo a testa, ainda em choque. — Quando foi que isso aconteceu?

— Vamos, o jantar já vai ser servido.

Eu sorrio balançando a cabeça de um lado por outro, enquanto ele me puxo para uma grande mesa.

Ele sempre faz isso. Que ódio!



Calebe está conversando com algumas pessoas e meus seios estão latejando. Sei que eles estão empedrado e estou com medo de começar a vazar leite aqui no meio de todo mundo. Mas minha atenção é desviada quando sinto algo em minha coxa. Olho para baixo vendo a mão descaradamente de Calebe subir por baixo do meu vestido, acariciando minha pele, enquanto conversa tranquilo. Meu corpo começa a formigar e me remexo na cadeira, tentando manter minha postura. Abro um pouco a perna e Calebe olha de rabo de olho para mim, dando-me um pequeno sorriso de aprovação. Sua mão sobe mais para cima, encontrando minha calcinha molhada.

— Isso está perfeito, Sr. Poch. — diz para o sócio, mas eu entendi seu duplo sentido.

É isso que você acha...?

Abro mais as pernas, indo um pouco para frente da cadeira. Calebe, por sua vez, passa dois dedos para dentro da minha calcinha e devagar introduz apenas um para dentro da minha vagina. Tomo um pequeno gole do meu suco, tentando manter minha respiração regulada.

— Pois então... Os sócios estão todos de acordo que as peças serão restauradas e todas bem usadas do jeitinho que seu dono quiser... — Calebe continua dizendo.

Mordo minha boca para abafar o gemido que ameaçou sair quando ele enfiou mais um dedo forte em mim. Olho em volta para ver se alguém estava vendo aquela pouca vergonha embaixo da mesa, e fico mais tranquila, notando que as pessoas não estava olhando para nós. E na hora sinto meu peito dar umas fsgada doloridas e algo molhado começa a sair.

Merda... Merda.

Fecho minhas pernas e Calebe tira os seus dedos de mim. Ele me olha confuso, vendo minha careta enquanto coloco discretamente as mãos em meus seios.

— Algo errado? — ele pergunta baixo.

— Meu peito... Está doendo e começando a vaziar leite, e não achei a bombinha na bolsa... — digo tentando respirar.

Ele olho de um lado para o outro e se levanta.

— Venha comigo! — Calebe agarra meu pulso, me puxando para fora da mesa.

— E os sócios...? — olho para trás, vendo que eles estão focados em comer.

— Que se foda os sócios, Lilly... Anda logo! — ele me puxa rápido, então me guia entrando em uma sala, que notei ser uma gigantesca biblioteca.

Calebe fecha a porta e me solta, coloca as mãos no bolso da calça e me encara.

— Bota os peitos pra fora!

— Como? — eu dou um passo para trás. —Acho melhor não... Você nem gosta... — digo, entendendo o que ele queria fazer.

Ele se aproxima de mim, tirando as mãos do bolso e passa uma em meu ombro.

— Tem uma ideia melhor? Não quero que fique com os peitos doendo, nem que manche seu lindo vestido, *Bombomzinho*... —

Calebe diz com uma voz um pouco rouca.

Ele se abaixa um pouco, começado a dar pequenos beijos em meu pescoço. Fazendo-me ficar parada à sua mercê. Ele desce gentilmente a alça do meu vestido, liberando um dos meus seios.

— Vamos, deixe-me ajudar com isso. Dê mama para o papai, mamãe.



Capítulo 54

Depois que Calebe abaixa as mangas do meu vestido, ele me empurra de leve para trás e sinto minhas costas baterem em uma estante de livros. Ainda me olhando com aquele olhos de quem realmente estava com fome, ele segura em minha nuca e se abaixa um pouco para ficar na altura dos meus seios doloridos. Sinto sua boca quente e molhada se abrindo para engolir um peito extremamente duro pela quantidade de leite, e dou um gemido involuntário, sentindo doer o contato e me seguro em seus braços para me firmar. Calebe acaricia meu cabelo enquanto literalmente começa a sugar forte meu mamilo. Fecho os olhos tentando focar na dor que vai diminuindo, quando ele troca de peito, fazendo o mesmo com outro. Calebe só fez isso aquela única vez que engoliu sem querer. Sempre evitava chupá-los muito forte quando estávamos transando. Mas agora, aqui estava Calebe, me mamando como um bebê. Quando termina, ele se ajeita, limpando o canto da boca com um pouco de leite e eu sorrio com a cena sexy disso.

— Obrigada. — digo sem jeito enquanto ajeito minhas mangas.

Calebe se aproxima, me prendendo contra a estante de novo e sinto algo duro pressionando em minha barriga, fazendo meu sorriso fecha na hora.

— Obrigada, porra nenhuma. Agora meu pau que está doendo, e você vai me agradecer por mamar esses peitos deliciosos, resolvendo isso!

— O-o que? Aqui? — olho de um lado para o outro.

Calebe morde meus lábios, puxando-os um pouco, e diz baixo e rouco:

— Aqui e agora!

Sem consegui raciocinar direito por ele esta tão perto. Calebe me beija, em um beijo cheio de mordidas e provocação. Como eu estava há uma semana sem senti-lo, simplesmente me derreto em seus braços, sentindo meu corpo vibrar de saudade daquilo. Calebe separa nossas bocas, apenas para me girar rapidamente de costas para ele. Ele levanta meu vestido e passa levemente os dedos grossos e ásperos pelo cóis da minha calcinha, enquanto chupa deliciosamente minha orelha. Segura firme o tecido, enquanto diz com a voz carregada de excitação em meu ouvido:

— Acho que não vai precisar disso por hora.

Abafo um gemido quando sinto o tecido ser rasgado em meu corpo, fazendo-o arder um pouco. Mas a única coisa que faço, é empinar mais a minha bunda para trás. Seus dedos explora minha vagina e mordo minha boca quando ele encontra meu ponto sensível latejante.

— Hmm... — gemi baixinho.

— Ainda está molhadinha como na mesa. Prontinha para ser devorada.

Ouçoo o barulho do seu cinto abrindo e aguardo ansiosa. Calebe puxa meus quadris para trás, encaixando seu pênis na minha entrada.

— Estava com saudade do meu pau, não é safada? — ele enfia só um pouco e eu tento ir mais para trás, mas Calebe segura firme meus quadris, dando um sorriso em meu pescoço.

— Responda, *bombomzinho*. — lentamente, ele desliza para dentro e sai de novo, enfiando só a metade, deixando-me irritada.

— Calebe, por favor. — resmungo manhosa, para ele acabar com essa tortura.

— Só responda, vai. — ele circula seus dedos em meu clitóris, enquanto se mantém meio parado, e tenho vontade de chorar e depois dá um soco nele.

— Você... Você sabe a resposta!— digo, tentando não falar alto.

Eu estava! E estava muito.

— Hm... Eu sei? — então eu dou um suspiro alto demais, quando Calebe finalmente me preenche completamente.

E céus, era surreal, como eu nunca iria me acostumar com o tamanho do seu pau quando estava por completo dentro de mim, me causando aquela ardência deliciosa.

— Merda, eu estava com um puta saudade dessa buceta gulosa !! — ele rosna, começando a me foder forte contra uma prateleira cheia de livros.

— Isso... — fecho meus olhos tentando não fazer barulho, mesmo que ele esteja indo muito forte, tento manter meus gemidos baixos.

O lugar contém pouco clareza e a chance de alguém chegar e nos pegar assim é grande. Mas no momento nenhum de nós dois se importa com isso. O desejo é a saudade nos enlaça para continuarmos ali por longos minutos se fodendo um no outro.

— Porra... Eu vou gozar garota... — Calebe avisa, indo mais rápido e me segura firme para eu não cair, enquanto libera meu prazer junto com o dele.

Tento respirar na medida que ele sai devagar de dentro de mim. Eu jogo para trás um pouco do meu cabelo suado, e ainda bamba em cima daqueles saltos, me viro para Calebe, que tem um sorriso ridículo no rosto, enquanto fecha sua calça.

— Agora sim, estamos kits!— ele enfia a mão no seu bolso e me entrega um lenço.

— Por que você sempre anda com essas coisas? — pergunto, não era a primeira vez que ele me dava um para me limpar.

— Nunca se sabe quando uma morena bonita vai está dando sopa. Então...— tento dar um tapa nele, mas ele se esquivava rindo.

— Idiota! — digo, terminado de me limpar. Procuro minha calcinha rasgada e não a encontro.

— Vamos, eu preciso terminar essa droga logo, tenho coisas muito melhores para fazer ainda hoje... — pisca para mim e começa a sair da biblioteca.

— Calebe espera... — ele para e se vira para mim, então eu me aproximo e mesmo de salto, tenho que ficar na ponta dos pés, apenas para ajeitar seu cabelo rebelde.

— Não quero que pensem, que você saiu da reunião só para transar com sua “Noiva” em uma biblioteca. — ironizo.

Termino e dou um passo para trás observando minha obra.

— Eu não vim transar. Apenas estava ajudando com os peitos doloridos e cheios de leite da minha “Noiva”.

Ele me dá um selinho rápido e sai, me deixando sem calcinha, descabelada, tensa e paralisada no lugar. Eu não sabia se ele realmente estava levando na brincadeira, ou se eu que estava paranoica, louca para isso ser verdade.



Ver aquele desgraçado do Colin Verof, olhando com desejo estampado para Lilly, passeando aqueles malditos olhos por todo corpo dela. Me deu vontade, de furar seus olhos com meus próprios dedos. Termino a conversa com Poch e digo que terminamos no jantar e vou até lá mostrar para aquele arrombado que Lilly não estava sozinha! Dizer que ela era minha noiva, me fez querer que aquilo fosse real. Percebi a reação dela quando disse isso... Eu precisava testar de um jeito ou de outro, assim seria mais fácil quando de fato acontecesse de verdade.



Volto para mesa e Lilly demora um pouco, mas logo ela está do meu lado com tudo no lugar novamente. Exceto com o resto da calcinha rosa, que estava no meu bolso esquerdo...

Terminamos de comer e depois de me despedir de alguns sócios, vamos para o carro.

— Para onde vamos agora? — Lilly pergunta, colocando seu sinto.

— Como já é quase meia-noite, vamos passar a noite em um hotel, e como prometido, amanhã antes do almoço estaremos de volta. — digo e Lilly olha para mim e me dá um sorriso meio sonolento.

Mal sabe ela que não vai dormir porra nenhuma.



Estamos chegando na recepção do hotel e Lilly está no celular falando com Karen. Ela desliga e se aproxima de mim no momento que pego a chave do quarto.

— Como está Ana? — pergunto.

— Dormindo... Mas estou com saudades. Nunca dormi um dia longe dela, desde que ela nasceu. — Lilly estala os dedos meia tristonha.

— E só uma noite, Lilly. Nós a veremos amanhã. — passo a mão em seu ombro.

— Hum. Tem alguma lojinha por aqui? — ela me pergunta, olhando de um lado para o outro e eu fico confuso.

— Lojinha? Para que?

— Preciso comprar uma bombinha. — se aproxima de mim e levanta a cabeça para me olhar e sussurra. — E uma calcinha, porque a minha, um pervertido rasgou e mantém ela no bolso da calça. — não pude deixar de dar um sorriso safado por isso.

Me inclino para deixar nossos rostos mais próximos e digo:

— Você não vai precisar de nenhuma dessas duas coisas hoje. — seguro seu braço de leve e a puxo para o elevador mais próximo.

— Mas...

— Mais nada. Vamos.

Ela não protesta e entramos no elevador. Havia algumas pessoas, e no decorrer entrava mais, fazendo com que Lilly ficasse imprensada mais em mim. Ela tenta se afastar, mas agarro sua cintura por trás prendendo-a em meu corpo, eu não queria ficar longe mais nenhum segundo dela.

Quando chegamos no nosso andar, Lilly se afasta e saímos do elevador. Entramos na suíte e a vejo passar a mão pelas roupas um pouco ansiosa, enquanto observa o quarto com grandes janelas de vidro, uma cama de casal, e havia um sofá encostado nas grandes janelas. Fecho a porta atrás de mim e pego uma garrafa de vinho e uma taça na mesa, e encho meu copo.

— Te dou um gole do meu vinho, se me dizer o que está pensando. — encosto parede.

Lilly se vira para mim e dá um pequeno sorriso, mas logo fica seria de novo.

— Só estou confusa... Esses meses foram, diferente. — eu saio da parede e caminho até ela, coloco a mão em seu queixo, erguendo-o para mim.

— Diferente como?

— Não sei dizer exatamente... — eu dou um gole no vinho e me abaixo puxando de leve seus lábios carnudos.

— Espero que seja um diferente bom. — digo baixo.

Minha mão livre passeia para dentro do seu cabelo devagar enquanto cheiro seu pescoço. Droga, como ela era cheirosa.

— Isso é uma tentativa de me seduzir, Sr. Walton ? — Lilly grunhe baixo.

— E ser for? — minha boca sobe por sua bochecha, até chegar novamente aos seus lábios e fico entre chupar e morde-los

levemente.

— Devo dizer que está conseguindo.

Dessa vez, Lilly me beija, e minha mão agarra seu cabelo com força, a trazendo mais para mim, o bagunçando todo. Ela empurra meu peito um pouco para trás e minha perna bate em algo. Desfaço o beijo apenas para ver que era o sofá perto da janela, então me sento analisando aquela mulher em minha frente.

— Lilly?

— Sim?

Eu te amo.

Eu juro que te amo mais que tudo.

Que não consigo mais viver sem você!

Tenho vontade de gritar aos quatros ventos isso, mas meu corpo trava e as palavras ficam presas na garganta. E tento dizer outra coisa.

— Você é tão linda, sabia? — pergunto, assim que ela abre as pernas, montando em mim, fazendo meu pau saber que sua dona estava tão perto.

— Você também não é de se jogar fora..— ela dá aquele sorriso bonito que só ela tem

Filha da mãe.

Sorrio, voltando a beijá-la devagar, mas logo o beijo se incendeia, começando a ficar muito intenso.

— Calebe, preciso te sentir agora! — Lilly geme, levando as mãos para desabotoar minha calça rapidamente.

— Que garota safada. — digo ajudando ela a abri mais rápido.

Quando consigo, Lilly não me dá tempo nem de pensar, quando senta de uma vez em cima do meu pau, gemendo alto, me fazendo jogar a cabeça para trás, pela sensação da sua buceta me apertando de uma vez.

— Porra mulher, quer me matar. Avisa antes!

— Desculpa... — diz parada ainda me olhando com aquela carinha de santa que tira todo meu juízo.

Seguro sua cintura com força e puxo seu vestido para baixo quase rasgando-o, liberando seus seios para mim.

— Nunca mais peça desculpa por isso!

Eu agarro seus quadris apenas para levantá-la um pouco, e me enfio dentro dela de novo e de novo. Tendo a imagem maravilhosa de seus peitos, saltando junto com ela na minha frente. Nos levanto rapidamente do sofá, fodendo Lilly em pé, prendo-a contra a grande janela de vidro, e enfio fundo, fazendo-a gemer muito alto e manhosa. Sinto suas unhas arranhando minhas costas, mas a dor só me deixa mais louco de tesão.

— Gosta de ser fodida contra o vidro, *bombomzinho*? Saber que toda florida estar te assistindo? — pergunto abaixando uma de suas pernas, e mantendo a outra em volta da minha cintura.

— Sim. Oh merda, sim!

Eu chupo o lombo da sua orelha forte, e Lilly grunhe, segurando firme meu braço. Como ela é pequena, a posição em pé não me favorece, então saio de dentro dela equilibrando-a no chão.

— Cale..— Lilly começa a protestar, mas eu não deixo.

— Quero você de quatro agora, com essa bunda empinada pra mim ! Vá para cama e faça isso! — Lilly me olha confusa, mas logo vai.

Tiro o resto da roupa enquanto assisto aquela cena de perder o fôlego, dela ficando de quatro lentamente na cama. Me aproximo devagar e passo minhas mãos por suas nádegas, me abaixo sobre elas e dou um lambida em sua buceta molhada e subo ate seu buraco fechadinho. Começo a beijar a buceta de Lilly enquanto ela se contorce na cama. Levo meu dedo para sua bunda e lentamente o impuro em seu buraco traseiro, e Lilly enrijece seu corpo contraindo para frente.

— Relaxa, é só meu dedo... — digo tão rouco, que parecia que eu estava com dor de garganta.

Então seu corpo suaviza e continuo a chupá-la enquanto fodo sua bunda com meu dedo. Logo Lilly estar gritando e ofegante. Chupo todo seu delicioso gozo. Ela era tão doce... Tiro meu dedo e me ajeito atrás dela e antes de ir para sua bucetinha gostosa, texto meu pau na entrada do seu cuzinho, e outra vez Lilly paralisa.

— Calebe... Eu...

— Se doer eu paro. Prometo...— aliso sua bunda. — Posso? — eu estou parado, meu pau lateja para invadir esse canto, mas se ela dizer não, eu não farei.

— Se doer você tira? — pergunta virando a cabeça de leve, me olhando nervosa.

— Sim, Lilly. Eu nunca mais vou te machucar...

Ela acena com a cabeça, então empurro devagar, alargando lentamente seu buraco virgem e apertado.

— Calebe...isso arde..! — Lilly resmunga.

— Está doendo? — pergunto, apenas com a ponta do meu pau enfiado nela, lutando para me controlar.

— Sim... — desço meus dedos para seu ponto e massagueio com meus dedos, entrando mais um pouco, agora era só a metade.

— Caralho... — gemi voltando e empurrando devagar de novo e respiro fundo, sentindo o quão estreito e gostoso poderia ser.

— Calebe está doendo...! — Então Lilly diz trêmula, ela estava nervosa e isso não daria certo.

Mesmo não querendo, saio levemente dela beijando suas costas. Puxo sua cintura para trás e viro seu rosto para beijá-la.

— Venha... Quero terminar de te comer naquela hidromassagem enorme que tem no banheiro... Vou adorar ver você rebolando no meu pau enquanto as gotas de água escorre por seu lindo corpo...



Lilly dorme tranquila depois de passar horas fodendo com ela, só parei quando ela reclamou que já estava muito dolorida e com sono. Sorriso enquanto aproveito seu sono, para acender um cigarro. Eu não conseguia me saciar quando estava perto dela. Ela era tão boa em tudo. Desde o primeiro momento que a tive, que tirei sua virgindade de modo tão ridículo, eu não consegui mais ficar sem a ela. Aqui estava eu, com a mulher que roubei a virtude de maneira mais cruel, que a engravidei por ser um babaca. A mulher que eu jurei odiar e infernizar, por simples medo de deixar meus sentimentos estranhos fluírem. Eu queria dizer o que realmente sentia, que meu coração não era mais o mesmo desde o dia que entrei nela pela primeira vez. Que ouvi seus gemidos pela primeira vez, quando senti seus lábios carnudos a primeira vez...

Porra!!

Assopro uma fumaça e meu celular apita com uma mensagem. Olho a hora marcando 03:48. Franzo a testa vendo que era um número restrito. Abro a mensagem e meu coração bate forte, vendo Lilly em um café. Olho melhor e é aquele verme do seu colega de trabalho que está segurando suas mãos enquanto ela dá um sorriso para ele.

— Mas.... Que caralho é isso aqui... – resmungo baixo.

Tento ligar para o número que mandou a mensagem, mas dava que não existia. Sinto a raiva me invadir. Era isso que ela estava fazendo, enquanto eu morria de saudade dela em Nova York?

Merda, Lilly!

A observo na cama pelada, e tenho vontade de acordá-la só para me explicar essa porra. A irritação sobre a mentira do meu pai, também me assola ainda. Mas então tento respirar. Sem sono decido dar um volta para esfriar a cabeça, rezando para Lilly me contar por que caralhos estava em um Café de modo tão íntimo, com esse arrombado que só quer roubar o que é *meu*.



Capítulo 55

Rolo para lado sentindo dores por todo meu corpo e em lugares que achava impossível... Calebe era tão grande e bruto, de uma maneira tão gostosa, que esqueci o quão dolorida ele podia me deixar. Abro o olho, notando que ele não estava na cama. Então me levanto confusa. Pego meu celular para ver as horas. 10:05. Deus! Eu dormi demais.

Levanto-me enrolada nas cobertas e caminho devagar procurando o resto do meu vestido. A porta se abre e um Calebe, que eu não via há muito tempo, entra com uma sacola na mão. Ele usava uma blusa de manga curta listrada e uma calça meia social marrom. Eu sorrio, hoje era domingo então provavelmente ele ficaria mais casual.

— Aqui tem roupa e a bombinha.— diz num tom estranho.

— Bom dia... — digo sorrindo, esperando ele vir me dar um beijo. Mas meu sorriso morre quando ele passa por mim e apenas diz neutro:

— Vou tomar um banho, quando você terminar de se trocar, coma alguma coisa... Depois vamos embora.

— Hm... Você já tomou café da manhã ?— pergunto, querendo sua companhia.

— Já. — responde secamente sem olhar para mim, entrando no banheiro.

Qual era o problema dele?

Tá, ontem ele estava estranho, mas hoje ele estava muito pior... Talvez ele só esteja tendo um dia ruim... Pego a sacola e resolvo tirar o leite primeiro. Sempre acordava com eles cheios, e já estava louca para que a dona deles os esvaziasse ela mesma. Ana adorava o seu Tetê, e eu adorava amamenta.

Calebe sai do banheiro ainda sério sem dizer nada, entro logo depois dele para tomar um banho, e me troco lá mesmo. Fiquei surpresa por ele ter me trazido calcinha. Coloco o conjunto de croppd de manga longa e legging vermelha, como meu cabelo já não está mais como ontem, liso e alinhado, decido fazer um coque. Saio do banheiro, não vendo mais Calebe no quarto, pego os tênis all star que também estava na sacola e os calço. Eu poderia fazer uma piada, sobre ele ter acertado toda minha numeração de roupas e sapatos. Mas ele está esquisito demais para isso. Desço para a lanchonete do hotel e pego apenas um bolinho. Vejo Calebe sentado em uma mesa, mexendo em seu tablet. Franzo a testa. Será que aconteceu algo? Me aproximo me sentando em sua frente.

— Está tudo bem, Calebe? — pergunto.

Ele me encara, querendo dizer algo, mas logo dá um sorriso estranhamente forçado.

— Sim. Vamos? — olha para mim que ainda estava mastigando.

Confirmo e vamos para o carro. O caminho de volta foi ainda mais estranho, e já estava ficando nervosa com aquela situação.



Entro na grande mansão. Leonel está conversando com sua mulher na sala quando nos vê.

— Aí estão vocês, se divertiram? — pergunta e sinto meu rosto arder de vergonha.

— S-simm. — digo.

— Cadê a Ana? — Calebe resmunga atrás de mim.

— Está no quarto que mandei fazer para ela. E oi para você também, filho. — Calebe não responde e sobe as escadas.

Céus, que atitude ridícula.

— Qual é o problema dele? — Valéria pergunta.

— Se descobrirem, por favor me avisem. — sinto meu estômago torcer de ansiedade.

Ele desce logo depois com a Ana, a Karen tinha saído com o Marcos, por isso ela não estava aqui. Calebe sai com Tiana nos braços sem olhar para ninguém.

— Desculpem por isso. — digo envergonhada. — Melhor eu ir. Até mais.

— Espera Lilly. — Leonel me chama.

Ele se aproxima e me mostra algo em sua mão, que parecia uma caixinha brilhante.

— Quero agradecer por entrar na vida do meu filho e por me presentear com Tiana, não poderia estar mais feliz com isso. Obrigado. — ele abre a caixinha e tira um pequeno anel dela, e eu me encolho sem jeito.

— Sr. Walton, não precisa.

— Vamos, me dê sua mão. — eu estendo a mão, nitidamente envergonhada, e ele gentilmente coloca um anel de ouro com uma pequena flor no topo em meu dedo indicador. — Ficou belíssimo, filha!

Olho em meus dedos achando uma fofura. Mas fico sem graça, por ele tá me dando algo assim.

— Ficou lindo em seu dedo, Lilly. — Valéria, comenta enquanto eu observo.

— Sim, é mesmo bonito, obrigado Sr. Walton.

— Nos que agradecemos, Lilly... Agora vá. Parece que alguém chupou limão azedo. — ele faz uma careta engraçado e dou um sorriso.

— Um limão com casca e tudo... — volto a ficar pensativa, me despeço e vou até o carro entrando.

— O que está acontecendo com você?— pergunto, vendo Ana já arrumada em sua cadeirinha.

— Só estou um pouco cansado...

— Que conversar sobre isso? – pergunto.

— Não agora...

— Tudo bem...

Eu sabia que tinha algo errado e estava louca para descobrir o que estava o deixando assim, tão distante de uma hora para outra.



Depois do almoço decido pôr a casa em ordem, enquanto o Calebe fica com Ana o tempo todo. Ele me ignorou o dia inteiro, apenas me dirigindo palavras necessárias, e isso estava me deixando aflita. Quando coloco Ana para dormir à noite, fico pensando se devo ou não ir para o quarto de Calebe. Ele estava indiferente e eu preocupada, fazia muito tempo que não o via assim, tão ... Bem, como devo dizer...

Com cara de cu.

Vou até a cozinha pegar um pouco de água e quando abro a porta, dou um gritinho ao vê-lo parado ao lado do meu quarto.

— Ai! Você me assustou! — digo.

Calebe fica parado , me olhando por alguns segundos, quando finalmente diz:

— Estou te esperando na cama. Por que não veio? — seu tom ainda é frio, mas com uma certa carência.

— Ah, achei... achei que queria ficar sozinho. Parece tão estressado.

Ele me analisa como se quisesse outra resposta minha. Então Calebe pega meu pulso levemente, me puxando para o

quarto de hóspede.

— OK... — deixo que ele me guie.

Ele abre a porta me pondo para dentro. Me solta voltando a ficar sério.

— Quero que tire a roupa. — fico tensa.

Eu gostava quando ele era autoritário, mas não desse jeito esquisito, me fazia lembrar de antes...

— O que há com você hoje?

Calebe se aproxima e apenas dois passos é suficientes para seu calor penetra o meu corpo. Como estou com uma blusa fina, ele enfia suas mãos por baixo dela, e as guia até meus mamilos, que ficam duros na hora. Ele massageia devagar meu peito e começo apertar minhas pernas uma na outra, pelo grande calor que começa a emanar delas.

— Só tira a roupa para mim, *bombomzinho*. — seu rosnado e rígido e excitante.

Seguro na barra da camisa com as mãos trêmulas, e puxo sobre a cabeça. Ele continua apertando meus peitos, quando deixo meu short de dormir cair sobre meus pés. Calebe sobe as mãos por meu pescoço e se aproxima mais. Ele caminha lentamente, ficando atrás de mim. Minha respiração começa a ficar acelerada e sinto a umidade da minha vagina molhar minhas coxas. Uma de suas mãos passeia por minha bunda, seguindo minhas curvas e parando em meu ombro. Fecho os olhos suspirando, quando percebo algo como um tecido sobre meus olhos, me deixando nervosa.

Ele estava colocando uma venda em mim?

— O que está fazendo...

— Shhh... Relaxa. — Calebe faz um nó forte e começa a chupar meu pescoço e gemo baixo.

Sua mão volta a descer pela minha barriga, encontrando o calor da minha vagina. Contraio meu corpo quando ele enfia dois dedos de uma vez.

—Merda... Tão quente e molhada. — grunhe tirando os dedos de mim, enquanto tento sustentar meu corpo mole nele. — Abra a boca!

Como se suas palavras fossem hipnóticas em meu ouvido. Eu abro. Calebe enfia os dedos na minha boca, fazendo-me provar meu próprio gosto. Envolver meus lábios em seus dedos, chupando-os com vontade.

—Isso, sinta como você tem um gosto bom, bombomzinho...

Sugo seu dedo imaginando seu pau em minha boca. Passando a língua na ponta e empurrando-os mais fundo até minha garganta.

— Caralho, mulher ... — ele puxa os dedos de volta, virando-me para ele. Sinto sua boca pressionar meus lábios, em um beijo rápido molhado. — Diga-me que você nunca mais vai mentir para mim... Me diga isso, Lilly. — ele se afasta da minha boca me dando pequenos beliscões em meus mamilos.

Prendo minha respiração, ainda sentindo a escuridão da venda, e procuro seu peito com minhas mãos o apalpando. Quando acho, eu coloco minha mão em seu coração.

— Eu não vou mas fazer isso... — digo sincera, e vou com minhas mãos atrevidas para barra de sua camisa tentando subi-la.

Eu precisava dele. Minha excitação escorre por minhas coxas o querendo. Calebe então tira sua camisa e volto a tocá-lo. Mesmo com a venda, sei que ele está dando um sorriso lindamente safado quando eu começo a descer minhas mãos para dentro de sua calça, mas sua mão me impede e fico confusa.

— Ainda não.

Ele me leva para algum lugar, e tropico em um algo, que eu acho que era um chinelo.

— Segura aqui. — ele guia minhas mãos para algo sólido e duro, e percebo que é a cabeceira da cama. — Agora se curva e empina para trás... — sua voz extremamente baixa e rouca, me deixa mais molhada, se é que isso era possível.

Me curvo e tento por um joelho na cama, mas Calebe puxa minha cintura levemente, me impedindo de fazer isso.

— Não!

— Oh, desculpa... — gemi ansiosa.

Sinto um ar quente sendo assoprado em minha vagina antes de uma boca começar a lamber e enfiar a língua dentro do meu canal. Involuntariamente empino mas minha bunda para trás, enquanto Calebe beija deliciosamente toda minha buceta, me fazendo quase cair no chão com a sensação gostosa se formando em meu ventre.

— Uh-uhhh.

Estou quase chegando lá quando ele para. E por um momento, acho que ele vai me deixar assim. Até o momento que sinto a cabeça do seu pau começar a ser empurrado para dentro de mim.

— Oohhhhhhh... — suspiro tão alto que tenho medo de ter acordado Ana.

— Puta merda, está tão escorregadio aqui, bombomzinho...
— começa a me encher inteira.

Ele sai todo de uma vez, apenas para de novo com força. Eu agarro a cabeceira da cama com mais força quando Calebe chuta minhas pernas, as separando para cada lado, deixando-me mas exposta e aberta para ele.

— Segura firme! Vou te mostrar que é apenas minha!

Estou tão perdida em meus gemidos que não ligo para seu tom de voz amargo quando ele começa a ir muito fundo. Eu mordo meus lábios forte. E juro por Deus. Eu seguro a porra da cabeceira como se fosse meu bote salva-vidas.

— Porra mulher, por que é tão gostosa, caralho...? Por que tenho vontade de te foder até sua buceta ficar toda inchada?!

Foda-se, isso era gostoso. A sensação do escuro pela venda e a posição dolorida, só torna isso mais excitante. Sei que Calebe está curvando o suficiente para doer as suas costas mais tarde, pelo

meu tamanho minúsculo. *Mas foda-se... Foda-se tudo!* Eu quero mais. Eu quero tudo que ele poder me dar... Porque eu o amo.... Oh merda, sim! Eu amo esse desgraçado e quero tê-lo sempre para mim.

Meus olhos rolam para cima dentro da venda, no momento exato que Calebe acha e atinge meu ponto lá no fundo. Ele tem que me segurar para eu não cair, pois meus braços perderam as forças quando um orgasmo me atinge com vigor. E logo em seguida Calebe inunda minha vagina com um jato forte do seu clímax. Enfim, ele desfaz o nó da venda e a claridade do quarto invade meus olhos. Sentindo-me fraca, Calebe me pega no colo, levando-nos para cama, e logo em seguida me envolve em seus braços.



Estou deitada deslizando meus dedos pelo peito de Calebe, sentindo seu cheiro de suor recém-seco.

— Por que está tão calado? — pergunto, notando como ele olhava o teto. Sei que ele continua estranho e não gosto disso.

— Só estou pensando.

Calebe pega seu casaco na cabeceira da cama, me tirando do seu calor. Retira um envelope conhecido, senta-se sobre a cabeceira e estende para mim. Confusa eu pego. Um pouco nervosa eu abro vendo a aquantia de dinheiro que eu dei a ele quase um ano atrás para pagar a dívida de minha mãe.

— O que significa isso? — franzo a testa.

— Eu nunca usei, Lilly. Fiquei pensando em como você o conseguiu por meses, me deixando mais atordoado.

Dou um sorriso triste.

— Só por isso não usou o dinheiro?

— Óbvio que não. Eu poderia ter parado naquele primeiro dia. Mas eu simplesmente fui um fodido de merda por não consegui mais parar de te querer só pra mim. Nunca foi pelo dinheiro Lilly, nunca foi pela porra da dívida!

Respiro fundo puxando a coberta para me cobrir.

— Eu fiz um bico de modelo um dia antes da minha mãe morrer.

Calebe me olha, amenizando a expressão fechada do seu rosto.

— Obrigado por me dizer.

— Eu sei o que você pensou. — mordo meus lábios trêmulos.

— Lilly... — ele começa, mas eu continuo.

— Se eu fui capaz de dar minha virgindade de bandeja para salvar minha pele minha e da minha mãe. Eu seria capaz de qualquer coisa, certo?

— Eu não falei isso!

Mas pensou.

Não digo nada, o clima voltou a ficar estranho. Calebe se firma de lado e olha para mim, e vejo algo sombrio em seus olhos.

— Por que não me disse que está saindo com outro cara?

Paraliso. *Como é?*

— O que? — pergunto confusa.

— Você disse que nunca mentira para mim de novo, Lilly! — sinto como se o Calebe que acabou de me fazer gozar pela terceira vez, dormiu e foi substituído por um doido.

— Eu não estou mentindo!

Ele dá um sorriso frio que não chega em seus olhos e me encara enquanto tira outra coisa do casaco que parece ser uma fotografia.

— Não é o que essa foto diz.

Com receio pego dele e meu queixo cai. Era uma foto no café. Onde James segura minhas mãos enquanto sorrio para ele. Certamente para qualquer pessoas que visse essa foto, acharia que estávamos flertando, ou que éramos muito mais que amigos. Mas não chegou nem perto disso, é tudo um mal entendido que começa a me deixar irritada.

— Que merda é isso, Calebe? Você está me vigiando agora?
— o acuso intrigada.

— O que? Porra. Não! Alguém me mandou isso. — diz sério me encarando.

Eu me levanto, levando o cobertor comigo para me cobrir.

— Isso aqui é ridículo! Eu apenas fui tomar um café com ele, nada demais.

— Claro. Nada demais em deixar um filho da puta ficar te tocando, como se fossem íntimos. Não tem nada demais nisso, Lilly!
— ele deita na cama com um sorriso sarcástico.

— Então você deduziu isso com uma foto? Que estou mentindo? — pergunto magoada.

— Não é a primeira vez que faz isso.

Filho da puta.

— Vai se foder! Eu já pedi desculpa! Você fez coisa pior para mim e olha onde eu estou! Literalmente na porra da sua cama, seu idiota.

Estou zangada com sua hipocrisia de merda. Tudo bem, menti um aborto e realmente um pecado. Mas eu já me redimir. Chega dele ficar me culpando por algo que fiz por medo de perder minha filha.

Ele começa se levantar e vim para meu rumo.

— Lilly.

— Não! Não chegue perto! — aperto a coberta mais forte sobre e mim. — Eu não estou saindo com outro, porque o único com quem eu quero estar é você! — as lágrimas queimam com minhas palavras sinceras. — Mas olha só, você sempre estraga isso!

Me viro saindo do quarto dele e entrando no meu. Enquanto me abaixo devagar, começando um choro baixo para não acordar Ana.

Eu não sou mentirosa! Eu o perdoei de coração por ter me machucado tanto.

Por que ele simplesmente não faz o mesmo?



Capítulo 56

Olho para o lado, vendo Ana acordada olhando para mim com aqueles grandes olhos negros. Eu me viro para ela sorrindo.

— Bom dia, amorzinho. — Resmungo, mesmo não conseguindo dormir, eu queria ficar deitada pertinho dela.

Eu olho as horas e era muito cedo. Então eu me levantei, tomei um banho e dei banho em Ana também. Arrumo as coisas dela mesmo sabendo que na casa do Leonel o quarto dela era maior que a minha sala, e tinha tudo que uma criança precisava dentro, por isso sempre fazia uma mala pequena. Mando uma mensagem para Karen e me preparo rapidamente para o serviço. Eu coloco um vestido azul justo. Hoje eu ia começar a trabalhar mais cedo, Hector disse que tinha uma reunião antes do desfile, que irá ocorrer amanhã. Termino de me maquiar e coloco os brincos, respiro fundo, e finalmente saio do quarto com Ana nos braços e minha bolsa do meu lado.

Eu tento não prestar atenção em Calebe parado no corredor ajustado a manga da camisa. Quando ele me vê, vem caminhando em minha direção.

— Lilly.

— Bom dia, Calebe. — Digo seca e tento prender a respiração quando ele chega perto o suficiente para dar um beijo em Ana, e então olha para mim, tento não parecer nervosa.

— Precisamos conversar, sobre ontem.. Eu..

— Eu estou um pouco atrasada. — Dou de ombros caminhando para a porta.

— Não vai comigo? — Ele pergunta surpreso.

— Karen vai passar aqui pra pegar Ana, vou aproveitar e pegar carona. Ela já deve estar chegando.

Abro a porta e saio com o coração exprimindo, sei que estou sendo infantil. Mas estou brava com tudo isso agora, e preciso de algum tempo para tentar processar o que Calebe realmente quer comigo. Karen chega na hora que estou chegando no portão. Eu não contei a ela sobre o que aconteceu ainda. Provavelmente eu resolveria isso depois que saísse do serviço. Estalo os dedos e Karen olha para mim e depois para minhas mãos.

— Vejo que papai te deu um belo presente.

Ela dá um sorriso e fico confusa. Mas então me lembro do anel em meu dedo. Então Karen levanta a mão e me mostra um igual.

— Poxa, poderia pelo menos ter mudado a cor. — Eu brinco com a semelhança.

— Ele me deu no meu aniversário de 17 anos.

Paramos em um sinal e ela pega meu dedo.

— O que estar fazendo? — Pergunto.

— A melhor parte é quando você faz isso...

Ela segurar a pequena flor do anel e a desenrosca. Fico perplexa ao ver uma pequena agulha abaixo da flor, Karen percebe meu rosto chocada e sorri.

— Leonel não lhe daria um anel comum. É uma arma letal, se acertar na veia certa pode ser irreparável.

— E por que eu precisaria disso?

— Nunca sabe Lilly, nunca se sabe...

Eu levanto minhas mãos, ainda chocada, e coloco a pequena flor de volta no pino. Olho para trás, vendo Ana dormindo tranquilamente na cadeirinha. Começo a roer as unhas, olhando para o trânsito.

Chego no serviço e vou direto para a reunião, já está todo mundo dentro da sala, até o James. Eu queria perguntar se ele tinha algo a ver com a foto que Calebe recebeu. Mas tenho medo de soar rude. Até porque, ele não teria um motivo para isso, eu sempre deixei claro minhas intenções com ele.

— Ah, Lilly, aí estava você! — Hector diz animado, assim que me sento na cadeira ao lado dele.

— Bom dia para todos! — Digo e alguns resmunga “Bom dia Lilly”. Menos James que estar com a cabeça baixa, anotando algo.

— Está pronta? Hoje é o último dia de ensaio. — Hector se vira para mim, mexendo as mãos em um aplauso mudo.

— Estou nervosa. — Admitir.

Eu sabia que logo teria que fazer isso. Mas só o fato de que haveria tantas pessoas assistindo isso, me deixa com estômago revirado.

— Vai ficar tudo bem Lilly. Você conseguiu da primeira vez, e agora que está treinada, forte e confiante, vai se sair melhor. — Afirmo. A reunião correu bem e ele disse que o desfile começa as 15h.

Vou para a sala de ensaio e vejo James começa a se aproxima de mim, dá dois tapinhas no meu ombro e diz sorrindo:

— Amanhã será um grande dia, Lilly. Para nós dois... — Eu paro e ele continua andando, apenas vira um pouco, leva dois dedos à cabeça enquanto sinaliza um tchau sorrindo para mim.

Ok, isso foi estranho.

Mas talvez seja só porque estou chateada por ele estar envolvido na minha pequena discussão com Calebe. Balanço a cabeça tentando me livrar desse sentimento ruim e entro na sala de ensaio.



Depois de sair, pego Ana e vou para casa. Eu queria conversar com Calebe e fazer as pazes dizendo que, apesar de tudo, não sou uma mentirosa. Eu só estava com medo de confiar

nas pessoas de novo, elas me machucaram muito. Desço do carro que Leonel pediu para me levar. Como Calebe, praticamente morar comigo, eu só via dois seguranças de vez em quando. Mas aquela estranha sensação de alguém sempre por perto me observando nunca sumia. Eu já estava cogitando a ideia de ter fantasmas atrás de mim. Sorrio com esse pensamento bobo e entro.

— Calebe? — Chamo abraçando Ana com mais força.

Ele deveria chegar antes de mim de sua empresa, mas ele não estava aqui.

Eu fiquei esperando por ele a noite toda e nada dele dá sinal. Uma angústia cresceu dentro do meu coração. Pego meu celular e penso se devo ligar ou não. E no final o desligo, tento dormir um pouco.

Amanhã é um novo dia, Lilly.



Merda, eu sou um merda!

Quando Lilly sai do quarto, eu a sigo, mas paro quando ouço seu choro baixinho atrás da porta. Coloquei a mão na porta como se quisesse abraçá-la e pedi desculpas por acusá-la daquele jeito. Eu só estava com a cabeça cheia, o verdadeiro motivo da morte da minha mãe estava mexendo comigo, e o porque Leonel tinha mentido. E o fato daquele desgraçado do James ter algo a ver com aquela porra de foto, só me deixou com mais raiva por ter agido por impulso. Eu a deixo descansar, tentaria falar com ela pela manhã. Mas foi tudo em vão, Lilly estava chateada comigo e com razão.

Porra.

Ela estava tão bonita naquele vestido azul, ouvi-la dizer que só queria estar comigo ontem à noite faz meu coração palpitar. Eu tinha que dizer o quando antes como eu amava.



O dia estava uma merda. Eu queria ligar para Lilly, mas estava com medo de que ela desligasse na minha cara. Estou tentando ler um contrato mas não consigo prestar atenção em nada. Deposito aquela papelada na minha mesa e giro minha cadeira inquieto. Bufo, e para ocupar a cabeça passo a mão por meu casaco e enfio a mão no bolso puxando as cartas que peguei no escritório de Leonel. Não tive tempo de lê-las no fim de semana. Preferi tentar focar na Lilly e em Ana, mas agora estou ansioso para ver o que Leonel tanto esconde de mim.

Abro a primeira e começo a ler tudo. Suava um pouco confuso quando entendi que eram cartas de negociação de resgate. O terceiro envelope que decido abrir, está um pouco rasgado e muito amassado. Puxo a carta de dentro e cai um pequeno anel e uma fotografia três por quatro. Pego a foto e olho de perto e meu sangue gela.

Era minha mãe.

Sentindo meu coração palpitar fortemente, leio esta carta em específico um pouco ansioso.

“Leonel Walton, como vai velho amigo? Eu não poderia estar melhor, com essa companhia maravilhosa da minha pequena Luna, ela me faz feliz todos os dias se é que você me entende. Suas tentativas de tirá-la de mim serão inúteis, você terá que me matar para recuperá-la. E isso nunca vai acontecer!”

At, Tommaso A.

Esse tal de Tommaso estava mantendo ela presa. *Porra.* Então minha mãe que foi sequestrada!

Passo a mão na cabeça, sentindo doer. Olho rapidamente para as cartas que foram

entregues, e a primeira me chamou a atenção, marcando 09/03/2002, tiro da gaveta da minha mesa a foto que encontrei com o recado para meu Leonel e meu corpo congela. Foi no mês que eles iriam se ver.

Putá merda! Isso foi quase 10 meses antes de eu nascer.

Eu me levanto e caminho de um lado para o outro, tentando entender essa merda. Eu me sentia tão perdido. Várias coisas passam pela minha cabeça e quando penso que meu cérebro vai explodir uma coisa absurda me vem em mente. Peguei meu celular, atordoado, e faço uma ligação. Então eu saio do meu escritório, mas sou parado por Layla me perguntando algo.

— Já está de saída, Sr. Walton?

— Sim, não repasse ligações para mim, estarei indisponível o resto da tarde. — Caminho sem olhá-la me sentindo tonto.



Saí do laboratório perdido, entrei no meu carro e dirigi sem rumo, parando numa esquina e olhando para o nada enquanto observava o nascer do sol. Eu queria que o Leonel tivesse me contado sobre isso, por que caralho ele teve que mentir. Eu definitivamente o odiava tanto por isso, se ele queria me privar da dor de saber a merda que minha mãe deve ter passado, agora me sinto muito pior sobre tudo. Porque eu sinto que toda a minha vida foi uma mentira.

Vou para apartamento tomar um banho, mas precisava falar com a Lilly antes de enfrentar o Leonel. Bernard estava mesmo certa, eu fui um bosta com ela e me senti pior ainda. E esse ciúme idiota não vai me levar a lugar nenhum se eu a quiser ao meu lado.



Eu não estava com cabeça de ir para a empresa hoje. Ligo para Caion e peço que cuide de tudo por enquanto. Aproveito e também ligo para Karen e ela me deixa ver Ana por vídeo, elas estavam em uma praça, Karen estava passeando com ela. Olho para o relógio marcando quase 14h20, sabendo que Lilly

provavelmente estava no trabalho, coloquei uma roupa de frio. Pois estava ventando muito, apalpo o meu bolso para conferir se a caixinha vermelha estava aqui e decido ir até o serviço dela.

Estaciono meu carro um pouco longe da entrada da agência, pois estava lotado em frente. *Merda*. Hoje seria o primeiro dia que a Lilly iria desfilar. Como eu pude me esquecer ? Ela me disse isso uma semana atrás.

Desço e ajeito meu casaco entrando no meio daquele tanto de gente, a última vez que entrei aqui, foi quando reencontrei ela. Eu sempre a deixava na porta quando vinha trazê-la, então me sinto um pouco perdido, vejo as pessoas entrando em uma única sala então só sigo. Era uma sala grande com uma música muito alta. Algumas mulheres estavam andando pela passarela. Então me encosto na parede ao lado da porta e cruzo os braços no exato momento em que Lilly entra e, céus...!! Eu tenho que me controlar quando ouço vários assobios e aplausos para ela.

Lilly não me viu, mas meus olhos a queimam e sinto meus lábios secos. Ela estava tão deslumbrante, como sempre. Era como se ela tivesse nascido para fazer aquilo. Sua roupa era uma blusa jeans e uma saia jeans de botão, e a única coisa que consigo pensar, é em como seria desabotoá-los sem rasgar sua roupa

Balanço a cabeça com esses pensamentos impróprios que me deixam duro. Eu preciso me desculpar primeiro. Continuo assistindo aquela mulher linda e maravilhosa. Lilly era tão autêntica e confiante, me deixando tão orgulhoso. Eu a queria mais do que qualquer coisa neste mundo.

Assim que ela sai da passarela, eu me afasto da parede e entro por uma pequena porta que dava para um corredor, eu a vejo de longe e a sigo. Duas meninas que estavam no camarim saem e a Lilly entra, então aproveitando que a porta estava aberta, eu vou até lá e entro. Ela está de costas para mim ajustando um brinco. Giro a chave nos trancando por dentro e, nesse momento, Lilly ouve o barulho e se vira para mim. Seus olhos estão confusos, mas logo posso ver raiva neles.

— Calebe? O que faz aqui?

Porra, essa carinha zangada dela a deixar tão linda, que tenho vontade de jogá-la no sofá que está no canto e enchê-la de beijo.

Limpo a garganta encarando ela.

— Você está tão linda! — Eu digo e ela cruza os braços.

— Não foi isso que perguntei!

Eu me aproximo um pouco, dando um passo em sua direção.

— Calebe o que você quer? Veio me acusar de novo?

— Não vim para fazer isso. Olha Lilly, me perdoa, eu fui um babaca, fui o maior idiota do mundo desde que te conheci, é que isso tudo é novo pra mim! — Eu aponto um dedo para ela e para mim. — Isso... Eu nunca soube o que é realmente me importar com alguém de confiança verdade, até ver o quanto você é importante para mim! — Eu dou mais um passo, finalmente parando na sua frente colocando minhas mãos em cada lado de suas bochechas, e aquela cara azeda, se desfaz devagar.

— Eu, eu não sou mentirosa, Calebe. Também é novo para mim sobre Ana...

Eu coloco meu dedo em sua boca para impedi-la de continuar.

— Eu sei, eu sou um idiota.

— Sim, você é.

Eu corro meu polegar em seus lábios carnudos, sentindo o desejo de prová-los.

— No que está pensando? — Ela pergunta.

— Você não gostaria de saber. — Sussurro, sentindo meu pau ficar dolorido.

— Talvez eu gostaria... — Lilly olha para mim enquanto vejo suas pupilas dilatarem.

— Você não tem um desfile para terminar? — Eu firmo seu pescoço enquanto passo a ponta do meu nariz no nariz dela, sentindo sua respiração ficar mais intensa.

— Tenho 20 minutos.

— Eu só preciso de 10! — Digo tomando seus lábios com urgência e com a mão livre, envolvo meus braços em sua cintura trazendo-a para mais perto de mim. Mergulho minha língua mais para dentro em um beijo ardente e avassalador.

Eu a guio sem separar nossas bocas para o pequeno sofá atrás dela, empurrando-a levemente, deitando seu corpo no sofá de couro preto. Minhas mãos vão por baixo do pequeno pano que cobre seus seios delicados e aperto, massageando toda aquela pele macia. Afasto minha boca dela apenas para morder levemente enquanto belisco o outro mamilo.

— Uh- uh... — Lilly grunhe de olhos fechados e eu chupo sem dó, mesmo sentindo o leite não me importo, mamoo até a última gota.

Ajoelho-me entre as pernas dela, tentando desabotoar a porra da saia de botões e o cacete estava mais duro do que qualquer coisa.

— Está difícil aí? — A filha da mãe pergunta com a boca ainda inchada pelo beijo. — Essa você não pode rasgar.

Porra!

Rosno impaciente e, para não estourar os botões, subo sua saia até a cintura. Eu corro minhas mãos pelas coxas até sua calcinha lilás com um pequeno laço na frente. Gemi em provocação, enquanto segurava o tecido de cada lado e olhando para a Lilly, digo baixinho:

— Mas está aqui eu posso! — Puxo com força a calcinha fina que rasgou com facilidade e a joga no chão.

Lilly era uma puta visão, sua cabeça arqueada para trás e a saia levantada até a cintura, sua buceta aberta para mim em plena exibição. Tentando controlar minha respiração, desço minha calça e cueca junto. Subo em cima dela procurando sua boca novamente beijando-a faminto. Enfio dois dedos na bocetinha dela, só para ver que ela estava encharcada. Eu retiro os dedos rápidos enquanto

alinho meu pau em sua entrada e o enterro fundo. Abafando nossos gemidos entre beijos e mordidas.

— Shhh! Você está fazendo muito barulho. — digo.

Continuo entrando e saindo. Havia barulho de pessoas andando fora do camarim, mas eu estava me fodendo pra isso. Meu único objetivo era mergulhar nessa mulher que virou meu mundo.

— Oh, meu Deus! — Lilly tenta gemer baixinho. Ela envolve suas pernas nas minhas costas, puxando-me ainda mais.

— Consegue sentir como se encaixa perfeitamente em mim? Você sente isso?! — Grunhi entre sua boca.

Lilly estava sem ar, suas mãos entraram no meu cabelo, puxando-o com força. Meu pau duro está dentro dela, a penetrando mais fundo, sempre que ela tentava produzir algum som, mas não estava conseguindo. Eu podia sentir seu colo do útero. Eu precisava que ela se lembrasse de mim quando ela voltasse para aquela maldita passarela, eu precisava que ela pensasse em mim a cada passo que ela desse, que sentisse o quanto eu venero seu corpo. Como a porra de uma droga que eu nunca iria largar.

— Ah, Calebe.. Eu... eu estou quase! — Ela choraminga.

— Você ama ser fodida assim, não é sua safada?! Saber que qualquer um pode entrar e me ver comendo você como uma putinha safada... Minha putinha safada! — Sussurrei em seu ouvido mexendo sem pausa meu quadril.

A sensação era embriagante e insuportável, eu estava quase lá, então fiz círculos com os quadris indo até seu limite. Lilly arfar começando a revirar os olhos enquanto eu gentilmente cubro sua boca, e sua boceta aperta meu pau, junto com uma mordida forte que ela dá em minha mão, alcançando sua liberação.

— Isso bombomzinho, goza no meu pau.

Seu corpo fica tenso e envolve mais meu corpo, começando a relaxar. E então agora era a minha vez. Eu vou mais rápido, observando o movimento que seus seios faziam com minhas estocadas fortes. Meu orgasmo começa a vir forte e as mãos de Lilly saem do meu cabelo e cobrem minha boca. Fecho os olhos e a

última estocada me levou ao céu no momento em que enchi sua buceta com minha porra.

— Como eu precisava disso. Deus, como eu preciso de você.
— Me deixa cair em cima dela.

— Ok, agora vai embora. — Diz respirando com dificuldade.
Eu me levanto e olho para seu rosto levemente vermelho e sorrio.

— Que garota malvada. — Arqueio uma sobrancelha.

Dou um selinho rápido nela antes de me levantar a sair de dentro dela, pego sua calcinha no chão e guardo no meu moletom. Lilly se ajeita e alguém bate na porta e nós nos afastamos.

— Srta. Bernardi?! Você entra em 10 minutos. — Uma voz diz lá fora.

Lilly limpa a garganta e ajeita sua saia e diz:

— Já estou indo!

Olho para ela e dou um meio sorriso.

— Eu disse que só precisava de 10 minutos. — Dou uma piscadela, indo para porta.

— Calebe... — Me viro ansioso. — Eu te desculpo. — Ela estala os dedos.

— Obrigado.

— Mas se eu fiz isso de novo, ficarei de greve por um mês enquanto desfilo pelada pela casa. — Ela olha para mim, e eu sorrio involuntariamente, mas paro e fico sério assim que percebo que ela não estava rindo também.

Engulo em seco.

— Certo, não farei! — Então seu rosto relaxa, eu ando até ela e Lilly dá um passo para trás.

— Eu preciso trabalhar, Calebe... Vai embora! — sorri

— Ok, ok. só mais uma coisa. — A puxo para outro beijo rápido e a salto. — Agora eu vou.

— Tchau Calebe!

— Nos vemos mais tarde? — Estou destrancado a porta.

— Nos vemos mais tarde...

Com essa promessa, saio da sala um pouco mais aliviado.

Lilly era meu alívio.

Estou chegando na portaria e um otário chamado James está conversando com outras pessoas, mas quando ele me vê caminha em minha direção, respiro tentando me manter firme para não socar a cara dele.

— Ah, é o pai da pequena, Tiana. — Ele sorri e eu quero fazê-lo engolir suas palavras, por pronunciar o nome da minha filha em seus lábios nojentos.

Não respondo e o encaro com desdém, com essa simpatia falsa do caralho dele.

— Olha, eu sei que nossa primeira impressão não foi das melhores, mas estou disposto a compensar meu erro, Lilly é uma ótima pessoa e não quero atrapalhar nada. — Estender a mão para mim. — Amigos?

Olhe para sua mão notando uma pequena tatuagem em seu antebraço, ela é minúscula, mas olhando bem, consigo ver uma pequena Âncora com uma arma nela. Levanto minha mão e pego a dele que sorri, mas então eu a puxo com força para mim e sussurro por cima do seu ombro.

— Eu sei o que você quer, e não vou deixar isso acontecer! Fique longe da Lilly e da minha filha se você não quiser virar notícia no jornal das nove, Sr. Ross. — o empurro com brusquidão, e sem olhar para trás vou para o meu carro.

Meu celular começa a tocar, vendo que era da clínica atendo.

— Sr. Walton?

— Sim?

— Os resultados saiu.

E toda a calma que eu estava sentindo vai embora como uma enxurrada forte e rápida, que me leva consigo e me afogo em alta velocidade.



Capítulo 57

Calebe sai da minha sala me deixando bamba e com a respiração ofegante. Rapidamente retoco minha maquiagem e limpo melhor minhas pernas. E estou outra vez sem calcinha. Procuro um short no closet e visto antes de trocar de roupa. Eu fiquei mal por ele não aparecer ontem. Mas gostei dele vim me pedir desculpas. Confesso que ouvi-lo dizer “desculpa” era bom, pois o Calebe de um ano atrás nunca faria isso.

Pego meu celular e ligo rápido para Karen. Ela não atende de primeira. Eu precisava trocar de roupa, mas queria conversar com Ana antes de entrar de novo na passarela. Algo em meu coração dizia que eu precisava fazer isso. Tendo outra vez e nada... Respiro aflita e estou quase ligando outra vez, quando me assusto com alguém entrando no camarim.

— Lilly? Tudo bem? — era James que me olha de um jeito estranho. — A porta estava aberta, então entrei e vi você com essa cara de quem parece que viu um fantasma...

Vou dizer algo, mas meu celular toca, vendo que era Karen, eu atendo imediatamente.

— **Karen... O que aconteceu? Estou te ligando...**

— paro de falar ouvindo ela chorando.

— **Lilly... Ai Meu Deus, Lilly...!** — ela parece desesperada.

— O que foi? O que aconteceu? — meu peito começa e ficar sem ar.

**— Levaram ela... Foi tudo muito rápido ...
Estávamos na praça... Ele disse que ela era dele...
Levaram Ana, Lilly!**

Me sinto tonta, mas antes que eu caia, James corre e me segura.

**— Eles disseram que sempre estava por perto...
Me perdoa, eu não consegui protegê-la... os
seguranças estão feridos...**

Mesmo ela falando em desespero meu estado de choque e maior. Quem levou minha filha e por quê ? Tento me mover e meus olhos se encontram com os de James que esta muito perto de mim. O brilho que eles tem não é de alguém que parece preocupado comigo. Algo em meu subconsciente me diz que James de alguma forma está aqui na hora exata ... Como sempre...

Então, em flashbacks rápidos, lembro-me da primeira vez que ele me deu carona. Eu nunca disse a ele onde eu morava, como ele sabia meu endereço...? Ninguém além de Calebe conhecia o hospital que dei à luz Ana. Pois foi ele mesmo que me levou de última hora... O lírio que achei em minha porta era idêntico ao que James me levou no hospital... O interesse em sempre da Ana... E a sensação estranha de quando ele sempre estava por perto, me faz perceber o quão cega eu fui..

Juntos todas as peças sem desviar os olhos dele. Deixo meu celular cair de minhas mãos, sentindo minha garganta seca e meu corpo morrer em estado de extremo choque, então eu sussurro para ele:

— Você...

Suas pupilas dilatam e o brilho em seus olhos se transforma em algo escuro e sombrio enquanto ele dá um sorriso macabro sem dentes.

— Desculpa, Lilly. Mas isso não é nada pessoal... — seu tom de voz é frio e sarcástico, fazendo um calafrio percorrer por toda

minha espinha.

Antes de tentar me livrar de seu aperto em minha cintura. Um pano com um cheiro muito forte, cobre meu nariz e boca. Tento me debater contra ele usando unhas e mãos. Mas tudo começa a escurecer e a única coisa que consigo pensar é em Ana. O que iriam fazer com minha menina.



Entro no galpão com meus olhos vermelhos de ódio. Tem alguns capangas na porta que sussurram um “boa tarde Sr. Walton”. Mas ignoro todos. Ando pelos corredores barulhentos sentindo raiva emanar do meu corpo, quando enfim entro em um cômodo e avisto ele. Leonel está conversando com Ború, não ligando para isso entro bufando, e sem cerimônia jogo o exame de DNA na mesa dele.

— Por que mentiu para mim ?!

Leonel olha para mesa e vejo aquela calma e postura que ele sempre tinha, ir embora. Ele acena para Ború que logo sai da sala. Ele encara o exame sem pegá-lo, como se aquilo fosse de fato explodir em sua mão.

— Você não vai me responder? — estou me segurando para não agarrar o colarinho dele e obrigá-lo a falar.

— Filho... — ele começa e eu o interrompo sorrindo pelo nariz, um sorriso amargo.

— Cala a boca...! — balanço a cabeça de um lado para o outro. — Eu não sou seu filho, não é? Eu sou a porra de um bastardo! Um filho de um estupro! — grito.

— Foi por isso que ela se matou, não foi? Foi por minha causa? — muito altero me aproximo dele. — Me responda! Por que

teve que mentir esses anos todo para mim...? Por que Leonel? Por que fazer eu pensar que realmente era seu filho quando na verdade eu sou a porra de um parasita? — Bato a mão na mesa sentindo meu peito rasgar de dor. — Como você dá seu nome para alguém que só causou dor... Por que caralho??

Eu o empurro com vontade de sumir e que tudo isso fosse apenas um sonho ruim. Pela primeira vez, me sinto tão vulnerável e perdido. Leonel não se afasta e apenas sinto um impacto do seus braços me envolvendo em um aperto forte.

— Porque você é tudo que ela me deixou!... Porque você é meu filho... Você é meu... *Você é meu!!* — repete me abraçando e sinto algo molhar meu pescoço. Fico imóvel. Eu nunca o vi chorando por nada.

Leonel se afasta e coloca as mãos em minha bochecha como se eu tivesse 10 anos. Seus olhos estão vermelhos, e mesmo calmo, consigo ver dor em seu rosto. Eu não sabia o que pensar, eu tinha acabado de descobrir que o homem que me ensinou tudo que sei não era meu pai. E sim, de um louco que eu não fazia ideia de quem era. Tiro suas mãos do meu rosto de maneira rude e me afasto dele, meu coração estava doendo eu queria resposta.

— O que aconteceu com ela...? Por favor, me conta isso. Chega de mentiras... Chega de achar que sou a porra de um moleque!

Eu preciso saber de tudo.

Leonel inspira e limpa o nariz com a manga da sua camisa preta, pega uma pasta e joga sobre a mesa.

— Sente-se... — pede.

Olho por alguns segundos para pasta, e enfim me aproximo da cadeira, me sentando nela.

— Eu vou te contar tudo, *filho...*

Leonel Walton

Capítulo 58

20 ANOS ANTES

Gainesville, Flórida.

01/03/2002

08:00 AM

- Berla! — chamo a empregada que vem Correndo.
- Sim, Sr. Walton?
- Arrume um quarto para Srta. Luna. Ela chegará hoje.
- Sim senhor.

Vou para meu escritório. Meu pai havia morrido há um ano e eu assumi a máfia muito novo. Não que 26 anos seja o auge da juventude. Mas geralmente era a partir dos 30 anos que alguns viravam capo. Sentado em minha poltrona, pego uma foto que Luna me mandou há um mês. O pai dela era irmão do meu. Então quando eu tinha 11 anos Luna nasceu. E eu prometi cuidar daquela garota de olhos azuis e bochechas coradas, que parecia tão frágil. Eu cresci em meio a treinamentos brutos e severos. Sendo o filho mais velho de três irmãos homens. Eu era o herdeiro legítimo da grande máfia na Flórida. Não tinha amigos. E quando Luna foi diagnosticada com depressão com 13 anos. Sua mãe a trouxe para passar um tempo em nossa casa. Pois era o único lugar que ela queria ficar. Mesmo sendo de diferentes idades, eu e ela nos tornamos mais que primos. Nos tornamos amigos confidentes. Eu conseguia me abrir com ela de maneira que eu não conseguia com mais ninguém. Era como se ela fosse minha luz diária, meu ar, meu mundo. Ela era minha alma gêmea. Não de uma forma romântica, não! Nunca olhei para Luna assim, era mais do que isso. Era como se fosse algo que eu nunca tive. Mas logo ela voltou para sua casa em São Francisco, e seus pais começaram a regrar suas vindas aqui.

Observo a foto. Era raro vê-la sorri assim depois da doença. E dou um sorriso involuntário com essa imagem. Luna era um anjo em minha vida, um ser puro e ingênuo. Eu estava ansioso para vê-la de novamente e passar horas conversando sobre tudo, com minha querida prima

O telefone da minha sala toca, deixo a foto na mesa e atendo.

— Sr. Walton... Os italianos levaram a Srta. Luna !! Estávamos quase chegando na mansão quando fomos atacados... Mauro e Dimas morreram!!
! — meu corpo enrijece.

Mauro era chefe da minha segurança, por isso confiei nele para trazer Luna.

— Reúna todos os soldados. Fechem a cidade de for preciso, mas eles não podem ir muito longe com ela!!! É pra agora, porra!! — Jogo telefone na parede sentindo uma fúria fora do comum.

Tommaso e Lorenzo, eram dois desgraçados que estava me rondando há meses. Eles não só queriam meu território para suas vendas de armas falsificadas. E sim, aumentar sua rede de tráfico humano. Pois é, os filhos da puta vendiam mulheres e crianças como se fossem bananas em feiras

Demônios dos infernos.

Como ousam levar meu maior tesouro achando que vão me intimidar, mexeram com o Walton errado.

Miami, Flórida
14:38 PM
10/02/2002

— VOCÊS SÃO PAGOS PRA QUE, CARALHO??? — grito dando um soco em um dos meus soldados. — Eu quero que saiam daquela porra de porta e achem os informantes, ou estou me fodendo se são meus aliados e vou matar todos vocês!!

Saio da sala revoltado e com ódio. Tinham se passado dez maldito dias e nada de Luna. Estou em uma das minhas casas de praia em Miami. Havia pista de que aqueles desgraçados estiveram aqui há alguns dias atrás. Tentei negociar com eles, disse que daria a porra da parte das minhas drogas e armas se me entregassem Luna primeiro, mas riram de mim e do meu desespero. No começo achei que eles iriam vender minha menina, mas Tommaso deixou bem claro o que estava fazendo com Luna, na carta que chegou mais cedo. Eu não consigo nem terminar meu pensamento e já imagino vários pedaços dele em minha frente. Eu farei ele engolir seu pau e depois arrancarei sua cabeça. Observo o pequeno anel dela que veio junto com a carta. Eu havia dado a ela no seu aniversário de 15 anos. O envolto em minhas mãos e aperto forte.

— Sr. Walton. — Lázaro, meu novo chefe de segurança chega. Ele era filho de Mauro então confiava nele.

— Eu espero que seja uma notícia boa, se ainda quiser seu emprego.

— Eles a levaram para Itália há oito dias atrás.

Olho para ele e tento manter a calma.

— Prepare o jato, partiremos ainda hoje!

Pego meu celular e ligo para um amigo do FBI. Fui paciente até demais, agora eles saberão que despertaram o meu lado mais demoníaco possível e irão pagar por isso.

Itália
17:02 PM
11/03

Mantenho minha arma destravada enquanto caminho pelos fundos da casa de Tommaso. Descobrir onde o desgraçado morava foi fácil e, para minha surpresa e alegria, Lorenzo também estava aqui. A polícia estava do meu lado, além de matá-los, eu iria foder toda a rede de tráfico de pessoas deles.

Caminho com alguns capangas atrás de mim, atiro em dois seguranças, minha arma tinha silenciador. Faço sinal para que Lázaro e os outros se separem. Subo uma escada e sorrio animado ao ver Lorenzo andando pelo corredor com uma mulher de cabelos ruivos ao lado.

— Ora, ora... Boa noite Lorenzo... — digo despreocupado.

— Merda, Leonel?!

— Surpresa...! — miro para atirar nele.

Mas a mulher entra em sua frente, fazendo eu acertá-la em cheio. Ouço passos de alguém correndo e olho rapidamente para trás, não vendo ninguém. Confuso, volto meus olhos para Lorenzo, quando vejo ele sacar sua arma e atira contra mim. Eu desvio e corro atrás dele. Ele sobe outra escada e miro em sua perna atirando duas vezes. Mas o filho da puta não para e continua correndo enquanto manca. Lorenzo entra em um elevador e atiro várias vezes contra a porta se fechando.

— Ele está no elevador, cuidem dele! — clico no mini fone via rádio no meu ouvido e aviso os policiais.

Continuo andando pelos cômodos abrindo cada porta, tinha que ter fé que Luna estava viva e bem. Chuto a penúltima porta e recebo um forte soco. Finjo que vou cair apenas para dar uma rasteira em Tommaso e, em seguida, chuto-o no estômago, fazendo-o cair, e vejo sua arma voar de sua mão.

Olho rápido pelo quarto e uma pequena garota de cabelos loiros com os joelhos sobre o peito usando uma camisa branca, me chama atenção, fazendo meu corpo emanar mais ódio. Volto minha atenção para Tommaso, que tenta alcançar sua arma. Eu vou até ele chutando seu rosto com força e rapidamente, atiro em suas pernas e braços. Ele grita alto e aquele som me traz alegria.

— Você não vai morrer agora. Mas vai desejar a morte... Serei seu pior pesadelo durante longos dias, seu desgraçado dos infernos! — Piso forte em seu rosto deixando-o inconsciente.

Eu me viro para a cama e Luna está com as duas mãos no ouvido enquanto chora alto. Vou até ela e tento me aproximar, mas

ela se afasta tremendo.

— Não me toque! Eu não o quero mais! Eu não aguento mais.... Eu quero que o senhor me mate! Por favor, chega... Eu prefiro morrer!!

Eu morro por dentro, seu rosto está banhado em lágrimas, pavor e choque.

— Sou eu Luna... Seu Léo... Já acabou, sou eu. Apenas eu!
— seguro seu braço de leve, tentando acalmá-la.

— Léo...?— ela olha para mim como se eu fosse apenas uma miragem.

Percebo que seu rosto tem marcas de tapas e sua boca tem pequenos cortes.

Ela segura meu rosto querendo acreditar que eu era real.

— E você mesmo? — funga.

— Sim meu amor, sou eu.

— Oh meu Deus, é você!! — ela me abraça forte, e eu passo as mãos pelos seus cabelos sedosos acariciando.

— O que fizeram com você minha princesa... — eu sabia a resposta mas não queria acreditar.

— Me perdoa por não chegar antes... Me perdoa... — choro enquanto a aperto mais em meu peito. Eu sei que seu pequeno corpo podia estar dolorido, mas eu não queria soltá-la nunca mais.

Gainesville, Flórida.

15/04/2002

10:02 AM

— Senhor Walton, não adianta, ela não quer comer. — Berla entra no meu escritório.

Respiro fundo e me levanto saindo da minha sala. Subo as escadas um pouco cansado de tudo. Os pais de Luna me culpavam pelo que aconteceu e disse que não a queria suja como a tinham deixado. Eu fique com tanto ódio, que fiz questão de deixá-los na sarjeta, e sem um tostão vindo da minha família. Miseráveis! Tudo

bem que em parte foi minha culpa, eu me culpava todos os dias por isso. Mas Luna não tinha culpa de nada. Ela foi a vítima!! Seu estado estava pior desde que voltou para florida, há um mês. Contratei médicos mais caros, mas ela estava resistindo muito.

Entro no quarto dela e ela estava exatamente como eu a deixei três horas atrás. Calada olhando para a parede. Eu me aproximo e sento na beirada da cama segurando suas mãos delicadas.

— Por que não come um pouco , Luna? Vai ser bom para você.

Ela escuta minha voz e então me olha.

— Não sinto fome... Não sinto sede nem sono, pois toda vez que fecho os olhos eu o vejo em cima de mim, me machucando sem nenhuma piedade. — ela diz sem expressão nenhuma, mas logo seu rosto está molhado pelas lágrimas que descem como cascata.

Meu peito se aperta tanto que quero abraçá-la e curar sua dor de alguma forma.

— Ele está morto Luna. Ele nunca mais vai tocar em você... Por favor, não chore mais. — aperto mais suas mãos e com a outra livre, enxugo suas lágrimas.

Tommaso ficou três semanas em meu galpão, sofrendo todos os tipos de torturas possíveis. Até prisioneiros que cuidava dos estupradores na prisão, eu trouxe para foder com aquele pedófilo de merda. Cumpri minha promessa. Eu batia ponto todos os dias e só parei quando arranquei seu pau imundo e o fiz comer.

Pego a bandeja de comida e ponho em meu colo. Coloco bastante sopa na colher e olho para aquela garota de quase 16 anos, magra e tão sofrida em minha frente.

— Se você comer um pouco, prometo que passo a noite aqui com você hoje. — dou um sorriso, tentando convencê-la.

Ela parece pensar sobre isso e seu semblante muda um pouco, o que me deixa feliz por ela está interagindo comigo ainda. Levanto a colher e ela abre a boca, deixando-me alimentá-la.



Estou tentando dormir no pequeno sofá no canto do quarto de Luna. Meu corpo era grande demais para essa merda. Mas eu sabia que ela se sentia segura comigo aqui. Tento me virar e me assusto com um barulho. Ergo a cabeça e vejo ela sair correndo da cama e ir para o banheiro. Levanto esfregando os olhos e vou atrás dela.

Luna estava vomitando, eu me abaixo e coloco seu cabelo atrás da orelha. Ela termina e se vira para mim em seu pijama rosa. Suas bochechas estão coradas pela força que ela fez para vomitar. Provavelmente seu estômago estava muito vazio e não aceitou a comida de mais cedo.

— Por que eu não paro de vomitar Léo? Isso é tão ruim.. — resmunga.

Franzo a testa.

— Como assim? A quanto tempo esta vomitando? — me levanto e meus sentidos todos se ligam.

— Há uma semana... — ela vai até a pia e escova os dentes. — Eu também sinto muito sono, mas Berla disse que pode ser os remédios que os médicos me deram .

Sinto-me tonto e tento me firmar contra a porta. Luna me encara confusa e eu tento ficar firme na frente dela.

— Deve ser isso... Vem, vamos voltar para cama, se quiser vomitar mais, me chama que venho te ajudar, tudo bem?

Ela acena com a cabeça e a ajudo voltar para cama.

Não consigo dormir, a única coisa que me preocupa é em como ela irá reagir quando souber...



— Por que estamos aqui, Léo? Eu não gosto de agulha. — Luna resmunga sentada na cadeira.

O médico chega para tirar seu sangue e ela faz uma cara de pavor. Logo ela começa a se levantar e vem em minha direção.

Desde o ocorrido, o único homem que ela deixava chegar perto dela era eu.

Olho para o moço de jaleco branco e pergunto:

— Não tem uma mulher que possa fazer isso?

— Uma mulher?

— Sim, foi isso que perguntei ! — eu arqueio uma sobrancelha tentando me manter calmo.

— Sim, temos uma estagiária, só um momento. — ele sai meio nervoso.

Seguro nos ombros de Luna.

— Calma, ninguém vai te fazer mal, minha princesa.

Uma mulher então entra.

— Bom dia...

Olho para Luna tentando fazê-la ir para a cadeira e seguro sua mão em todo momento.



— Você está me dizendo que tem um bebê daquele homem dentro de mim? — Luna me encara com dor nos olhos e leva as mãos ao rosto.

Eu cerro meu punho com força e dou um soco na parede, fazendo meus dedos machucarem.

— Desgraçado! Maldito desgraçado!!!!

— Léo... Para com isso... — ela me fita com seus olhinhos triste e, céus, se ela me pedisse o sol eu iria agora mesmo buscar.

Tento respirar com calma e me aproximo dela.

— Se você quiser...

— Não...! Você, mais do que ninguém, sabe que eu nunca faria isso. — eu sabia, mas eu não queria obrigá-la a carregar um filho daquele lixo.

Abaixo minha cabeça desnorteado, se fosse possível, eu revivera Tommaso só para matá-lo de novo.

Levanto minha cabeça e olho bem no fundo daqueles olhos azuis sem brilho.

— Luna ?

— Sim?

— Casa comigo?

Ela me encara por minutos interminável.

— O que? — ela pergunta incrédula.

— Eu quero cuidar de vocês ... — limpo minha garganta. — Se for ficar com a criança terá que se casar comigo.

— Mas...

— Eu nunca tocarei em você, Luna. Eu te amo mais que tudo, mas não é desse jeito que está pensando. Eu só quero que esteja enfim segura e que pensem que a criança é minha, assim nunca...

Ela me interrompe.

— Eu aceito.

Soltei a respiração que estava segurando. Eu sabia que iriam me julgar, mas preferia ser eu o julgado, por obrigar minha prima a se casar comigo e pensarem que cometi um pecado. Se isso significasse que eles parariam de olhar para ela com pena e veriam que realmente o vilão, era eu.

*Gainesville, Flórida
02/01/2003
20:17 PM*

Redobrei as seguranças e os médicos. Com a gravidez complicada de Luna, tivemos que marcar uma cessaria, pois o bebê já estava passando do tempo.

Entro na sala e ela brinca com as mãos do bebê, mas sem olhar diretamente para ele.

— Luna, como você está?

— Sinto meu corpo doer... Mas estou Bem...

— Posso pegar ele? — ela o entrega para mim ainda sem muita expressão. — Ele é lindo... Se parece muito comigo.

Falo olhando aquele bebê corado, ele era realmente lindo, e tinha alguns dos meus traços nele.. Creio que por eu ser primo de primeiro grau de Luna, algumas característica pegou.

— Você acha? — seus olhos estão distantes, então me aproximo mais. — Sim, olhe bem para ele... Ele também Tem seu nariz. — admito.

Creio que pela primeira vez desde que ele nasceu, Luna olha para aquela criança de maneira intensa, e passa o dedo de leve em seu pequeno nariz.

— Sim... É verdade... — então ela sorri para ele e sinto meus olhos marejarem.

Mesmo que aquele bebê seja fruto da maldade. Eu o amava e iria fazer de tudo para mantê-lo seguro.

— E então, como quer chamá-lo?— pergunto.

— Calebe... Calebe Walton.

DOIS ANOS DEPOIS

*Gainesville, Flórida
05/10/2005
15:12 PM*

Estava no meu escritório analisando algumas mercadorias. Há dois meses descobri que Lorenzo tinha conseguido fugi da cadeia, maldito. Por hora estava tranquilo, havia triplicado meus seguranças e como Luna estava tendo muita crise ultimamente, tive que contratar uma babá para cuidar de Calebe. O problema era que ela tinha uma filha que sempre que podia vinha ajudar a mãe. O nome dela era Valéria Maia. E Deus, juro que me apaixonei à primeira vista pela aquela garota.

Levanto-me da cadeira e vou ver o meu pequeno. Saio para o jardim e o vejo brincando com terra com Valéria ao seu lado. Ela tinha uns de 17 anos, era alta e seus longos cabelos balançavam ao vento. Eu me aproximo, ainda olhando para ela.

— Bom dia, Srta. Maia — tento parecer casual, mesmo que tenha vontade de arrastá-la para meu quarto.

— Bom dia, Sr. Walton. — ela olha para o chão timidamente.

Pego Calebe em meus braços, dando-lhe um pequeno beijo, mas logo o vejo limpar o rosto.

— Não papai... Eu não quero beijo! — Resmungo, e dou um sorriso dando outro beijo nele.

— Que pena... Porque eu vou te dar mais dois! — começo a dar várias beijos e ele se contorce e sorri ao mesmo tempo.

Dou-lhe uma trégua e olho para os lados.

— Onde está Luna? — pergunto a Valéria.

— A Sra. Walton, estava aqui há pouco com o pequeno Calebe. Mas ela disse umas coisas estranhas para ele, e logo entrou...

— Estranhas como? — coloquei Calebe no chão.

— Disse que o senhor cuidaria dele, que ela o amava muito apesar de tudo.

Meu corpo entra em alerta e saio em passos rápidos para dentro. Subo rapidamente os degraus de dois em dois,, entrando no quarto de Luna. Olho para o chão e vejo pingos de sangue. Meu peito começa a bater forte. Ela não estava na cama. Então, sentindo minhas forças irem embora, sigo as poças de sangue até o banheiro. A imagem é a mais perturbadora possível, mesmo fechando os olhos a cena não sai mais da minha cabeça, deixo meus joelhos caírem no chão enquanto grito alto.

Havia uma lâmina no chão e Luna estava deitada dentro da banheira com roupa e tudo, A água estava da cor vermelho escuro pela quantidade de sangue. Seus olhos estavam fechados, como se ela

estivesse dormindo um sono profundo, o qual ela sempre desejou depois daquele dia.

Minha menina foi embora e com ela levou a metade da minha alma. Eu choro como nunca chorei antes. E tudo fica como em câmera lenta. Os empregados chegando, a ambulância... Tudo era zumbidos em meus ouvidos.

Dois meses depois

Entro no quarto dela com tudo coberto e vazio, sentindo meu peito doer. Sento-me na cama e abro uma gaveta na mesinha ao lado. Noto um envelope, abro e vejo várias fotos de Tommaso com sua família, irmão e parentes.

Onde Luna conseguiu isso?

Percebo uma carta em sua bela letra em cima de um diário com pompons. Abro rapidamente, vendo uma foto recente dela, e então leio.

“Querido Leo...

Obrigada por tudo. Não se culpe mais, chega de achar que você é um monstro... Você não é! Eu só quero dormir tranquila pela menos uma vez na vida, e sei que essa será a melhor opção. Estou cansada de todos os dias vê-lo em meus piores pesadelos. De como me lembro de cada toque de suas mãos nojentas em mim, cada suspiro de prazer que ele dava quando estava tirando minha pureza em meio aos meus gritos de dor. E que todos os dias com ele, eu morria. Sua voz ainda se faz presente em minha cabeça, o escuto dizer a cada segundo que eu sou dele.

“Luna Walton, você é minha vadia preferida” Eu não consegui, querido primo. Eu nunca vou conseguir esquecê-lo enquanto eu estiver viva. Me perdoa por isso Leo... Me perdoa por ser covarde e não querer mais viver... Eu te amo muito. Eu sei que Calebe será bem cuidado e amado. Pois você é, e sempre será o pai dele.

Você nunca foi o vilão...

*Com muito amor, de sua prima preferida, **Luna Walton.***

Decretei que não teria piedade de mais ninguém. Minha família seria as únicas a ver meu lado humano, o resto eu iria pisar sem dó nem piedade. E quem ousasse apenas chegar perto do que me pertence, eu não mediria esforços para destruí-lo.

Cheiro sua carta com meu coração doendo enquanto lágrimas ameaçam de sair.

— Papai? — levanto minha cabeça e Calebe entra no quarto.
— Você está chorando? — O encaro por minutos intermináveis.

— Sr. Walton... Mil perdões... Ele se soltou da minha mão e veio correndo quando o viu entrar aqui... — Valéria entra logo atrás dele ofegante.

— Está tudo bem... Venha aqui campeão. — Calebe vem e sento ele em meu colo. — O que acha de irmos passear de carro por aí? Se você se comportar e não fazer birra, eu prometo que terá todos os carros do mundo que quiser.

— Todos os carros, papai? Isso é muita coisa! — ele me olha fascinado e fungo sorrindo.

Me abaixo para beijar seu rosto e digo:

— Todos os carros do mundo, para o melhor filho do mundo.

Calebe Walton

Capítulo 59

Meu coração estava ferido. Eu não podia acreditar que minha mãe sofreu tanto para no final cabeça engravidando do cara que a estuprou e agrediu. Ela só tem 15 anos... E pensar que eu quase fui igual com a Lilly... *Porra* ... E quanto a Leonel, apesar de tudo, ele me criou como seu próprio filho. Eu o julguei muito e me senti um idiota por isso. Ainda mais por tê-lo tratado tão mal por tantos anos...

Abro a pasta vendo algumas fotos e um homem alto com várias tatuagens. Provavelmente era ele. O desgraçado que engravidou minha mãe.

— Eu não entendo... — passo a mão por meu cabelo ainda encarando a fotografia.

— Calebe, ela não se matou por sua culpa... E tudo o que eu fiz, foi para proteger vocês... Porque eu...

— Espera..! — levanto uma mão assim que termino de analisar a última foto, quando uma tatuagem específica de uma âncora com uma arma em cima me chama a atenção em sua mão. Há uma criança ao lado dele e meus sentidos estalam quando a porta se abre.

— Senhor . Walton, sequestram sua neta e a Srta. Bernard!!
— Ború diz alto e meu corpo gela.

— Merda, merda! — Leonel diz e eu ainda estou tentando processar tudo.

Sinto o sangue esquentar em minhas veias. Então tudo começa a clarear em minha mente.

— MAS QUE PORRA! — me levanto em um salto, derrubando a cadeira e Leonel vem logo atrás de mim. — Aquele desgraçado do James estão com elas.

— Quem? — Leonel pergunta.

— Qual o sobre nome do Lorenzo ??

— Por que quer saber isso Cale....

— Só responde!

— Al Capone.

— Filho da puta!

Saio do galpão em meio a chuva que tinha acabando de começar e Leonel liga para alguém. Começo ir em direção ao meu carro sentindo todo meu corpo flutuar de ódio. Se aquele desgraçado tocar num fio de cabelo da minha mulher e da minha filha. Eu vou moê-lo em um moedor de carne.

—Calebe! Você não vai sozinho! — Leonel grita vindo atrás de mim. — Ela tem um rastreador no anel que dei a ela... Liguei para Caion e para todos meus aliados. — ele se aproxima e segura meu ombro. — Dessa vez, não deixarei nada acontecer... Eu prometo!

Eu não falo nada, não tenho o que falar, só entro no carro e ele entra logo em seguida. Eu não podia perder tempo, minhas meninas estavam em perigo e eu precisava encontrá-las.



Abro meus olhos rapidamente, olhando para o teto totalmente branco, percebendo que estava deitada em uma cama. Um grunhido

manhoso faz minha mente trazer o que aconteceu, tudo a tona. Olho para o lado e ali está um berço, com a Ana dentro. Pulo da cama e corro até ela, segurando-a em meus braços.

Oh meu Deus, ela estava bem! Começo a chorar angustiada.

— Mamãe ficou tão preocupada ... Prontinho... Prontinho, estamos juntas, meu amor. — abraço ela forte sentindo seu cheirinho, eu fiquei com muito medo que tivessem feito algum mal com ela.

Com Ana em meus braços, finalmente observo o lugar onde estou. Era uma sala de cor creme, pequena e estreita. Como se fosse uma cela. Tinha uma cama que era onde eu acordei, sem pé nem cabeceira, pregada na parede, e o berço bem na frente dela.

O lugar é muito apertado e estou começando a sentir falta de ar. Eu não me dava bem em lugares fechados. E ainda por cima, minha roupa estava me incomodando por estar muito exposta. Ana choraminga em meu colo e volto a me sentar na cama. Ela provavelmente estava com fome. Nervosamente, eu coloco meu peito para fora e amamento ela. Eu não sabia por que James estava fazendo isso. O que ele queria comigo e Ana? Não fazia sentido. Eu tinha que contar com a sorte de terem sentido minha falta rápido, e virem atrás de mim. Eu não sabia onde estava e que horas eram. Eu estava com frio, com fome e muito apavorada.

Fecho a jaqueta jeans que estava usando , pego na barra da minha saia que vai até o joelho e abro três botões. Assim, se eu precisasse correr, seria fácil. Verifico se Ana está com a fralda suja ou cheia e, graças a Deus, não estava. Tiro todo o lençol da cama e envolvo sobre ela. Me encolho no colchão, encostando minhas costas na parede. Eu aperto minha filha em meu peito aconchegando-a. Eu tinha que ter fé que nenhum mal nos aconteceria.



Ainda estou na mesma posição vendo Ana dormir plena. Tão ingênua e alheia a tudo que está acontecendo. Ouço a porta começar a abrir e meu coração acelera, começando a bater forte e

aperto mais minha bebê contra mim. Vejo James entrando. Ele para e fica me encarando por alguns segundos.

— Achei que você era mais esperta, Srta. Bernard... — James dá um pequena sorriso sarcástico, e realmente começo a concordar com ele.

— O que você quer? Olha, eu não entendo, nunca te fiz nada. — meu tom é baixo, mesmo morrendo de medo tendo me manter neutra.

— Como eu disse, não é nada pessoal, não com você bonequinha...

— o-o que?

— Vou responder suas perguntas, mas com o tempo, por hora não se preocupe, não queremos nenhuma das duas princesas mortas.

A palavra “mortas” me faz engolir em seco.

— Vamos, levanta! Quero te apresentar a alguém.

Eu fico parada, travada no lugar . Estava com medo demais para me mover. Então ele começa a se aproximar e eu me encolho ainda mais na parede.

— Levanta logo, porra! — ele agarra forte meu braço e me puxa para fora da cama.

— Tudo bem, eu vou... eu vou ! Só por favor, não nos machuque. — caminho com ele ainda segurando meu ombro.

Envolvo meus braços em volta de Ana com mais força e por um momento tenho que suavizar o aperto ou vou machucá-la. Estava nervosa e aflita, mas pela minha filha tento manter as batidas do meu coração reguladas.

Ele me conduz por um estreito corredor branco e subimos uma pequena escada. Posso arriscar dizer que eu estava em um porão subterrâneo ou algo assim. Ele abre uma grande porta de vidro e entramos por um corredor que dá para uma piscina, dentro da enorme casa. Observo tudo detalhadamente, tinha uma cozinha bem em frente e vários sofás brancos perto da piscina. No andar de

cima, havia vários painéis de vidro, fazendo barreiras para outros cômodos. James me puxa para uma escada e eu subo ao lado dele nervosamente.

Ele me senta de maneira rude, em um sofá, perto de umas das paredes de vidro.

— Eu quero que você conheça alguém... — James diz tranquilo e um homem de cabelos grisalhos usando uma muleta entra na sala. Ele se aproxima e se senta em uma poltrona não muito longe de onde estou.

— Lilly, esse é meu tio, Lorenzo Al Capone.

O homem com as tatuagens e roupa preta me encara por tempo suficiente para me fazer querer sair correndo daqui.

— Como vai, Mancare^[1] Bernard...?

Sua voz e seu sotaque me dão arrepios. Ele tem um sorriso cínico no rosto enquanto seus olhos baixam para Ana, e acho que meu coração desceu para o estômago.

— O que vocês querem? Olha, se for dinheiro, eu posso conseguir, só me deixe ir embora com minha filha. —digo trêmula.

Só agora percebo que tinham alguns homens armados em cada canto da sala. Então me remexo um pouco na poltrona, tentando não chorar.

— Dinheiro? No, amore mio..^[2] — Lorenzo inclina um pouco seu corpo para frente. — Eu quero vingança!

Fico confusa, seria mais alguma dúvida de drogas da minha mãe?

— Vingança? — respiro com dificuldade.

— Há 20 anos atrás eu perdi meu irmão... Meu companheiro de vida e ganhei uma perna manca... Sabe por que Srta. Bernard?

Não respondo e Ana acorda começando a ficar irritada com a posição. Ela começa a fazer um bico e chorar. Tento acalmá-la, mas ela estava estranhando o lugar.

— Faz essa porra calar a boca!!! — Lorenzo bate forte sua bengala no chão me assustando, me fazendo dar um pequeno pulo

no sofá.

— Filha... Shh, estou aqui... Não chore, por favor.. — minha garganta arranha e meus olhos enchem d'água porque ela não parava.

Para meu maior desespero, Lorenzo se levanta, pega sua bengala e começa a caminhar em minha direção.

— Se ela não Calar a boca, vou jogá-la daqui de cima.

Meu corpo treme e começo a ficar sem ar. Meu coração está batendo tão forte, que temo ter uma parada cardíaca aqui e agora. Coloco Ana em pé e tendo bater em suas costas de leve, e minha última opção, foi abri dois botões da minha jaqueta e jogar o cropped jeans um pouco pro lado. Ignorando os olhos maliciosos de James, direciono a boquinha dela para meu peito. Meu suspiro sai alto quando ela abocanha com fome, finalmente parando de chorar.

— Ótimo. Onde eu estava caro nipote^[3]..? olha para James tranquilo e estala dois dedos. — Tá, me lembrei, continuando... Em uma noite bastante animada, um idiota entrou na casa do meu querido irmão, matando minha cunhada na frente do filho de apenas 7 anos...— faz uma pausa e olho para James que fica rígido de ódio. E me liguei que a criança era ele...

Meu Deus...

— E não satisfeito, além de atirar em minha perna. Levou meu irmão para tortura-lo e o degolou vivo... Só por uma putinha de merda como você! — pisco sem entender absolutamente nada. Eu só queria sair daqui o mais rápido possível.

— Olha, eu sinto muito... Sinto mesmo, mas eu não tenho culpa disso.. Por favor, deixe-me ir.. — minhas lágrimas caem sem minha permissão.

Lorenzo solta uma gargalhada alta, fazendo os pelos da minha nuca ficarem em pé.

— Você é só uma isca piccola^[4], o que eu quero mesmo, é esse projeto de gente que você segura como sua vida dependesse disso... — seus olhos brilham começando a dar passos lentos em minha direção.

Aterrorizada, levanto-me do sofá, tirando Ana do peito, e ajeitando minha roupa.

— Fique longe da minha filha, seus desgraçados doentes! — corro até um canto da parede e tento me manter em pé.

— Sabe quanto custa um bebê remelento no mercado negro, baby? Isso sim é dinheiro.

Meu Deus, meu Deus, me ajuda. Eles querem traficar Ana... Meu Jesus, por favor, me ajuda.

Única coisa que faço, além de chorar de desespero, é orar.

— Por favor, eu faço o que vocês quiserem se a deixarem em paz!.

— Querido James, você não me disse que queria provar a bonequinha cor de chocolate? Ela é toda sua. — Lorenzo diz sorrindo e James escurece os olhos para mim.

— E-eu... James, por que você está fazendo isso? Pensei que éramos amigos. — choro desesperada.

— Amigos? —ele sorri pelo nariz. — Não sou seu amigo. No começo você era apenas uma distração, porque você não era o foco. Mas no momento que gerou uma Walton, a diversão se tornou melhor...

O que?? Então... Ele percebe minha cara de espanto.

— Sim, Lilly! Você está aqui porque foi Leonel Walton que matou minha mãe a Sangue frio enquanto eu estava atrás dele.. E depois levou meu pai e fez o mesmo. Você entrou no nosso caminho, no momento em que ajudou a filhinha idiota dele fugir de nós.. — fala em um tom amargo.

E me lembro do dia da fuga com Karen no café, onde tinha vários homens nos perseguindo. Senhor amado... Eu não queria acreditar que isso estava acontecendo isso comigo. Eu me lembro do dia da fuga com Karen no café, onde vários homens nos perseguiu. Senhor amado... Eu não queria acreditar que isso estava acontecendo comigo.

— Então você se envolveu com aquele bastardo do Calebe Walton, fazendo com que mudássemos o plano quando você engravidou dele. Sabemos como o vovô Leonel ama sua netinha, não é tio Lorenzo...? — o homem acena ironicamente. — o que melhor para atraí-lo do que uma menininha em defesa? E o melhor, seu namoradinho vem junto. . É como matar dois coelhos com uma cajadada só... Magnífico!

— Veja só, Mancare¹. Como você é uma peça importante para nós. — Lorenzo fala. — Se você colaborar, vou deixar você cuidar da pirralha chorona até que alguém dê um bom lance ela.

—Não, não... Vocês dois são loucos! Não cheguem perto dela ou eu mato vocês!! — grito abraçando Ana, como se eu fosse seu escudo protetor.

Não sei como, mas juro que os mato se tocarem na minha filha.

— Não fica assim querida, Lilly. — James diz caminhando em minha direção, desabotoando os botões de sua camisa, fazendo minhas pernas falharem. — Podemos fazer outra... E quantos você quiser. — sua voz rouca me causa nojo e tenho vontade de vomitar.

Lorenzo sorri diabolicamente quando James está quase me alcançando. Estou tão apavorado que, se fosse possível, eu entraria na parede.

Faltando dois passos para James me alcançar, Lorenzo o interrompe gritando alto:

— JAMES, ELES ESTÃO AQUI... Cazzo!^[5]

E tudo acontece muito rápido. Alguns vidros estouram e eu me agacho no chão, cobrindo Ana, enquanto barulhos de tiros e bombas soam de longe. Ana chora muito, mas tento conversar com ela mesmo em Pânico.

—James! Não esqueça o plano... Atire na cabeça!!! — ouço de longe Lorenzo gritar enquanto canto uma canção de ninar em meio ao choro.

Uma mão segura meu ombro, fecho os olhos e canto mais alto, esperando o pior.

— Lilly... — uma voz familiar soa e eu abro meus olhos. — Céus, Lilly... Você está bem, meu amor? — eu pisco em meio às lágrimas quando vejo Calebe agachado em minha frente com uma arma na mão. — Fizeram algo com vocês? Me diz...

Sem pensar duas vezes, e sem conseguir formar uma palavra se quer. Me jogo em seus braços tomando cuidado com Ana, que ainda estava aos prantos. Ele a tira das minhas mãos, abraçando-a forte e beijando suas bochechas, e então ela começa a parar de chorar.

— Isso mesmo princesa... Não precisa mais chorar seu papai está aqui pra vocês ... Eu estou Aqui!

Já em pé e menos trêmula, dou um soco de leve no ombro dele.

— Você demorou! — resmungo ainda chorando.

— Foi o trânsito sabe... — ironiza dando um sorriso. E mesmo querendo dar outro tapa por brincar numa hora dessas, eu estava feliz em vê-lo ali.

— Você está bem, Lilly? — ele me olha preocupado e confirmo com a cabeça.

— Vamos sair daqui! — ele segura minhas mãos e consigo ver uma cena de guerra e massacre na sala.

Vários homens lutando armados, James estava inconsciente no chão, Leonel estava em outro canto com Lorenzo. E me encolho em Calebe. Ele me guia quase perto da escada e vejo um de seus homens conhecidos. Ele entrega Ana para ele e então olha para mim soltando minha mão.

— Vai, saia daqui!. Ború irá levá-las!

Paraliso.

— O que?? E você?! — minha garganta fica seca.

— Vou ficar bem, eu sempre fico. — ele agarra minha cintura e me puxa, me dando o beijo mais profundo que ele já me deu.

— Vá!! — mas seus olhos se arregalam, assim que olha por cima do meu ombro. — Merda... CORRA COM ANA, BORÚ!!! — ele

grita e vejo o tal Ború, sair correndo com Ana.

Antes eu que possa me soltar dele, sinto seu corpo me girando rápido e um forte impacto de algo atingindo Calebe no ombro por trás, fazendo-me entrar em choque, quando vejo sangue começar a minar de seu braço.

Não, não, não...

— CALEBE..?? — grito em desespero quando ele cai de joelhos em minha frente.

— Lilly... — geme. — Eu estou bem... Você precisa ir.

— Eu não vou pra lugar nenhum sem você! — Eu choro e tento levantá-lo, mas sinto alguém agarrar meus cabelos me puxando para longe.

— Sua vadia, você vem comigo! — James chuta as costas de Calebe fazendo-o cair. Meu peito dói, tudo fica longe, não sei se ele está bem, quero ajudá-lo. Mas James continua me puxando.

—Me solta!!! Ele precisa de mim... Me solta, seu demônio! — grito.

— Vem logo sua puta! — seu rosto está pingando sangue e posso apostar que sue nariz está quebrado.

Então, vendo Calebe caído no chão, uma raiva cresce em mim, a raiva que eu nunca senti na minha vida me consome como a brasa que atíça o fogo. Cansado de ser fraca e com a única opção que tenho. Eu desenrolo a pequena flor do meu anel e levo minha mão para onde James está puxando meu cabelo. E em um movimento rápido, faço vários furos em sua mão. Ele então me solta e eu tento correr. Mas ele é mais rápido e me joga no chão. Eu me arrasto para frente, mas sinto James agarrar e puxar minha perna. Tento chutá-lo com o pé livre, mas o desgraçado o segura firme, me impedindo de fugir. Desesperada, olho para Calebe mais uma vez, e agora meu peito bate forte, observando-o tentar se levantar. Olho para o vidro rachado ao meu lado e uma barra de ferro no chão, e uma ideia passa pela minha cabeça.

— Eu vou com você... Por favor, eu vou!! — eu digo quase sem fôlego para James.

Ele então se levanta com as mãos machucadas e agarra meu braço me puxando para cima.

— Se fizer mais alguma gracinha eu mato você!

Concordo com cabeça e ele volta a me puxar, mas quando chegamos perto da escada, levanto minha mão novamente. Mas dessa vez miro em um de seus olhos o atingindo forte e certo. Ele solta meu braço, então rapidamente aproveitando sua agonia, eu pego a barra de ferro, e seguro seu ombro forçando-o virar de costas para o vidro

Me aproximo depressa do seu ouvido e sussurro:

— Desculpa James... Mas isso não é nada pessoal. — cerro os dentes sentindo ódio.

E com toda minha força miro a barra de ferro no rachado do vidro ao lado da sua cabeça e a enterro fundo, fazendo com que o vidro se estilhaçe em milhares de pedaços e James começar a cair junto com os cacos.

Mas eu não contava que ele alcançaria meu braço. Fazendo-me ir junto com ele, numa queda alta e lenta ao meus olhos... E a última coisa que sinto é o impacto da água gelada da piscina, invadindo meus pulmões.



— Faltou um letreiro brilhante aqui...— digo atrás de uma lata de lixo, que ficava na frente da casa exagerada de James

— Eles estão nos esperando. — Leonel diz ao meu lado.

— Então como vamos entrar sem eles saber que estamos de fato aqui? — Caion que a tinha chegado depois de nós pergunta.

Havia guardas por toda parte . Estamos em bom número também, mas o plano seria nos três entrar primeiro na casa, desligar os alarmes e depois os outros entrariam.

— E simples... — Leonel levanta e se curva sobre a lata de lixo, posicionando sua arma. Ele entrega uma arma para mim e outra para Caion. — São três seguranças, se conseguirmos atirar em todos de uma vez, conseguimos mais tempo.

Eu e Caion nos entreolhamos, mas logo estamos ao lado de Leonel em posição.

—Quando eu contar até três... —Leonel diz calmamente e eu me ajeto. — um...

E antes do dois, destravo minha arma e miro no primeiro guarda atirando na testa dele. Rapidamente faço o mesmo com o outro e antes que o terceiro perceba, ele já estava no chão.

— Três. — digo baixo.

— Você pulou a aula de matemática, caralho? — Caion resmunga revoltado. — Porra, não deixou um pra mim.

Dou um sorriso batendo em seu ombro.

— Seja mais rápido na próxima. — passo por Leonel que não diz nada, e pegamos as roupas dos seguranças.

Foi tudo rápido, logo os amigos mafiosos de Leonel se juntaram a nós e invadimos a casa. Vejo Leonel avançar em um cara com uma bengala.

— Eu deveria ter atirado em sua cabeça, seu verme! — Leonel diz para ele com ódio.

Deixo os dois e meus olhos procuram minha mulher e minha filha. Até vê-las em um canto. Lilly está abaixada no chão e eu vou até ela. Mas um arrombando de merda chamado James entra em minha frente.

— Então o badboyzinho veio salvar a donzela em perigo...?! Que pena que você não vai sair vivo daqui para isso... *Querido irmão.*

Só de ouvi-lo me chamar assim, sinto vontade de arrancar minhas orelhas. Ele dá um sorriso que não chega os olhos.

— O que? Achava que eu não sabia?

— Eu estou de fodendo para o que você acha. Tenho nojo de saber que compartilhamos o mesmo sangue, e não me chame assim. Não me compare com suas porcadas, seu desgraçado!

Com raiva, avanço nele socando-o forte. James revida, e entramos em uma luta corporal de chutes e socos. O desgraçado me dá uma rasteiras e sobe em cima de mim.

— Qual é irmãozinho, não negue seu sangue... Não vai me dizer que não fez com Lilly, o que nosso querido pai fez com vadiazinha da sua mãe.

Filho da puta dos infernos.

Eu chuto suas bolas socando minha arma em seu nariz, tirando-o de cima de cima de mim.

— Nunca mais ouse falar da minha mãe ou de Lilly, seu arrombado de merda!!

Acerto sua cara forte sem intervalos, até vê-lo desacordado no chão. Não queria ser comparado com essa merda, eu amava Lilly e jurei que nunca mais a machucaria.



Quando chego até Lilly e Ana e vejo que elas estão bem. Meu coração fica um pouco tranquilo. Eu só queria tirá-las daqui o mais rápido possível. Até o momento que a beijo e noto o desgraçado de James em pé novamente, apontando uma arma para Lilly. Então rapidamente a giro, me tornando seu escudo. A queimação no meu ombro é forte, me fazendo fraquejar. A dor é tão forte que não consigo impedir James de arrastá-la para longe de mim.

Eu aperto meu ombro com força, tentando estancar o sangramento. Eu não podia deixar que James simplesmente levasse a mulher da minha vida com ele. Cambaleando, consigo me

levantar, no exato momento que a cena da Lilly caindo na piscina com James , fica nítido no meu campo de visão.

Putá Merda, não pode ser!

Leonel me olha em choque de longe, já Lorenzo morto ao seu lado. Então desço as escadas mais rápido que posso. E vejo James sair da piscina com o rosto desfigurado.

Esse capeta não morre logo por que?

Ele pega uma barra de ferro e caminha em minha direção em passos lentos e vacilantes enquanto o sangue escorre de seus olhos.

— Sabe Calebe... Eu te subestimei... Você tem mais dele do que eu imaginava... Ele iria gostar de saber disso. — ele diz com mágoa e sarcasmo na voz ao mesmo tempo que pigarreja.

—Que tal dizer isso a ele pessoalmente quando chegar no inferno ? — eu miro minha arma em sua cabeça, sentindo meus músculos em adrenalina. — Te vejo amanhã no jornal das nove, *maninho*. — trinco os dentes e atiro até vê-lo caído no chão afogado em sua própria poça de sangue.

Jogo a arma no chão e sem demora procuro Lilly e a vejo boiando na piscina. Eu pulo sem pensar duas vezes e mesmo que meu braço esteja doendo e sangrando, eu a alcanço trazendo-a para a superfície e deitando-a no chão. O desespero percorre meu corpo com a imagem de sua boca extremamente roxa.

— Lilly... Pelo amor de Deus Lilly, acorde! — eu aperto suas narinas e cubro a boca dela com a minha, jogando ar duas vezes a cada segundo, enquanto pressiono forte seu tórax — LILLY PORRA.... VOCÊ NÃO VAI MORRER!! Você não tem esse direito !!

Eu sei que Leonel e Caion estão olhando para mim, mas as lágrimas escorrem enquanto faço o mesmo movimento várias vezes em Lilly, para fazer a água sair de seus pulmões. E eu, que nem acreditava em Deus, comecei uma oração silenciosa, ao mesmo tempo que o desespero tomava conta de mim. Mesmo que meu ombro doa pelo esforço, não paro.

— ACORDA...EU PRECISO DE VOCE!! ANA PRECISA DE VOCÊ... POR FAVOR NÃO FAZ ISSO COMIGO... *EU, EU TE AMO!* EU NECESSITO DE VOCÊ, PORRA!!!!

Eu grito tão alto que acho que meus pulmões vão explodir. Quando pensei que seria o fim e que havia perdido para sempre o amor da vida. Todos os meus sentidos voltam quando Lilly começa a golfar , jogando a água para fora. E o alívio enche minha alma.

— Ela voltou...! Ela voltou! — berro olhando para os dois homens ao meu lado, que relaxam suas feições também.

Me abaixo para abraçá-la. Sua respiração é regular me deixando mais feliz eu a aperto como nunca, em meio às lágrimas. Por pouco eu perdi... Por muito pouco.

Eu me abaixo para abraçá-la. Sua respiração é regular, me deixando mais feliz. Eu a aperto como nunca antes, em meio às minhas lágrimas. Por pouco eu a perdi... Por muito pouco.

— Hmm... Calebe...? Você está chorando? — Lilly pergunta com dificuldade e com medo de estar apertando muito ela demais, me afasto um pouco.

— Sim... Sou eu... Você não sabe como eu fiquei com medo de te perder para sempre. Nunca mais faça isso! — eu beijo sua testa me sentindo vivo novamente. — *Eu te amo Lilly*, juro que te amo! — digo com todas frases. Eu precisava que ela soubesse disso o quanto antes.

Ela me olha por alguns segundos e logo dá um sorriso fraco.

— Você pode repetir isso?

Dou um sorriso também.

— Eu te amo, te amo, te amo... — beijo todo seu rosto. — Te amo mais que tudo, Eu te amo tanto... que mesmo se eu dizer isso, todos os dias e horas, seria pouco. — admito.

Ela passa as mãos em meu rosto e sussurra:

— Eu também *te amo*...

Vou beijá-la de novo quando o som de alguém limpando a garganta tira nossa atenção.

Caion, filho da puta.

— Onde está Ana? — Lilly pergunta preocupada.

— Ela está bem. Ansiosa para vê sua mamãe... — digo saindo de cima dela.

Peço para me ajudarem a levantar Lilly, e Caion se aproxima.

— Você nos deu um baita susto, morena... — ele diz para Lilly. — Se você tivesse morrido, Calebe teria se jogado na piscina só para te buscar onde for... — Caion assobia. — Seria como Romeu e Julieta... De uma maneira menos romântica, é claro.

— Cala a boca idiota. — resmungo sentindo a dor do meu braço triplicar.

Sinto Leonel segurar meu outro ombro, ajudando-me a levantar. Olho para ele por um longo tempo e dou uma batidinha em seu peito.

— Obrigado *pai*...

Seus olhos se ilumina mas a única coisa que ele consegue fazer é acenar de volta para mim enquanto me dá um abraço e dessa vez eu retribuo.

— Ai! — resmungo.

— Desculpa, filho. Vamos cuidar desse braço.

— Você está bem? — Lilly já de pé toda molhada, vem até mim preocupada.

— Só o fato de você está viva... Estou ótimo! — eu a abraço com meu braço bom. E começamos a caminhar. — Vamos sair daqui, futura Sra. Walton. — Ela olha para mim, piscando aqueles grandes cílios.

— Você está me pedindo em casamento de verdade dessa vez, Sr. Walton? — eu Sorrio.

— E se eu estiver?

— Devo dizer, que você já foi mais romântico que isso...

Agora dou um sorriso mais sincero. Eu paro e olho para ela. Me afasto dela e me agacho com um pouco de dificuldade, e seu

rosto fica em chocado. Tiro do meu bolso uma caixinha vermelha que carrego comigo desde o dia que fui para nova York. Eu estava esperando a hora certa, e essa hora chegou. Seguro suas mãos e pergunto:

— Quer casar comigo, Lilly Bernard...?

Ela não responde, apenas me olha com surpresa enquanto abro a caixa, com o pequeno anel de noivado brilhante.

— Responde... Pelo amor de Deus. — digo desesperado, prendendo a respiração com medo dela dizer não.

Mas então ela coloca a mão sobre a boca e seus olhos enchem d'água.

— Sim, sim, mil vezes sim!

Solto a respiração, colocando o anel em seu dedo, e ela me ajuda a levantar novamente. Eu me aproximo dela e lhe dou um beijo molhado.

— Não acredito que me pediu em casamento em meio a esse cenário louco. — Lilly resmunga.

Antes que possa dizer qualquer coisa, Caion grita lá de fora:

—Bem-vinda à família Walton princesa...

— Você ficaria surpresa com o quão romântico eu posso ser, *bombomzinho* — digo maliciosamente, dando um tapa na bunda dela discretamente, e eu recebo um cutucão na costela. — Ai! Eu estou ferido!! — brinco, enfim chegando do lado de fora com minha futura esposa.



Capítulo 60

TRILHA SONORA: Loreen – tattoo

Alguns dias depois

Meu rosto está branco de farinha de trigo, minha mesa toda bagunçado. Todo bolo que eu tentava fazer ficava murcho. Olho para Ana, que está brincando com seu chocalho na cadeirinha no chão e me abaixo em sua altura.

— Por que eu não sei fazer um simples bolo, filha?

Ana sorri para mim, chacoalhando mais forte o brinquedo. Me levanto do chão e tento a receita mais uma vez. Quando termino, tomo um banho rápido, limpando toda aquela farinha de mim. Ajeito Ana, tiro o bolo do forno e improviso um recheio. Coloco ele em uma caixa. Troco de roupa, colocando uma blusa branca, uma mini saia e calço um tamanquinho da mesma cor. Vou até o espelho e prendo meu cabelo em um rabo de cavalo baixo.

Pego o carrinho e chamo um Uber. Mas peço a ele que me deixe 10 minutos antes da empresa de Calebe. Eu queria andar um pouco. Tiro o carrinho do porta-malas e coloco a Ana dentro. A caixa com o bolo, coloquei no fundo do carrinho. Ana resmunga um pouco, mas logo começa a curtir o passeio.

Caminho tranquila, fazia tempo que eu não saía de casa. Depois do sequestro, fiquei muito receosa e atenta a tudo. Lembrar daquele dia me faz ter calafrios. Eu realmente pensei que morreria afogada. Afasto essa memória ruim. O lado bom, era que sempre via um guarda costa de Leonel por perto, o que me deixava menos nervosa.

Chego na frente da empresa animado. Eu conseguia me lembrar claramente da última vez que estive aqui e sorrio toda vez que me lembro da cena da cara de Calebe.

Entro no grande prédio e percebo que Ana havia adormecido com o balanço e o movimento do carrinho. Dirijo-me ao elevador, um pouco ansiosa. Chego no andar da presidência, e saio empurrando o carrinho devagar. De longe vejo Caion brincando com o botão da blusa da nova secretária de Calebe de forma íntima, enquanto ele fala algo para ela e ela sorri flertando de volta. Eles estavam quase se comendo na mesa. Não percebendo minha chegada, eu limpo minha garganta alto. A moça ruiva se afasta em um pulo, ficando mais vermelha que pimentão, já Caion não disfarça nada.

— Lilly, querida, você por aqui. — ele fala daquele jeito de sempre.

— Oi Caion.

— Bom dia... Srta. Bernard... Vou dizer ao Sr. Walton, que esta aqui... — a mulher se atrapalha toda para pegar o telefone, claramente envergonhada.

Dou um sorriso. Pelo menos esta não parece mesquinha, como a outra.

— Obrigada.. — pego caixa com o bolo e começo a empurrar o carinho, mas Caion se afasta da mesa e o segura.

— Deixa Ana aqui, eu a Srta. Mash, vamos ficar de olho nela. — olha para secretária, e dá uma piscadela.

— Tá, mas é para ficar de olho nela. Não em outra coisa... — passo por ele batendo em seu ombro levemente, e a moça engasga.

Abro a porta e entro, Calebe está sentado em sua cadeira escrevendo algo com a mão direita. Pois à esquerda havia uma tipoia azul clara. Ele percebe minha presença e me analisa por inteiro, com malícia nos olhos. Ele leva a caneta aos lábios e a morde, e só essa cena já é o suficiente para me deixar quente...

— Se veio chupar meu pau e ir embora com ele duro... Vaza! — diz colocando a caneta na mesa.

Eu mordo minha boca tentando conter um sorriso e me aproximo.

— Quando vai superar isso?

— Nunca! Meu pau sofre até hoje só de lembrar.

Vou até sua mesa e coloco o bolo nela e ele franze a testa

— O que é isso?

— Você não me contou... Mas sei que hoje é seu aniversário. É simples mas fiz com muito carinho... Feliz aniversário! — eu pego o isqueiro

no meu bolso e acendo a velinha em cima. — faça um pedido.

Ele me olha surpreso e começo a ficar nervosa, achando que ele não gostou. Mas logo, ele dá aquele lindo sorriso, e apaga a vela.

— Vem cá... — aponta para o colo e eu dou a volta na mesa, sentando com cuidado para não machucar o braço dele.

Calebe pega minha mão esquerda e passa os dedos pelo anel em meu dedo anelar.

— O que eu quero já se realizou. Eu não preciso de mais nada. — ele segura meu queixo, me dando um pequeno beijo. — Mas obrigado, adorei o bolo. Agora eu quero meu presente... — sussurra, passando as mãos nas minhas costas.

— O que..? Não tem mais presentes... —digo meio sem graça, achei que o bolo já o deixaria contente.

— Tem certeza? Não sei não... Tem uma gostosa em cima de mim que pode me dar um presente bem delicioso.

— Calebe... O médico disse, n-nada de esforço... — tendo falar, quando ele puxa meu rabo de cavalo levemente, fazendo minha cabeça prender para trás, e sua boca faz pequenos chupões em meu pescoço. Eu fecho minhas pernas tentando controlar minha excitação.

— Não vai ser meu braço que vai se esforçar, bombomzinho... — ele diz rouco. — Vai, por favor... Já faz cinco dias, eu estou enlouquecendo, e você está muito comestível hoje. — como estou sentada de lado, ele desliza a mão por baixo da minha saia e apalpa minha bunda.

— Calebe... — suspiro assim que sua mão encontra minha calcinha molhada.

— Merda... Olha só isso aqui. — ele fecha os olhos enquanto enfia os dedos em mim e mordo meus lábios, sentindo minhas entranhas latejando.

Droga, como resistir a isso?

— Senta na mesa! — Calebe abre o olho, me encarando com os olhos escuros e profundos.

Sem protestar, me levanto de seu colo me sentando na mesa à sua frente. Ele força a cadeira para frente e com a mão livre, passa os dedos pela minha coxa.

— Você é tão linda e cheirosa, meu amor... Amo tudo em você. — Ele olha para cima e encontra meus olhos. —Agora abra as pernas!

Eu faço isso e ele puxa minha coxa para seu ombro, empurra minha calcinha para o lado e abaixa um pouco a cabeça para me chupar. Ele começa a lamber toda a superfície e logo depois me fode com a língua. Eu jogo minha cabeça para trás com a deliciosa sensação. Calebe abocanha com força e sua língua sobe para o meu clitóris. Eu trago minha mão ao meu peito por cima da blusa e o aperto, sentindo meu ventre queimar, e tive que reprimir um grito, quando gozei em sua boca.

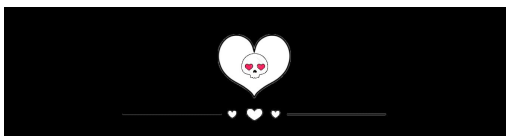
Ele se levanta rapidamente e, um pouco desajeitado, começa a abrir a calça com apenas uma mão. Eu o ajudaria se não estivesse com meu corpo ainda tremendo pelo orgasmo. Calebe se aproxima, tira os sapatos dos meus pés e envolve minhas pernas em volta de sua cintura, guiando seu pau extremamente duro para minha vagina. Hoje seria a primeira vez que transaríamos depois do ocorrido com os italianos. Então eu também estava ansiosa.

— Pronta? — ele pergunta puxando meus lábios com os dentes enquanto esfrega seu pau pelo meu ponto sensível, me deixando sem ar.

— S-sim... — então ele dá um passo à frente, e eu agarro a mesa no momento em que seu pênis desliza para dentro de mim.

— Porra... — Calebe geme e passa a mão pelas minhas costas, começando entrar e sair forte.

Nem eu entendia como ele estava nos firmando com apenas uma mão. Mas Foi incrível, cada movimento foi único e gostoso, assim como ele..



Eu me limpo com o lenço que ele me deu enquanto ele sorri para mim e me dá um beijo.

— Eu te amo — Adorava ouvi-lo dizer isso.

— Te amo também, seu tarado... — pego meus sapatos e calço. — Sabe, estou pensando em fazer aquelas greve de casamento... Você está muito assanhado. — eu digo ajeitando minha saia no lugar.

— O que? — Calebe fica sério.

— Sim, olha, é bonito... Assim os noivos ficam com mais saudades e aproveitam muito mais a lua de mel. — Eu mordo minha boca esperando por sua reação.

— Que porra de saudade. Eu não aguentei ficar nem cinco dias direito sem você. A não ser... — ele arqueia uma sobrancelha e faz uma pausa dramática. — A não ser que nos casemos o mais rápido possível... E isso aí! Nós nos casamos mês que vem!

Paraliso.

— COMO É? Tá doido Calebe? A gente não conversou sobre uma data ainda. — Eu só estava brincando sobre a greve, não era isso que eu estava falando.

— Estamos conversando agora, e está decidido. — Ele circula algo em sua agenda e me mostra uma data.

Fico parada sem acreditar e quando vou falar algo, o telefone dele toca, Calebe atende.

— **Já estamos indo...** — ele diz ao telefone e depois olha para mim.

— Ana acordou.

Ele me ignora deixando-me ainda petrificado e volta minutos depois com Ana nos braços.

— Fala para mamãe que ela pode fazer até greve de fome... Mas do papai ela não escapa. Nunca mais! — Calebe diz olhando para mim intensamente, e meu coração se derrete todo.

E se naquele momento ele dissesse que nos casaria amanhã...eu estaria de véu e grinalda pronta para isso.



UM MÊS DEPOIS

Dia do casamento.

— Lilly, eu estou te procurando, amiga... — Karen entra no quarto quando saio do banheiro limpando meus lábios.

— Eu estou aqui...

Karen me analisa e coloca a mão sobre a boca, com os olhos marejados.

— Meu Deus... Você é a noiva mais linda que eu já vi!

— Você desenhou o vestido... Talvez seja por isso.

Sorrio me olhando no grande espelho. Aliso o vestido que minha amiga fez para mim, mesmo tudo sendo feito cima da hora. Karen fez de

tudo para que ficasse perfeito do jeito que eu queria. Eu me senti muito bonita hoje. Observo minha maquiagem e meus cachos um pouco presos em um penteado delicado.

— Não é por isso, Lilly. Você está realmente deslumbrante !— ela me abraça.

— Obrigada... Por tudo Karen.

— Eu que agradeço por ter entrado em nossas vidas. — ela enxuga os olhos. — Nem em toda minha vida, pensei que veria isso, para mim Calebe ia morrer casado com um carro ou uma fábrica de cigarro. — Sorrimos e tendo não chorar.

— Eu que ver Ana antes de entrar. —estalo os dedos. — Eu estou muito nervosa... — e não era só pelo casamento em si.

— Vou buscá-la, ela está com minha mãe.

Eu ando de um lado para o outro tentando me acalmar.

— Calma, Lilly... É só um casamento... — passo a mão por minha testa suada. — Seu casamento! Droga... — eu me abano com minha mão quase tendo um treco.

Karen entra com Ana, que estava com um vestido leve branco e com uma tiara de flores sobre sua cabecinha. Eu pego de Karen e dou um beijo nela.

— Vou buscar meu pai. — Karen sai.

Eu sinto seu cheirinho, tentando me acalmar. Ela tinha acabado de completar quatro meses, tão pequena... Sinto meu estômago revirar novamente. Pego alguns travesseiros, colocando-os no chão perto da porta do banheiro e ponho Ana em cima, entrando com cuidado para não sujar o vestido, agacho-me sobre o vaso e vomito.

Merda. Eu tinha que estar passando mal justo agora.

Escovo os dentes e retoco o batom, saio e Ana me encara com aqueles olhos de jabuticaba, dando um sorriso banque-la.

— Isso não é engraçado, pequena...— resmungo pegando-a dos travesseiros, e ela faz uma beicinho, ameaçando a chorar pela forma como falei..

— Tudo bem, tudo bem. É engraçado. Só não sei, se seu pai vai pensar assim... — meu peito encolhe de ansiedade e fico mais nervosa.

Karen chega com Leonel, e eu entrego Ana para ela novamente, ajeitando os babados do seu vestidinho.

— Ah, aí está você, filha... Tão linda. Calebe escolheu bem. — ele pega minhas mãos e me dá um sorriso simpático. — Obrigado, Lilly, de verdade. — Posso ver por trás de sua máscara de homem sério. Alguém que, apesar de tudo, ama muito sua família. Eu aceno para ele tentando não chorar.

— E então, está pronta? — pergunta Leonel, estendendo o braço para mim. Inspiro e expiro três vezes seguidas e seguro seu braço.

— Sim.



A música toca e estamos na virada da porta, e tento me recompor.

—Relaxa. Isso também está o deixando nervoso. — Leonel diz sorrindo.

Mordo os lábios quando finalmente entramos com a macha nupcial. Eu olho para cima e meus olhos encontram os de Calebe. Seus olhos são brilhantes e ele me dá um lindo sorriso e retribuo timidamente. Observo seu terno branco feito sob medida, suas mãos estão à sua frente e, graças a Deus, ele já tinha tirado a tipoia. Nossos olhos não se desviam até eu chegar perto do altar. Calebe abraça seu pai e me beija na testa, enfim enlaçando nossas mãos, terminando de me guiar até o altar.

— Você está linda. — Calebe sussurra em meu ouvido.

— Obrigada.

— Você está pronta para se tornar a Sra. Walton? — Olho para ele e dou-lhe outro sorriso.

— Estou mais do que pronta... — digo, finalmente parando na frente do pastor

Ele começa dizer algumas coisas, mas não consigo prestar atenção em nada, pois estava muito nervosa ainda.

— Que cara é essa Lilly? Você está suando.— Calebe pergunta, notando minhas mãos úmidas. — Aconteceu alguma coisa?

— Preciso te contar uma coisa... Mas estou com medo. — admito baixo.

Calebe olha para o pastor que ainda está tagarelando olhando para os convidados.

— Você está me deixando nervoso. — Ele aperta minha mão com mais força, e eu juro que se ele não estivesse as segurando, eu estaria

estalando meus dedos agora.

— Lilly, me diz o que está acontecendo, você está com uma cara horrível.— eu olho de um lado para o outro, e me inclino um pouco sobre meus saltos para alcançar seu ouvido.

— E-eu, eu estou grávida... — abaixo minha cabeça para chão, nervosa e com medo de sua reação.

Com o sequestro esqueci de tomar o anticoncepcional. E minhas contas batem com o dia do aniversário de Calebe. Sim, o filha da mãe me engravidou em cima da mesa do seu escritório.

Ele solta minha mão e eu não quero olhar para seu rosto ainda. Mordo meus lábios com força quando sinto sua mão puxar minha cintura para mais perto dele. Então eu olho para ele vendo-o sorrir. Discretamente, ele aproxima a boca do meu ouvido e diz com voz rouca:

— Eu sempre quis comer uma grávida.

Eu o cutuco de leve, soltando minha respiração. Por fim, o pastor vira-se para nós dois, dizendo-nos que era hora dos votos. Então pego meu rascunho e o microfone que o pastor me deu. Seguro a mão de Calebe e olho para ele, tentando não chorar.

— Calebe Walton, quem diria que um cara metido a bad boy idiota, conseguiria entrar no meu coração. — ele sorri, e eu limpo minha garganta. — Apesar de tudo que passamos, eu estou aqui para iniciar essa nova etapa de nossas vidas. Hoje eu te aceito como esposo. Prometo te amar com toda ternura do meu coração. Prometo elogiar toda vez que você fizer uma comida gostosa, porque amo tudo que você faz. Prometo minha eterna companhia. Apesar de querer socar sua cara as vezes, eu sempre vou estar aqui por você e para você.

Ele olha para mim e eu não desvio o olhar, *eu o amava tanto*.

Ele pega o microfone de mim, e sem nem olhar para nenhum papel, ele começa.

— Meu, *bombomzinho*. — não acredito... Minhas bochechas queimam e coloco a mão no rosto. — Olhe para mim, meu bombomzinho — ele pede e as pessoas fazem um “woou” e finalmente eu olho envergonhada.

— A partir de agora que irei dividir minha vida com você, prometo ser fiel e sincero, cuidar de vocês com carinho, amor e dedicação. Eu prometo que você será o motivo de todos os meus sorrisos verdadeiros. Prometo ser o melhor pai e marido... Eu prometo sempre dizer o tanto que fica linda

quando está zangada comigo. Como suas covinhas são fofas quando me repreende... Estarei ao seu lado na cama, mesmo quando não restar um centímetro de coberta em cima de mim... — eu sorrio em meio às lágrimas, e Calebe enxuga minha bochecha. — Eu prometo que por você, eu andarei pelo fogo e pela chuva se isso significar nunca te perder.. Prometo te amar daqui até a eternidade, porque o infinito ainda será pouco para medir meu amor por você.

Eu não consigo me conter e o abraço em meio às lágrimas.

— Calebe, você aceita Lilly como sua legítima esposa?— pergunta o pastor.

— É óbvio que sim! — ele diz.

— Lilly, você aceita Calebe como seu legítimo esposo?

Eu olho para ele, faço uma cara indecisa e mordo meu lábio.

Calebe se inclina um pouco no meu ombro e diz :

— Juro que se você falar não, eu vou rasgar todas as suas calcinhas, uma por uma...

Sorrio, então logo estou gritando um “sim” Mesmo querendo que ele cumprisse sua ameaça...



— Eu não puxo o cobertor... resmungo

Enquanto danço com meu marido.

— Não tem como você saber disso, você está dormindo. — Calebe beija minha bochecha, e começa a pisar no meu pé.

— Por que está pisando em mim? — pergunto, já que ensaiamos essa dança algumas vezes.

— Pra você desistir de ficar aqui dançando, e deixar eu te levar para o quarto lá de cima, e ver quantos nós preciso desfazer desse lindo vestido, para encontrar meu presente de casamento... — Morde o lombo da minha orelha.

— Calebe... Tá todo mundo olhando... — dou um sorriso forçado para uma senhora do nosso lado.

— Todos aqui sabe que hoje vou devorá-la a noite toda, bombomzinho... Não fique com vergonha, Sra. Walton.

Deus, olha o homem depravado que eu me casei.

— Você é inacreditável. — digo em seus lábios.
—Não meu amor, eu sou louco por você!



Observo de longe a Lilly dando mil e uma instruções para a Karen e o Leonel sobre a Ana, eu já tinha a enchido de beijos. Mas Lilly ainda está lá, quase chorando por ter que passar três dias longe dela. Eu também sentiria sua falta. Mas nós dois precisávamos de um pequeno sozinhos. Eu estava ansioso para tirar aquela porra de vestido dela. Ela estava tão gostosa e linda que meu pau dói de imaginá-la toda pelada. A filha da puta me deixou três semanas sem sexo, e eu estava para subir pelas paredes. Há mais ela iria me pagar.



Quando chegamos perto da porta, pego Lilly nos braços, que fica assustada, mas logo sorri. Abro a porta e a coloco no chão. A suíte nupcial era luxuosamente toda branca e muito grande. Escolhi justamente por ter muito espaço, onde eu degustaria minha linda esposa em cada centímetro do quarto. Lilly está de costas para mim, então me curvo um pouco, dando beijos em seu lindo pescocinho.

— Eu já te disse que te amo hoje? — eu pergunto, afastando seu cabelo para o lado enquanto beijo seu ombro.

Lilly vira seu rosto um pouco para mim.

— Sim, há cinco minutos atrás... — ela geme quando mordo seu pescoço, deixando uma marca vermelha ali.

— Foi há tanto tempo assim?

— F-foi — desço levemente a alça do vestido dela.

— Posso te mostrar todo meu amor, de uma forma deliciosa. — rosnei, sentindo meu pau agoniado.

— P-pode?

— Só fica quietinha um pouco...— puxo os laços do vestido atrás que estavam bem presos e impaciente rasgo alguns. Foda-se, eu preciso senti-la.

O vestido cai a seus pés, revelando uma lingerie toda branca, e eu assobio em aprovação.

— Sra. Walton, isso deveria ser considerado pecado... Porra de mulher gostosa. — eu a viro para mim, tomando seus lábios, montando-a em cima de mim e levando-a para cama.

Eu a deito beijando delicadamente todo o seu corpo, dando mais atenção para sua barriga ainda lisa. Quando ela me disse que estava grávida, eu fiquei feliz. Fui um idiota quando a engravidei pela primeira vez. E isso significava que agora eu teria todas as suas fases para mim. Eu queria todos os filhos que ela pudesse me dar. Porque a amava demais. Se Lilly quisesse um time de futebol, eu daria a ela um time de futebol inteiro.

Sem pressa, eu tiro sua calcinha devagar e ela me olha surpresa por eu não ter rasgado. Com a ponta do dedo abri sua boceta e usei minha língua para dar a ela seu primeiro orgasmo da noite. Quando isso acontece, eu a abro mais para mim, jogando suas pernas, ainda em seus saltos brancos, por cima do meu ombro.

— Eu poderia chupa você para sempre que nunca me cansaria disso... — Chupei seu clitóris com força, dando pequenas mordidas, e ela atingiu seu segundo orgasmo.

Lilly ainda estava tremendo quando tirei minhas roupas, sentindo meu sexo dolorido e ansioso. Entrei rapidamente entre suas pernas, penetrando-a dolorosamente devagar e ela arqueou as costas para cima.

— Ohh, Calebe... Céus...

— Sim, eu te levarei para lá, especialmente onde as estrelas ficam, Sra. Walton.

Deslizo minhas mãos para dentro do seu sutiã de renda e aperto forte seus peitos, enquanto começo a enfiar com força, beijando-a como louco e apaixonado que eu sou por ela.

— Sinta como eu te amo, *bombomzinho*...

Eu rapidamente saio dela virando-a de quatro. Sua bunda era a visão dos deuses. Pego o lubrificante que sai de sua boceta e meço meus dedos passando-os por todo seu pequeno Butão, e antes de me enfiar nele. Eu encaro Lilly, esperando por sua permissão. Ela acena e eu entro devagar, e

desta vez desliza. Lilly fica rígida na medida que empurro meu pau para dentro.

— Relaxa, dessa vez, prometo que não vai doer...

Enfio um pouco mais em seu cuzinho apertado enquanto a masturbo com meus dedos, Lilly então relaxa quando estou todo dentro.

— Vou me mexer, bombomzinho... — aviso, segurando suas nádegas e movendo ainda devagar. — Está doendo? — pergunto com a voz rouco e quase sem fôlego.

Eu deslizo dois dedos em sua boceta e corro um polegar rápido em seu clitóris tentando me manter lento.

— N-aão tanto... Hmmm... só é... É estranho...— ela diz com um pouco de dificuldade.

— Um estranho bom? — começo a ir um pouco mais rápido.

Putá merda que delícia essa mulher poderia ser em todos os sentidos.

— S-sim...

Logo Lilly goza e eu também. Não dou descanso a ela. Eu a levo para o banheiro só para fazê-la gozar de novo e de novo. E mesmo assim, não foi o suficiente. Quando voltamos para a cama, puxei-a para cima de mim, e meu pau me agradeceu por entrar cada centímetro em sua boceta deliciosa novamente.

— Deus... — gemi alto, tomando tudo daquela mulher viciante, enquanto puxo sua boca para mim, beijando-a faminto. — Eu te amo mulher! Te amo pra caralho...

— Eu... Eu... Também te amo. Oh Meu Deus..! — Lilly grita a cada estocada forte que eu dava.

Fiz amor com ela a noite toda, e Lilly me presenteava com deliciosos gemidos toda vez que nossos corpos se uniam como um só. Não havia Lilly ou Calebe naquele quarto. *Havia apenas nós.*



6 MESES DEPOIS

— Aposto 10 mil dólares que é outra menina. — Caion diz ao meu lado no carro.

— Eu aposto 50! Eu tenho certeza que é outra menina. — Leonel diz atrás, olho pelo retrovisor ele brincando com seu anel tranquilo.

Eu estava saindo da empresa, indo encontrar Lilly no hospital. Hoje íamos descobrir o sexo do bebê. Eu estava muito apreensivo, e todos queriam ir.

— Pode ser um menino... — digo nervoso e meu pai pigarreja.

— Pobre coitado, tenho é dó de você,

Filho. — Ele sorri e Caion também.

Ignoro eles revirando os olhos, tentando me manter calmo.



Quando chegamos, estaciono meu carro e todos descem. Valeria e Karen já estavam lá. Vejo Lilly brincando com Ana em uma cadeira. Sua barriga está tão grande e saliente, que às vezes eu pensava que não era só um bebê ali dentro. Ela era de fato a grávida mais linda do mundo. Adorava passar a mão na barriga dela o tempo todo. Eu arrumo meu casaco e me aproximo dela dando-lhe um selinho.

— Cheguei, meu amor. — aviso pegando Ana de seus braços, ela estava tão fofa com seus cachinhos crescidos.

— E então? Pronto ? — Lilly pergunta.

— ... Eu acho que sim. — entrego Ana ao meu pai e respiro fundo. Pego a mão de Lilly e entramos na sala.

Lilly deita, abaixando um pouco a legging e o Doutora pega um gel e coloca na barriga dela, logo em seguida, ela coloca um aparelho em cima.

— Pais de primeira viagem? — A Dra. Pergunta olhando para nós.

— Não... Já temos uma princesa... — Lilly responde sorrindo.

—Hmm... — a mulher resmunga, olhando em uma mini TV.

Eu franzo a testa, tentando ver alguma coisa, e tudo que vejo são rabiscos preto e branco. Tento forçar os olhos e nada. Porra... Como eles sabem que tem um bebê ali ?

— Algum problema? — Lilly parece preocupa com a fala da médica.

— Não exatamente... Mas vocês sabiam que são dois bebês? — pergunto e eu engasgo.

— O QUE??? — Lilly eu gritamos juntos.

— Impossível, doutora! Disseram-nos que era apenas um... — Lilly diz confusa e chocada.

— Deve ter sido porque você estava muito recente ainda... E eu só vi o outro com muita dificuldade. Bem, elas estão bem grudadas, e uma está escondida atrás da irmã. — ela sorri simpática.

— Elas?! — Estou sem fôlego, sentindo-me tonto. Eu cambaleio um pouco para trás, quase derrubando tudo o que estava na mesa ao meu lado.

— Sim, Sr. Walton, são gêmeas... Mas duas mocinhas para seu time, parabéns!!

Eu acho que vou ter um ataque cardíaco, preciso me firmar em algo, preciso de água. Está faltando muito ar em meus pulmões.

— Calebe... Você está bem? — Lilly pergunta, rindo.

— Preciso abri uma fábrica de fuzis urgente...!

Lilly continua rindo, e então a ajudo a descer da cama.

— Eu acabei de perder 60 mil dólares em dobro. — resmungo, ainda sentindo minha pressão baixa.

— Está triste? — Lilly me olha com a carinha meio triste e então tento me recompor. Eu paro no corredor e seguro seu queixo, levantando-o para mim.

— Não meu amor, eu sou o homem mais feliz do mundo! Agora eu não terei só uma mulher da minha vida. Eu terei quatro! Obrigada por isso. — beijo-a delicadamente e em seguida beijo seu nariz.

— Eu te amo.— Lilly diz passando a mão no meu peito.

— *Eu te amo mil vezes mais, meu bombomzinho.*



5 ANOS DEPOIS

— Leo, meu amor, se você não ficar quieto, você não vai para casa do seu avô hoje. — tento não soar dura com meu pequeno de dois anos. Estava tentando vesti-lo, mas o menino não ficava parado de jeito nenhum.

Sim, tivemos um menino depois das gêmeas, e me lembro perfeitamente de como chorei quando descobri mais uma gravidez.

“Eu estava duas semanas atrasada. Luna e Vitória tinham acabado de fazer três anos e Ana, quatro. O nervosismo e o pavor tomou conta de mim com o fato de ter outro bebê . Calebe não me dava sossego, me fazendo confundi até os horários dos anticoncepcionais. Meu humor estava insuportável ultimamente. Decido deixar as meninas na casa do Leonel por hora e elas amaram a ideia. Quando chegamos, subo ao quarto delas e se não estivesse tão nervosa, brincaria com elas o dia inteiro naquela quarto enorme, Leonel fez questão de triplicar só para as meninas, por isso ele sempre vivia uma bagunça.

Ligo para a empresa e digo que não iria trabalhar hoje. Como havíamos mudado para uma casa maior, entrei rapidamente com dois testes de gravidez na mão. Vou ao banheiro e faço xixi neles. E confirmei que não era só paranoia minha quando vi o positivo, era sempre certo, uma semana sem anticoncepcional. Nove meses grávida...

Grrr.

Olhei para os testes e comecei a chorar como uma idiota. Jogo um dos dois testes no lixo e subo para o meu quarto. Eu me sentia sensível, então deitei na cama e chorei até dormir. Até que um grito me assusta. E eu acordo.

Merda, por quanto tempo dormir?

Esfrego meus olhos ainda meia Sonolenta e vejo Calebe entrando com algo na mão.

— Amor... ISSO AQUI É...— ele está com o teste de gravidez na mão, com o semblante um pouco confuso e surpreso, então começo a chorar de novo.

Ele se aproxima.

— Ei, não chora. — ele me abraça. —Porque você está chorando?

— Você me engravidou de novo... Agora vou ficar gorda e feia de novo por meses... — enxugo meu nariz na roupa dele enquanto choro manhosa.

Calebe sorri e tenho vontade de socá-lo.

— Eu amo você grávida, e se depender de mim, vamos construir uma nova civilização... — eu o encaro incrédula e me afasto um pouco. — Eu estou brincando...

Não. Ele não estava.

— Eu não acredito em você. — fungo estreitando meus olhos.

Calebe me puxa da cama segurando minha cintura e me beija.

— Não deveria acreditar mesmo, bombomzinho. — morde meus lábios. — Vamos resolver esse mau humor seu... Não quero grávidas irritadas. E o papai aqui, sabe o melhor remédio pra Isso...

Aí ele me pega no colo e me deita de leve na cama, iniciando um beijo lento e doce. E me derreto em seus braços, esquecendo até o pôr do sol que estava de mau humor.

Logo ele me pega no colo e me deita de leve na cama, iniciando um beijo lento e doce. E me derreto em seus braços,

esquecendo até o do por quê eu estava mal humorada...”

— Prontinho, agora está lindo , filho. — digo terminando de vesti-lo e ajeitar seus cachinhos.

Eu amava o fato de todos terem nascido com cabelo cacheado.

Termino de passar um batom em mim, pego Leo e saio do quarto. Eu o coloco no chão e ele corre para a sala, sentando-se ao lado de suas irmãs no grande sofá. Observo Calebe de longe terminando de fazer uma trança em uma das gêmeas. Ele ficava responsável pelos cabelos e eu pelas roupas, ou vice-versa, como era muita criança e a gente optou por não ter babá, tinha que ser assim. Mas era sempre engraçado e fofo, ver a concentração dele realizando aquelas tarefas.

Vitória e Ana já estavam prontas, só esperando para sair. Hoje seria o primeiro dia de aula delas e o Leo iria para a casa do avô, pois agora eu era dona da minha própria empresa de modelos e precisava trabalhar.

Encosto-me na porta, quando Calebe analisa cada uma das crianças, sentando-as uma ao lado da outra. Ele vai até Leo e aperta mais o nó de seus cadarços e lhe dá um pequeno beijo na testa. Ele ainda não percebeu minha presença atrás dele. Vejo Caleb ficar no meio da sala.

— Atenção aqui no papai... — Ele bate uma palma e todos ficam olham para ele. Fico surpreso que até o pequeno Leo, que é puro fogo, presta atenção.

— Vamos repassar as instruções... Ana, Luna e Vick ... O que papai falou sobre meninos?

— Meninos não prestam...! — as três dizem juntos, e eu mordo meus lábios para não ri.

— Certo! Ana... — aponta para a mais velha. — O que deve fazer, se algum garoto puxar seu cabelo ou jogar fumaça de algum cigarro em você?

Ok, aquilo foi muito específico.

— Devo chutar bem no meio das suas pernas, papai. — ela faz um movimento com o joelho muito fofo, e posso apostar, que ele ficou horas falando isso para elas gravarem.

— Luna e Vick, e se ele pedir para fazer o dever dele?

— Vamos dizer, d-dizer... Hm... — Luna gagueja tímida, mas Vitória a interrompe.

— Vamos dizer que ele não é aleijado... E se caso ele for, que faça com os pés!

Putá merda... Mordo mas forte minha boca, com a gargalhada querendo vir.

— Leo e qual sua função?

Serio que ele meteu ate o pequeno Leo nisso?

— Eu tenho que proteger minhas irmãs.

— Isso! E o mais importante... — então todos, até Calebe diz em um coro. — Manter 10 metros de distância de qualquer garoto que não seja o Leo!!!

Saio da porta caminhando até ele e bato em seu ombro de leve.

— Dou cinco minutos para todos esquecerem tudo que foi dito nessa sala... — dou-lhe um beijo rápido na bochecha.

— Eu estou mesmo ferrado, não estou?— Calebe resmunga.

— Está! Mas veja pelo lado bom... Você terá três genros de uma só vez.

— Merda...

— Papai, não pode falar essa palavra feia. — Ana o repreende.

— Desculpa, filha...

Eu olho para os meus filhos, um de cada vez. Tão lindos e crescidos. Calebe me abraça admirando-os comigo.

— Eles são lindos, não são?

— São nossos filhos, bombomzinho, claro que são lindos.

— Mamãe, você está muito bonita! —Luna diz pegando sua boneca no chão.

Eu me agacho e aperto um pouco mais a chuchuzinha de suas tranças.

— Obrigada princesa, você também está... Todos estão maravilhosos!

Nos preparamos para começar o dia. Calebe levaria as meninas para a escola e eu levaria Leo para a casa de Leonel. Eu beijo minhas meninas e digo a elas para serem boas alunas.

Antes de cada um ir para o carro, Calebe vem até mim e me dá um beijo.

— Você realmente está muito linda, Sra. Walton... — faz um beicinho, olhando descaradamente para meu decote.

— Calebe, as crianças... — digo, vendo-as olhando curiosamente para nós em suas cadeirinhas.

— Ok, mas à noite, você não me escapada. — Nos beijamos e sigo viagem para casa dos Walton.



Pego Leo e bato na porta, logo o Sr. Leonel abre.

— Ah, meu campeão chegou. — ele leva Leo.

— Vovô, vamos blincar de calinho hoje? — o pequeno pergunta.

— Mas é claro, Vovô até comprou outros modelos para você e o Beto.

Olho por cima do seu ombro, vendo Beto um pouco tímido. Ele era filho de Karen e Marcos, de apenas um ano.

— Olá, Beto... — aceno um tchauzinho para ele. Karen provavelmente já estava na empresa.

Dou várias beijos em Leo e vou para meu trabalho. Karen e eu éramos sócias. Eu não segui com carreira de modelo, era mais

um hobby. Minha paixão mesmo era administrar.



— Eu vi o pequeno Beto, ele está a cara do pai. — digo entrando na sala de Karen. Ela estava mexendo em um tablet e vestia um casaco rosa claro.

— Sim, eu só fui a barriga de aluguel — ela sorri.

Eles haviam se casado há dois anos atrás e estavam felizes.

— Entendo perfeitamente o que é isso... — balanço a cabeça rindo, me sento e começamos a trabalhar.

O dia foi bastante produtivo, meu negócio estava dando muito certo, e estava muito orgulhosa da mulher que eu me tornei.



— Pronto, todos dormindo. Leo foi último a fechar os olhos. Aquele garoto precisa de cinco doses diária de suco de maracujá! — Calebe resmunga entrando em nosso quarto, quando eu acabei de sair do banheiro.

Sento-me na cama e o encarando. Ele era o melhor pai do mundo de fato, e eu o amava mais por isso.

— Hmm... estava me esperando? — seus olhos caem para a toalha que me cobria.

— E o que te faz pensar isso, Sr. Walton? — abro minhas pernas lentamente e ele caminha até mim.

Calebe para na minha frente e eu levanto minha cabeça para encará-lo. Dou um pequeno gritinho quando ele se inclina e eu sinto sua mão encontra minha carne molhada.

— Porque sua boceta molhada te denuncia.

— I-isso... não quer dizer nada... — eu provoco, e ele empurra os dedos para dentro de mim, fazendo-me jogar a cabeça para trás.

— Mentindo, Sr. Walton? Tsc, tsc, que feio... — ele rosna se inclinando sobre mim e me beijando. Logo ele desfaz da minha

toalha e passeia aquelas mãos maravilhosas por todo meu corpo.

— Eu sou o homem mais sortudo do mundo, olha só o que eu tenho só para mim..

Ele tira suas roupas e me cobre com seu corpo me roubando gemidos de prazer.



Depois de gozarmos inúmeras vezes, deito em seu peito e sussurro baixinho:

— Eu te amo.

Calebe beija minha cabeça, e antes de fechar os olhos e dormir, ele diz :

— Eu te amo mil vezes mais, meu bombomzinho.

Afasto um fio de cabelo de sua testa vendo-o dormir, o coitado parecia cansado. Eu sorrio me sentindo boba. Cubro seu corpo com o cobertor, e me alinho mais em seu peito, abraçando-o com força. Não poderia estar mais feliz do que estou, tenho filhos maravilhosos, o melhor marido do mundo.

O que mais eu poderia querer nesta vida? Absolutamente nada!

Pois eu havia me rendido ao bad boy.

Fim.

Agradecimento

Chegou ao fim mais uma história. Com o peito doendo de saudade, eu vim lhes dizer, *até breve*. Foi uma honra escrever essa história que tanto me cativou, ver a evolução de cada um mexeu com meu coração de autora, Calebe e Lilly de longe são os personagens mais bem construídos por mim.

Obrigada as minhas Lindas amigas virtuais Gyovanna e Geovanna . Por me ajudarem na construção de mais um livro.

Ao meu esposo por me apoiar , mesmo sabendo que me apaixono por meus personagens literário.

Obrigada a vocês, meus leitores amantes de um romance obscuro, por embarcarem comigo nessa obra viciante que assim como eu e Lilly , se rendeu ao bad boy.

Obrigada.

REDES SOCIAIS

Instagram : @laryymfic

Tik Tok : @Laryymficc

Leia também :



Propriedade do fazendeiro

**Aviso : Essa obra é um romance Dark, onde há personagens com características duvidosas e de mal índole.
Esse livro contém cenas de sexo explícito, violência sexual, cenas com gatilhos, que podem causar muito incômodo.
Não leia se for sensível!!**

Sinopse :

Os pais de Melicia Izzie , estão fugindo de algo muito grave. E como não conseguiram levá-la com eles, o pai de Mel, cobra um favor ao mais renomado fazendeiro Arthur Duarte, para cuidar dela por três anos.

Porém, o homem frio e bruto, só aceita ficar com a garota se ela se tornar sua esposa.

Melícia , é ingênua e não conhece nada da vida.

Arthur, tenta ficar longe dela. Mas seu lado escuro e obsessivo, fala mais alto.

Será que Melicia conhecerá o amor ou seu pior pesadelo?

“Ela era um anjo, mas eu quebrei todas as suas asas”



Eita,que você ainda vai ser Meu.

***Spin-off de propriedade do
fazendeiro***

Aviso : Para maiores de 18 anos

Sinopse

Lisa Lima, mais conhecida como Lis. Tem uma paixão platônica por um médico amigo da família. Mas, Dr. Juliano, só a vê com uma simples menina do interior. Porém, Lis não deixará o doutorzinho em paz e fará de tudo para ele se apaixonar por ela.

Ela é uma menina sonhadora.

Ele está focado apenas no trabalho.

Eita, que você ainda vai ser meu.

- [1] Senhorita
- [2] Não meu amor
- [3] Sobrinho
- [4] Pequena
- [5] Porra